

LUIZ DO NASCIMENTO

DA  
IMPREENSA  
DE  
PERNAMBUCO

VOLUME XIII

Editora  
Universitaria



UFPE



A HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, de Luiz do Nascimento, ainda incompleta na sua publicação, porque dos 14 volumes programado somente 11 receberam as honras da impressão, representa no seu gênero o que de mais completo lá se publicou até hoje no Brasil.

Trabalho de pesquisa metódica e extremamente minucioso, nada escapou ao seu lápis de anotador consciencioso da nossa história jornalística. Dificilmente esforço maior nessa área poderá ser superado, tendo inclusive sanado falhas existentes no trabalho pioneiro de Alfredo de Carvalho publicado em 1908 ANAIS DA IMPRENSA PERIÓDICA PERNAMBUCANA.

Essa obra de Luiz do Nascimento a s s e m e l h a - s e a o s A N A I S PERNAMBUCANOS do velho Pereira da Costa. Nela é a história de Pernambuco que transcorre, ano após ano, a partir de 1821 com a AURORA PERNAMBUCANA, contada nos diários e periódicos, alguns de existência tão efêmera mas importante documento do seu meio e do seu tempo.

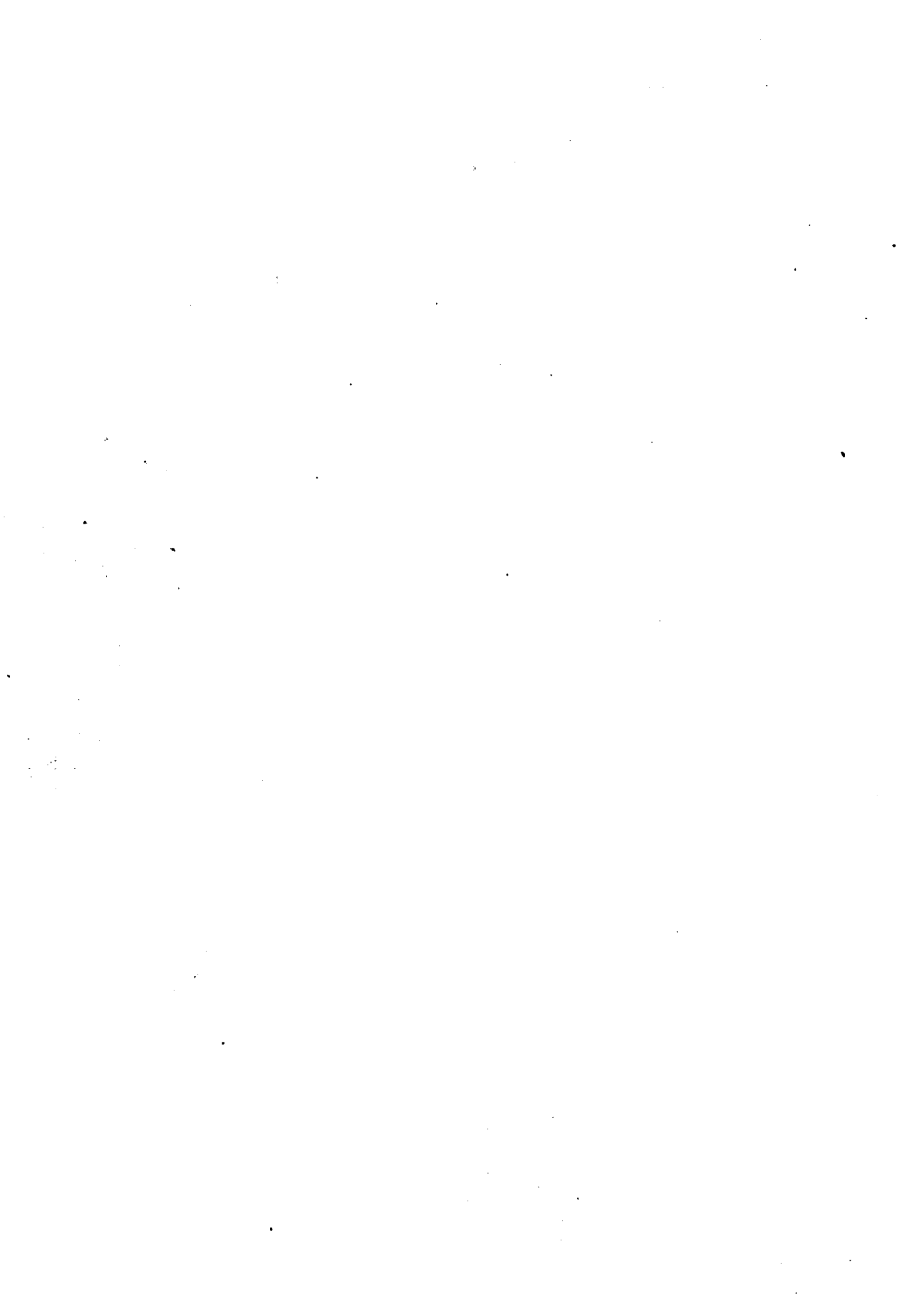
Depositária dessa parte inédita, a Academia Pernambucana de Letras APL sente-se confortada com a iniciativa do Centro de Estudos de História Municipal - CEHM em concluir tão importante trabalho de um dos seus mais laboriosos membros, o jornalista Luiz do Nascimento.

Trabalho em tempo reconstituído para devida publicação pelo historiador Geraldo Cavalcanti, a quem a APL pelo seu presidente de então se confessa extremamente agradecida.

Ao longo dos meus dez anos à frente dos destinos da Academia Pernambucana de Letras, a publicação do restante dos volumes da HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, de Luiz do Nascimento, se constituiu num dos meus empenhos, infelizmente não concretizados face à ausência de verba. A Imprensa Universitária, detentora dos direitos autorais, foi por mim visitada sem contudo obter qualquer sucesso. No princípio eram os originais, não ordenados e às vezes ilegíveis, que ocasionaram sua devolução à APL e a alegação de ser impossível sobre eles executar o trabalho gráfico.

# Í N D I C E

MUNICÍPIOS	Pág.
Limoeiro.....	31
Macaparana.....	105
Maraial.....	109
Moreno.....	113
Nazaré da Mata.....	155
Olinda.....	217
Palmares.....	339
Palmeirina.....	421
Panelas.....	429
Parnamirim.....	431
Paudalho.....	433
Paulista.....	463
Pesqueira.....	473
Petrolândia.....	553
Petrolina.....	559
Pombos.....	591
Primavera.....	593



LUIZ DO NASCIMENTO

**HISTÓRIA DA IMPRENSA DE  
PERNAMBUCO  
(1821/1954)**

**Vol. XIII**

**Municípios das letras L a P**

**2002**

Este volume, seriamente danificado durante a enchente de 1975, foi, afinal, recuperado graças à efetiva colaboração do historiador GERALDO CAVALCANTI, a quem os Editores expressam seus agradecimentos.

Governador do Estado de Pernambuco

*Jarbas de Andrade Vasconcelos*

Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Social

*José Arlindo Soares*

Presidente da Fundação de Desenvolvimento Municipal–Fidem

*Amélia Maria de Oliveira Reynaldo Alves*

Superintendente de Promoção Municipal

*Maria das Graças Maia de Lima*

Gerente do Departamento de Identidade Cultural-DEIC

*Maria de Nazaré Oliveira Reis*

Gerente do Centro de Estudos de História Municipal-CEHM

*Eleny Pinto da Silveira*

Reitor da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

*Mozart Neves Ramos*

Presidente da Academia Pernambucana de Letras

*Antônio Correia de Oliveira*

---

Nascimento, Luiz do

História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954) / Luiz do Nascimento; prefácio de Waldemar Lopes; coordenação dessa edição por Eleny Pinto da Silveira; reconstituição dos originais por Geraldo Cavalcanti. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2002.

14 v. – (Obra completa) – 8 v. editados até 1982 pela UFPE.

Co-edição do Centro de Estudos de História Municipal – CEHM, da FIDEM/ UFPE/ Academia Pernambucana de Letras, a partir do volume 9.

Conteúdo : v. XIII – Municípios das letras L a P.

Inclui índice dos periódicos

1. Pernambuco – Imprensa – História. 2. Municípios pernambucanos – Periódicos – História. I. Título.

070(813.4)(091)

079.81

CDU (2.ed.)

CDD (20.ed.)

UFPE

BC2002-179

**HISTÓRIA DA IMPRENSA DE**  
**PERNAMBUCO - VOL. XIII**

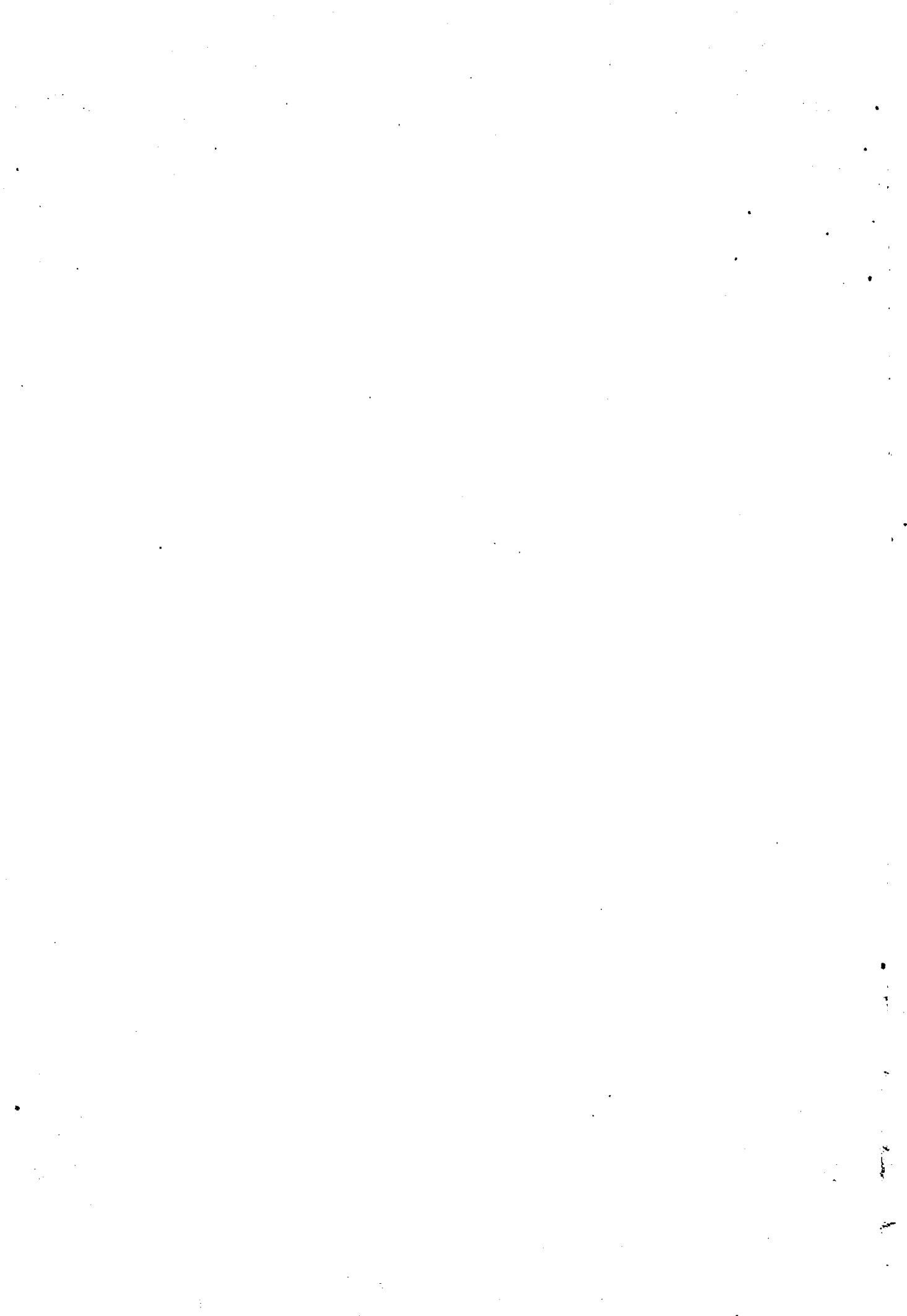
**Luiz do Nascimento**

O presente volume (XIII) abrange os municípios das letras L a P, totalizando 402 periódicos, sendo que o índice original consigna 410, não tendo sido encontrados: de OLINDA - O Balneário (1942), o Batuta (1933), o Fanfarrão (1942), Majestosa (?), Olinda Jornal (1942), O Praieiro (?), o Farol (1942), de PETROLINA - O Município.

No índice agora organizado omitiu-se os nomes desses periódicos.

Esses 402 títulos dizem respeito a 17 municípios e para facilitar, quando da leitura, a localização do município, optou-se por colocar no cimo de cada página o nome respectivo.

*Geraldo Cavalcanti*





# HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (1821/1954)

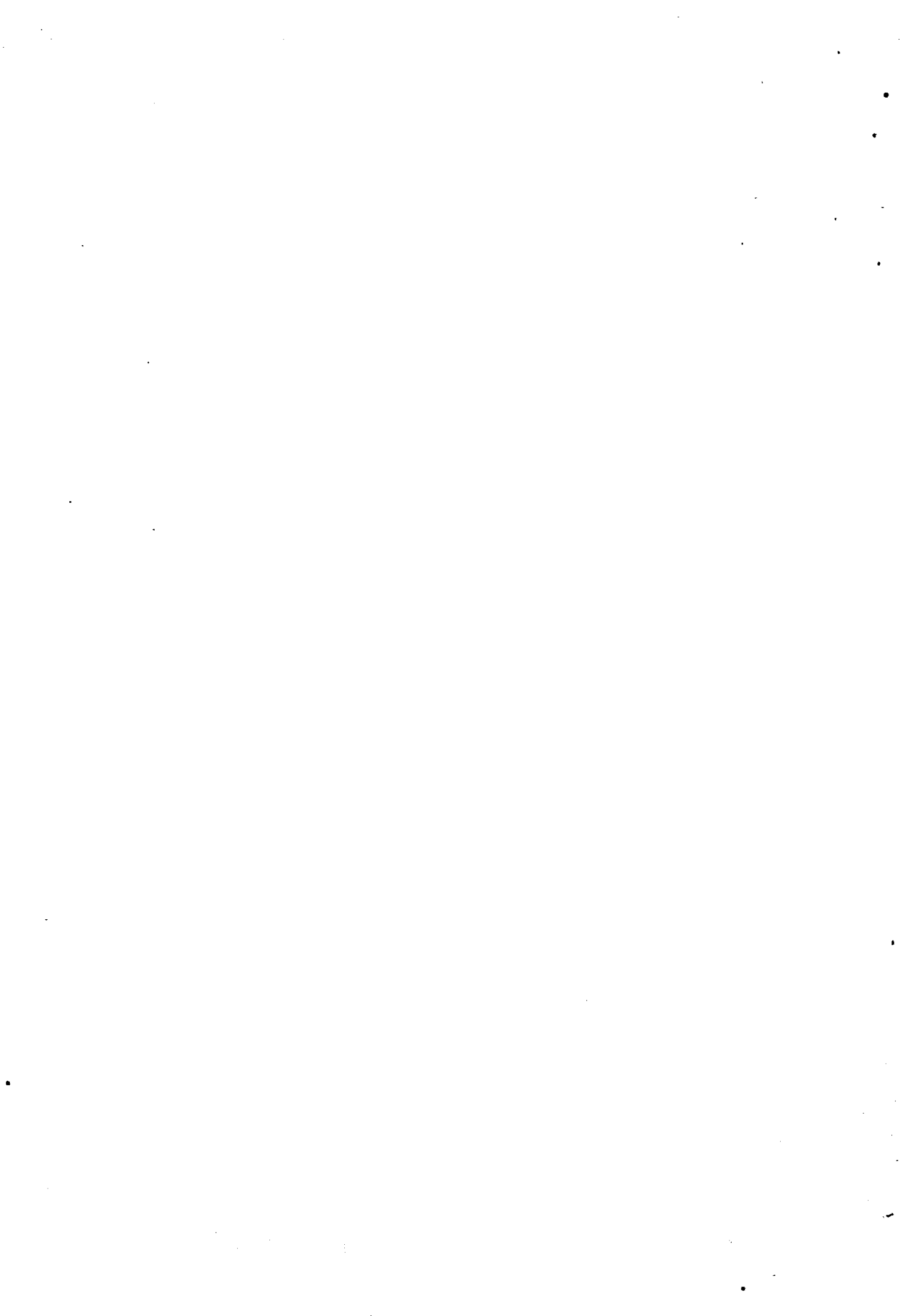
Coleção completa: 14 volumes:

Volumes publicados:

I	Diário de Pernambuco
II	Diários do Recife, 1829/1900
III	Diários do Recife, 1901/1954
IV	Periódicos do Recife, 1821/1850
V	Periódicos do Recife, 1851/1875
VI	Periódicos do Recife, 1876/1900
VII	Periódicos do Recife, 1901/1915
VIII	Periódicos do Recife, 1916/1930
X	Periódicos do Recife, 1941/1954
XI	Municípios das letras A/C
XII	Municípios das letras E/J
XIII	Municípios das letras L/P

A publicar:

Volume	
IX	Periódicos do Recife, 1931/1940
XIV	Municípios das letras Q/V



## PREFÁCIO

### LUIZ DO NASCIMENTO Servidor da História

Waldemar Lopes

Uma coincidência pode ser assinalada em relação a duas importantes contribuições, neste século, à historiografia de Pernambuco, devidas, ambas, à dedicação de dois trabalhadores intelectuais de diversificadas tendências e diferente formação. Tanto os Anais Pernambucanos, de Pereira da Costa, como a História da Imprensa de Pernambuco, de Luiz do Nascimento, custaram a incorporar-se ao acervo de nossas bibliotecas, pelas dificuldades que tiveram de ser vencidas, no longo período que mediou entre o preparo dos originais e sua publicação em livro.

No primeiro caso, posso dar testemunho pessoal da luta do filho do autor para que não se perdessem nas sombras do ineditismo os resultados das pesquisas do maior estudioso de nosso passado histórico. No caso de Nascimento - em quem tive um caríssimo amigo e companheiro de trabalho -, não terá sido menor a angústia de nossa querida Bibi, ao ver quanto se retardaria, sob a indiferença do poder público, a edição integral da obra de seu marido, a quem dera ela

devotada colaboração. Morreu Bibi, entretanto, confortada pela certeza de que amigos fiéis, revoltados com a estupidez dessa indiferença, continuariam a empenhar-se para que fossem afinal editados os últimos volumes da obra gigantesca que ela acompanhara tão de perto, durante sua penosa elaboração.

Graças a um feliz entendimento entre o Centro de Estudos de História Municipal e a Universidade Federal de Pernambuco, por sua Editora Universitária, cria-se um motivo de regozijo para todos nós: consegue-se, por fim, a publicação da parte ainda inédita da obra de Nascimento. A essa obra, como todos sabemos, dedicou ele boa parte de sua vida de operário das letras, a serviço de jornais desde a adolescência modesta, despreocupado sempre de acumular bens materiais, porém coerente na fidelidade aos valores do espírito. Seu trabalho, nesse sentido, em relação à história da imprensa, corresponde à profunda identificação de alguém com um objetivo superior, que merece todos os sacrifícios, quando se sabe avaliar sua significação.

Chega a ser inacreditável que um homem só, estimulado apenas pelos incentivos verbais de alguns amigos mais compreensivos, tenha conseguido realizar uma obra com a amplitude e o alcance da *História da Imprensa de Pernambuco*, em que figuram, como num largo painel, todos os jornais, grandes ou pequenos, manuscritos até, que nasceram, viveram, morreram (ou, porventura, ainda sobrevivem) em nosso Estado,

no período de 1821 a 1954. Na verdade, a extensão e profundidade dessa pesquisa estariam a exigir a ajuda participativa de uma rede de órgãos públicos ou particulares. E mais justificável é a admiração que isto provoca, quando se atenta no fato de que foi realizada com meticulosidade, senso de precisão, empenho absoluto na busca da verdade, mediante um esforço quase sobre-humano na coleta de informações. Isto é, realmente, extraordinário. Quase diria: assombroso.

A evolução política, econômica e social de Pernambuco está, de certa maneira, refletida na admirável contribuição de Nascimento à nossa historiografia pelo menos na medida em que os órgãos de opinião refletem os núcleos de influência, o espírito dominante, as tendências fundamentais de cada época, na evolução natural de um povo ou de uma região.

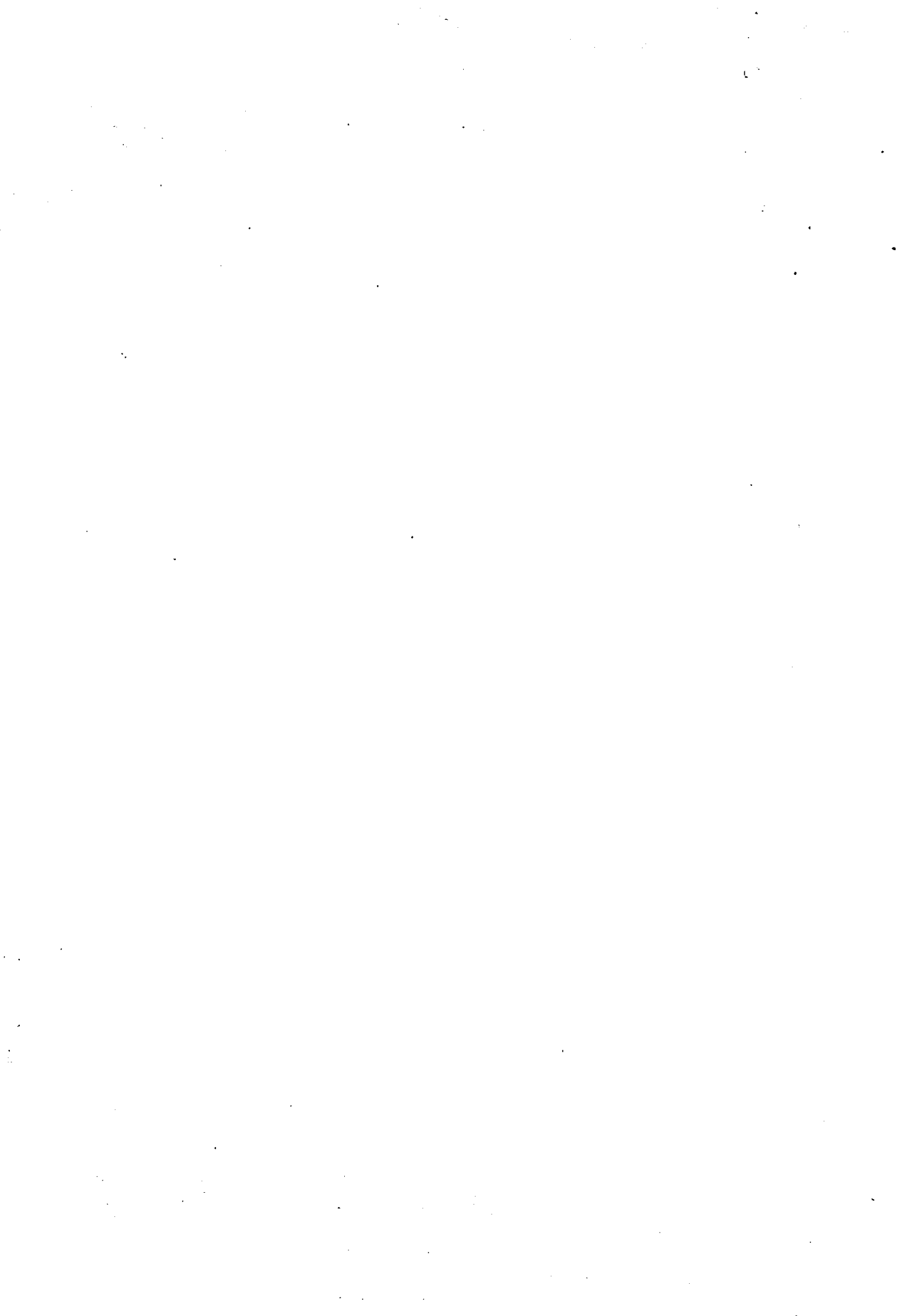
A esse propósito, não se deixe de ressaltar que entre os seis últimos volumes da coletânea, agora publicados, é que se encontram os quatro tomos inteiramente dedicados à nossa heróica imprensa do Interior. Os minuciosos registros que ficamos a dever a Nascimento, comprovam, de maneira surpreendentemente exaustiva, quanto foi importante, ao longo dos anos, a atuação das centenas de jornais que circulam nos municípios pernambucanos, a retratar uma fase da vida brasileira em que as chamadas forças localistas exerciam tanta influência na formação do espírito nacional, e até na formulação das dire-

trizes superiores de nossa evolução política e social. Isto ficou bem demonstrado nas campanhas da Independência, da Abolição e da República. É ótimo que se possa ter, agora, esse registro, veraz e preciso, da presença de jornais na vida municipal brasileira, embora, no caso, restrita a Pernambuco. Muitos deles foram comoventes exemplos de idealismo e espírito de sacrifício. Mas, isso é coisa do passado: os nossos antigos jornaizinhos municipais não poderiam resistir às ondas da cultura enlatada com que as novas conquistas tecnológicas dominam e poluem os instrumentos da comunicação social.

Diferentes aspectos da saga de dificuldades que agora chega ao fim estão evocados, com brilho e autoridade, nos vários prefácios e "orelhas" dos seis volumes ora editados. O próprio autor, numa sóbria nota pessoal, menciona peripécias e refere nomes que lhe merecem agradecimentos especiais. Seria incidir no mau gosto das excessivas repetições voltar a tratar do que já foi amplamente explicitado.

Se quisermos, entretanto, simbolizar em dois nomes, apenas, o mérito e valia da ação por muitos desenvolvida para que a obra de Nascimento fosse integralmente publicada, não hesitaria em indicá-los, sem nenhum despreço ao esforço e ao empenho de tantos outros que, à luz da evidência ou anonimamente, trabalharam no mesmo sentido. Seriam eles o de Geraldo Cavalcanti, - a quem se deve inestimável colaboração, pelo zelo, competência e segurança com que

cuidou da restauração de textos que a ação do tempo e outros fatores eventuais quase haviam destruído; e o de Eleny Pinto da Silveira, eficiente Coordenadora do Centro de Estudos de História Municipal, cujo entusiasmo, pertinácia e dedicação à causa que a empolgava se tornaram elementos decisivos na consecução de um objetivo de tanto significado para os interesses maiores da cultura pernambucana.





Vol. XIII

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS PERIÓDICOS

LIMOEIRO

Álbum de Limoeiro .....	99
Almanack de Almanacks.....	51
Alvi-Rubro (O).....	81
Aspirante.....	46
Banguê .....	97
Bisnaga .....	61
Chicote .....	35
Cidade do Limoeiro.....	47
Colibri (O).....	36
Commercio de Limoeiro .....	33
Correio da Semana .....	67
Correio do Limoeiro .....	90
Democrata (O).....	58
Diário da Festa .....	88
Dragão (O).....	51
Empata (O) .....	52
Ensaio (O) .....	31
Estudantes .....	95
Exposição .....	98
Folha do Povo .....	38
Frevo (O).....	59
Gazeta de Limoeiro .....	68
Gládio (O) .....	37
Ideal (O).....	45
Intransigente (O) .....	62
Jornal da Festa .....	83

Jornal de Limoeiro .....	97
Libertador (O) .....	103
Limoeiro .....	62
Limoeiro-Jornal .....	66
Luta (A) .....	86
Momento (O) .....	89
Mutualista (O) .....	60
Nossa Voz (A) .....	102
Páginas de Limoeiro .....	100
Pajaraca (O) .....	51
Pátria (A) .....	85
Pharol (O) .....	63
Pimenta (A) .....	89
Porvir (O) .....	60
Repórter (O) .....	61
Riso da Festa .....	94
Trabalho .....	100
Vida Esportiva .....	99
Vontade (A) .....	65
Voz de Limoeiro (A) .....	93
Voz do Povo (A) .....	55
<b>MACAPARANA</b>	
Folha de Macapá (A) .....	105
Idéia (A) .....	106
<b>MARAIAL</b>	
Echo (O) .....	109
Independente (O) .....	109
<b>MORENO</b>	
Collega (O) .....	132
Correio de Morenos .....	117
Echo (O) .....	113
Estado Novo (O) .....	141
Eucaliptolândia .....	146
Fanal (O) .....	115

Gazeta Esportiva.....	133
Honra ao Mérito .....	145
Madeira Rubra.....	142
Meu Brasil.....	139
Morenos .....	140
Rebate (O) .....	137
Sentinella .....	138
Terra da Gente.....	135
Tricolor (O) .....	133
Voz do Moreno (A) .....	146
<b>Povoado de TAPERÁ</b>	
Acção Catholica.....	152
Agricultura .....	153
Relho (O) .....	151
Semeador (O) .....	149
<b>NAZARÉ DA MATA</b>	
Boa Vontade (A).....	214
Boletim Informativo do "Acadêmico"..	214
Boletim Paroquial .....	213
Canavial (O) .....	207
Cidade (A).....	169
Ciganita (A).....	175
Correio de Nazareth .....	157
Estrella .....	164
Estrella (O).....	177
Fides Intrépida .....	203
Foguete (O).....	155
Gazeta de Nazareth .....	178
Horizonte.....	205
Juventude .....	209
Lucta (A).....	161
Meu Brasil.....	206
Município (O) .....	162
Nazareno (O).....	155

Nazareth Autônoma .....	201
Nazareth Jornal .....	192
Noite (A) .....	191
Noturno .....	205
Nove de Outubro .....	203
Orvalho (O) .....	211
Pândego (O) .....	160
Planeta (O) .....	167
Pintinho (O) .....	211
Pioneiro (O) .....	212
Quinto Distrito .....	160
Retreta (A) .....	200
Semana (A) .....	175
Sete de Setembro .....	164
Sorriso de Férias .....	194
Termometro (O) .....	158
Trocista (O) .....	176
União Parochial (A) .....	177
Verdade (A) .....	194
Voz de Nazareth .....	195
Voz Esportiva (A) .....	213
Voz Social (A) .....	199

## OLINDA

Álbum dos Acadêmicos Olindenses .....	240
Annaes do Senimário Archiepiscopal de Olinda .....	286
Anuário de Olinda .....	327
Argos Olindense .....	232
Artista Brasileiro (O) .....	248
Atlântida .....	281
Aurora .....	238
Bairro Novo em Revista .....	334
Balneário (O) – 1920 .....	284
Balneário (O) – 1938 .....	317
Boletim do Atlântico .....	336

Bom-Fim.....	262
Brado Olindense (O).....	242
Caheté (O) .....	231
Canhão (O) .....	322
Chic (O) – 1908 .....	261
Chic (O) – 1918 .....	276
Combate (O).....	314
Conciliador Pernambucano (O).....	229
Correio de Olinda (O) – 1891 .....	247
Correio de Olinda – 1914 .....	266
Correio de Olinda – 1948 .....	328
Democrata (O).....	273
Dia (O).....	299
Domingo (O) .....	271
Domingueiro (O).....	263
Dom Quixote .....	254
Echo d'Olinda .....	223
Era Nova .....	315
Estandarte Católico (O) .....	255
Estrela do Mar (A) .....	316
Farol (O) – 1942 .....	321
Farol (O) – 1954 .....	337
Feliz Natal.....	325
Folha de Olinda .....	302
Gazeta de Olinda .....	272
Gazeta Olindense .....	256
Gazeta Sanjoanesca .....	260
Grêmio (O) .....	283
Independente (O) .....	277
Instituto (O).....	295
Jornal das Moças .....	285
Jornal de Olinda .....	303
Leão (O).....	285
Maria .....	264

Mercúrio (O) .....	227
Mes do Clero .....	275
Mocidade (A) .....	274
Município (O) .....	250
Natal (O) .....	280
Olinda – 1923 .....	290
Olinda – 1933 .....	305
Olinda – 1952 .....	335
Olinda – Chic .....	294
Olinda-Jornal – 1918 .....	278
Olinda-Jornal – 1926 .....	293
Olinda-Jornal – 1946 .....	322
Olinda-Recife .....	291
Olindense (O) .....	217
Ondina .....	296
Pá (A) .....	259
Pão da Vida (O) .....	274
Pátria (A) .....	264
Phileidemon (O) .....	234
Polymathico (O) .....	237
Progressista (O) .....	329
Progresso (O) .....	312
15 de Outubro (O) .....	331
Rebate (O) .....	298
Remo (O) .....	258
Renascença (A) .....	287
Revanche (A) .....	299
Revérbero .....	318
Revista Agrícola-Veterinária .....	283
Santa Cruz (A) .....	243
Sargaços .....	304
Semana Olindense .....	263
Sino da Sé (O) .....	246
Sol (O) .....	308

Trabalho (O) .....	298
13 de Maio .....	260
Tribuna de Olinda .....	331
Vanguarda (A) .....	292
Veranista (O) - 1915 .....	270
Veranista (O) - 1918 .....	277
Verão (O) .....	291
Vida (A) .....	245
Vigia (O) .....	255
Você .....	307
Voz de Olinda (A) .....	311
Voz do Povo .....	225

## PALMARES

Aprendiz (O) .....	415
Arcano (O) .....	417
Archivo Litterario Palmarense .....	349
Astro (O) .....	382
Atheneu Jornal .....	402
Beija-Flor (O) .....	358
Bibi (O) .....	399
Bilontra (O) .....	357
Bomba (A) .....	410
Carnaval (O) .....	373
Cartilha (A) .....	351
Centelha (A) .....	401
Clube Literário (O) .....	410
Clube Literário de Palmares .....	363
Corisco (O) .....	346
Correio (O) .....	364
Correio de Notícias .....	345
Cruzada (A) .....	404
Despetar (O) .....	392
Dezenove de Março .....	408
Direito (O) .....	372

Echo de Palmares (O) .....	339
Época (A) .....	393
Era Nova .....	403
Escola (A) .....	382
Gangorra (A) .....	362
Gazeta de Palmares – 1884 .....	341
Gazeta de Palmares – 1906 .....	373
Gazetinha (A).....	371
Gênio (O) .....	376
Grinalda de Saudades .....	382
Holophote (O) .....	380
Idéia (A).....	367
Infância (A) .....	371
Jardim (O) .....	396
Jornal de Palmares .....	341
Leão do Norte.....	377
Liceu (O).....	407
Lucta (A).....	400
Novo Echo .....	353
Notícia (A) .....	383
Núcleo (O).....	397
Ortiga (A).....	368
Palladio (O) .....	398
Palmares – 1907 .....	379
Palmares – 1933 .....	404
Palmares Infantil .....	404
Palmira.....	411
Pândego (O) .....	377
Pequeno Correio .....	353
Polyanthéa em Homenagem a Christo Redemptor .	363
Polyanthéa da Cidade de Palmares em Homenagem ao Redemptor .....	364
Pra Você.....	410
Progresso (O) – 1897.....	355



Progresso (O) – 1900.....	359
Raio (O).....	348
Reacção (A).....	369
Rebate (O).....	400
Recreio (O).....	399
Região (A).....	418
Repórter (O).....	402
Revista dos Palmares.....	400
Rochas Massabielle.....	405
São João.....	343
Semana (A).....	344
Seringa (A).....	380
Sogra (A).....	343
Tic-Tac.....	403
Traço de União.....	415
Trinta de Outubro.....	402
Verdade (A).....	370
Vigilante (O).....	413
Vinte de Abril.....	393
Vinte e Quatro de Maio.....	409
Voz de Palmares (A).....	413
<b>PALMERINA</b>	
Colibri (O).....	421
Folha do Mato.....	426
Luz.....	426
Palmeira-Elegante.....	425
Palmeira-Jornal.....	422
<b>PANELAS</b>	
Correio de Panelas.....	429
<b>PARNAMIRIM</b>	
Jornalzinho (O).....	431
<b>PAUDALHO</b>	
Arca de Nóe (A).....	455
Aurora.....	433

Bigorna (A).....	444
Buliçoso (O) .....	436
Boticário (O).....	445
Café Pequeno .....	454
Cidade do Itahyba .....	446
Correio de Pau d'Alho .....	439
Correio de Paudalho (O) .....	460
Farol (O) .....	456
Folha do Paudalho.....	459
Garoto (O) .....	459
Gazeta do Paudalho .....	434
Itahyba (O) .....	447
Kermesse .....	457
Laço (O).....	437
Matraca (A) .....	453
Notícias (O).....	436
Radical (O).....	440
Sapo (O).....	436

#### PAULISTA

Arrebol (O).....	465
Ave Maria.....	467
Gazeta de Paulista – 1911 .....	464
Gazeta de Paulista – 1953 .....	468
Imprensa (A).....	465
Lenhador (O).....	463
Reacção (A) .....	465
Realista (O) .....	468
Tribuna Operária.....	470
29 de Maio (O) .....	467
21 de Maio (O).....	466

#### PESQUEIRA

Álbum de Pesqueira.....	501
Avante .....	512
Balão (O).....	547

Boletim Municipal .....	546
Bomba (A) .....	548
Clarim (O) .....	543
Colegial (O) .....	494
Colibri (O) .....	474
Coligação (A) .....	523
Correio de Pesqueira .....	502
Coruja (A) .....	532
Cultura .....	528
Democrático (O) .....	524
Diocese de Pesqueira .....	505
Efêmero (O) .....	496
Era Nova .....	499
Escarlate (O) .....	539
Festa (A) .....	533
Festa da Padroeira .....	545
Flama (A) .....	541
Fogueira (A) – 1920 .....	500
Fogueira (A) – 1947 .....	538
Folha de Pesqueira .....	534
Folha de Ruy Barbosa .....	525
Gazeta de Pesqueira .....	475
Grêmio (O) .....	500
Ideal-Jornal .....	496
Ideal (O) .....	539
Itinerário .....	549
Jornal de Pesqueira .....	506
Jornal Falado .....	530
Jornal de Mimoso .....	551
Jurandir Brito de Freitas .....	545
Luz (A) .....	526
Marcha (A) .....	513
Mocidade .....	527
Mocó (O) .....	524

Monitor (O) .....	505
Município de Pesqueira.....	548
Noite Alvi-Rubra .....	529
Oriente (O) .....	505
Ororubá (O) .....	514
Pátria .....	495
Pesqueira-Social .....	511
Pesqueira-Sportivo.....	498
Pesqueirense (O).....	497
Raio (O) .....	510
Região (A).....	519
Ruy Barbosa Jornal .....	532
Sabre (O).....	529
S. A.P. ....	542
Serrano (O).....	473
Tarde (A).....	474
Theatro (O).....	495
Voz da Prefeitura (A) .....	546
Voz de Pesqueira (A).....	514
Voz do Cristo Rei (A).....	531
<b>PETROLÂNDIA</b>	
Ceres .....	558
Correio do Sertão.....	555
Itaparica (O) .....	557
Semente (A) .....	553
<b>PETROLINA</b>	
Alicate (O) .....	579
Clarim (O) .....	582
Canivete (O) .....	582
Commercio (O).....	575
Correio da Infância .....	561
Criança (A).....	590
Cristo Rei .....	584
Escrínio (O).....	582

Luz (A) .....	582
Palavra (A) .....	577
Petrolina-Chic .....	581
Pharol (O).....	562
Phenix (A) .....	559
Popular (O).....	575
Revista do 1o. Congresso Eucarístico de Petrolina.....	586
Revista do Sertão.....	576
Sciencia (A).....	578
Sertão (O).....	587
Sertanejo (O) .....	585
Trabalho (O) .....	560
Tribuna (A).....	580
<b>POMBOS</b>	
Boa Nova.....	591
Revista de Pombos .....	591
<b>PRIMAVERA</b>	
Primaverense (O) .....	593



## LIMOEIRO

**O ENSAIO** - Periódico Literário e Noticioso - Primeira manifestação jornalística da terra limoieirense, iniciou sua circulação a 29 de julho de 1900(1), em formato de 27 x 18, com quatro páginas de duas colunas a 15 cíceros. Propriedade de Laudelino Rodrigues Castelo Branco, tinha como diretor Isaac Cerquinho e redator-chefe José de Oliveira Fonseca. Oficina e redação à rua da Matriz, 44, depois transferidas para o n° 3. Assinava-se a 10\$000 por ano; 5\$000 por semestre e 2\$500 por trimestre ou, para fora da cidade: 12\$000, 6\$000 e 3\$000, respectivamente. Publicação semanal e colaboração franca.

---

(1) No seu "Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco", vol. IV, Apêndice, o escritor Sebastião de Vasconcelos Galvão, ao tratar do município de Limoeiro, registrou O Ensaio, por engano, como tendo aparecido em julho de 1898...

Segundo o editorial de apresentação, O Ensaio vinha “preencher uma lacuna”. Adstrito ao programa anunciado, não se imiscuiria “em política nem na vida privada”, adiantando: “Na coluna das Solicitadas não serão admitidas polémicas e retaliações que, conspurcando o maravilhoso invento de Gutemberg - a Imprensa, convertem as folhas diárias ou periódicas assim em libelos difamatórios como em repugnantes pasquins”. Só encontrariam espaço em suas colunas artigos “concernentes à Ciência, à Moral, às Artes Liberais e à Indústria”.

Em nota da segunda página, O Ensaio aludiu aos vultos limoeirenses integrados na literatura brasileira, com isto iniciando a transcrição de produções da autoria de cada um deles, a partir de Firmino Cândido de Figueiredo e Gaspar Regueira Costa, vindo após Sebastião de Vasconcelos Galvão e outros.

Seguiu-se a publicação com regularidade<sup>(2)</sup>, divulgando matéria variada, inclusive a “Croniqueta”, constituída de noticiário; “Horas de férias”(charadas); assuntos judiciários; menos de uma página de anúncios e “Solicitadas”. Foram colaboradores, em prosa e verso: Manoel

---

<sup>(2)</sup> Entusiasmados com o pequeno jornal, os compositores musicais limoeirenses Maria Freitas Barbosa e João de Aquino Lopes escreveram, respectivamente, uma valsa e uma polca, intitulados "O Ensaio", a primeira das quais executadas, a 7 de setembro de 1900, pela banda de música local.



Correia Leal, Francisco Magalhães, Artur Cunha, José de Matos, Políbio, Luiz Gonzaga, J. R. Joaquim Ramos, Silvina P. Cavalcanti, M. Deville, José Cavalcanti Ribeiro da Silva, etc.

Ainda antes de completar o segundo mês de publicação, Isaac Cerquinho, que também usava o pseudônimo Tutu Bohemio, deixava a direção do jornal, devido à sua “laboriosa vida comercial”, continuando, porém, como colaborador avulso. A edição de 7 de setembro foi inteiramente dedicada à Independência do Brasil.

Terminando o ano com o n.º. 22, de 30 de setembro, iniciava-se nova numeração a 6 de janeiro de 1901; e, no n.º. 5, tornava-se “propriedade de uma Associação Anônima”.

Prosseguiu, sem mais alterações, até o n.º. 9, de 4 de março, em cujo artigo de fundo, após agradecer o concurso que merecera da classe comercial, esclareceu a redação: “...o nosso periódico, desta data em diante, submetendo-se a uma completa metamorfose, passa a ter, no seu frontispício, como sua denominação, a sublime e honrada inscrição Commercio de Limoeiro (Arq. Púb. Est.).

## COMMÉRCIO DE LIMOEIRO

Periódico Comercial, Literário, Agrícola e Noticioso - Começou, em seguimento a O Ensaio, com o n.º. 10, ano II, a 15 de março de

1901(1) , tendo o formato aumentado dois centímetros de altura. Ainda de “propriedade de uma Associação Anônima”, apresentava como redator José Brasileiro e gerente Laudelino Rodrigues Castelo Branco. Assinaturas: ano: 10\$000; semestre: 5\$000, e para fora da cidade: 12\$000 e 6\$000, respectivamente; número avulso: 0\$200.

Mais dedicado ao comentário local e adotando a seção “Notas Comerciais”, prosseguiu o semanário sem mais alterações, com a colaboração, em prosa e verso, de José Cavalcanti Ribeiro da Silva, Isaac Cerquinho, Antônio P. de Carvalho, Angelino Lima, Maria Luiza de Lemos, Odilon Medeiros, Janapery, com os “Retratos a carvão”; Juvenal de Cepercy, que assinava a “Crônica”, etc. Certas vezes, chegava a encher uma página de anúncios.

Atingido o n.º. 27, de 29 de julho, a edição solenizou o primeiro aniversário da instalação da tipografia e consequente fundação d’O Ensaio, que depois mudava de título. Mas escreveu a redação: “O Comércio de Limoeiro luta, e luta seriamente, com dificuldades que já não se tornaram insuperáveis porque a empresa, com uma coragem estóica, as tem enfrentado na esperança de um dia vence-las”. Após outras considerações, dizia tornar-se “forte para saudar a seus bondosos leitores e colaboradores”.

---

(1) Outro engano de Sebastião Galvão (obra citada): registrou o Comercio de Limoeiro como tendo aparecido em novembro de 1899.

Já então se afastara o redator José Brasileiro e, três meses depois, extinguiu-se a publicação com o n.º. 39, de 26 de outubro.

Ainda houve uma tentativa de vivência do Comércio de Limoeiro, mediante o aparecimento, a 1.º. de janeiro de 1902, do n.º. 1, ano III, como Órgão Imparcial e Semanal, aumentado o formato para 31 x 22, a três colunas de composição. Lutaria "em prol do progresso e da liberdade deste civilizado povo limoeirense", de quem esperava "grande acolhimento". Apresentou-se com bastante matéria e melhor aspecto material, sob a mesma gerência e propriedade, mas ficou nessa edição isolada (2). Desapareceu de uma vez por todas (Arq. Púb. Est.).

## O CHICOTE

Publicado a 7 de janeiro de 1902 (1), para sair quinzenalmente, na qualidade de órgão "humorístico e ilustrado", registrou-lhe o aparecimento, na edição do dia 11, o Jornal do Recife. Redigido por Odilon de Medeiros, ficou na edição de estréia. Não resta comprovante.

---

(2) Não incluída a edição de 1902 na relação nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908".

(1) Não em 1900, como consta da relação do "Dicionário" citado. Por sua vez, Alfredo de Carvalho, nos "Anais", registrara o dia 8, acertando no tocante ao mês e ao ano.

## O COLIBRI

Órgão Literário do Grêmio Infantil - Surgiu no dia 7 de setembro de 1903, em formato de 32 x 21, com quatro páginas, impresso em papel couchê, na tipografia d'A Província (rua do Imperador, 19, Recife). Redator-chefe - professor Veríssimo Rangel, localizando-se a redação à rua Nova, 68, sobrado (Limoeiro). Dizia o Expediente: "O Colibri não exige assinaturas; apenas recebe, com inteira gratidão, qualquer oferta que a generosidade de seus leitores lhe possa gentilmente dispensar".

Abrindo com os versos

"Vai, Colibri, encher de mil bonanças  
O céu azul de nossas esperanças".

Salientava o artigo de apresentação: "Mostrar o porvir luminoso, resplendente de aromas, suave, diáfano, palpitante, a que pode chegar a mocidade eloquente e precisamente estudiosa no nosso caro Brasil; por em evidência, perante os juvenzinhos alunos do nosso Liceu o papel elegante dum hábil escritor talentoso e moral; fazer salientar os doces frutos que podem resultar de uma educação sólida e cristã; tais são, em resumo, os fins primordiais a que miramos na concepção de fundar este jornalzinho literário, cujo primeiro número folgamos de publicar hoje, cantando hosanas e enchendo de glórias o cenário azul das letras pátrias. Seu fim é exclusivamente as letras, seu ideal a Pátria, seu lema a instrução gloriosa do nosso país".

Noutro artigo, assinado, dizia Rangel: “Como um mensageiro direto, será este periódico o órgão oficial do Liceu Limoeirense e neste papel transmitirá de bom grado, no seio da ilustre família limoeirense, as notícias exatas do nosso colégio”.

Publicação mensal, cumpriu o seu programa noticioso e literário, mas unicamente até o nº 3, de 15 de novembro, que foi o último e saiu com seis páginas em papel comum. Além dos artigos e sonetos com a assinatura do redator-chefe, teve a colaboração de Manuel Cândido, Virgínio Ramos, Maria A. Beltrão, Dália, Tertuliano da Mota Silveira, J. Meliolon e Firmo S. Marques Dourado. No nº. 2 iniciava-se a inserção do folhetim “D. Bosco e suas obras”, numa versão do francês, pelo Conselheiro Felinto Bastos, matéria que ficou em meio do caminho (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

## O GLÁDIO

Surgiu no dia 15 de julho de 1904 (1), em formato de 36 x 27, com quatro páginas de três boas colunas, redação instalada na rua da Matriz, 61/63 e impresso na tipografia do Jornal do Recife. Redator-chefe - Isaac Cerquinho; secretário - Oscar Cerquinho; agente - Manuel Leônicio. Assinatura: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000.

---

(1) Não em agosto de 1903, outro erro do autor do “Dicionário”.

Segundo o editorial de abertura, O Gládio traduzia “verdadeiro grito de revolta” contra a apatia intelectual observada em Limoeiro. Observaria o seguinte programa: “...iluminar, quanto possível, os espíritos dos limoeirenses, e defender, com a máxima abnegação, os seus direitos, a sua liberdade, e estar ao seu lado em todas as campanhas que tenham por fim a Paz, a Ordem e o Progresso”.

De bom aspecto, inseriu matéria variada, inclusive as seções “Álbum Literário”; “Gente da terra”, perfis, por Varela; “Horas amenas”(charadas); “Barulho no Beco”, quadras, por A Ronda; serviço telegráfico (copiado dos jornais da capital), noticiário, folhetim, e a última página de anúncios.

Folha quinzenal, contou, no decurso de sua existência, com a colaboração de José Antônio de Almeida Cunha, José Rosado de Oliveira e Samuel Lins, além das seções fixas.

Não foi muito além, finando-se com o n.º 7, de 22 de outubro (Bib. Púb. Est.)(2).

## **FOLHA DO POVO**

Órgão noticioso e literário, entrou em circulação a 23 de fevereiro de 1907, no formato de 28 x 20, com oito páginas de duas colunas largas ou três normais. Diretor-proprietário - Antônio de Albuquerque Cavalcanti Maciel; redator - Eusébio Néri de Souza, funcionando a redação e

---

(2) Coleção desfalcada

oficina (próprias) na rua da Matriz, 81. Assinaturas: semestral, para todo o país - 2\$500; anual, pelo Correio - 6\$000; preço do exemplar - 100 réis. Inseriu sob o título, na largura da página, o seguinte:

“Este periódico se destina a fazer um resumo dos fatos que mais interessam ao povo, facilitando, assim, pelo seu pequeno formato e condições de assinaturas, a leitura às pessoas de grande labor e poucos rendimentos. Obedecerá ao seguinte programa: 1<sup>a</sup>. página - Um resumo literário; 2<sup>a</sup>. - Recapitulação dos acontecimentos de maior importância desenrolados no país; 3<sup>a</sup>. e 4<sup>a</sup>. - Leitura útil, tendo por base o desenvolvimento da instrução e os princípios sociais; 5<sup>a</sup> - Serviço público dos municípios; 6<sup>a</sup>. - Notícias do comércio, artes, indústrias e tudo mais que se prenda ao interesse geral; 7<sup>a</sup>. - Notícias resumidas dos Estados e dos Municípios; 8<sup>a</sup>. - Anúncios”.

Do expediente constava também a seguinte tabela para a inserção de anúncios: 1 página - 20\$000; 1/2 - 10\$000; 1/4 - 5\$000; 1/8 - 3\$000, sendo as repetições pela metade do preço. Tiragem declarada - 3.000 exemplares.

Publicado semanalmente até o n<sup>o</sup>. 4, prosseguiu como bissemanário, saindo às quartas-feiras e aos sábados, com toda regularidade. Foram os primeiros artigos de colaboração firmados por Eusébio de Souza, Aprígio Ramos, Agripino da Silva e Aureliano Cavalcanti. Logo, porém, se afastou o redator, passando a figurar a 20 de abril, como secretário, Miguel Magalhães.

Este, usando o pseudônimo Juca Letrado, divulgou sonetos satírico-humorísticos, alternando com Troiano, Helenio e Rauleonio, nos meses de junho e julho, num debate sobre o tema “A Eleição”. Mas o jornal manteve-se independente nos pródromos do pleito municipal em expectativa, o que lhe valeu perder algumas assinaturas. E, a 20 de julho, divulgava a nota abaixo:

“Fomos intimados a assinar o termo de responsabilidade que a lei exige aos diretores ou redatores de jornais. Não nos surpreendeu a citada intimação: esperavamo-la de há muito, sendo reparável que somente agora o poder competente disso tivesse se lembrado, o que nos dá o direito de supor, em vista de outros atos por parte desse mesmo poder, que isso é apenas um começo de pequenas hostilidades que deixamos de lado”.

Entretanto, a Folha do Povo seguiu seu caminho pacificamente, sem dar muita atenção à política, fazendo a propaganda da Garrafada do Sertão, na última página, que era uma das metas do farmacêutico Maciel. Ainda nesse primeiro ano, a 2 de novembro, retirava-se do cabeçalho o nome do redator-secretário, cargo que não foi preenchido.

Ao tempo, tinha passado para a terceira página a parte literária, mais do que tudo de transcrições, ficando na primeira só o expediente, repleto de recomendações, inclusive oferecendo prêmios aos assinantes. Mas, logo em fevereiro de 1908, transferiu-se para a segunda. E,



no dia 26, nº. 101, um artigo de Agostinho Júnior ocupava-se do primeiro aniversário do periódico, transcorrido a 23, quando houve solenidade, com banda de música, cumprimentos de cordões carnavalescos e discursos.

Numerado ininterruptamente, de ano para ano, veio a aumentar-se-lhe o formato a 18 de novembro, para 36 x 24, passando a sair com quatro páginas de quatro colunas. Leu-se, então: “O nosso jornalzinho continuará inabalavelmente com o mesmo programa”. Eram colaboradores: Antônio Guedes Alcoforado, Hildebrando de Meneses, que também aparecia feito Sezenem; Aprígio Ramos, que manteve, longo tempo, a seção de comentários “Àtoa”; Costa Filho, José Peixoto e Miguel Braz, aparecendo, às vezes, pseudônimos passageiros, como Gil Vaz, Pierrot, o das “Semanais”; Cyrano, com alguns sonetos, Nalemo, etc.; ainda Tomaz de Aquino, Porfírio Sobrinho, Lupercino d’Arruda, Jorge Pessoa, Faustino Cavalcanti e alguns menos assíduos.

Atingido o ano de 1909, constou da abertura da primeira página: “Periódico político, econômico, social. Resumo imparcial dos fatos indispensáveis ao conhecimento do povo. Incentivo da Instrução Popular. Leitura ligeira para economia de tempo”. Dividiu-se a matéria, regularmente, em dez seções, programa que vigorou até o fim do ano.

Na edição de 8 de janeiro de 1910, avisou a Direção que, “estando limitado o número de

assinantes externos e não convindo jornal de pequena circulação, dificuldades de correio, etc., resolvia deixar de sair bissemanalmente, passando a publicar-se duas vezes por mês, com assinaturas anuais a 1\$000". Assim prosseguiu, sempre bastante noticioso e variado, para terminar com o n.º. 313, datado de "1.ª. quinzena de setembro" do mesmo ano. Ficou suspenso por alguns anos.

Reapareceu em segunda fase - n.º. 1, ano IX - no dia 14 de agosto de 1915, obedecendo ao primitivo formato, com oito páginas, tendo ainda Antonio Maciel à frente dos seus destinos. Austro Costa (como se assinava o jovem Austri-clínio Ferreira Quirino), assumiu o cargo de redator-secretário, e João Cabral de Arruda, gerente da tipografia, auxiliava a redação. Todos os três assinaram artigos sobre o reaparecimento da folha, que passava a sair semanalmente, escrevendo o segundo deles:

"A Folha do Povo tem por lema propagar em nosso meio a instrução, combater a degenerescência moral e os miasmas anti-sociais que o aviltam, pugnar por todos os interesses dos limoieirenses, defende-los e induzi-los religiosamente à áurea senda da confraternização".

Mas o programa geral, expresso em faixa abaixo do título, onde permaneceu, era o seguinte: "1.º. - Registro e divulgação dos acontecimentos políticos de interesse geral. 2.º. - Defesa da instrução primária obrigatória, estudo de moral e economia político-social. 3.º. - Seção sem

responsabilidade, indicador comercial e anúncios”.

Passou a custar 2\$000 a assinatura trimestral, mantido o preço da anual, tudo mediante pagamento adiantado. Expediente: “Publicação de editais, anúncios, etc. - preço por centímetro na largura de coluna estreita: 200 réis; repetição: 100 réis”. E mais: “Os assinantes têm direito a fazer parte do nosso resumido ‘Álbum Social’ e do ‘Indicador Comercial’.

A partir de então, inseria artigos seguidos de Maciel e Jotarruda; colaboração de Jubal de Carvalho, o mesmo João do Lago, e outros, continuando em 1916 com Silvino Lopes, Esdras Farias, Cícero Barbosa, membros, junto a Austro Costa, da “Academia de Letras dos Supersticiosos - S 13”, os quais apareciam, sobretudo, na seção de poesias intitulada “Hipocrene”.

Vinham sendo divulgados os atos oficiais da Prefeitura e ocorriam constantes Suplementos de duas páginas, a princípio intitulados Limoeiro e depois Jornal de Limoeiro, mantidas as oito páginas normais.

No primeiro trimestre de 1917, deixou Austro Costa o seu posto na redação. Só no ano seguinte, edição de 17 de agosto, comemorativa do terceiro aniversário da 2ª. fase, começou a figurar, ao lado de João de Arruda, um novo redator: José Tiago Miranda, já assíduo colaborador, continuando a assinar prosa e verso e ainda reportagens desportivas, o que fazia com o pseudônimo Zé Leite. Também naquela data se

restabeleceu o formato maior, reunindo quatro e, às vezes, seis páginas. Apareciam produções de A. Venicius, Jameson Clarel, M. Araújo Filho, Valfrido V. de Andrade, etc.

Prosseguiu a circulação do semanário em 1919, mas parou com a edição de 7 de fevereiro de 1920, porque se ausentara o tipógrafo único que trabalhava na tipografia. Escreveu, a respeito, J. Arruda: “Vamos empregar todo recurso a fim de que o nosso sol não passe muito tempo entre as nuvens”.

Não passou muito tempo. Voltou a 16 de maio, sob a responsabilidade de Maciel e Arruda, divulgando a nota a seguir: “Por tempo indeterminado, este jornal sairá quinzenalmente, até que nos seja possível fazermos aquisição de tipógrafos. Até normalizarmos a sua publicação, não emitiremos assinaturas, cujos exemplares serão vendidos ao preço de 100 réis”.

Estava por pouco a existência da Folha, que tinha como colaboradores principais Agostinho Santos e Ajax, o das “Cartas a um neurastênico”, mantidos o noticiário local e a propaganda da Garrafada do Sertão e dos demais produtos do farmacêutico-jornalista.

O último número publicado foi o 244º., datado de 18 de setembro de 1920 (Bib. Púb. Est.)(1).

---

(1) Coleção em quatro volumes com algumas lacunas.

## O IDEAL (1)

Publicação bimensal, deu à luz o primeiro número no dia 1 de setembro de 1907, em formato de 21 x 15, com quatro páginas de duas colunas e boa apresentação gráfica. Diretor - Antonio Ferreira dos Santos; redator - Firmo Dourado Filho, funcionando o escritório na rua da Aurora, 101. Assinatura mensal - 300 réis.

Em lugar do artigo-programa de praxe, ocupou a primeira página da edição de estréia, interessante comentário de Sesenen (como se ocultava

Hildebrando de Meneses), em torno da função da imprensa, terminando por saudar os “briosos fundadores” do novo órgão.

Exclusivamente literário, O Ideal teve curta existência, inserindo produções, em prosa e verso, de Pedro Ferreira, Leôncio de Barros, E. Araújo Júnior, Sinhá Ferreira, Ermiro Barreto, F. Skeel de Araújo, Verbena e X. P. T. O., afora a turma responsável.

A terceira e última edição circulou no dia 6 de outubro (Arq. Púb. Est.).

---

(1) No trabalho “Ouvindo o depoimento de uma geração”, de César Borba (Diário da Manhã), edição de 25 de julho de 1937), o entrevistado Austro Costa aludiu a O Ideal e, ainda, a O Vadio, como jornaisinhos “manuscritos de sua época escolar, em Limoeiro”, nos quais publicara os primeiros versos.

## O ASPIRANTE

Órgão do Gabinete de Leitura Machado de Assis - Começou a publicar-se no dia 7 de março de 1909, em formato de 29 x 17, com quatro páginas de duas colunas e 14 cíceros. Assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 1\$500. Sob a direção de José Tiago de Miranda, tinha como redator-chefe Antonio Ferreira dos Santos, instalada a redação à rua Dr. Afonso Pena, 71, ao passo que o trabalho material estava a cargo da tipografia da Folha do povo (1).

Sua apresentação constou de dois artigos. No primeiro deles, salientava Sesenen (Hildebrando de Meneses): "O programa d'O Aspirante recomenda-o. Defender os interesses da sociedade a que pertence, desenvolver o progresso literário limoeirense, eis a principal esfera no centro da qual se agrupam as suas aspirações, se concatenam os seus esforços, para batalhar em prol de tão justas causas".

Por sua vez, escrevia José T. de Miranda, em resumo: "O Aspirante surge com o único fim de fortificar e iluminar o nosso espírito sedento de luz".

---

(1) Anos depois, aludindo a O Aspirante, em artigo de memórias, escreveria José Miranda: "Na tipografia da Folha do Povo, pagávamos pela composição de cada número vinte mil réis, às vezes saídos das nossas algibeiras, pois as assinaturas nem para isso davam".

Circulando quinzenalmente, logo iniciou um concurso para apurar “qual a moça mais formosa de Limoeiro” e, a par de ligeiro noticiário, inclusive do movimento do Gabinete de Leitura Machado de Assis, divulgou literatura dos redatores e de Agostinho José dos Santos, João C. de Arruda, Miguel Braz, Sinhá Ferreira, Pedro do Lago, Aprígio Ramos, Antonio Guedes Alcoforado, Jorge Pessoa, Edmar Lopes (que também figurou, por pouco tempo, no corpo redacional) e outros, alternadamente, afora os constantes artigos de Sesenem. Terminado o primeiro concurso, outro começou no n.º. 5: “Qual a moça mais elegante de Limoeiro?”

Publicou-se O Aspirante até o n.º. 10, datado de 25 de julho (2) (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

## CIDADE DO LIMOEIRO

Periódico Político, Cívico, Literário, Comercial e Noticioso - Entrou em circulação no dia 31 de julho de 1909, em bom formato de quatro colunas, com quatro páginas. Direção política do coronel Júlio Cassiano Pestana da Silva. Redator-proprietário - Isaac Cerquinho; redator-secretário - Odilon Tavares. Constava, ainda, do cabeçalho: “Este jornal obedece à orientação política nacional do Partido Republicano de Pernambuco, chefiado pelo Dr. Francisco

---

(2) Por engano do tipógrafo, os n.ºs. 9 e 10 saíram com a mesma data: 25 de julho.

de Assis Rosa e Silva". Publicação de dez em dez dias, obedecendo à seguinte tabela de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 4\$000. Tinha a redação situada à rua Conselheiro Rosa e Silva, 19, sendo impresso no Recife, na oficina do Diário de Pernambuco.

Vinha, segundo o editorial de apresentação, beber os "ensinamentos cívicos" do seu orientador; "iluminar as suas colunas com o fulgor literário moderno dos mais cultos espíritos"; e impulsionar o progresso mercantil e industrial do município, pondo os leitores ao "corrente dos fatos mais importantes desenrolados quer no país quer no estrangeiro". Seria um jornal civilizador, esperando seguir, "sem subterfúgios e sem sustos, o traço reto e másculo" que se traçara.

De boa feição material e bem redigido, Cidade do Limoeiro inseriu, na edição de estréia, comentários diversos, amplo noticiário e iniciou a publicação do manifesto "A verdade política", de Isaac Cerquinho, completando-a uma página de anúncios. Continuou a publicar-se regularmente, vindo a dedicar a primeira página do n.º. 7, de 12 de outubro, ao aniversário natalício do "eminente chefe" Rosa e Silva, com o respectivo clichê ao centro do artigo de profaças. A partir do n.º. 8, escrevia Benedito Costa: "Tentativas de crítica literária".

Uma vez divulgado o n.º. 11 a 27 de novembro, ocorreu uma lacuna até 23 de dezembro, quando saiu o último do ano.



Suspenso por alguns meses, reapareceu - ano II, nº. 1 - no dia 5 de maio de 1910, constando, apenas, do cabeçalho: Diretor e proprietário - João Demétrio. A redação-escritório transferiu-se para a Praça Comendador Pestana, 8, sendo estabelecido o preço de 7\$000 por assinatura até dezembro. Correspondente no Recife - Gastão da Franca Marinho. Manteve a orientação política da primeira fase, adiantando:

“Por outro lado, continuaremos a despendo o máximo de esforços no sentido de impulsionar o comércio, a indústria e a agricultura locais... Além disso, avançaremos no trabalho começado de incentivar as letras e as artes limoeirenses...”

Aumentando para duas páginas o contingente de anúncios, além de divulgar os atos oficiais da Prefeitura, como anteriormente, prosseguiu sua marcha a Cidade do Limoeiro que, no nº. 10, noticiou largamente os festejos de 31 de julho, comemorativos do seu primeiro aniversário. Constaram de recepção do diretor, discursos, aposição, na sala da redação, dos retratos de Rosa e Silva, Rosa e Silva Júnior e Aníbal Freire, respectivamente, líder político e redatores do Diário de Pernambuco(1), e retreta, com a praça engalanada e fartamente iluminada.

---

(1) No ano seguinte, outro redator do Diário de Pernambuco - o então senador Artur de Albuquerque - teve, também, seu retrato apostado, solenemente, na redação da Cidade do Limoeiro.

Logo mais, o periódico dedicou a edição de 7 de novembro ao 85º. aniversário do Diário de Pernambuco, estampando, na primeira página, clichês dos respectivos principais redatores: Rosa e Silva Júnior, Artur de Albuquerque e Ulisses Costa, ladeados de notas encomiásticas.

Nessa fase, além dos editoriais e variado noticiário, apareciam raros trabalhos assinados por X. Z., Jaime Dourado (pseudônimo de João Demétrio) e Júlio Dalva e transcrições de sonetos e tópicos de homens de letras famosos. De quando em quando liam-se ataques ao Pernambuco, diário anti-rosista do Recife.

Terminando o ano com o nº. 22, de 23 de dezembro, saiu a lume o nº. 1, ano III, no dia 21 de janeiro de 1911. No nº. 8 apareceu, no cabeçalho, o nome de Oscar Pereira como redator-secretário, pouco depois transformado em redator-proprietário (2), ao lado do coronel Júlio Pestana, o diretor-político. Retirara-se João Demétrio, que também transmitiu o cargo de promotor público ao comprador da empresa. Ocupara a gerência, antes, Heretiano Felício. Foram novos colaboradores: Virgílio Várzea, João das Ruas (versos satíricos), Joaquim de Oliveira, etc.

---

(2) Em suas "Memórias de um jornalista provinciano" (Recife, 1945), declarou Oscar Pereira, à página 15, que adquirira, por compra, a Gazeta de Limoeiro. E acrescentou: "Era eu o diretor, redator, noticiarista, revisor e gerente. O único auxiliar espontâneo que tive foi o meu velho amigo Joaquim de Oliveira, tipógrafo do Diário, em cujas oficinas se imprimia".

Dada a aproximação do pleito governamental, Cidade do Limoeiro entrou firme na propaganda do seu candidato, o Conselheiro Rosa e Silva. Realizadas as eleições a 5 de novembro, seguidas de agitação pública, não voltou a folha a publicar-se, tendo terminado sua existência com o n.º. 20, de 1 de novembro de 1911 (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

## **O PAJARACA**

Jornalzinho crítico e humorístico, teve o seu número primeiro (e único) em circulação no mês de maio de 1911. Editado por Erico Braga e Miguel Magalhães (Cf. o artigo "Meio século de jornalismo", in Jornal do Commercio, edição de 12/02/1955).

## **ALMANACK DE ALMANACKS**

Para 1910/1911 - Editado por Isaac Cerquinho, não foi possível encontrar comprovante.

## **O DRAGÃO**

Órgão do Clube dos Dragões Limoeirenses, circulou o n.º. 1 e único em 1911, redigido, entre outros, por José Miranda (Cf. artigo mencionado).

## O EMPATA

O EMPATA Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso - Publicou-se o n.º. 1 a 29 de julho de 1911, em formato de 30 x 16, com quatro páginas de duas colunas largas. Redatores-proprietários - João Pereira da Silva e Severino Álvaro Fialho. Impresso na tipografia particular de Augusto César Cantinho, instalou redação na Avenida Faria Neves, 68. Semanário, assinava-se a 2\$500 por semestre. Preço do exemplar - 0\$100.

Visava, conforme o artigo-programa, ao “engrandecimento desse pequeno trecho da pátria pernambucana, propagando a literatura, desenvolvendo a crítica, castigando a imoralidade pública e trazendo aos seus bondosos leitores as notícias circunstanciadas de fatos desenrolados aqui e em outras localidades, que sejam de geral interesse”.

Terminou advertindo: “... acataremos com o máximo respeito o lar honesto; mas, os gratuitos deturpadores da moralidade encontrarão aqui o mais ferrenho dos inimigos. Empatará, ou pelo menos propõe-se a empatar: os desrespeitos às famílias, os enxerimentos de tipos que nada vallem e muito se julgam; e, finalmente, bradará sempre quando qualquer bandalheira chegar-lhe ao conhecimento”.

Seguiu-se a publicação regularmente, inserindo comentários redacionais, colaboração de Arranca Toco, Armando I, José A. Timóteo, Car-

lúcio, Jerome, Gavião e outros; noticiário, concurso para apurar qual “o rapaz mais elegante da cidade” e pouco mais de uma página de anúncios. A edição de 7 de outubro teve sua circulação proibida, porque publicara “o resultado de um concurso de chaleirismo”, segundo informação d’A Voz do Povo, que protestou, desaprovando “esses meios violentos contra a imprensa”.

Em nota assinada a 18 de novembro, declarou Severino Álvaro afastar-se da empresa, devido “à inconstância nas obrigações” do sócio João Pereira. Este, noutra nota, abaixo, afirmou que o confrade se retirava porque não era obedecido nos seus “caprichos”. Sozinho, Pereira publicou O Empata até 30 de dezembro, quando ficou suspenso.

Reapareceu - nº. 25, ano II - a 16 de março de 1912, sob a direção única de Severino Álvaro, que conseguira afastar o antigo sócio, constando do cabeçalho: “Proprietários anônimos”. Mas, em julho, o diretor aparecia, também, feito proprietário.

Completo, a 5 de outubro - nº. 52, impressão em papel couchê - “um ano de vida, de luta em prol da causa da moralidade pública”. Inseriu diversas saudações à data.

Contava com a colaboração esparsa de Pedro Tomaz da Silva, o sonetista; A. Costa, O Matuto, O Vigia, O Furante, que vivia “Furando...”, e outros.

A circulação foi interrompida entre as edições de 14 de dezembro de 1912 e 18 de janeiro de 1913. Logo mais, no n.º. 64, de 5 de fevereiro, iniciava nova fase, apresentando-se em formato de 35 x 24, a três colunas de composição. Elevou para 3\$000 o preço da assinatura semestral (só para fora da cidade), mediante pagamento adiantado.

Dizia-se “garboso e com mais vida, disposto a cumprir a marcha do seu programa dentro dos moldes para que foi criado”. Acrescentou, em prosseguimento, a presença, em prosa e verso, de Solrac Sepol ou Carlos Lopes, Austriclínio F. Quirino (primeiro soneto na edição de 15 de fevereiro), Odilon Medeiros ou Nolido, Petrônio, etc.

Em seu número de 15 de março, declarou a redação haver mandado “construir um cemitério para sepultar aqueles assinantes que completaram o semestre de suas assinaturas e não entraram com os respectivos arames”. Alguns devedores relapsos tiveram, depois, o nome atirado “a vala comum”.

Sem mais alterações, mantido Severino Álvaro, firme, na direção, O Empata atingiu o n.º. 76 a 7 de junho de 1913, não mais voltando à tona (Bib. Púb. Est.).

## A VOZ DO POVO

Órgão do Partido Republicano Conservador em Limoeiro - Começou a publicar-se a 30 de setembro de 1911, com quatro páginas de duas colunas largas. Corpo redacional: diretor - José E. de Araújo Pereira; redator-responsável - Luiz Gonzaga da C. Magalhães; redator-secretário - Francisco Brasileiro; redatores - Manuel T. Travassos de Arruda, João A. Correia de Araújo, José Xavier Correia Gaião, Antônio de Albuquerque C. Maciel e Pedro Lemos. Redação, administração e oficina à rua da Matriz, 83. Assinatura anual - 10\$000.

Abriu a edição de estréia o editorial "Hosanna!", dizendo inicialmente: "Modesto hebdomadário noticioso e político", vinha "pedir ao favor popular o apoio de que há mister para triunfo dos princípios que se propõe defender".

Fez a apologia do P. R. C., fundado em novembro de 1910, "para garantia da vida democrática do país", frisando: "Neste sentido, A Voz do Povo é também um jornal político, filiado ao Partido Conservador, força política governamental, coluna da atual Presidência da República e apoio da autoridade suprema da soberania popular. Claro e bem definido fica, nos termos acima, o nosso posto de combate, situado muito distante do campo em que se digladiam, inutilmente, os partidos pessoais".

Seguiu o rumo traçado, constituindo-se sua matéria, exclusivamente, de propaganda da candidatura do General Dantas Barreto à sucessão

governamental, contra a do Conselheiro Rosa e Silva.

Verificada a vitória dantista, ficou suspensa a folha ao circular o n.º. 7, de 11 de novembro. Reapareceu - n.º. 8 - a 19 de dezembro, modificada e reduzida a equipe da redação, a saber: diretor-proprietário - Antonio Maciel; secretário - Correia de Araújo; auxiliar de redação - Francisco Brasileiro; redatores - Pedro Lemos e José de Araújo Pereira, este último só permanecendo até março do ano seguinte.

Prosseguiu em 1912, inserindo não só editoriais políticos, mas noticiário variado, série de "Apreciações literárias", poesias, artigos pedagógicos de Pedro Lemos, outros de Francisco Brasil, Agostinho dos Santos, etc.; poesias de Ernesto Álvares, Pedro Tomaz e Barreto Coutinho. A última página era dedicada aos anúncios do Laboratório Maciel.

No dia 22 de junho saía do cabeçalho o nome de Francisco Brasileiro, que mereceu editorial de repulsa, por haver divulgado declarações, n' A Província, do Recife, contra a posição política d' A Voz do Povo.

Atingido o n.º. 35, de 29 de junho de 1912, os redatores divulgaram artigos de despedida da folha, que, segundo Correia de Araújo, chegava ao fim da jornada. O colaborador Agostinho dos Santos escreveu "Tombando no ocaso", no qual declarou que a imprensa tinha encontrado, em Limoeiro, "solo ingrato, sáfaro e estéril"; seus jornais só tinham direito a viver alguns meses; e



citou os que se evaporaram. Concluiu aconselhando Antonio Maciel a não fundar mais nenhum órgão, pois só tinha recebido, em paga, dissabores. Por sua vez, Maciel, depois de aludir ao prejuízo financeiro da empresa, focalizou “a situação da administração local, desligada, inteiramente, de todas as leis escritas”.

Ainda saiu o n.º. 36, a 27 de julho, feito edição especial, contendo artigos dos redatores, em que conclamavam o eleitorado dantista a sufragar nas urnas o candidato a deputado José da Cunha Rabelo, para ocupar a vaga deixada com o falecimento de José Mariano Carneiro da Cunha.

Novamente suspenso, voltou A Voz do Povo à liça em dezembro de 1913, ano III, na qualidade de “Órgão Oficial do Município de Limoeiro”, tendo como redatores Pedro Lemos, que era também prefeito, e Renato Faelante da Câmara Lima, autor de crônicas literárias.

Continuou, inserindo artigos políticos, matéria oficial, noticiário e mais de uma página de anúncios. No último número avistado - 5.º. da 3.ª. fase - de 10 de janeiro de 1914, coube a Cristiano Cordeiro assinar o artigo de abertura, sob o título “Nova Era”.

Não há notícia de ter prosseguido a publicação (Bib. Púb. Est.).

## O DEMOCRATA

Sub lege libertas - Saiu a lume no dia 2 de novembro de 1912, em formato de 37 x 28, com quatro páginas a quatro colunas, tendo redação instalada à rua da Matriz, 60, mas impresso no Recife, na Tipografia de J. Agostinho Bezerra, à rua do Imperador, 31/33. Diretor-proprietário - Francisco Brasileiro.

Constava do artigo de apresentação: “Obedece à orientação do Partido Republicano Conservador, à sombra de cuja bandeira se moverá no desempenho de seu elevado programa”. No centro da primeira página: fotogravura do governador Dantas Barreto, chefe supremo do Partido.

Seguiu-se a publicação com esse caráter, mantendo bom noticiário, artigos de Etnaclavac (Jerônimo Cavalcante) e - para não faltar um pouco de literatura - crônicas assinadas por José Miranda. Divulgava também os atos oficiais da Prefeitura e tinha duas páginas de anúncios.

A partir de janeiro de 1913, ano II, prosseguindo a numeração anterior, imprimiu-se O Democrata em oficina própria, instalada, com redação e escritório, à mesma rua, n.º. 54. Logo estabeleceu tabela de assinaturas, a saber: ano - 5\$000; semestre - 3\$000, mediante pagamento adiantado. Os assinantes gozariam 20% de desconto nos anúncios, mas qualquer “solicitada” seria cobrada à razão de 100 réis por linha.

Os acontecimentos da política local fizeram-no entrar em oposição ao novo prefeito, Severino Pinheiro, e à respectiva Câmara Municipal, isto a começar do mês de março. E, após haver circulado, em junho, o n.º. 28, viu-se forçado a suspender a publicação.

Reapareceu quase três meses depois, a 6 de setembro, com edição de seis páginas, comemorativas da reintegração no poder, pela Justiça das autoridades municipais depostas.

A par de sua finalidade política, que incluía sérios ataques ao deputado Pedro Lemos, divulgou a série de artigos "Ciência", assinados por Somariloicca, sonetos de poetas famosos, por transcrição, e dos limoeirenses Pedro Tomaz e Austriclínio Ferreira Quirino, enquanto José Miranda firmava colaboração fantasiosa.

O último número encontrado foi o 31.º., de 20 de setembro (Bib. Púb. Est.)(1).

## O FREVO

Órgão do Clube Carnavalesco Espanadores  
- Circulou a 12 de abril de 1914 (data do Segundo Carnaval), em formato de 23 x 17, com quatro páginas de duas colunas. Redator - Afêquirino (Austriclínio Ferreira Quirino), funcionando a redação na rua do Ó, n.º. 00.

Como "representante de Momo" nos dias "consagrados aos gozos e às loucuras", inseriu,

---

(1) Coleção desfalcada

além da nota de apresentação, matéria alusiva, a ressaltar um soneto e a “Crônica do Segundo Carnaval”, assinados pelo redator, e produções ligeiras de J. Andrade, C. Lopes e A. Costa (Arq. Púb. Est.).

## O PORVIR

Número único, sem data (encontra-se uma referência acidental ao dia 13 de junho de 1914), saiu em formato de 36 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor-proprietário - Antonio de Albuquerque C. Maciel, que assinou o editorial da primeira página, versando sobre generalidades. Trabalho gráfico da oficina da Folha do Povo.

Divulgou transcrições artigos de Olegário Maciel e um suelto de condenação à politicagem, tudo em meio a anúncios disfarçados e mais os da quarta página, todos de propaganda dos produtos do farmacêutico Maciel, que outro não foi o objetivo da publicação (Bib. Púb. Est.).

## O MUTUALISTA

Órgão de Propaganda do Mutualismo - Surgiu em julho de 1914, em formato regular de três colunas, com quatro páginas, anunciando tiragem de 3.000 exemplares, para distribuição gratuita. Direção de Pedro Coelho de Lemos e Severino Álvaro Fialho.

Em meio à matéria de sua especialidade, o periódico, que circulava mensalmente, divulgou produções literárias, em prosa e verso, da autoria de Austriclínio F. Quirino, ou Austro Quirino, José Miranda, J. Andrade e outros.

O n°. 4 saiu em outubro, não havendo indício de que tenha continuado (Bib. Púb. Est.).

## O REPÓRTER

Número único, circulou em fins de 1914, tendo como diretores Távola Leite e Afro Silva ("Dicionário", de Sebastião Galvão).

## A BISNAGA

Órgão Carnavalesco de Grande Tiragem - Edição única, publicou-se em fevereiro, dia 14, de 1915, obedecendo ao formato de 36 x 23, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Trazia, sob o título, os slogans "O riso não paga imposto" e "Tristezas não pagam dívidas". Impresso na tipografia da Folha do Povo. Direção de Zumba Cheiroso, que assinou o editorial "Entrando...", mais duas crônicas, três sonetos e um poemeto, alguns incluindo propaganda da Garrafada do Sertão.

Foram outros colaboradores: Tableau, autor de "Para rir"; A. M., Pedro Tomaz (da Silva), H. Piano e Austriclínio F. Quirino, com três sonetos. Toda a quarta página se encheu de anúncios dos produtos do Laboratório Maciel (Arq. Púb. Est. e Bib. Púb. Est.).

## LIMOEIRO

Edição carnavalesca da Folha do Povo, saiu a 4 de março de 1916, com oito páginas e três colunas de composição. Teve a colaboração de Austro Costa, Chico Dunga, Dudu Ninguém e Zumba Cheiroso. Divulgou, igualmente, matéria de rotina do órgão-matriz, como as “Cotas”, de José Miranda, e uma página de ataques ao Jornal do Povo, do Recife, por S. Silva, em defesa do governo do Estado (Bib. Púb. Est.).

## O INTRANSIGENTE

Órgão Independente, de Publicação Semanal - Deu a lume o primeiro número no dia 30 de setembro de 1916, em formato de 32 x 22, com oito páginas de três colunas. Diretores: Borges de Souza, Campelo de Souza, Adolfo Ciríaco da Cruz Ribeiro e Manuel Cavalcanti Vieira da Cunha. Assinava-se a 5\$000, 3\$000 e 1\$500, respectivamente, por ano, semestre e trimestre, custando 0\$100 o exemplar. Com redação à rua da Matriz, 9, imprimia-se na Tip. Modelo, na mesma rua, n.º. 20. Constava do Expediente: “Órgão noticioso e literário, sem ligações partidárias”. Circulação aos sábados.

“Seu programa - lia-se no artigo de apresentação - será traçado em moldes rijos de moral, e como pregoeiro que é das idéias boas e das causas dignas, combaterá, com desassombro, os interesses pouco justos”.

Após duas ou três edições, incluiu-se-lhe o nome de Aurélio Atelano de Lacerda, na qualidade de gerente.

Bom e variado, divulgou artigos de João Batista de Almeida, Jotarruda (João Cabral de Arruda), J. Pereira Borges, F. Bezerra, Luiz de Barros (sobre "Bromatologia") e Pan Funcio, que escrevia "Carta aberta"; versos de Austro Costa, e "Perfil feminino", de Cremilda. Seções mantidas: "Frivolidades", "Pelo fôro" (jamais aparecida em jornais do interior), além das "Solicitadas" e duas páginas de anúncios.

Manteve-se O Intransigente com oito páginas e, ao chegar o n.º. 14, de 30 de dezembro, despediu-se dos leitores com o artigo "Agonizante", "no momento em que mais precisava viver, em que a verdade ardentemente reclamava os seus serviços" (Bib. Púb. Est.)(1)

## O PHAROL

Jornal Literário, Desportivo, Noticioso e Humorístico - Entrou em circulação a 28 de janeiro de 1922, no formato de 32 x 22, a três colunas, com quatro páginas, tendo redação e oficinas instaladas à rua da Matriz, 81. Direção de Ramiro Augusto Pereira dos Santos; gerente - Pedro Tomaz. Assinaturas: anual - 6\$000; trimestral - 2\$000. Constava do expediente: "Nenhum compromisso partidário, nenhuma ligação política".

---

(1) Coleção desfalcada

Declarava o artigo de abertura destinar-se, unicamente, o periódico, a completar, segundo os seus esforços, a lacuna que se figura em a nossa cidade, de um jornalzinho absolutamente independente, leal e noticioso”.

Bem movimentado de matéria, iniciou no nº. 3, dois concursos, para conhecer “a moça mais bela de Limoeiro” e “O jogador (de futebol) mais simpático”. Manteve as seções: “Pingo de cera”, comentários de Luciano Nelson; “Várias”; “Movimento policial”; “Mote & Glosas”; “Postalzinhos”; “Seção elegante”, com carnets e perfis; “Pharol sportivo”, e “Carnaval”, assinada por Lança Perfume, que terminou ocupando cinco das oito páginas da edição de 25 de fevereiro.

Substituiu o cabeçalho, no nº. 5, um desenho simbólico, trabalhado em xilogravura, e teve a colaboração (esporádica) de Cerquinho Nunes, Da Costa Pereira, Diva de Amor e Domitavares (ambos pseudônimos de Domitila Tavares), Salustiano Sobral, Agostinho Santos, Flor de Lys, Carlos Lopes, etc.

Estendeu-se a publicação até o nº23, de 1 de julho, para mudar de título na semana seguinte (Arq. Ramiro Santos e Bib. Púb. Est.)(1)

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado só existem números esparsos



## A VONTADE

Jornal Literário, Sportivo, Noticioso e Humorístico - Em substituição ao precedente, circulou o n.º. 1 no dia 8 de julho de 1922, declarando-se “propriedade de uma Sociedade Anônima”, sem alteração quanto à parte material, aparecendo Pedro Tomaz como editor. Na direção, Ramiro Santos.

Adotaria, conforme o editorial de abertura, programa idêntico ao d’O Pharol, “as mesmas idéias de progresso, de paz e de trabalho”.

Seguiu-se a publicação normalmente, proporcionando, a 7 de setembro, uma edição extraordinária de seis páginas (papel couchê), a primeira das quais ostentando desenho, em xilografia, da bandeira nacional, nas cores próprias, tendo como legenda a letra do Hino da Independência.

Contou, nas sucessivas edições semanais, com a colaboração de Cerquinho Nunes, Domitavares, Agostinho José dos Santos, A. Breck (pseudônimo de Armiragi Brechenfeld), Aldo Campos, Honorina Pessoa, Alves Pedrosa, Seudão, Antonio Paulo Filho e outros. Mantinha as seções “Pensamentos”, “Bric-a-brac”, por Luciano Garcia. e “Motes & Glosas”; estabeleceu o concurso “Qual o cinema mais preferido da nossa elite?”; divulgava atos oficiais da Prefeitura e noticiário ligeiro, além de anúncios.

Terminou a existência d'A Vontade com o nº. 18, de 4 de novembro do mesmo ano, edição de seis páginas (Arquivo Ramiro Santos e Bib. Púb. Est.)(1).

## LIMOEIRO-JORNAL

Folha hebdomadária, surgiu no dia 7 de setembro de 1923, em formato de 50 x 31, com quatro páginas de quatro boas colunas, tendo redação e tipografia instaladas à rua Dr. Rosa e Silva, 20. Diretor e proprietário - J. Coutinho; redator-chefe - Odilon Tavares. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Preço do exemplar - 0\$200.

Aparecia - “sem pretensões estultas, sem animosidade, sem rancor”, consoante o artigo-programa, frisando: “Não representa nenhum partido. É novo e traz consigo a idéia do bem. Será imparcial; no Brasil, como no Estado, só verá a Pátria. Na lei, o poder; e, fora dela, a arbitrariedade. No governo, reconhece a força do arbítrio saída de circunstâncias imprevistas e felizes, mas que seja legal”.

“De quem governa, a redação do Limoeiro-Jornal espera um esforço em favor desta nobre terra, que a torne condigna de figurar dignamente entre os demais municípios deste Estado”.

---

(1) Só é completa a coleção particular do velho jornalista Ramiro Santos.

Lema: "Amar a Pátria, bem servir à causa da República".

Graficamente mal feito, o periódico seguiu sua rota, comentando e informando; divulgando atos oficiais da Prefeitura e boa messe de reclamações comerciais. O n.º. 4, de 28 de setembro, teve o formato diminuído para metade, mas saiu com seis páginas.

Após grande lacuna na coleção manuseada, chega-se ao n.º. 28 e logo ao n.º. 30, este de 5 de abril de 1924. Voltara ao formato primitivo, apresentando melhor feição gráfica. Já não constava o nome do redator-chefe, trazendo sob o título a indicação: "Órgão Independente e Noticioso". Inseriam, a par da matéria comum, colaboração de J. H. R., J. Galvão, Da Costa Pereira, Pedro Eustáquio Vieira e Crisalvo Lafaiete (pseudônimo de Carlos Lopes), que escrevia "Da Metrópole".

Não há indícios de ter prosseguido (Bib. Púb. Est.).

## **CORREIO DA SEMANA**

Literário e Noticioso - Saiu o primeiro número a 11 de janeiro de 1925, tendo como diretor Liberalino de Almeida; redatores - Irineu Joffily e Aurélio Pereira; gerente - Ermírio Costa. Suspendeu a publicação, por pouco tempo, quando o diretor se transferiu para o Recife.

A informação acima prestou-a João Carneiro da Cunha, em artigo de 19 de janeiro de 1930.

Do Correio da Semana resta, apenas, nos avulsos da Biblioteca Pública do Estado, um exemplar: o n.º. 16, ano I, de 31 de maio de 1925, em formato de 48 x 31, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Proprietário e gerente - Belisário Gurgel do Amaral; redator-secretário - J. Carneiro da Cunha. Bem feito, noticioso, inseriu colaboração de J. Vilas Boas, Guedes Alcoforado, autor da série “Índice gramatical”, e Estrela d’Alva, signatária da “Seção Feminina”.

## GAZETA DE LIMOEIRO

Órgão dos Interesses Gerais do Município. Noticioso e Independente - Entrou em circulação a 4 de outubro de 1925, obedecendo ao formato de 48 x 30, com seis páginas a cinco colunas de composição. Diretor-proprietário - Edmar Lopes; gerente - Ermírio Costa. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200. Redação e oficina à rua Dr. Rosa e Silva, 24.

Lia-se no editorial de abertura, intitulado “O nosso rumo”: “O Brasil é a terra dos programas, do peço a palavra, das coisas teóricas, friamente teóricas. De programa e de plataformas, que não se cumprem, estamos fartos. Ingressando no jornalismo justamente numa fase em que o mesmo, acossado pela lei de imprensa, tem suas prerrogativas restringidas, cerceadas, se dissés-

semos que teríamos um programa completo a cumprir, não faríamos senão imitar os que crasamente iludem a boa fé pública com promessas ridículas. Todavia, prometemos que a Gazeta de Limoeiro surge na arena da imprensa completamente alheia à política”.

Acentuou o articulista: “A lei Gorda aboliu, ipso facto, os programas dos jornais. Amordaçou a imprensa. Pode-se dizer que se fará um jornalismo independente, sem salamaleques, sem zumbaias, mas não se poderá afirmar nunca que, atualmente, no Brasil, se poderá dizer a verdade em toda a sua plenitude”.

Tendo adquirido a tipografia da extinta Gazeta de Pesqueira, que pertenceu a Zeferino Galvão, o novo órgão focalizou, noutro artigo, com o respectivo clichê, a memória do grande jornalista pesqueirense, declarando sentir-se impellido “a fazer o que ele fez: o jornalismo de combate sem trégua às patifarias do século; jornalismo sem dubiedades aviltantes; sem o elogio ao gatuno e o ataque ao honesto; jornalismo dentro da moral e da sensatez”.

Seguiu-se a publicação regularmente, ora com quatro, ora com seis páginas, inserindo editoriais, reportagens, serviço telegráfico, “Galeria Infantil”, noticiário geral, atos da Prefeitura e anúncios, que variavam de uma a duas páginas.

Logo a 7 de novembro, a edição, excepcionalmente com oito páginas, dedicou a primeira ao centenário do Diário de Pernambuco. No fim do mês, melhorou o formato, acrescentando-se-

lhe cinco centímetros. Estabilizou-se em quatro páginas, bem servidas de reclames comerciais, e adotou as seções “De tudo” e “Pelo foro”, a que outras se sucederam em 1926, como a quadra humorística “De vez em quando”, por Zambeta; a “Crônica da Semana”, de Ernane Lins da Cunha, ou Nani; “Gazeta Sportiva”; concurso de beleza feminina, etc. Colaboração esporádica de Agostinho José dos Santos, Carlos Lopes, Tomaz de Aquino, José Tiago de Miranda, Antonio Vieira, Israel Fonseca, Renato de Alencar(1) e, mais assídua, do professor Guedes Alcoforado, que manteve, desde 17 de janeiro, o rodapé “Sombras dos Tempos”, estudo filosófico, cuja série atingiu o n.º. XXIV.

A 17 de julho a Gazeta passou a ter uma gerente: Maria Amélia de Arruda. Suspendeu-se a publicação após o n.º. 44, de 14 de agosto, para conserto da máquina impressora. Voltou a 4 de outubro, numa edição de seis páginas a cores, com a designação: “Folha noticiosa sem subordinação política”, entrando como redatores Pedro de Holanda Cavalcanti e Carlos Lopes, os quais, todavia, não “esquentaram” o lugar no cabeçalho, daí se afastando no dia 20 de novem-

---

(1) A colaboração de Renato de Alencar começou com uma carta ao diretor da Gazeta, publicada na edição de 13/12/1925, da qual vale a pena trancrever o seguinte conceito: “O jornal do interior é perseguido por todos os lados. Pela política, pelo analfabetismo e pelo pessimismo”.

bro. Apesar de tão sumária presença, desenvolveram eles a matéria do semanário. Pedro de Holanda criou a seção de comentários “Frases e Frisos” e Carlos Lopes fez publicar, em rodapé, usando o pseudônimo Crisalvo Lafaiete, o romance “Lampeão - o Bonelli brasileiro”, ao passo que apareciam diferentes produções de Leduar de Assis Rocha, Armando Goulart Wucherer e Pedro Eustáquio Vieira.

Em 1927, precisamente a 12 de março, assumia a gerência Jonas Ferreira dos Santos. Ao comemorar-se, nesse ano - edição de 8 de outubro, n.º. 78 - o segundo aniversário de fundação, com seis páginas, algo ilustradas, apresentou o periódico sensível modificação, a partir das letras do título, em gótico. Mudou para “Órgão Noticioso e Independente”. Nova equipe: Proprietário - Afonso de Sá e Albuquerque; Diretor - Belisário Gurgel do Amaral; secretário - Erino Autran; gerente - I. Pessoa. Colaboração de Livino Ferreira, prosa e verso; Silvestre Agripa (pseudônimo de Adolfo Pereira Simões), Raul L. de Holanda Cavalcanti,, Marliza, M. A. A., etc.

Ao circular em 24 de dezembro, com dez páginas (mais de seis de anúncios) a cores, acrescentava-se à epígrafe a qualidade Literário. O redator-secretário fora substituído por Israel Fonseca, este na função de redator-chefe, e B. Gurgel passava a diretor-gerente. Colaboração de Manuel Cavalcanti, Pedro Amaro da Silva, Milton Turiano, Manuel Gonçalves de Lima, Amaryllis (pseudônimo de Israel), Severino Lucena, Mário de Alenquer, etc.

Prosseguindo em 1928, bateu-se Israel Fonseca, sob o título “Crônica”, até a XXV, com Osvaldo Lima, d’A Semana, de Bom Jardim, sobre questões atinentes à língua portuguesa. Bateria-se, antes, com José Aureliano Sobrinho, também d’A Semana, por ter sido acusado de plágio.

Com o afastamento do redator-chefe, lia-se, a partir de 22 de junho de 1929: Redatores - Diversos. Mas, no ano seguinte (Órgão Independente e Noticioso), voltava Edmar Lopes, feito redator durante o período de 15 de fevereiro a 13 de setembro, quando foi substituído por Ernestino de Lucena, cuja aparição no cabeçalho não passou de uma semana. Voltou então a Gazeta ao formato primitivo. Fazia-se acompanhar, por algum tempo, do Suplemento Semanal Ilustrado, recebido do Rio de Janeiro, de irradiação nacional.

Na edição de 4 de novembro escrevia a redação: “A revolução veio enxugar as lágrimas da República brasileira, com o lenço rubro, símbolo da Liberdade. Juarez Távora entregou-lhe a carta de alforria”. Seguiu-se ampla cobertura dos acontecimentos de após-revolução, através de editoriais patrióticos, atos oficiais e noticiário. A redação promoveu, inclusive, uma passeata cívica, pedindo à população “um óbulo para o Brasil”.

Novo redator surgiu no cabeçalho a 11 de abril de 1931: Manuel Cavalcanti, que vinha aparecendo, com certa assiduidade, em prosa e



verso, inclusive nos “Traços” da Gazeta Social, em que se assinava Mananti. Não faltava a colaboração do maestro Livino, nem a de Pedro Amaro. Outros apareciam, de vez em quando, como Jotarruda (José Arruda), um redator da penumbra; José Bernardo de Araújo, Pedro Cavalcanti, Jeanniard, Gabriel Maurício e Zenóbio, este “Casquinando...”, uma

seção de troça e riso,  
entretenimento são.

O título em tipo gótico foi suprimido a 25 de abril. Começava, então, acerba polêmica com o periódico situacionista A Luta, a par de críticas à administração municipal e à polícia, cujo delegado chamou o redator-chefe a prestar declarações sobre artigos publicados. Não só isso: ao sair a edição de 23 de maio, uma ordem emanada do interventor federal no Estado obrigou o jornal a “suspender, terminantemente”, sua circulação.

Mas voltou à tona a 1º. de agosto, “após um longo repouso” motivado por “circunstâncias comuns e naturais ao jornalismo”. Aludiu o primeiro editorial aos “fatos tristíssimos, lamentáveis, desenrolados em série, numa vingança surda de inimigos, contra a nossa integridade de jornal livre e independente”, frisando: “Levamos a grita de revolta aos ouvidos da justiça que a Revolução criou e fez dela o apanágio dos direitos conspurcados”.

Com a redação e a oficina transferidas para a rua Cleto Campelo, 92, já afastado Manuel Ca-

valcanti do seu posto (depois de uma polêmica filológica com Stela Bezerra, d" A Luta), sem nenhum nome de redator à vista, seguiu o semanário o seu caminho acidentado até outubro.

Depois de um ano de ostracismo, ressurgiu a Gazeta de Limoeiro, com o n.º. 268, a 1.º de dezembro de 1932, tendo como redator-chefe Fortunato Chaves Martins e secretário Arquimedes de Melo Neto. Lia-se no artigo principal da edição de 17: "Em consequência de haver cessado o motivo que nos levou a suspender a circulação desta folha, reaparecemos sábado último, com o mesmo programa de pugnar pelos interesses da gente de nossa terra, defendendo-a das calamidades públicas".

Continuaram as alterações no corpo redacional, como a seguir, pela colocação dos respectivos nomes do cabeçalho: abril de 1933: João Trajano de Albuquerque Costa e Barros Sobrinho; cronista policial - Pedro Amaro. Setembro: redatores - diversos. Março de 1934: Manuel Cavalcanti e Fernando de Oliveira Mota, o primeiro promovido, em julho, a diretor, e o segundo a redator-chefe, afastando-se este no fim de agosto. Vagando o posto de redator, ocupou-o Agostinho Leão de junho a dezembro de 1935. Maio de 1936: diretor, - Antonio de Souza Vilaça; redator-chefe, José Lourenço, que só ficou até agosto. Novembro de 1938: diretor - padre Otávio Aguiar. Agosto de 1939: redatores - José Gurgel de Sá, Eulino Barbosa, José Maria Falcão e Amadeu Falcão. Dezembro: substituídos, os dois últimos, por José de M. Guerra. Abril de

1940: redatores - diversos. Só não houve alteração quanto ao diretor-gerente B. Gurgel, sempre no seu posto, e ao proprietário Afonso de Sá.

Passou a Semanário Independente a 15 de julho de 1933 e a Semanário Noticioso de 21 de agosto de 1937 a 19 de novembro de 1938, nada mais indicando até o fim. Filiou-se à Associação da Imprensa do Interior de Pernambuco desde março de 1934, o que perdurou enquanto viveu o órgão da classe.

Em 1933, a par da matéria de rotina, mais o “Conto da Semana” e a manchete, o periódico inseria colaboração de Jerônimo Cavalcanti, Raulfo de Oliveira, o da “Prosa ligeira”; dr. Cruz Gouveia, firmando a seção “Medicina e Higiene”; Renato Cruz Gouveia, procedente do Recife; e no ano seguinte: Mister John, com a crônica “Cock tail”; Vulpis Alba, Waldemar Lopes, dr. Celso Caldas, autor da série “Uma campanha sanitária”, enquanto Fernando de Oliveira Mota, também autor de poesias, assinava artigos de duas colunas, inclusive a série “Limoeiro na história”, abrindo a quatro páginas, além das produções de Manuel Cavalcanti, inclusive com o pseudônimo Emecê; de Livino Ferreira, Barros Sobrinho, Agostinho de Leão e Antonio Vilaça.

No ano de 1934, achava-se ainda a Gazeta em luta política, o que lhe valeu a pena de suspensão ao divulgar o n.º. 324, de 14 de abril. Reapareceu a 9 de junho, voltando a criticar a política do interventor Carlos de Lima Cavalcanti. Acentuou: “Haja vista a coação de que fomos

vítimas, amordaçando-nos, fazendo-nos calar, preterindo absolutamente a circulação do nosso jornal, pelo fato de lhe não cortarmos a jaquinha e termos a liberdade de opinião”.

Enquanto isso, rebatia ataques do Diário da Manhã e Diário da Tarde, órgãos oficiosos, e condenou o ato de demissão do prefeito Gomes Maranhão, que tão bem estava administrando Limoeiro. A 7 de julho, dizia, em editorial, entre tarja, que o município estava de luto, pelo fato de haver o P. S. D. decidido apoiar a candidatura Lima Cavalcanti ao governo constitucio-  
nal do Estado, consequência das “injunções do cortajaquismo subserviente”. Teceu encômios à Ação Libertadora, chefiada pelo capitão João Alberto, e entrou em campanha contra a administração do prefeito João Marinho Falcão, polemizando com o Correio de Limoeiro.

A edição de aniversário do ano mencionado - 4 de outubro - saiu com doze páginas e, sem que a política obumbrasse a parte literária, inseriu poesias e excerto do romance de Fernando Mota “Fandango”; artigos de Gomes Maranhão e padre José Távora; conto e poesias de Manuel Cavalcanti e toda uma página intitulada “Musa em férias”, de sonetos transcritos e originais de Israel Fonseca e Livino Ferreira.

Como ocorria desde o I, o jornal deu total cobertura noticiosa à realização do III Congresso de Jornalistas do Interior, realizado em Vitória de Santo Antão, continuando a fazê-lo quanto aos subsequentes.

A maior edição de aniversário verificou-se a 4 de outubro de 1935, num total de 26 páginas, em quatro cadernos, toda a primeira ocupada com uma alegoria ao décimo ano de existência da Gazeta, e a terceira com fotogravura do futuro prefeito constitucional Raimundo Moura Filho, a ser eleito quatro dias após; mais clichês e farta colaboração especial. Entretanto, só se efetivou a posse do novo administrador a 15 de agosto do ano seguinte, motivo de uma edição extraordinária de 10 páginas, em papel superior e excepcionalmente confeccionada na oficina do Diário da Manhã, no Recife.

Ainda em 1935 veio a distribuir-se, por algum tempo, junto às edições da Gazeta, o suplemento Correio Universal, do Rio de Janeiro. Outros colaboradores esporádicos foram aparecendo, tais como: Costa Porto, José Murinho, Nídia Correia Leal, dr. Paulino de Barros, Severino Cavalcanti, Marius, Zarb, ou seja, José Braz Pereira de Lucena Filho; Marcus André e, já no fim de 1936, Manuel Cavalcanti mandava, do Rio de Janeiro, as “Notas de um repórter noviço”. Divulgou, novamente, os atos oficiais da Prefeitura.

Ao atingir o n.º. 413, de 6 de fevereiro de 1937, houve necessidade de suspender-se a circulação, a fim de a máquina impressora ser submetida a reparos. Como demorasse esse trabalho, a direção distribuiu boletins, lembrando que a Gazeta não morrerá. Voltou, realmente, a 23 de junho, obediente ao lema “Tudo por Limoeiro e por seus interesses”.

A edição de aniversário, divulgada a 2 de outubro desse ano, saiu apenas com quatro páginas, nela escrevendo o editorialista:

“Doze anos de atividades de um jornal, numa cidade do interior, representam de verdade uma longa etapa de trabalhos e sacrifícios. Para muitos a vida de um jornal se passa no meio de facilidades e maravilhas de toda espécie. Os que não lutam dentro das oficinas, os que não conhecem os mesteres do jornalismo matuto alimentam, lá fora, a impressão de que o proprietário de um jornal é o mais feliz dos homens. O jornal, uma fonte de rendas inesgotáveis.

Mas - acrescentou - a realidade é muito diversa. Aqui, desde a matéria que vai ser composta até a distribuição aos assinantes, é uma série ininterrupta de trabalhos que está a desafiar a paciência dos mais pachorrentos e mais fleugmáticos”.

Aludiu à incompreensão dos leitores, aduzindo: “E se o livro de assinantes contasse muitas centenas de assinaturas! sabe Deus que vida do diabo é convencer uma pessoa de que deve auxiliar o jornal da terra!”(2).

---

(2) Havia, sobretudo, a turma dos "penetras", a respeito da qual já a 9 de fevereiro de 1935 se havia manifestado a Gazeta de Limoeiro, em expressivo comentário, salientando: "Uma campanha que se devia elastecer por toda a imprensa, principalmente a do interior, consiste no combate ao expediente utilizado por muitas pessoas, que deixam de adquirir o jornal para tomá-lo empresta-

Tomando novo alento, o semanário admitiu um redator para a crítica cinematográfica: Esmeraldo Correia, que o fazia usando o pseudônimo Cineasta. Vieram mais as seções ligeiras: “De perfil...”, por O. P., e “Broadcasting”, por N. V., enquanto se intensificava, já em 1938, o noticiário, reduzida a menos de duas páginas a parte de reclames comerciais. O comentarista redacional abordava temas de interesse local.

Não vinha circulando com a devida regularidade o hebdomadário, e em fevereiro de 1939 (Norberto Vale escrevia “Chutes e pegadas”) parou novamente. Retornou, com o n.º. 467, a 5 de agosto, apresentando aspecto gráfico mais lisonjeiro. O artigo “Vida nova” esclareceu: “Fatores importantes determinaram sua suspensão por muitos meses”. Um fator também importante fez que voltasse a Gazeta: “não era possível - dizia - a cidade continuar sem um portavoz”. Nada de programa novo. Precisava, sim, “de assinaturas, de anúncios, de simpatias”; queria “trabalhar para o engrandecimento de Limoeiro”.

A colaboração incluía os nomes de Vicente A. Dutra, padre Otávio Aguiar, Eulino Barbosa e Pedro Amaro. Boa seção de “Perfis”, com assinaturas diferentes. Uma edição de oito páginas, a 17 de dezembro, foi dedicada ao encerramento do curso da primeira turma de bacharéis em ciências e letras do Ginásio de Limoeiro, repleta

---

do a quem compra”. Conclui com apelo: “Comprem o jornal. Não é um favor. É um dever. É o interesse geral que lucra”.

de clichês, impressões dos concluintes e discursos dos professores Costa Porto, o paraninfo; Fernando de Oliveira Mota e José Lourenço.

Outra suspensão verificou-se no princípio de 1940, de menor vulto, pois a 6 de abril estava novamente em forma a resistente Gazeta. E mais colaboradores vieram à luz, a saber, rematando o último período de suas atividades: Augusto de Azevedo, com a crônica “Intra-Muros”; Chefe Barros, abordando Escotismo; Arnaldo Duarte (da Costa), José Miranda, João Viana, o das “Lições de Mecânica”; Falins; dr. Oscar Barreto, Alfredo Pessoa de Lima, J. Toscano, Cláudio Tuiuti Tavares, Austriclínio Brandão, etc.

Marchando para o fim, um editorial de 14 de setembro ocupou-se da situação de dificuldades criadas pela guerra, com reflexo na imprensa. Papel, tinta, tipos, tudo chegava a “preços centuplicados”. Acentuou: “O fato, em resumo, é que não podemos continuar a circulação do nosso hebdomadário. Ele vai tomar umas férias forçadas...” Dispunha-se a empresa a transferi-lo por arrendamento, sugerindo: “A Municipalidade bem podia ser a arrendatária e tornar-se a Gazeta um órgão oficioso ou oficial”.

Não houve pretendentes. Publicaram-se mais alguns números, inclusive o de 5 de outubro, contendo oito páginas, comemorativas do 15º aniversário, cujo editorial, intitulado “Três Lustros”, ainda vislumbrava esperanças.



Finalmente, ocorreu o “canto de cisne” com o n.º. 510, de 26 de outubro de 1940. A direção, “em face dos motivos já conhecidos”, resolveu “suspender, temporariamente”, a circulação da folha, que jamais voltaria à arena (Bib. Púb. Est.)(3).

## O ALVI-RUBRO

Publicou-se o n.º. 1 no dia 7 de setembro de 1926, “em homenagem à embaixada do Société Sport Club, de Morenos”, convidada para uma disputa de futebol com o Centro Limoeirense. Teve como redatores Ramiro Santos, Pedro de Holanda e Carlos Lopes, “além de colaborações várias”. Não resta comprovante. (Notas escolhidas no n.º. 2).

Decorridos mais de três anos, saiu a lume o n.º. 2, datado de 25 de janeiro de 1930, formato de 38 x 28, quatro páginas de quatro colunas, editado por A Pátria, em “homenagem “aos campeões de 1930” e “às diretorias efetivas de 1930 do Centro Limoeirense”. Direção de Ramiro e José Bernardo de Araújo. Esperava, consoante o editorial sob o título “Reaparecendo...”, “cumprir o seu programa”, fazendo o que estivesse “ao alcance da modéstia da pena de seus redatores, para conseguir, pelo menos, o apoio dos limoeirenses bem intencionados e a gratidão justa dos que são por ele homenageados”.

---

(3) Coleção cheia de lacunas

Toda impressa em tinta vermelha (como seriam as subsequentes), a edição divulgou ampla reportagem a respeito da visita do Fluminense Futebol Clube, do Recife, e sua derrota perante o Centro Limoeirense; o soneto "Saudação aos campeões", de Bernardo, também autor da crônica "Saudação à Madrinha", que era Dulce de Almeida; crônicas literárias de Severino Lucena e Antonio de Jesus (pseudônimo de Teotônio Rodrigues da Silva) e nomenclatura das novas diretorias - masculina e feminina, ilustradas com os respectivos clichês.

Saiu o n.º 3 no dia 20 de setembro de 1931, declarando-se "propriedade do Centro Limoeirense", em "homenagem aos embaixadores do tricolor morenense". Os mesmos diretores; noticiário das festividades do 18.º aniversário do Centro e do jogo a ser disputado com o "Societé"; clichês da turma da nova diretoria; artigos de colaboração de Teotônio Rodrigues, Ramiro Santos e Stela Bezerra e soneto de A. B. J.

O n.º 4 só apareceu quatro anos depois, ou seja, a 26 de outubro de 1935, sob a direção de Ramiro e Manuel Gonçalves de Melo, ocupando-se da posse das novas diretorias do Centro, masculina e feminina, repleto de fotografias; da entrega de condecorações aos campeões do ano e da inauguração de novos serviços realizados na sede; mais uma "Saudação" de Gabriel Prazeres. Diferentemente dos anteriores, vendeu-se o exemplar a 200 réis (Arquivo Ramiro Santos e Bib. Púb. Est.).

## JORNAL DA FESTA

Consoante pesquisa de Raimundo Mota, circulou pela primeira vez a 1.º de janeiro de 1928.

“Órgão de Graças e Frivolidades, propriedade da Gazeta de Limoeiro”, foi possível manusear comprovantes dos n.ºs. 46 e 48, ano V, de 11 e 13 de janeiro de 1932. Formato de 27 x 19, quatro páginas de três colunas. Diretor - Comprido Moreno; redatores - Quantos Queiram. Sua matéria constava de comentários e noticiário específico; troças, crônicas ligeiras, perfis, concurso para apurar qual o rapaz mais feio da cidade e cerca de uma página de anúncios (Arquivo Fausto Souto Maior).

À falta de mais exemplares guardados pelos colecionadores particulares, vale transcrever a primeira notícia encontrada a respeito, inserta na Gazeta de Limoeiro de 2 de fevereiro de 1935: “Durante o novenário de São Sebastião, ultimamente realizado nesta cidade, circulou diariamente o nosso confrade Jornal da Festa, que há muitos anos vem dando o ar de sua graça na fase daquela festa. De formato pequeno, trazendo, porém, colaboração farta, aquele órgão era como que a kodak social da Festa de São Sebastião. Como seu diretor, funcionou Fu...lano, sendo redator Si...crano”.

Outra informação da mesma Gazeta, edição de 11 de janeiro de 1936: “Circulou ontem o primeiro número do Jornal da Festa, dedicado às homenagens a São Sebastião”.

Encontrada, por fim, uma série de comprovantes a partir do n.º. 93, ano X, de 16 de janeiro de 1937. Formato de 31 x 18, quatro páginas, impresso na oficina da Gazeta de Limoeiro. Dizia-se “Órgão da Alegria”. Publicado diariamente, atingiu o n.º. 100 no dia 23.

Voltou em 1938, apresentando como diretores Gil & Van, substituídos, nas edições de 1939, por Poli & Carpo.

Após longo hiato na coleção manuseada, aparece o n.º. 150, ano XVI, datado de 17 de janeiro de 1947, declarando uma nota de abertura haver o Jornal da Festa ressurgido após dois anos de suspensão. Diretores - Os três G: Gilda, Gafanhoto e Getúlio, pseudônimos, respectivamente, de Gilberto Gurgel do Amaral, José Almeida e José Gonçalves de Oliveira. As edições do ano atingiram o dia 26 de janeiro.

Seguindo curso normal, dando oito a dez edições cada mês de janeiro, nos dias de novenário, variando de quatro a seis e oito páginas, a matéria da festiva gazeta constava, invariavelmente, de crônicas, versos ligeiros, concursos, enigmas, troças e indiscreções, tudo à base do melhor humor, sempre crescente, no entanto, a parte de reclames comerciais. O preço do exemplar, estabelecido em 100 réis, foi aumentando de ano a ano, até Cr\$ 1,00 em 1954.

Direção do Jornal da Festa, segundo a coleção pesquisada: 1948 - Os três K: Kid, Kato e Kusuk; 1949 - Pimpinela, Biriba e Marreco; 1950 - Diabo Branco, Águia Negra e Zorro; 1952

- Don Quixote, Balzac e Policarpo Quaresma; 1953 - Kala-pago; 1954 - Jeca Tatu. Responsáveis reais: variavam entre Ricardo Seráfico, José Gonçalves de Oliveira, Antonio Viúvo Pereira de Lima, Tales Marinho de Andrade Lima e João Tavares. Ao atingir 1954, era "órgão de ataques e... gargalhadas". O trabalho material não mudou de tipografia, esta já adquirida por Antonio Demétrio Bezerra(1) (Arquivo Manuel Galego).

## A PÁTRIA

Literária, Noticiosa e Informativa - Inexistentes comprovantes das duas primeiras edições, publicou-se o nº. 3 no dia 15 de dezembro de 1929, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de Ferreira & Irmão; diretor - Narciso Ferreira dos Santos; redator-secretário - Jonas Ferreira dos Santos. Redação e oficina à rua Senador Severino Pinheiro, 26. Publicação semanal das quartas-feiras, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Número avulso - 0\$200.

Jornal de lisonjeira disposição material, tendo as letras do título impressas em tinta vermelha, com quase duas páginas, as do centro, de anúncios, era também redigido com apuro, salientando-se, entre seus colaboradores, o poeta Israel Fonseca. Manteve seções diversas e um

---

(1) A publicação prosseguiu em 1955 e anos subsequentes.

concurso para apurar qual “a senhorinha mais bela da cidade”.

Circulou semanalmente, com regularidade, até, pelo menos, o n.º. 38, ano II, de 3 de setembro de 1930, edição de seis páginas (Arquivo Ramiro Santos e Bib. Pú. Est.)(1).

## A LUTA

Órgão Noticioso, Literário e Defensor dos Interesses do Município de Limoeiro - Em substituição ao precedente, saiu o n.º. 1, ano I, a 25 de outubro de 1930, em formato de 38 x 28, com seis páginas de quatro colunas, meses após alterado para três colunas de 15 cíceros. Direção de Jonas Ferreira dos Santos, ao qual logo mais se juntou Narciso Santos, na qualidade de gerente. Redação e oficina à rua Santo Antonio, 97. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Preço do exemplar - 200 réis.

“Sem ser hebdomadário dos mais perfeitos - dizia o editorial de apresentação - ela procura, pela sinceridade de suas afirmativas e pela vibração entusiástica da mocidade livre de Limoeiro, constituir-se a guarda avançada dos ideais de critério e justiça, de civismo e de liberdade”. Adotava a divisa: “Tudo pelo povo e para o povo”.

---

(1) Só encontrados, em ambas as fontes, números esparsos.

A edição de estréia estampou, na página da frente, fotografura do Interventor Carlos de Lima Cavalcanti e o soneto "Viva a Revolução!", da lavra de Siqueira Campos II, ilustrado com uma bandeira vermelha, desenho talhado em madeira. Colaboração especial de Teotônio Rodrigues, também com a assinatura Téo Silva, e padre Arruda Câmara.

Seguiu-se a publicação regularmente, constituindo-se sua matéria de comentários gerais, noticiário, atos oficiais da Prefeitura, alguns artigos assinados, a crônica seriada "Pingos", de Israel Fonseca, e uma parte de reclamos comerciais, variando a quantidade de páginas entre quatro, seis e oito.

A certa altura, A Luta, que não tinha ligações políticas com a administração municipal, entrou em polêmica com a Gazeta de Limoeiro, por questões ligadas à Companhia Elétrica, ao passo que a colaboradora Stela Bezerra se batia, em discussão de caráter filológico, com Manuel Cavalcanti, redator da mesma Gazeta.

Publicado o n.º. 29, de 23 de março de 1931, foi A Luta suspensa "por motivos superiores e independentes de sua vontade"; mandou-a fechar o governo revolucionário do Estado, por intermédio do seu delegado de polícia.

Reapareceu - n.º. 30 - a 11 de julho, quando passou a adotar o sub-título: "Órgão político e noticioso - Não é governista nem oposicionista - É livre". E escreveu a redação: "Obrigada a parar no meio da reta que vinha trilhando, A Luta,

reiniciando a sua marcha, só pode seguir pela mesma reta". Sua meta era a "procura da Liberdade, da Justiça e do Direito".

Cumpriu o programa traçado, sem mais atritos. Eram raros os colaboradores, a salientar Aristides de Figueiredo e Stela Bezerra.

O último número avistado foi o n.º. 37, posto em circulação no dia 5 de setembro de 1931 (Bib. Púb. Est. e Arquivo Ramiro Santos)(1)

## DIÁRIO DA FESTA

Jornal de Graça e Bom Humor - "Obedecendo à mesma direção, ao mesmo critério e ao mesmo programa do ano passado", publicou-se o primeiro número da série de 1932 a 11 de janeiro, dia do início do novenário da festa de São Sebastião. Formato de 28 x 18, quatro páginas a três colunas de dez cíceros. Direção e propriedade de Policarpo e Zé da Festa. Impresso na tipografia d'A Luta.

Sua matéria, a par do noticiário, constou de "pilhérias ingênuas e simples", com o desejo único de alegrar os "leitores e gentis leitoras", conforme explicou, cumprindo à risca o enunciado. Colaboração ligeira, assinada por K. Pristano, Rosa Maria, P., Aquila Alba e X. Abriu concurso para a escolha da "Deusa da Festa".

---

(1) Coleções desfalcadas.



Uma página era de anúncios (Arquivo Fausto Souto Maior).

## A PIMENTA

Folha humorística, publicou-se, possivelmente, no ano de 1931, dela não restando nenhum vestígio. Mencionou-a Antonio Vilaça, sem pormenores, em artigo no Jornal do Comércio, do Recife, edição de 12 de junho de 1954.

## O MOMENTO

Órgão Independente e Noticioso - Surgiu no dia 24 de outubro de 1931, em formato de 38 x 26, com seis páginas de quatro colunas, sendo as letras do título, enormes, cavadas em madeira, a canivete. Diretor - João Coimbra; redatores - "diversos". Local da redação: rua de Santo Antonio, 363.

Publicado na data do primeiro aniversário da vitória da revolução de 1930, o editorial de abertura focalizou os problemas da "salvação nacional", ainda não solucionados. Havia necessidade de iniciativas e, para estimulá-las, para esclarecer e orientar, aparecia O Momento, não obediente a nenhuma organização partidária.

Exibiu clichê do presidente paraibano extinto, João Pessoa, inserindo diferentes artigos, noticiário, atos oficiais da Prefeitura e boa messe de reclames comerciais.

Só existe comprovante do número de estória (Bib. Púb. Est.).

## CORREIO DE LIMOEIRO

Noticioso e Informativo - Apareceu no dia 19 de março de 1932, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção de Jonas Ferreira dos Santos; gerente - Narciso F. dos Santos. Preço do exemplar - 100 réis.

“Sem ligações nem partido, livre das injunções partidárias, que tanto mal causam a todas as organizações que precisam de ser livres, afastado da politicagem que tudo desorganiza e a tudo arruina”, o Correio “deverá marchar vitorioso e altivo pela estrada luminosa do futuro”. Tal, em resumo, o programa lançado em artigo assinado por B. A., que recebera convite especial, do diretor, para redigi-lo. Terminou desejando-lhe vida longa, ao contrário dos demais órgãos já aparecidos na terra limoeirense.

Os três primeiros números avistados - o último dos quais datado de 2 de abril - apresentaram, além de ligeira colaboração de B. A. e G. M., transcrições, pequeno noticiário, atos oficiais da Prefeitura e anúncios.

Depois de enorme lacuna, aparece na coleção manuseada (continuou sem interromper-se) o nº. 72, ano II, de 5 de maio de 1934, já em formato de 38 x 27, a quatro colunas de composição. Sob o título, ostentava o slogan: “Por Limoeiro, tudo...” Diretor-redator-chefe - Edmar

Lopes; diretor-redator-secretário - Cândido Costa, funcionando a redação e oficina à rua da Matriz, 103. Publicação aos sábados. Gerente - Jonas Santos. 10\$000 por assinatura anual e 0\$200 pelo número avulso.

Em artigo intitulado “Leitor, bom dia...”, o primeiro dos diretores focalizou, no mencionado nº. 72, sua atuação noutros jornais que dirigira e a agitação, própria do seu temperamento, que o fazia ter “horror à estagnação”, mas terminando por aconselhar a paz: “O Correio, nesta fase, não provocará dissensões, mas se esforçará com sinceridade e desprendimento para solidificar a necessária harmonia da família limoeirense”.

Na edição seguinte o periódico saiu com seis páginas, para continuar com oito. Tornou-se bastante noticioso, bem servido de reportagens e entrevistas, além de graficamente bem feito, nada obstante a messe de anúncios que passou a acumular. Divulgava os atos oficiais da Prefeitura.

Ocorrendo um mês de trégua após o nº. 79, seguiu-se a existência do Correio de Limoeiro (sem mais slogan), o formato acrescido para 50 x 29, cinco colunas de composição, daí por diante circulando com quatro páginas, as do centro repletas de anúncios. Teve a colaboração de Levino Ferreira, ora com a “Quinzena musical”, ora com a crônica “Fragmentos”, abrindo a primeira página artigos de Carlos Lopes.

Este último passou, no nº. 85, para o cabeçalho, na qualidade de redator-chefe e logo se

retiravam dele os nomes anteriores, assumindo a direção Otelo Bezerra. Começava aí nova orientação: o jornal dedicou-se à propaganda da candidatura Carlos de Lima Cavalcanti ao governo do Estado, indicado pelo Partido Social Democrático. Ao mesmo tempo, bateu-se, em polémica, com a Gazeta de Limoeiro, que a combatia.

Era instável a vida do Correio. Após o n.º 87, de 22 de setembro, ficou suspenso(1), só reaparecendo no dia 10 de novembro, apenas no cabeçalho o nome de Edmar Lopes (de volta), como diretor-redator. Tinha sustado a publicação "por motivos superiores"(2). E o editorial da primeira coluna ocupou-se do irreduzível feu-

---

(1) Durante a curta ausência do Correio, circulou A Voz de Limoeiro, obedecendo ao mesmo programa político.

(2) Dizia um dos tópicos da nota explicativa: "O jornalismo, principalmente no interior, é realmente um posto de grandes e inigualáveis sacrifícios. Tudo lhe é adverso. Da deficiência de renda à guerra surda ou declarada que lhe movem, ininterruptamente, os analfabetos e semi-analfabetos que fazem a maioria das populações espalhadas por todo este Brasil abandonado e infeliz. E dentro desta maioria estúpida e lastimável estão justamente os potentados, donos de muito dinheiro, imbecis mas rancorosos que dominam a mesma maioria despersonalizada e cretina e que procuram esmagar quem quer que seja capaz de perturbar-lhes o domínio e as digestões penosas e demoradas de grandes comedores de porcos raciados com a miserável espécie humana".

do político de Limoeiro, que fizera o situacionismo perder as eleições de outubro.

A par da orientação política, pouco depois a folha instituiu concursos para apurar quais “a mais bela moça”, “o rapaz mais simpático” e “a mais linda menina” de Limoeiro, afora notícias ligeiras da vida social e quase três páginas de anúncios.

A última alteração ocorreu no n.º. 93, de 15 de dezembro. Tornara-se o semanário “independente”, tendo como proprietário José Bezerra da Silva. Entrou um secretário-gerente: Nero Lopes, enquanto Edmar passava a diretor-redator-chefe. Melhorou a parte redacional, distribuindo-se noticiário geral e abundante. Novos colaboradores: José Miranda, Jotarruda (João Cabral de Arruda), Fernando de Oliveira Mota, Pedro Amaro e outros.

Atingido o ano de 1935, prolongou-se a existência do Correio de Limoeiro até o n.º. 110, de 11 de maio, provavelmente último número publicado (Bib. Pú. Est.).

## **A VOZ DE LIMOEIRO**

Jornal político, deu à luz o n.º. 1, ano I, a 6 de outubro de 1934, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Otelo Bezerra; redator-chefe - Carlos Lopes. Impresso em oficinas próprias, à rua da Matriz, 103. Assinatura anual - 10\$000; preço do exemplar - 0\$200.

Substituiu o Correio de Limoeiro, “cujo proprietário resolveu não mais editá-lo sob direção estranha”, conforme o editorial de abertura, que acrescentou: “O nosso lema é pugnar por um Limoeiro desprendido da politicagem estreita, pessoal”. Terminou tecendo encômios ao prefeito João Marinho Falcão e ao governador Carlos de Lima Cavalcanti, cujas fotogravuras apareceram ilustrando o artigo.

Sua matéria constou de propaganda dos candidatos do Partido Social Democrático, às eleições de outubro; reportagem caricatural sobre a visita à cidade do capitão João Alberto, candidato opositor ao governo Estado; críticas à Gazeta de Limoeiro; crônica literária de Nestor César; notícias ligeiras e anúncios (Bib. Púb. Est.).

Não foi possível apurar se A Voz de Limoeiro ficou apenas no primeiro número. O certo é que o Correio de Limoeiro voltou ao seu lugar no mês seguinte, a 10 de novembro.

## **O RISO DA FESTA**

Circulou a 31 de dezembro de 1934, inserindo matéria ligeira e anúncios. Formato pequeno, com quatro páginas, imprimiu-se na tipografia do Correio de Limoeiro (Arquivo Manuel Galego).

## ESTUDANTES

Órgão do Círculo de Estudos D. Ricardo Vilela - Entrou em circulação a 24 de novembro de 1936, em formato de 27 x 19, com 32 páginas de papel acetinado e capa em cartolina de cor. Imprimiu-se na tipografia da Gazeta de Limoeiro, sob a orientação do professor Antonio de Souza Vilaça. Redação no Ginásio de Limoeiro.

Tratava-se, segundo o editorial de abertura, dos “primeiros frutos produzidos pela pequenina semente lançada, em feliz hora”, na terra limoeirense, “pelo padre Nicolau Pimentel”. Afirmava-se a mocidade, “publicando a sua tão esperada revista, que um ideal a apaixona febrilmente”.

Concluiu o artigo (sem assinatura) do professor José Lourenço: “Também aqui se iniciam, desde agora, os nossos jovens, treinando, risinhos e decididos, as suas capacidades de inteligência, a qual querem toda devotada à grandeza da Pátria que amam com a generosidade e o entusiasmo dos moços”.

A par de páginas ilustradas, de homenagem ao bispo Ricardo Vilela e a distinguidos professores, outras de quadro de concluintes e honra ao mérito, Estudantes inseriu colaboração do professor Arnaldo Duarte (sem assinatura) e dos ginasianos José Geraldo, G. Lobo, E. Araújo, José Maria Falcão, Maria Eliete Bione, Valdecírio Rodrigues, José Domingues, Mário Jácome

Filho, Maria de Lourdes Barbosa, Artur Moura, professor Agostinho Leão e outros.

Encerrou a edição a nota “Nossa revista”, de V. (Antonio Vilaça), que focalizou as dificuldades enfrentadas para dar conta de sua tarefa, concluindo que a vida do magazine findava mesmo no primeiro número (Arquivo do Ginásio de Limoeiro).

Entretanto, reapareceu Estudantes feito jornal, “órgão do Ginásio de Limoeiro”, do qual raros comprovantes foi possível manusear. A edição de 11 de dezembro de 1941 apresentou oito páginas, formato médio, a cinco colunas de composição, estampando retratos de professores e concluintes. Abriu com artigo do professor Vilaça, seguindo-se discursos de formatura, artigos de Nivaldo Barbosa e Agripino Almeida; notas diversas e minucioso relatório de atividades e realizações, intitulado “O Ginásio de Limoeiro em 1941”.

Bastante reduzida foi a edição de 30 de julho de 1944: unicamente quatro páginas de quatro colunas estreitas, assim como a de 29 de julho de 1945, ano VI, n.º. 27, quando constou do cabeçalho: direção de Valdemir Cavalcanti e José Almeida. Já no n.º. 28, de 7 de outubro do mesmo ano, não apareciam nomes, igualmente no número seguinte, ano VII (repetido o n.º. 28), de 17 de abril de 1946, contendo seis páginas (Arquivo J. Almeida).



## BANGUÊ

Noticiou o Jornal do Recife, a 25 de agosto de 1937, haver surgido, em Limoeiro, a revista em epígrafe, destinada “a defender a laboriosa classe dos bangueseiros de Pernambuco”. Tinha como diretor José Ferreira Lima e ficou reduzida ao exemplar único, de pequena tiragem e formato diminuto, com poucas páginas, inserindo artigos e comentários em defesa da lavoura canavieira.

## JORNAL DE LIMOEIRO

Entrou em circulação a 8 de janeiro de 1938, obedecendo ao formato de 50 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Propriedade da Empresa Jornal de Limoeiro S/A; diretor-geral - Cândido Costa; diretor-gerente - Otacílio Teobaldo; redator-chefe - Arquimedes de Melo Neto; redator-secretário - Manuel Steple. Redação e oficina à rua Cleto Campelo, 92. Preço do exemplar - 0\$200. Assinaturas: ano (para todo o país) - 10\$000; semestre - 6\$000.

O município estava necessitado de um órgão informativo, que lhe estimulasse e patrocinasse “as grandes causas”. Daí, segundo o artigo de apresentação, o aparecimento do Jornal de Limoeiro, mas “sem programas complicados”, frisando: “Tudo está a depender do povo. Nós precisamos do povo. Nós queremos trabalhar com o povo”.

Tendo quase duas páginas de anúncios logo de entrada, a folha desenvolveu, principalmente, a parte noticiosa, dispondo também de uma seção sobre Agricultura.

Semanário, o n.º. 3 circulou no dia 22, não havendo notícia de ter prosseguido a publicação (Bib. Púb. Est.).

## EXPOSIÇÃO

Circulou no dia 7 de setembro de 1938, em formato de 32 x 17, com quatro páginas de duas colunas. Diretor - Henir Red Rheni.

Tendo “como objetivo o humorismo”, abriu com “Um apelo”, declarando: “Por isso, Henir pede aos leitores que não levem a mal as brincadeiras publicadas e lhes dêem a interpretação que de fato elas têm”.

Em artigo, focalizou a I Exposição Agro-Pastoril de Limoeiro, cujo recinto constituía uma atração da cidade. Assim é que o jornalzinho circulou diariamente, enquanto durava o certame, até o n.º. 9, do dia 18, constando sua matéria das seções “A Rainha do passeio é...”, “Uma por dia”, “Berlinda”, “O que elas desejam”, “Coisas ligeiras”, por Procópio, “Entrevistas de dois minutos”, “Carta ao meu cumpadi Necu”, de Simplício, “Verdades e mentiras”, etc.

A derradeira edição homenageou, com retrato, o organizador da Exposição, bacharel Braz Lucena, e a Rainha Nídia Leal (Arquivo Manuel Galego).

## VIDA ESPORTIVA

Apareceu no dia 7 de maio de 1947, em formato regular de quatro colunas, com quatro páginas. Diretor e redator - José Almeida. Publicação das quintas-feiras.

Era “um jornalzinho de estudantes”; talvez “boletim ou prospecto”, não “propriamente, um jornal, devido à incerteza da circulação”; nasceu “sem saber se vai viver muito ou pouco”, tudo dependendo dos “homens de dinheiro” da terra. Mas, nada de partidarismo, segundo o editoralista do conciso artigo de apresentação.

Sua matéria correspondeu ao enunciado no título, incluindo seções humorísticas. Na última página, só reclames comerciais (Arquivo Otávio Cavalcanti).

Embora a inexistência de outros comprovantes, informou o redator José Almeida ao pesquisador, que circularam mais cinco edições da Vida Esportiva.

## ÁLBUM DE LIMOEIRO

Ano de 1949 - Apresentou-se com 30 páginas, formato de bolso, no sentido oblongo, impresso em papel couchê, capa de cartolina. Foi inspirado “no propósito de documentar o progresso de Limoeiro, a terceira cidade do Estado de Pernambuco”.

Além de algumas linhas de entrada, só inseriu fotografias da cidade, com legendas ligeiras (Bib. Mun. Pesqueira).

## O TRABALHO

Órgão Oficial dos Alunos do Grupo Escolar Moraes e Silva - Manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço, assim se apresentou a edição de agosto/setembro de 1949, servida de colaboração infantil, desenhos e noticiário escolares.

Segundo os comprovantes existentes de 1952 - maio, junho e setembro - tinha O Trabalho, então, como diretor Pedro Mateus e redator Antonio Rafael. Essa turma foi substituída, em 1953, por Natanael Dourado e Cleanto Aguiar, respectivamente, e em 1954, por Antonio José L. Salsa e Reginaldo R. de Queiroz, tendo circulado em novembro o derradeiro número do ano (Dept. Cultural da SEEC).

## PÁGINAS DE LIMOEIRO

Bem organizado álbum, dirigido e redigido por Antonio de Souza Vilaça, com a cooperação de sua esposa, Sra. Evalda Rodrigues Vilaça, circulou em fins de 1952, contendo 110 páginas de papel couchê, capa dura, formato oblongo de 22 x 26. Confeção material das oficinas do Jornal do Comércio, no Recife.

Era seu objetivo, expresso no editorial de abertura: "...ensejar aos de fora, aos que não conhecem nosso município, oportunidade de terem diante de si uma visão documentada do passado e do presente de Limoeiro; e aos que vivem e exercem suas atividades entre nós, estimular no seu trabalho e no seu amor à terra querida".

Adiantou o articulista, entre outros conceitos: "Pelos dados estatísticos que apresenta e mais ainda pela documentação fotográfica que o ilustra abundantemente, Páginas de Limoeiro não servirá apenas de perfil, o mais possível exato, de uma cidade acolhedora e progressista, mas também de provadas qualidades e da capacidade de um povo e de um município de Pernambuco que não querem estar ausentes da história de nosso querido Estado".

Sumário apresentado: "Carta de Sesmaria", "Notícia histórica", "Dados gerais do município", "Participação de Limoeiro nos movimentos históricos", etc., ilustrado com desenhos paisagísticos de Percy Lau e A. Albuquerque, além de numerosas fotografias de personalidades limoeienses e mortos ilustres.

Na página do fim, ressaltou Antonio Vilaça ter visado, com sua iniciativa, "a realçar aspectos interessantes de Limoeiro e a dar aos limoeienses uma publicação onde pudessem ser encontrados esses aspectos interessantes de sua história, de sua geografia, de sua economia e de seus homens" (Arquivo Vilaça).

## A NOSSA VOZ

Mensário das Alunas do Ginásio Regina Coeli - Circulou pela primeira vez em maio de 1953, formato de 40 x 30, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Sob a orientação do padre Jaime C. Diniz, exibiu o seguinte corpo redacional: diretora - Geni Teixeira; secretária-geral - Mariluce F. Lima; redatora-chefe - Conceição Santana; auxiliares - Virginia Mota, Digna Silva, M. Lúcia Amaral e M. Socorro Neto.

Fez ligeira apresentação o padre orientador, que aludiu à capacidade dos jornais estudantis de “fazer brotar preciosas vocações para o jornalismo, ou mesmo revelar valores para as nossas letras”.

A edição inseriu artigos das redadoras, seções instrutivas, outras recreativas, noticiário das atividades colegiais e alguns anúncios.

Em prosseguimento, publicou-se o n°. 2-3, correspondente aos meses de junho/julho (seis páginas), terminando o ano com o n°. 4, datado de agosto.

O n°. 1, ano II, foi entregue à circulação no mês de abril de 1954, aí terminando a existência d'A Nossa Voz que, além das seções mantidas, divulgava produções do padre Diniz e das alunas E. Alves, M. Layse Barbosa, P. Lopes, Terezinha A. Pimentel, Mariluce F. Lima ou Mary-Lucy, Judite, Haydée, Zaroni Silva, Ade-

laide Fernandes, Tacira e C. Santana (Arquivo do Ginásio Regina Coeli e Bib. Pú. Est.).<sup>(1)</sup>

## O LIBERTADOR

Libertas, quae sera tamen - Inexistente exemplar da edição de estréia, circulou o n.º 2, ano I, a 29 de agosto de 1953, em formato de 38 x 28, com seis páginas a cinco colunas de composição. Fundadores - Seráfico Ricardo, Clóvis Costa e João de Andrade Lima, este tendo a responsabilidade da direção; redator-chefe - Armando Antunes; secretário - Tales Marinho de Andrade Lima. Impresso no Recife, na tipografia do Diário da Manhã. Preço do número avulso - Cr\$ 1,50.

Sua matéria constou de reportagem assinada pelo redator-secretário; artigos de Zé Terra, Rosalvo Wanderley Brennand, José Gonçalves de Oliveira, Armando Antunes, Moacir Cavalcanti, Sydney Bartolomeu, Barbosa de Miranda, C. Calógeras e João Lima; ligeiro noticiário e alguns anúncios.

Embora se declarasse quinzenário, não há indícios de ter continuado (Bib. Pú. Est.).

---

<sup>(1)</sup> É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.





## MACAPARANA

### A FOLHA DE MACAPÁ

Primeira publicação local, destinada a sair semanalmente, aos sábados, surgiu no dia 30 de maio de 1931, em formato de 32 x 24, com quatro páginas de três colunas. Diretor-secretário - Fabrício Tavares; redator-chefe - Sérgio Marrocos. Redação à rua Dr. Manuel Borba e trabalho gráfico da oficina do Timbaúba-Jornal. Assinaturas: ano - 10\$000; seis meses - 5\$000. Número avulso - 200 réis.

Nem políticos, nem religiosos - dizia o editorial intitulado "Nós e o nosso desejo". Combateria "a política de partidarismo, de dilapidação, criticando os atos dos que nos governam, condenando-os quando merecerem a condenação pública e louvando-os quando com justiça e o-

portunidade praticados”. Concluiu oferecendo suas colunas ao povo.

A edição inseriu, a par de comentários, noticiário e reclames comerciais, a seção “Colaboração Feminina”, a cargo de Falira (pseudônimo de Josefa Pereira de Lira Cavalcanti).

Prosseguiu A Folha de Macapá, incluindo artigo assinado de Abdias Cabral de Moura. Mas não conseguiu vida mais longa. Parou a circulação após o n.º. 4, de 20 de junho (Bib. Púb. Est.).<sup>(1)</sup>

## A IDÉIA

Entrou em circulação a 4 de julho de 1931, com quatro páginas, obedecendo ao formato da precedente. Diretor - José Leitão; redator - Fabrício Tavares. Impressão da tipografia do Timbaúba-Jornal. Assinatura trimestral - 2\$500. Preço do exemplar - 0\$200.

Apresentou-se com o editorial “O que somos e o que devemos ser”. Seria uma alavanca do progresso de Timbaúba, um coadjuvante do “desenvolvimento moral de nossa tão querida pátria”, adotando a divisa “Harmonia, União e Progresso”.

Circularam, apenas, quatro números, contendo bons editoriais, comentários ligeiros, noticiário, poesias de Altino Lins, Liane

---

<sup>(1)</sup> Não avistados os n.ºs. 2 e 3

d'Altaville e outros; crônica de Juju Assu e alguns anúncios.

O n°. 4 saiu datado de 25 de julho (Bib. Púb. Est.).



## MARAIAL

### O ECHO

Primeira manifestação da imprensa maraia-lense, circulou em maio de 1927, conforme o noticiário d'A Notícia, de Palmares, tendo como diretores Manuel e Antonio Firmino.

Não resta comprovante.

### O INDEPENDENTE

Órgão Litero-Social - Começou a publicar-se no dia 7 de setembro de 1932, em formato de 48 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição, impresso nas oficinas do Jornal do Recife. Diretor - Leônidas Castro; vice-diretor - Pedro Pereira de Lima; redator-secretário - José M. da Costa Júnior; gerente - Guilherme J. Paes Barreto. Redação na rua Major Nereu Guerra. Assinaturas: anual - 12\$000; semestral - 6\$000.

Preenchia-se, com o aparecimento do jornal, uma lacuna existente no município, segundo o artigo de apresentação, que acentuou: "É nosso ideal e nosso anelo defendermos, sob os liames da razão, os interesses altruísticos e justos deste grande povo, em todos os pontos que digam respeito ao seu elevamento, quer seja nos domínios da literatura, da sociedade e dos melhoramentos indispensáveis ao bom desenvolvimento da altivez do seu glorioso nome".

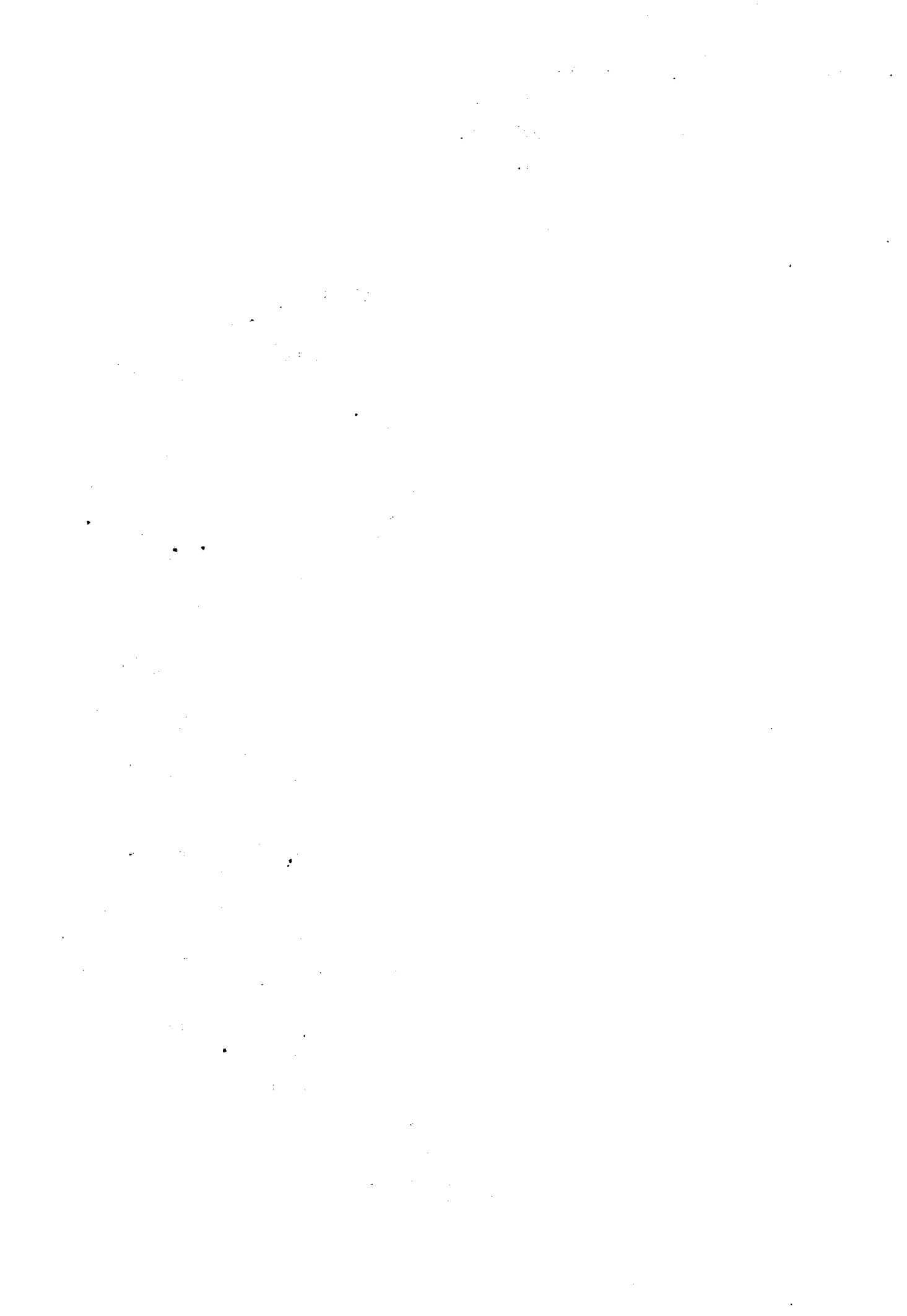
Seguiu o periódico sua meta, cada domingo, passando a ser impresso, desde o n.º. 8, na tipografia do Colégio São Joaquim, em Colônia. Manteve, invariavelmente, a seguinte disposição: 2.ª. página - Literatura; 3.ª. - reclames comerciais; 1.ª. e 4.ª. - matéria de rotina, constante de comentários de interesse local, noticiário; atos oficiais da Prefeitura, Avisos e Editais. Uma das principais preocupações da folha foi o fomento à instrução pública.

A seção literária inseria produções, em prosa e verso, dos membros do corpo redacional e dos colaboradores Francisco Pinto de Abreu, Nilo Tavares, João Luiz de Lima, Ulisses Sarmiento, Audemar Peregrino, Francisco G. Leite, Cláudio Tavares, Carlos Leite Maia, Joel Pinto, Pedro Lima e Artur Brasiliense Maia, além de transcrições.

A partir do n.º. 2, José M. da Costa Júnior ocupou o rodapé da primeira página com a novela de sua lavra "Amores Medievais", sem chegar a terminá-la. Em homenagem ao feito da procla-

mação da República, a edição de 15 de novembro reuniu seis páginas.

Foi último número avistado o 15º., de 25 de dezembro, no qual teve início a divulgação de extensa correspondência de Garanhuns, a respeito da realização do I Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco (Bib. Púb. Est.).





## MORENO

### O ECHO

Órgão Literário e Noticioso - Primeiro jornal publicado no então povoado de Nathan(1), surgiu no dia 11 de março de 1917, datilografado, com quatro páginas. Redatores - Antonio Noronha, José Vilas Boas e José Gomes de Andrade, funcionando a redação na rua do Comér-

---

(1) O primitivo povoado, depois vila, encravado no território de Jaboaão, passou a categoria de distrito, com a denominação Morenos, mediante a lei municipal nº.126, de março de 1920. Transformou-se em cidade e município através da lei estadual nº.1931, de 11 de setembro de 1928, instalando-se a 1º de janeiro do ano seguinte. Teve o nome simplificado para Moreno pelo decreto-lei estadual de 9 de dezembro de 1938. Termo judiciário de Jaboaão, fez-se sede de comarca em fevereiro de 1945.

cio (atual Av. Dr. Sofrônio Portela), 130. Trazia, no cabeçalho, a divisa: "Labor probó Omnia vincit".

Lia-se no conciso editorial de apresentação: "O Echo é a alma da mocidade morenense que, cultivando as letras pátrias e promovendo a difusão de idéias sãs, se constituirá também de uma sentinela avançada às lutas sociais. Ele não tem compromisso partidário, além desse prélio em que se envolve para levar ao porto do seu destino, de envolta ao mar encapelado da Descrença, o lugar que conduz às esperanças de um futuro melhor".

Foram seus primeiros colaboradores: Sebastião Dantas, que iniciou uma seção de Glosas, usando o pseudônimo K. Pêta; Braz, como se ocultava J. Vilas Boas, e Iron, além do noticiário local.

Ao atingir o n.º. 4, passou O Echo a ser impresso tipograficamente, o que ocorreu em Gravatá, nas oficinas do Gravataense, em formato de 28 x 20, com quatro páginas. Mas, a partir do n.º. 5, transferiu-se para a Tipografia e Papelaria São João, em Vitória de Santo Antão, aumentando o formato para 32 x 24. À indicação do sub-título, acrescentara-se a palavra Independente. Tabela de assinaturas: ano - 4\$000; semestre - 2\$500; trimestre - 2\$000; pagamento adiantado. Preço do exemplar - 100 réis.

Publicação semanal, seguiu ritmo regular, sem alterar-se a equipe responsável, sendo J.

Vilas Boas o encarregado dos comentários redacionais e o mentor geral.

A par da colaboração assinada, a destacar Manuel Ferreira Diu, Francisco Batista, Cícero, Rinet e as glosas de K. P. Ta, mantinha seções fixas, como “Carinhas e Carantonhas”, firmada por um sinal de interrogação; “Seção Infantil”; “Reportagem” e “Boletim Social”; mais “Solicitadas” e a quarta página de anúncios. Com o prosseguimento, criaram-se, ainda, “English Section”, “Retalhos humorísticos” e “Correspondências íntimas”, sem faltar o noticiário dos fatos e acontecimentos da localidade ou a ela ligados.

O periódico terminou sua existência com o no. 21, de 9 de agosto (Arquivo Vilas Boas).(2)

## O FANAL

Semanário Lítero-Noticioso e Independente  
- O nº. 1, ano I, publicou-se no dia 8 de janeiro de 1920, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção e propriedade de Manuel Ferreira Diu. Impresso em oficina própria, à rua do Comércio, 137, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; trimestre - 2\$500; mês - 1\$000.

---

(2) As coleções de jornais de Moreno pertencentes ao advogado Vilas Boas, foram por ele doadas, posteriormente, à Biblioteca Pública do Estado.

Constava do artigo-programa: “Seremos indiferentes em absoluto a todo movimento reacionário, não alimentando idéias subversivas, sejam quais forem as fontes donde tenham origem. Pugnaremos pelo desenvolvimento das letras. Aqui terão acesso o pobre, o rico, o estranho, o conhecido, o bonito e o feio, respondendo cada um pelos seus atos dentro dos limites da moral”.

A edição divulgou produções, em prosa, de Jonatas Serrano e Nazir Cardoso; soneto de Hermes Fontes (transcrito); as seções “Coisas alegres”, “Receitas úteis” e “Sportiva”, notas ligeiras e reclames comerciais.

O periódico, que apresentava lisonjeiro aspecto material, circulou normalmente, durante os poucos meses de sua existência, inserindo artigos de abertura e sonetos de M. F. Diu; “A Crônica”, de Lúcio d’Alva; outras produções literárias: de Laura Freitas, Guedes Alcoforado Filho, Aurinha T. da Rocha, X. Y. Z., etc.; transcrições de autores de nomeada; concurso de beleza; as seções iniciais, acrescidas de “O que é correto” e, já no fim, os versos, em oitavas, de Frei Papão, sob o título de “Bisturis”. Também algumas “Solicitadas” e a quarta página cheia de anúncios.

Findou o Fanal com o n°. 16, de 6 de junho (Arquivo Vilas Boas)(1).

## **CORREIO DE MORENOS**

Órgão Noticioso e Informativo - Entrou em circulação a 1°. de janeiro de 1922, em formato de 48 x 31, com quatro páginas de cinco colunas. Propriedade “de uma Sociedade Anônima”, assim se dividia a responsabilidade dos cargos: diretor - João Batista de Carvalho; redator-chefe - José Vilas Boas; Redatores - Ovídio Valois, José Andrade e José Tiago de Miranda; gerente - Guedes Filho. Redação e oficinas instaladas na rua do Comércio, 130.(2) (Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 5\$000; trimestre - 3\$000; mês - 1\$000.

Surgiu - conforme o artigo intitulado “Duas Palavras” - “como um batel rompendo as brumas encapeladas do oceano”, destinado a de-

---

(1) A biblioteca pública do Estado guardava um único exemplar d'O Fanal: a edição de estréia. Agora, possui a coleção completa, graças à doação de Villas Boas.

(2) O local da redação e oficina não se alterou jamais, apesar das mudanças de endereço verificadas no expediente do jornal. Mudava, sim, a denominação da primitiva rua do Comércio, como a seguir: em agosto de 1926 - Estrada de Rodagem n°.130; em janeiro de 1929 - Avenida Barão de Morenos, 130; em janeiro de 1932 - Avenida Cleto Campelo, 3922; em abril de 1940(até hoje)-Avenida Sofrônio Portela, 3922.

fender os interesses da localidade. Era “o esforço de uma plêiade de moços que, sem o rebuço de protagonistas intelectuais, procuram, bebendo a ilustração dos livros mestres, o meio pelo qual possam, com vantagem, transmitir, a quem de direito, as necessidades internas de Morenos”. Seria o porta-voz dos habitantes da vila, amigo de todos, cômico dos seus deveres. E acentuou:

“...os seus fundadores, animados pelo sentimento que nobilita o povo morenense, não vacilaram para alcançar a meta do seu ideal - a fundação deste semanário, cujo futuro entregamos aos nossos amigos, na esperança de que se constituirão as nossas guardas avançadas contra os despeitados, para quem reservaremos a nossa generosidade”.

A publicação seguiu curso normal, cada domingo, comentando e noticiando os fatos e acontecimentos da localidade, dedicada a quarta página a reclames comerciais. Divulgava artigos de Jobacar, (como se ocultava o diretor); as “Cotas”, de M., ou J. M.; a crônica “Realidades”, assinada por S. G. P.; “Impressões”, de Baucon; “Correspondências”, por Agamenon Costa; diferentes produções de Guedes Alcoforado, pai, o mesmo Antenor Gomes; Cícero Barbosa, Enéas Alves, Aleixo, Fritz, aos quais se iam juntando ou sucedendo-se outros, tais como: Laura Silva, com a seção “Para as Crianças”; D. Dias, Severino Gonçalves, J. A. da Silveira, Gil Attico, A. Clarel, J. Nebur, Heribaldo Vieira, sem faltar a turma da redação, sendo o mais assíduo José Tiago de Miranda.

Ao comemorar seu primeiro aniversário, edição de 1 de janeiro de 1923, com oito páginas, a primeira ilustrada por Wald (desenhista Waldemar Costa), o Correio de Morenos substituiu a tabela de assinaturas pela seguinte, mais acessível aos leitores: ano - 6\$000; semestre - 3\$000. Escreveu, então, o editorialista, sob o título “365 dias de lutas”, entre outras considerações:

“No ponto de vista em que traçamos o nosso lema ainda hoje continuamos sem detrimento à opinião pública, trabalhando sempre para, no hostiário das letras, comungarmos a mesma idéia de alevantamento moral desta terra jovem e florescente”.

Retirado do cabeçalho, desde o quinto mês, o corpo redacional, só foi preenchida a lacuna na edição de 11 de novembro de 1923, mas assim reduzido: diretores - João Batista de Carvalho, José Vilas Boas e Guedes Filho. Logo mais, abriu o n.º. 456, de 16 de dezembro, uma nota assinada pelos dois primeiros diretores, lamentando a ausência do terceiro. Ficava, assim, o periódico, adotada nova orientação, sob “única e exclusiva responsabilidade” de J. Vilas Boas e Batista de Carvalho. Não mudaria “o rumo de sua diretriz nem quebraria “a linha de tolerância e de cortesia” mantidas até o momento. Não se imiscuia “nos meandros tenebrosos da política ou do partidarismo rubro e apaixonado”, sem ficar, no entanto, indiferentes aos fatos da localidade, antes comentando-os “com imparcialidade e retidão”.

Uma nota à parte focalizou a personalidade de Guedes Alcoforado Filho, que fora um “bata-lhador incansável” pelas boas causas da Vila.

Passou a constar do cabeçalho, desde o n.º 1, de 6 de janeiro de 1924: “Editado pela Empresa de Publicações Correio de Morenos”. Inseriria, em meio à matéria assinada, as seções “Prós e Contras”, “O Correio Infantil” e “Efemérides”, noticiário geral e atos oficiais, localizando-se a parte de anúncios nas páginas do centro. A edição de 2 de março saiu em cores, dedicada ao Carnaval, estampando charges de Wald e de Craion (pseudônimo de Abelardo Maia). No mês de abril iniciava Zé de Vilas a seção “Trovas”, seguida das “Trivialidades”.

A edição de 7 de setembro teve oito páginas, impressas em verde e amarelo. Bastante ilustrada, ocupando a página de frente, entre vinhetas, boa fotogravura do Governador Sérgio Loreto, constituiu uma “homenagem à grande data do 102.º aniversário do Grito do Ipiranga”. No mês de novembro apareciam poesias de Lírio do Norte ou Luiz do Nascimento. Novas seções: “Vida elegante”, por Dustan, ou seja, Dustan de Miranda, que também aparecia, em artigos literários feito Teo Ridaman; “Coluna feminina”; “Aspectos morenenses”, a cargo de Argos; “Trottes... e Piparotes”, versos de D. Fradique. Às vezes, ocorriam edições de seis páginas, e a de 21 de dezembro saiu com 10, quatro delas ocupadas pelo Orçamento Municipal.



Começou 1925 com a edição de aniversário, nº. 1, ano IV, de 1 de janeiro, oito páginas, figurando na primeira um desenho em zincografia (de Wald), constituído de mulher atirando flores e cartões de Bons Anos. Clichês dos diretores e colaboração especial.

Surgiam outros colaboradores, a saber: Close de Mel, cronista, inclusive com as “Notas de viagem”; Zé-Quitólis, o das “Eutrapelias”; I. Moraes, entrado para o corpo redacional, que assinava artigos, crônicas (“Durante a Semana”, assinada I) e poesias; Ignotus, com os versos satíricos “Na forja...”; J. Andrade; Rádio; Luar, etc.

Saiu com oito páginas no dia 7 de novembro, a primeira das quais homenageando o centenário do Diário de Pernambuco. Vinha circulando acompanhado do Suplemento Semanal Ilustrado, do Rio de Janeiro.

Atingido 1926, viu-se entrar para o corpo redacional, a 28 de fevereiro, João Carneiro da Cunha. Além dos colaboradores principais, apareciam trabalhos literários de Luiz de Marialva (pseudônimo de Joaquim Inojosa), Diomedes A. Gois e Rocha Lima. Divulgado o nº. 23, de 27 de junho, encontrou-se a folha “na contingência de suspender, temporariamente”, a publicação, para ressurgir no dia 1 de agosto, como “órgão lítero-noticioso e informativo”, quando assumiu a gerência Severino Gomes. Efetuara reparos e uma limpeza geral na máquina impressora, voltando “alentado por novas forças e novas esperanças”.

Diferentes seções substituiriam as anteriores, a saber: “Nos domínios do Parnaso”; “Queixas do povo”; “Correio Informativo”; “Da imprensa e pela imprensa” e a “Coluna inglesa”, depois chamada “English Language Column”, em atenção - dizia, ao “avultado número de pessoas” que, na Vila, estudavam ou falavam o inglês, adiantando: “Transcrevemos trechos de autores célebres, poesias, contos, anedotas”, etc. A 1.º de agosto acrescentou-se à tabela de assinaturas, a parcela: mês 0\$500. E vendia-se o exemplar (atrasado) a 0\$300.

Em janeiro de 1927, a partir do n.º. 3, ano VI, tornou-se J. Vilas Boas proprietário e diretor único do Correio de Morenos, tendo como redatores Antonio W. Noronha e J. Carneiro da Cunha. Depois, em maio, entrava Raulino Costa, com a função de redator-secretário. Criaram-se, no ano em referência, concursos para apurar qual “a rainha dos operários da Societé” e qual “a princesa da beleza morenense”. Desenvolveu-se mais o noticiário, inclusive desportivo, ficando reduzida a uma página a parte de anúncios.

Ao atingir 1928, contava com a colaboração de Aníbal de Freitas Caraciolo, Abigail Diva, Valdimir Siqueira, João Guedes de Santana, José Bezerra de Melo, Miguel Callander, que escreveu, sobretudo, o folhetim “Morenos - Vila Serrana”; Antonio Maranhão, Nixon de Alverca, Otaviano de Carvalho, Pereira de Assunção, também aparecido como Zé do Recife nos versos de sete sílabas semanais “Metendo o pau...”;

Jarbas Fronteira (pseudônimo de Ovidio Valois Correia, que veio a falecer a 23 de agosto de 1928); Esdras Farias, Ismael Costa, etc.

Começou a ter curso, no referido ano, interessante seção carnavalesca, ilustrada, tornando-se costumeira nos subseqüentes períodos dedicados a Momo. Instituiu-se, também, a seção eclética "De tudo e de todos". Verificado o falecimento do gerente, substituiu-o, a 20 de maio, Narciso C. de Vasconcelos; mas tomou-lhe o lugar, meses após, Ulisses Coelho, o qual, por sua vez, foi substituído, em janeiro do ano seguinte, por José Torres. Ainda em 1928, a 23 de setembro, ocorreu modificação no expediente, onde os redatores ficaram reduzidos a "diversos", assumindo o cargo de redator secretário, a 6 de outubro, Antonio Maranhão.

Já extinta a coluna de língua inglesa, o periódico seguia vida normal. Elegeu, em meados de 1929, a "Senhorinha Morenos", recaindo a escolha no nome de Alexandrina Ferreira. Era predominante o setor literário, sendo colaboradores, ao penetrar 1930, José Miranda, J. Carneiro da Cunha, Joaquim Silveira, Eduardo Rocha, Príncipe Fernando Lago, Hildebrando Vargas, Antonio Moreno, Pirro, Duque de Santana, Jarbas, Djalma Vasconcelos, que também se assinava D. V. e Dêja; Radário, E. Ripé, Rafael Peixoto, Romualdo Valério, Elias Guedes, Judy Observador, responsável pela "Nota Chic"; Barão de Itamatahy, Jota K. Lado, autor da "Crônica da Cidade"; Ocrídio, que assinava "Taqui-nhos" na coluna "Morenos social"; Esopo - o

Grego; Conde d'Elba e, já no fim do ano, Antonio Vale, Ovídio Gales, Miss Passeata, Uzzae Canuto e Alcides Lopes. Mantinha boas seções cinematográfica e feminina e divulgava atos oficiais da Municipalidade. O historiador Mário Melo apareceu com artigos, em caráter especial, sobre “A origem de Morenos”(3) e “A divisão administrativa do Estado”.

Abriu-se concurso de beleza feminina em março de 1931 e surgiam, a par da matéria de rotina, novas seções, que se iam substituindo, e novos signatários de produções literárias, a saber: João da Avenida; Sá Bitudo,” autor de versinhos intitulados “Caceteando”; João da Boa Vista, como se ocultava João Batista de Menezes, no comentário semanal “Pela Cidade”; Filadelfo (pseudônimo de Álvaro da Silva Câmara); Jota e Jotacêcê (João Carneiro da Cunha), que comandavam as seções “Filigramas” e “Daqui... dali.. dacolá”; Álvaro Fonseca, Neves Sobrinho, Júlio do Carmo, Maurício, que mandavam crônicas “Da Mauricéa”; Zé da Cidade (como se ocultava Rafael Peixoto); J. Cabral, que não era outro senão José Torres, etc.

---

(3) Segundo Mário Melo, o nome da localidade veio do engenho de Baltazar Gonçalves Moreno, estabelecido no século XVI. Desaparecido o velho Moreno, ficou-lhe o nome com a propriedade, depois transformada em arraial, para tornar-se vila e, finalmente, cidade e município.

Continuando em 1932, permanecia a turma responsável: diretor-proprietário - J. Vilas Boas; redator-secretário - Antonio Maranhão; gerente - José Torres. Entrou em vigor nova tabela de assinaturas, a saber: ano -

10\$000; semestre - 6\$000; mês - 1\$000 mediante pagamento adiantado; preço do exemplar - 500 réis. Colaboradores aparecidos no decorrer do ano: Hermes de Sá, Carlos Amorim, José Del Roxa, Hugo de Moraes, Fidelcina Carvalho, Antonio Fasnaro e Lamartine de Farias Castro, além de produções mandadas pelas organizações Lux-Jornal e U. B. I. Criaram-se as seções de comentários “Na cidade e no mundo” e “Notas da cidade”, esta já em 1933.

Na edição de 1º. de janeiro de 1934, comemorativa do 12º. aniversário do periódico, o editorial “Imprensa matuta” focalizou o desenvolvimento do jornalismo no interior do Estado e o êxito do conclave realizado no mês anterior, em Catende, para declarar, melancolicamente, que, enquanto isso, o Correio de Morenos suspendia sua circulação, por tempo indeterminado, porque, “entre outras causas, os seus minguados 36 assinantes não satisfaziam os seus compromissos”, e as dificuldades se acentuavam. Lia-se, noutra nota, que o financiador da empresa, J. Vilas Boas, com enormes prejuízos, se encontrava na contingência de parar...

Na realidade, o jornal, que atravessava a sua fase mais brilhante, repleto de matéria redacional, exibindo vasto noticiário de toda parte,

comentários leves e apreciável colaboração, vinha circulando quase sem anúncios, à base de esforços inauditos. Todavia, não ficou suspenso nem por uma semana. Surgiram imediatamente medidas de amparo, tudo continuando como antes.

Ausentando-se A. Maranhão a 3 de março do referido ano, voltou ao corpo redacional J. Carneiro da Cunha, no posto de redator-chefe. Otacílio Cavalcanti e Joel Serra (pseudônimo de José Bezerra de Melo) vinham divulgando produções de sua lavra, assim como elementos do “Grupo Terra da Gente”. A seção “Esportes” ocupava toda uma página.

Intensa campanha iniciou a redação, a partir do mês de maio, contra a administração do prefeito Temístocles Torres de Rezende, abrindo cada artigo uma quadra do tipo da que vai aqui transcrita:

Sai o gato atrás do rato  
Sai Chiquinha nos jornais,  
Sai do boi o carrapato,  
Só tu, Rezende, não sais!!!

A campanha foi vitoriosa no terceiro mês, quando ocorreu a demissão do chefe da edilidade municipal. Ao mesmo tempo, atacava ao congênere O Rebate, chamando-o “jornaleco de cavação de Luiz de Matos Ferreira”.

Ao iniciar-se 1935, três concursos acrescentavam-se à matéria do semanário: “Rainha da

Rosa”, “A criança mais graciosa” e “Rainha do Carnaval”. Aos novos assinantes oferecia-se, como prêmio, um livro da “Gráfica Editora Unidas” (de São Paulo), no valor de 4\$000 ou 6\$000. Melhorara, por outro lado, a parte de anúncios. A primeira página tomava novo aspecto, utilizando títulos fortes, manchetes, matéria bem distribuída. Saiu, porém, o gerente Torres, sendo substituído, em junho, por Carlos Marques, e este, em janeiro do ano seguinte, por Severino Rodrigues, antigo chefe das oficinas, o qual já encontrou A. Maranhão, desde 26 de outubro, repostado na função de redator-chefe.

No segundo semestre - ainda 1935 - abriram-se colunas à propaganda da candidatura Henrique Barbosa da Paz Portela a prefeito do município. A partir de 7 de setembro, estampou-se a seguinte tabela de preços de matéria comercial: “ineditoriais e outras publicações 0\$500 por linha de corpo 10, na primeira página, e 0\$300 nas demais. Uma página - 100\$000; 1/2 página - 60\$000; 1/4 - 40\$000; 1/8 - 30\$000 e 1/16 - 10\$000. Pagamento antes da publicação”.

De seis páginas, passou o Correio de Morenos, em 1936, ao regime regular de oito, sintoma de estabilidade financeira, sempre contando com diferentes colaboradores, afora a coluna de A. Maranhão “À margem dos fatos”, a saber: Artur Ferreira, Dylia Lira Silva, Esdras Farias, Stênio de Sá, Jarbas Maranhão, Avelino Câmara, João Galhardo (correspondente no Recife), Nilo Tavares, assim pelos anos afora, incluindo Inácio Raposo, João Guedes de Santana, José Be-

zerra de Melo, Ulisses de Albuquerque, Laurêncio Lima, com "Ligeiras Notas", em 1939; Hernani Pereira, Patrício Saraiva, Artur Costa Malleiros, Néri de Souza, ainda Rafael Peixoto, J. Albuquerque Lins, Brandina Rocha, Luiz Cisneiros, Maria Antonieta, J. G. Andrade, Marta de Holanda (1941), Nestor de Holanda, Luiz Luna, Aníbal Cavalcanti, Benedito da Cunha Melo (1942), José Aristides de Figueiredo, Moacir Campelo, Milton Campelo, Israel Fonseca (a partir de 1944), Alberto Campelo, Gercino de Pontes, Enéas Alves, Paulo Matos, etc.

No ano de 1941, precisamente a 19 de abril, entrava novo gerente: Raulino Álvaro da Costa, cuja primeira medida foi elevar para 12\$000 e 7\$000, respectivamente, as assinaturas anual e semestral e para 1\$000 a vendagem avulsa. A maior edição verificou-se a 7 de setembro de 1942, com 22 páginas, em dois cadernos, impressas ora em verde ora em amarelo, numa homenagem aos 120 da independência do Brasil.

Circulando aos sábados, regularmente, ao atingir o n.º. 2 de 1946, datado de 19 de janeiro, ficou suspenso o Correio de Morenos.

Meses depois, a 14 de julho, reapareceu, tendo a última letra do título amputada, feito Correio de Moreno. Na nova fase apresentou-se guiado por diferente equipe, a saber: Propriedade de Silva & Vasconcelos; diretor - Hirton Vasconcelos; diretor-redator-chefe - Antonio Maranhão; gerente - Severino Batista da Silva.



Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 20,00; semestre - Cr\$ 10,00, mediante pagamento adiantado.

“Seguirá o mesmo caminho palmilhado pelos seus antecessores, jamais se envolvendo em questões de política partidária e assuntos outros que possam quebrar essa orientação”, segundo o editorial “Não chegamos tarde”, de A. Maranhão.

As bodas de prata foram comemoradas a 1º. de janeiro de 1947, numa edição de 12 páginas (em papel verde), apesar, conforme escreveu o redator-chefe, das dificuldades, de toda espécie, enfrentadas. Artigo do historiador Mário Melo, intitulado “Moreno e não Morenos”, justificou a alteração do nome do município verificada numa das reformas administrativas do Estado.

Mantida a velha forma de “órgão lítero-noticioso e informativo”, ainda apareciam produções de Rafael Peixoto, ao passo que João da Rua redigia as “Coisas da Cidade” e o Dr. Paulo foi, por algum tempo, o cronista das “Pauladas”. Outros colaboradores: Morato Proença, Petrônio Oliveira, Georgino Paulino, Nelson Alves, Aureliano Melo, Barbosa Lima Sobrinho, Apolônio Sales, etc. A empresa renovara a tipagem da tipografia e, no segundo semestre de 1947, apresentava primeiras páginas em duas tintas - encarnada e preta.

Em artigo de 21 de dezembro, sob o título “Morenos & Moreno”, Hermes Gusmão de Sá aludiu ao retrocesso da localidade, que tinha ati-

va vida social quando vila, adiantando: “Veio o progresso. Morenos evoluiu, deixando de ser vila e passando a ser cidade. Passou a ter justiça própria, sendo esse um dos grandes marcos da sua história. Em compensação, perdeu o S, e daí começamos a nossa marcha a ré”.

Mas a folha seguia rota firme, dando edições de seis e oito páginas, às vezes 12, como o fez no dia do Trabalho de 1948 e a 7 de setembro de 1949, quando ilustrou a página de frente o desenhista Vilares. E surgiram mais colaboradores, tais como: José do Patrocínio Oliveira, que veio a assinar a “Crônica domingueira”, de caráter literário; Targélia de Albuquerque Peixoto, José de Assis Filho, Milton Gomes, Israel de Castro, Aristóteles Alves, Telha de Freitas, Sevy Rocha, Valmir Maranhão, Isnar Brandão, Clodomir Leite, Ari Dornelas, Júlia Tabosa, Mauritônio Meira, Waldemar Araújo, Anatanael Luna, Ramos de Oliveira, Raul Alves de Melo e Riva ou Rivadávia Alves da Costa, que escreveu “Uma por semana” no período de 1948/1949 e, a 2 de abril de 1950, entrou para o corpo redacional.

Divulgada, porém a edição da mencionada data, ficou o Correio suspenso, por motivo da reforma a que foi submetido o prédio que lhe servia de sede. Voltou a 7 de setembro, adotando os preços de Cr\$ 30,00 pela assinatura anual e de Cr\$ 20,00 pela semestral. Passou a imprimir-se, por algum tempo, em papel verde.

Prosseguiu, com regularidade, até dezembro de 1953, para iniciar nova fase uma vez publicado o n.º. 1, ano XXXII, a 24 de janeiro do ano seguinte, sob diferente orientação, tendo como proprietário Júlio Constantino Carneiro de Albuquerque Maranhão; diretor-responsável - Constantino Maranhão e gerente - Noé Souto Maior. Permaneceu Antonio Maranhão na chefia da redação, ocupando a secretaria Adige Maranhão de Barros.

Seu programa - dizia o editorial de abertura - “firma-se no princípio do direito e da verdade, daqui jamais partindo ataques ou investidas injustas, nem tampouco elogios baratos e imerecidos”.

Foi o primeiro semestre do ano dedicado a acerba campanha contra a Societé Cotonnière Belge-Brésilienne, através da série de artigos intitulada “Reflexos de uma péssima administração”. Sustentou, todavia, a antiga rotina de jornal noticioso e literário, dando edições ora de quatro ora de seis páginas. Entre antigos e novos colaboradores, salientavam-se: Severina de Almeida Rocha ou Sevy Rocha, que também usava o pseudônimo Paulo de Tarso; Hermes de Sá, autor da seção “De tudo um pouco”; José do Patrocínio Oliveira, Paulo Matos, Targélia de Albuquerque, Milton Gomes, Isaias Vieira da Silva, Brandina Rocha e Hermenegildo Ferreira do Nascimento.

A função de redator-secretário foi transmitida, no dia 28 de agosto, a Raul Alves de Melo,

que já vinha assinando o comentário semanal sob o título “Com licença”, além de diferentes outros artigos.

Sem mais alteração, chegou o Correio de Moreno ao fim de 1954, cujo derradeiro número, o 46º. do ano, circulou no dia 19 de dezembro.(4)

(Bib. Púb. Est. e Arquivo Vilas Boas)(5)

## O COLLEGA

Jornalzinho dos Alunos da Escola Paroquial - Sem que restem exemplares das edições anteriores, circulou o nº. 1, ano II, no dia 15 de outubro de 1924, em formato de 27 x 20, com quatro páginas a três colunas de composição. Imprimiu-se na tipografia do Correio de Moreno, apresentando lisonjeira feição material. Preço da assinatura mensal - 200 réis, mediante pagamento adiantado.

Abriu a edição ligeira hosana ao Terço do Rosário, seguindo-se uma série de pequenas crônicas e continhos juvenis, assinados pelos alunos Everaldo, Severina Santiago, Ceci, Licinha,

---

(4) Continuou a publicação em 1955

(5) A primeira das coleções manuseadas acha-se desfalcada dos anos de 1922, 1923 e 1927, além de outras lacunas, decorrendo sem falhas de 1930 até 1954. A coleção pertencente ao fundador J.Vilas Boas é completa, a começar da edição de estréia, mas só atinge o ano de 1941.

Beata, Rosa, Umbelino, Aydy (pseudônimo de Adalgisa Cavalcanti), X. X., Um Admirador d'O Collega e Zequinha, autor da “Berlinda escolar”. No mais, “Charadas” e “O Collega Social” (Arquivo Sevy Rocha).

## O TRICOLOR

Editado e dirigido por João Carneiro da Cunha, saiu a lume no dia 15 de novembro de 1928, em formato de 35 x 24, com quatro páginas de quatro colunas.

Órgão oficial do Societé Sport Clube, apresentou-se com o objetivo de “prestar, em nome do grêmio da camisa preta-branco-e-azul, uma homenagem muito sincera aos srs. John Tattersall e Gaston de Decker, paraninfos da referida sociedade”.

Divulgou matéria exclusivamente sobre futebol, inclusive o noticiário e programa de festas do dia, e artigo assinado por Antonio Maranhão. Ilustraram a edição diversas fotogravuras (Bib. Púb. Est.).

## GAZETA ESPORTIVA

Pelo Esporte e pela Pátria - Entrou em circulação a 30 de junho de 1929, no formato de 50 x 32, com quatro páginas de seis colunas. Diretor-gerente - Antonio Maranhão; diretor-secretário - João Carneiro da Cunha. Redação na

Avenida Barão de Morenos, 3922. Preço do número avulso - 200 réis.

Apareceu, segundo a nota de abertura, “para fazer amigos”, constando do seu programa: futebol, regata, Prado, pugilismo, natação, atletismo, tênis, xadrês, rádio, música, cinema, modas, voleibol, pingue-pongue, basquetebol, polo, automobilismo, etc. Uma publicação “inteiramente nova no gênero...”.

Se não foi - nem seria - possível obedecer a tão vasto programa, mostrou-se a Gazeta, todavia, um jornal variado, incluindo clichês de elementos da sociedade, o que fez, do mesmo modo, no segundo número, datado de 14 de julho. Teve a colaboração de José Bezerra de Melo, Conde d’Elba e Julieta Silva. Iniciou, ainda, dois concursos: de Beleza e de Aplicação.

As duas edições fizeram-se acompanhar de inexpressivos Suplementos fotográficos.

Não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

## TERRA DA GENTE(1)

Revista Literária - Surgiu, na qualidade de mensário, em abril de 1932, no formato de 30 x 23, inclusive a capa, esta modestamente ilustrada. Diretores - João Carneiro da Cunha e José Torres; redator-secretário - José Bezerra de Melo; ilustrador - Raimundo Paes Barreto, também colaborador literário. Impressa em tipografia própria, vendia-se o número avulso a 0\$500.

“...é uma tentativa a mais -lia-se na “Carta de Apresentação” - que surge na cidade que se formou em redor de uma tosca chaminé de enge-

---

(1) Logo depois da revolução de 1930, fundara-se, na vila de São Benedito (antigo distrito de Quipapá, atual município de São Benedito do Sul), o Grupo Terra da Gente, constituído de intelectuais de algumas cidades do interior de Pernambuco, a saber: Waldemar Lopes, Aduino Barreto, Andrade Lima Filho, João Costa, Nelson de Alcântara, Felton Barreto, Cornélio Valença Leal, Alcides Lopes, etc.

Um dos seus objetivos era a distribuição de artigos e crônicas com uma cadeia de escolhidos periódicos, o que realmente foi posto em prática. Outro, era a publicação de uma revista, intitulada Terra da Gente. A turma chegou a entregar os originais da edição de estréia ao confrade Aduino Barreto, para imprimi-la em Palmeirina, o que não foi possível concretizar-se devido ao fechamento da tipografia ali existente.

Decorrido algum tempo, viu-se aproveitado o título em Moreno. Houve celeuma, descontentamento, bate-boca. Aduino chegou a lançar um artigo, no semanário O Ideal, de São Benedito, protestando contra a “usurpação”.

Entretanto, vieram as explicações, o título não tinha registro em cartório e voltou a reinar a paz nas lindes da literatura interiorana.

nho de açúcar e cresce, em torno de uma imensa chaminé de fábrica de tecidos”, acentuando, mais adiante: “Como em toda parte, havia aqui também a necessidade de um movimento de renovação literária. Urgia uma revolução. E Terra da Gente surge para realizá-la. Só precisando do carinho geral, para ser uma verdadeira revista de arte dos nossos dias”.

Ostentando lisonjeiro acabamento, a edição de estréia inseriu produções, em prosa e verso, assinadas pela turma mencionada e por Djalma Vasconcelos, Raulino Álvaro da Costa, J. Andrade, Rafael Dário Peixoto, Uzzae Canuto e Joel Serra (José Bezerra de Melo), ocorrendo alguma ilustração fotográfica.

Prosseguiu a publicação e, uma vez divulgado o número de julho, retirou-se o primeiro dos diretores, sendo substituído por Hamilton Vasconcelos. Dois outros nomes apareceram no expediente: Luiz Gonzaga Magalhães e Antonio Maranhão, indicados como “representantes”.

Não se alterou o corpo de colaboradores, aos quais se juntaram João Batista de Meneses, Acioli Neto, J. Guedes e Santana, Alfredo Miguel, Paulo Mendes de Almeida, Hermes de Sá, Hercília Alves, Gilberto Osório de Andrade, Waldemar Lopes, Adauto Barreto, Álvaro Fonseca, Jarbas Muralha; Uca, ou seja, Uzzae Canuto; Romualdo Valério, Radário, Tôrres-Irmão (como se assinava José Torres), Filgueiras Júnior, Carlos Leite Maia, Nelson de Alcântara, Virgílio Moreno e outros. Ocorriam ligeiras seções de



“Modas”, “Mundanismo”, “Cinema”, “Sports” e “Bilhetes & Croniquetas”, esta a cargo de Peri Itatiaia. Raros anúncios.

Sem interromper-se a circulação mensal, o magazine chegou ao fim com uma edição conjunta, datada de dezembro de 1932/janeiro de 1933, quando a redação traçou o editorial de despedida, lamentando o indiferentismo local pelas iniciativas culturais (Bib. Púb. Est.).

## O REBATE

Semanário Político, Literário e Noticioso - Saiu a lume no dia 5 de julho de 1934, em formato de 48 x 31, com quatro páginas a seis colunas de 10 cíceros. Diretor - Luiz de Matos ; gerente - Rafael Peixoto, funcionando a redação na Avenida Cleto Campelo (atual Sofrônio Portela), 4469. Tabela de assinaturas: ano - 15\$000; mês - 1\$500. Número avulso a 300 réis.

Abriu a edição conciso editorial de apresentação, sob o título “Em ré maior”, no qual se esclareceu que o novo órgão não tinha o intuito de criar polêmicas, acentuando: “Fizemo-lo simplesmente para, em ré maior, desbancarmos do teatro político local os saltimbancos de terceira classe que, aproveitando um descuido do seu empresário, meteram-se nele com seus instrumentos desafinados e poeirentos”.

A edição estampou fotogravura, em três colunas, na página de frente, de Carlos de Lima Cavalcanti, com legenda de propaganda de sua

candidatura a governador constitucional de Pernambuco, lançada pelo Partido Social Democrático, concitando o povo de Morenos a alistar-se para “votar certo”. Seguiu-se editorial de encômios ao dr. Sofrônio Eutíquio da Paz Portela, sob o título “Uma glória para o município”, sendo a demais matéria constituída de artigo de Zé Pereira, sobre aquela candidatura; crônicas de Júlio do Carmo, Y. e Leontina Licínio Cardoso e comentários diversos, terminando com pouco mais de uma página de reclames comerciais (Arquivo Vilas Boas).

## SENTINELA

Órgão Oficial do Tiro de Guerra nº. 46 e Corpo de Escoteiros João Pessoa - Circulou o primeiro número no dia 26 de janeiro de 1935, em formato de 24 x 16, com quatro páginas a duas colunas de 14 cíceros. Diretor-redator - Djalma de Holanda Vasconcelos; diretor-técnico - Francisco de Albuquerque Montenegro; diretor-gerente - Hamilton de Holanda Vasconcelos; diretor-tesoureiro - Miguel Albanez Camarote; redator-chefe - Guilherme Thel de Araújo; redatores - A. Melo, Otacílio Cavalcanti, Eduardo Castro e Hermes de Sá. Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 2\$600; trimestre - 1\$400. Preço do exemplar - 0\$300. Impresso nas oficinas gráficas do Jornal do Recife.

Consoante a nota “Aqui estamos”, disputa-se o pequeno quinzenário a trabalhar “em prol da militarização, da união associativa, do

desenvolvimento e erguimento intelectual; do combate ao alcoolismo e analfabetismo, das reivindicações sociais, do respeito e acatamento à história e costume dos povos, do crescente adiantamento industrial, comercial e agrícola e do progresso cultural, artístico, fraternal e cívico de Moreno”.

Seguiu-se a publicação, mais ou menos normalmente, inserindo matéria específica, através de comentários e noticiário geral, manchetes patrióticas e alguns pequenos anúncios. Às vezes ocorriam crônicas literárias ou poesias, assinadas por Antonio Pereira do Nascimento, F. Montenegro, Ozéas, Pedro Barbosa Frias, Levi, João Batista de Meneses, Douglas, D. V., Avra, Aníbal Cavalcanti e Hermes de Sá.

Sempre utilizando papel assetinado, ao atingir o n.º. 7 cresceu o formato do periódico para 31 x 22, daí por diante alternando os dois tamanhos, sem outras alterações até o fim. Este verificou-se com o n.º. 20, de 25 de dezembro (Bib. Púb. Est.).

## **MEU BRASIL**

Homenagem dos Alunos do Externato Societé Cotonnière ao Dia da Pátria - Número único, circulou a 7 de setembro de 1935, em pequeno formato de 24 x 15, com quatro páginas e duas colunas de 12 cíceros. Bem impresso.

Sua matéria constituiu-se, em seguida à apresentação, feita por Adehilda Rodrigues, de

concisas produções de colegiais, de natureza patriótica; seção de charadas; registro social de poucas linhas e anúncios foguetes. Terminou com o terço final da quarta página em branco (Bib. Púb. Est.).

## MORENOS

Revista literária, saiu a lume em setembro, dia 7, de 1936, no formato de 32 x 23, com 28 páginas, inclusive a capa, utilizando, alternadamente, papel branco e de cor. Direção de Antonio Maranhão; redator-secretário - o tipógrafo S. Rodrigues. Trabalho gráfico das oficinas do Correio de Morenos, custando 1\$000 cada exemplar.

O artigo de abertura, sob o título "Um sonho que viveu", focalizou o desiderato de comemorar a data da independência do Brasil através da publicação do magazine então entregue ao público. continuaria ou não, dependendo da receptividade dos morenenses.

A capa e a sub-capa estamparam fotogravuras de D. Pedro I e José Bonifácio, de pequeno porte. Seguiu-se a matéria, constituída de produções literárias, variedades, "Seção Feminina"; "Luz e Som"; "Seção Balneária"; "Moreno Social"; "Moreno Industrial"; "Desportivas", serviço de clicherie e raros anúncios, terminando com o Hino Nacional.

Mais de um ano após, apareceu o n°. 2, datado de 15 e 19 de novembro de 1937, bastante melhorado. O Presidente Getúlio Vargas e Deo-

doro da Fonseca foram os homenageados da capa e da página de rosto. Reduziu-se para 20 a quantidade de páginas, assim como baixou para 0\$800 o preço do número avulso.

Afora as produções da dupla responsável, Morenos contou com a colaboração de Esdras Farias, Stênio de Sá, Augusto Wanderley Filho, cônego José Leal, Aníbal Cavalcanti, Silpe, Raulino Álvaro da Costa, Pindoba Júnior, J. Albuquerque Lins, Hernani Carneiro da Cunha, Rafael Peixoto, Aureliano Melo, João Carneiro da Cunha e outros.

Não voltou a publicar-se (Bib. Pú. Est.).

## O ESTADO NOVO

Número Especial - Saiu a lume no dia 10 de dezembro de 1938, em formato de 33 x 24, com oito páginas de três colunas. Constituiu uma "homenagem dos amigos do Exmo. Sr. Henrique Barbosa da Paz Portela, no primeiro aniversário de sua administração como prefeito de Morenos". Confeccionado nas oficinas gráficas de Renda, Priori & Cia., no Recife, distribuiu-se gratuitamente.

A edição estampou, na primeira página, retrato do Presidente Getúlio Vargas; do Interventor Agamenon Magalhães, na terceira; do prefeito de 1930, Sofrônio Eutiquiano da Paz Portela, na quarta; do prefeito de 1937, Henrique da Paz Portela, na quinta, e do superintendente da "Societé Cotonnière", Jomes Eccles, na sétima, constando a matéria dipográfica de louvores a

essas personalidades; manchetes por eles assinadas; notas históricas sobre o município de Moreno e noticiário das festividades do dia em homenagem ao chefe do governo municipal (Arquivo Sevi Rocha).

## MADEIRA RUBRA

Órgão mensal, dedicado ao “desenvolvimento dos esportes no seio do clube mais querido da cidade”, saiu a lume em março de 1948, no formato de 33 x 24, com quatro páginas, sob a direção e responsabilidade de João Carneiro da cunha, com redação à Avenida Dantas Barreto, 1785.

Impresso em papel couchê, utilizando tinta vermelha, o primeiro número comemorou o lançamento da pedra fundamental da sede do Sport Clube João Pessoa, prometendo fazer intensa campanha a prol da “aquisição de móveis destinados à sede do grêmio da camiseta encarnada”. Estampou clichês de diretores do clube e da “Cotonnière”, homenageando, sobretudo, a memória de John Tattersall, “o verdadeiro criador da cidade de Moreno”.

Do segundo número em diante, foi impresso, normalmente, com tinta preta, mas a começar do terceiro, o título Madeira Rubra, numa artística zincografia, estabilizou-se em fundo vermelho, com letras brancas.

As duas primeiras edições trataram, unicamente, de assuntos desportivos ligados aos

“diabos rubros”, iniciando, após, uma parte social e outra literária.

No nº. 4 apareceu o Expediente: Noticioso e independente. Nada de partidos políticos nem crenças religiosas. Aceitava, para publicar, fotografias de batizados, casamentos, reuniões sociais, etc. Mas, enviassem-nas acompanhadas, cada uma, da importância de Cr\$ 15,00, destinada à confecção de um pequeno clichê. Para clichês maiores: Cr\$ 30,00. Abaixo do título, vinha: “Esportes - Artes - Letras - Atualidades”.

As 6ª. e 7ª. edições, de agosto e setembro, com seis páginas, foram dedicadas ao 15º. aniversário do Clube e à inauguração do respectivo edifício-sede. Continuou com seis páginas até o nº. 9. No 10º, voltou a publicar-se com quatro, mas duplicou o formato para 50 x 30, com seis colunas.

Já a literatura dominava, quase inteiramente, as colunas do “mais bem feito jornal do interior do Estado”, na expressão de Liberalino Pires de Almeida(1). Dentre os colaboradores destacavam-se José do Patrocínio Oliveira, Paulo Matos, Milton Gomes, Alberto Campelo, Anatael Luna, Jaime Monteiro de Albuquerque, João Gomes de Santana, Rafael Dário Peixoto e Florivaldo de Luna.

Em março de 1949, Madeira Rubra vencia o primeiro ano de vida, escrevendo o seu editorialista: “Os sacrifícios de toda ordem jamais

---

(1) Artigo da edição de março de 1949.

nos abateram o ânimo forte, nesta jornada ímpar de idealismo pelo bem da coletividade morenense, sadia e equilibradamente orientada”.

Na edição seguinte o elegante mensário fez-se acompanhar de um suplemento de duas páginas, intitulado “O Carnaval que passou”. Em junho e setembro também saiu um Suplemento, constituído de uma folha de papel de cor, impressa de um só lado. Em outubro circulou com seis páginas - a primeira dedicada à memória de Joaquim Nabuco, com o respectivo clichê - e um Suplemento desportivo, em tablóide.

As duas páginas centrais de Madeira Rubra obedeciam ao título “Terra da gente”, lendo-se abaixo: “Aqui se publicam reportagens, artigos e notícias referente à metrópole dos eucaliptos”.

Até dezembro (homenagens ao governador Barbosa Lima Sobrinho e ao senador Getúlio Vargas) manteve-se com seis páginas, voltando a sair com quatro desde janeiro de 1950 até o mês de novembro do mesmo ano, quando circulou o último número, encerrando sua brilhante atuação no cenário da imprensa interiorana.

Além dos colaboradores já mencionados, outros vieram a prestar seu concurso à pujante parte literária do periódico, tais como Eduardo da Silva Castro, Alfredo Bandeira Júnior, Daniel Pereira Carneiro, Zé Orlando (pseudônimo de José do Patrocínio Oliveira), Nabuco Tavares, Júlia Alves Tabosa, Orlando Morais, Odílio de Andrade, Fialho de Oliveira, Maurítônio Meira, Osmário Teles, Hercílio Guimarães, Edvaldo Correia Lima, Brandina Rocha, Maria do Patro-



cínio Oliveira, Gerson Cariri, Adeth Leite (também com o pseudônimo de Al Smith, nos "Recortes"), Claudiomira Costa Lima, Hernani de Irajá, Targélia de Albuquerque Peixoto e outros. O trabalho gráfico, impecável, esteve a cargo, do princípio ao fim, das oficinas do Diário da Manhã, no Recife (Bib. Púb. Est.).

## HONRA AO MÉRITO

Poliantéia do município de Moreno, circulou no dia 18 de novembro de 1949, comemorando a passagem do segundo ano de administração do prefeito Antonio Lemos Sobrinho. Formato de 28 x 22, com 36 páginas, em papel especial, inclusive a capa, expressiva, ilustrada pelo pintor Vilares. Redação e organização de Antonio Maranhão. Imprimiu-se no Recife, nas oficinas da Folha da Manhã.

Sua matéria constou de dados, informações e comentários a respeito do evento em particular, e, em geral, sobre a vida do município, nos seus diferentes aspectos: político, administrativo, econômico, cultural e social, servido de abundante clichê, sendo homenageados especiais o Governador Barbosa Lima Sobrinho e o líder político Agamenon Magalhães. Assinaram artigos: Aureliano Melo, Riva Costa, Miguel Callander, Petrônio de Oliveira, Otoniel Lopes e Hermes de Sá (Bib. Púb. Est.).

## **EUCALIPTOLÂNDIA**

Órgão Oficial do Grupo Escolar Sofrônio Portela - Exemplar único encontrado: o n.º. 6, ano IV, de novembro de 1951, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Redatora - Ester Palmeira; gerente - Cremilda Ribeiro. Matéria constituída de literatura infantil, desenhos escolares e noticiário (Dept. Cultural da SEEC).

## **A VOZ DO MORENO**

Um Jornal Livre e Independente - Entrou em circulação a 14 de março de 1954, obedecendo ao formato de 50x32, com quatro páginas de seis colunas. Corpo redacional: diretor - Osvaldo Félix; diretor-técnico - Fanuel Costa; redator-secretário - Milton Gomes; redator - Juarez Néri Pereira; na gerência - Valderez Maranhão. Redação à rua 13 de Maio, 258, sendo o trabalho material efetuado na Gráfica Editora do Recife S/A. Preço do exemplar - Cr\$ 1,50.

“...equidistante das tricas políticas, sociais e econômicas - lia-se no artigo de apresentação - aqui não estaremos para os endeusamentos nem os arreganhos encomiásticos hipócritas dos ‘bezerros de ouro’, para os cortejamentos servidos que buscam uma mamata lícita ou camuflada”. Seria “um tradutor fiel das aspirações do povo de Moreno”.

A edição de estréia inseriu matéria bastante variada, incluindo artigos de Santiago Pereira, A. Almeida, Jota Ferreira e Riva Costa; reportagem de Petrônio Tenório; poesias e noticiário.

Publicação mensal, abriu campanha contra a “Societé Cottonnière” logo no segundo número, quando deixou toda em branco a terceira página, encimada pelo título: “O que tem feito a Societé Cottonnière em benefício dos operários morenenses?!...”. Manteve, quanto ao mais, a rota traçada, divulgando comentários redacionais, artigos e crônicas assinados, poesias; as seções “Flagrantes do Moreno”, por Vagalume; “Canto de página”, crônica de E. Almeida; “Coluna estudantil”, sob a responsabilidade de Santiago Pereira do Nascimento; “Mexericos na política”, por Spineli; “Coluna Social”; reportagens, noticiário geral e anúncios. As notas intituladas “Na esquina do Léo”, de Aladino (pseudônimo de Jarez Néri), não passaram da primeira inserção.

Ao atingir o n.º. 5, reduziu-se o formato d’A Voz do Moreno para 41 x 29, a cinco colunas de composição, transferindo-se o serviço de impressão (o n.º. 4 saiu da tipografia da Folha da Manhã) para as oficinas do Correio do Povo, também no Recife. E baixou para Cr\$ 1,00 o custo do exemplar. Já não usava o slogan “livre e independente” e, consoante os “Mexericos”, os responsáveis pelo jornal o alugaram ao PTB, devido à crise que os assoberbava. José Pio Lopes, que assumira a direção no terceiro número, permaneceu no cargo, mas terminou substituído por

Nilton Alves da Silva. Ainda houve mudanças na equipe da redação e assumiu a gerência Valde-  
mar Alves da Silva.

Foram também colaboradores do mensário, em prosa ou verso, afora os nomes já menciona-  
dos: Hermes de Sá, Ariel Marques, Edvaldo Ratis,  
Raul Alves de Melo, Arimá Maranhão Pessoa,  
Adige Maranhão de Barros, Júlio Pereira de  
Almeida, Olijó Duarte, Luiz Ferreira da Costa e  
Medeiros Cavalcanti.

Findou a publicação ao circular o nº. 7, de  
12 de setembro, precisamente quando instituiu  
um concurso para a escolha da Rainha dos Estu-  
dantes de Moreno (Arquivo Sevi Rocha).<sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Na Biblioteca Pública do Estado não existem mais do que dois comprovantes d'A Voz do Moreno: os nºs. 1 e 4.

## Povoado de TAPERA

### O SEMEADOR

Mensário Agrícola - Escola Superior de Agricultura de São Bento - Surgiu no dia 21 de março de 1929, em formato de 33 x 23, com seis páginas de três colunas. Diretor - Vasconcelos Sobrinho; redatores - João de Deus de Oliveira Dias e Edgar Oliveira. Impressão da Tip. J. de Deus, de Vitória de Santo Antão.

Declarando-se "pequeno órgão de ciência e literatura agrícola", adiantou o artigo de apresentação: "...exteriorizará, por certo, o sentimento de respeito, estusiástica dedicação e o desmedido amor que votamos às coisas sagradas do Brasil, como sejam: a terra e a família", concluindo: "Semeará, portanto, fartas messes intelectuais".

Divulgando matéria especializada e noticiário das atividades sociais da Escola, regular-

mente, cada mês, com variável número de páginas, chegando ao total de 16 na edição de 21 de janeiro de 1930, nº 11, que foi dedicada à Inspeção Agrícola do Recife. Alterou-se, então, o corpo redacional, assumindo João Dias a direção, enquanto os redatores eram substituídos por Antenor Pedrosa e J. Miranda.

Com a colaboração de acadêmicos e dos professores Joaquim Wanderley, D. Gabriel Beltrão, Apolônio Sales, D. Pedro Bandeira de Melo, José Gusmão e D. Bento Pickel, seguiu-se a meta da publicação, que solenizou o primeiro aniversário a 21 de março - nº 1 - com 14 páginas, e prolongou sua existência até o nº 10/11, de 31 de dezembro de 1930, quando ficou suspensa.

Reapareceu O Semeador - nº 1, ano III - em maio de 1933, como órgão oficial do Centro Acadêmico de Agricultura, em forma de revista, com 16 páginas de papel assetinado e capa em cartolina de cor, reduzido o formato para 28 x 19. Diretor - João Antonio Gonçalves Guerra; redator-chefe - Ésio Magalhães Araújo; redatores - Evandro Ribeiro e Antonio Vicente Filho. Assinava-se a 10\$000 por ano ou 6\$000 por semestre, custando 1\$000 cada exemplar. Composição e impressão ainda de João de Deus.

O artigo "renascendo", assinado pelo diretor, focalizou "dois anos de vida latente" do periódico, que voltava a "semear a sua semente fecunda pelos campos do nosso Estado". Sem inovações, continuaria a rota traçada pelos anteces-

sores, acrescentando: "Trataremos das questões agrícolas que estão sendo debatidas em nosso Estado; difundiremos em toda parte os nossos modestos conhecimentos".

Seguiu-se a publicação mensalmente, divulgando produções da equipe redacional, do professor João Dias e de João Dourado, Newton Cavalcanti, Renato Ribeiro Coutinho, Joaquim B. Faria, Mário Bezerra de Carvalho, Moacir Wanderley, Romeu Bandeira de Moraes, Paulo de Melo, I. Tavares, João S. Barbosa, D. Pedro Bandeira de Melo, Willy Kohler, D. Bento Pickel, prof. Apolônio Sales, Jonas Moreno, Mário Coelho e Osvaldo Guimarães. Algumas notas e comentários completavam cada edição.

Foi mais curta a existência d'O Semeador na sua segunda fase, cujo último número publicado, o 6º, saiu em dezembro do mesmo ano (Bib. Púb. Est).

## **O RELHO**

Órgão dos Estudantes de Agronomia - Circulou pela primeira vez no dia 30 de agosto de 1930, em pequeno formato de 23 x 15, com quatro páginas de três colunas. dizia-se "de maior circulação da América latina". Redatores: Antenor Pedrosa, Albérico do Rego Barros, C. Coimbra e R. Domingues. Confeccionado em Vitória de Santo Antão, na Tipografia João de Deus. Número avulso - 0\$300; atrasado... 0\$200.

Vinha, segundo o artigo de apresentação, preencher uma lacuna, visando, ao mesmo tempo, "esquecer, por alguns minutos, a ciência e substituí-la pelo humorismo".

"...sairemos a campo, raso ou fundo, a sacudir chicotadas alegres e macias em qualquer racional que nos leia e que escorregue pelo bico de nossa pena".

Terminou o editorialista jocoso chamando tudo quanto era "de veterano, calouro e bicho para... O Relho".

Dois números, apenas, foram divulgados, o segundo dos quais datado de 30 de setembro. Inseriram matéria interessante, do ponto de vista galhofeiro-estudantil, incluindo a colaboração de Paulo Parísio, Professor Dafert, Zé Priquito, Madame Chantecler, autora da "Grafologia", e Chincha, que assinava "Boatos", consta e cochocho..." (Bib. Púb. Est.).

## **AÇÃO CATHOLICA**

Circulou em junho de 1931, obedecendo ao formato de 25 x 16, com 16 páginas de três colunas. Trazia, à esquerda do título, um emblema, ladeado das iniciais U.M.C., e abaixo a legenda "Da Escola Superior de Agricultura". Diretores - J. Dias e Vasconcelos Sobrinho. Confecção da Tipografia João de Deus, em Vitória de Santo Antão.

Sem editorial de apresentação, encheram-se suas páginas de extensos artigos de doutrina



religiosa, através de transcrições ou assinados pelo padre Benício Pereira, Vasconcelos Sobrinho e Tenório de Canavieiras (pseudônimo de D. Gabriel Beltrão).

Teria vivido até 1933 (Bib. Púb. Est.).

Não passou do primeiro número.

## AGRICULTURA

Revista Bimensal Agro-Pecuária - Publicou-se, inicialmente, datada de julho/agosto de 1937, no formato de 24 x 16, com 70 páginas de papel assetinado, mais a capa, em cartolina. Órgão oficial do Diretório Acadêmico da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, apresentou o seguinte corpo redacional: diretor - Nelson Meira de Vasconcelos; redatores - Diniz Xavier de Andrade, Duarte Pontual e Luiz Lira; gerente - Armando Alcoforado Lins. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$000; para outros estados - 14\$000 e 7\$000, respectivamente. Avulso - 2\$500. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

"...órgão de classe - dizia o editorial de abertura - não descuremos esse lado do problema agrícola brasileiro que é a defesa dos estudantes e profissionais de agronomia, ainda hoje tão mal compreendidos por grande parte de nosso povo". Esperava ser "o iniciador de uma grande obra em prol de nossa Agricultura, tão pobre em revista do caráter desta".

O segundo número, de setembro/outubro (último), saiu com apenas 28 páginas.

Constituiu-se a matéria do magazine de estudos e observações técnicas; noticiário; homenagem, com clichês de página inteira, a Otávio Gomes de Vasconcelos, diretor da Escola, e a Lauro Montenegro, secretário da Agricultura; fotografuras de agronomandos e reportagem ilustrada da I Exposição Agro-pecuária de Limoeiro. Colaboração de D. Pedro Bandeira, Paulo Parísio, Pereira de Melo, Felipe Pegado Cortês, Ivan Tavares, Vasconcelos Sobrinho, Roberto Freire, Américo M. Ludolf, S. Torres, etc. Anúncios, só no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## NAZARÉ DA MATA

### O NAZARENO

Jornal político, impresso na Tipografia Social Nazarena, do padre Luiz Inácio de Andrade Lima, tendo como redator principal Antonio Borges da Fonseca, entrou em circulação a 24 de maio de 1843. Publicou-se até 18 de junho de 1844, após o que, em consequência da perseguição política, transferiu a redação para o Recife, onde continuou sua meta até 1848(1) (Bib. Púb. Est).

### O FOGUETE

Número primeiro (e único), saiu a lume no dia 29 de junho de 1844, em formato de 21 x 16, com quatro páginas de coluna larga. Redação

---

(1) O histórico completo d'O Nazareno consta do vol. II: "Diários do Recife - 1829/1900".

atribuída a Antonio Borges da Fonseca, foi impresso na Tip. Social Nazarena, localizada no Pátio da Matriz. Preço do exemplar - 40 réis. Constava de um Aviso: "O Foguete, periódico de oposição verdadeiramente nacional, está à venda na Praça da Independência, loja do Sr. Timóteo; rua Direita, fábrica de charutos do Sr. Azevedo Coutinho, e nesta tipografia". Serviram de divisa os versos abaixo, de Bocage:

O entendimento, que as verdades abre,

Moteja a fama de patranhas mestras.

O editorial de apresentação ocupou três páginas. Dizia estar o pequeno órgão "resolvido a festejar os srs. Santos Antonio, João e Pedro, como lhe é costume e como se o tem consentido de tempos imemoriais". E, numa crítica bem apanhada, mencionou os mais destacados acontecimentos políticos do país puxados a "luminárias e foguetes".

Seguiu-se, na última página, de notas ligeiras, o "Credo político do Foguete", assim redigido: "Creio no povo, único soberano, criador das associações e dos governos; creio no Congresso Constituinte, único filho seu, nosso organizador, que foi concebido por obra e graça da civilização americana, o qual nasceu do voto nacional e padeceu dissolução sob o poder de Pedro I, sendo crucificado, morto e sepultado, descendo de sua categoria; e subindo depois ao seu primitivo estado, nesta província, pela Confederação do Equador, ficou sentado ao lado do povo, único poderoso, onde um dia há de vir a jul-

gar aos áulicos e traidores; creio na soberania do povo, na brasileira nação, que deve ser somente dos brasileiros; creio na ressurreição da Constituinte e na vida eterna da liberdade. Amém".

Completo a edição o Aviso: "O Foguete toma a liberdade de esfoguetear quando lhe parecer, mas antecipará a sua aparição oportunamente, para que o esperem" (Bib. Púb. Est.).

## **CORREIO DE NAZARETH**

Periódico Noticioso, Comercial e Literário - Impresso em tipografia própria, tendo como editor Luiz José da Silva Cavalcanti Filho, circulou o primeiro número no dia 20 de abril de 1878 ("Anais").

Prosseguindo a publicação, regularmente, aos sábados, atingiu o nº 9 (único comprovante e existente) a 15 de junho. tinha o formato 36 x 25, com quatro páginas, adotando a seguinte tabela de assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000.

A edição manuseada apresentou matéria variada, incluindo editorial, comentários ligeiros, variedades, literatura e noticiário, sendo a última página de anúncios (Bib. Púb. Est.).

## O THERMOMETRO

Órgão Democrático - Publicação semanal, começou sua existência, em janeiro de 1879, uma vez que o nº 51 circulou a 18 de dezembro do referido ano. Tinha, a princípio, o formato de 38 x 25, com quatro páginas de três boas colunas, sendo impresso em tipografia própria. editor e redator - Luiz José da Silva Cavalcanti Filho. Lia-se no expediente: "Publica-se uma vez por semana; assina-se nesta tipografia por 8\$000 o ano; publicações solicitadas, vindo legalizadas, grátis aos pobres; aos demais, por preços convencioneados; anúncios: 80 réis por linha, tendo o assinante direito a duas reproduções".

Prosseguiu o jornal em 1880. No ano seguinte, dava pleno combate à oligarquia Sousa Leão. Matéria sempre variada, incluindo folhetim, pontos de História e noticiário local e dos acontecimentos da província, nos mais diferentes setores. Anúncios enchiam a quarta página.

Atingido o ano IV, a edição de 26 de agosto de 1882, de nº 30, apresentava formato maior, páginas de quatro colunas de composição.

No ano de 1883, O Thermometro esteve suspenso por algum tempo. A propósito, o diário recifense Gazeta de Notícias, de 13 de março, acusando o recebimento do nº 76, acrescentou que a publicação tinha sido interrompida "por incômodos de saúde do redator Luiz José da Silva Cavalcanti Filho". Reencetara, porém, sua "missão de propagador das verdades sãs e boas

que defende". A primeira página passou, depois, a constituir-se de anúncios, começando na segunda matéria redacional.

Cresceu ainda o formato, páginas de cinco colunas; subiu o custo da anualidade e, sem mais interrupção, atingiu 1884, avistados comprovantes até a edição de 12 de abril (Col. Victor Vieira de Melo, com lacunas, manuseada em Nazaré da Mata, e números esparsos na Bib. Pú. Est.).

A partir de então, foi possível verificar o prosseguimento da publicação d'O Thermometro através do noticiário constante d'O Tempo, diário recifense que com ele permutava e do qual reproduzia o serviço informativo dos fatos e acontecimentos do município de Nazaré.

Assim é que o semanário, atingindo, em meados de junho de 1884, o nº 52, abriu imediatamente numeração nova, ultrapassou o ano e chegou ao nº 40, noticiado pelo O Tempo de 22 de abril de 1885(1), cessando, então, a permuta e, conseqüentemente, a vida do jornal de Luiz José da Silva Cavalcanti Filho. Esse jornalista transferiu-se para o Recife, onde iniciou a publicação, a 17 de junho, da Gazeta do Povo (Ver o Vol. VI: "Periódicos do Recife - 1876/1900).

---

(1) Nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", Alfredo de Carvalho, que registrara, erroneamente, o aparecimento d'O Thermometro em "fins de 1879", cometeu outro lapso ao afirmar que a publicação findou em "meados de 1884".

## QUINTO DISTRITO

Órgão semanal, saiu a lume no dia 7 de março de 1885, em formato de 22 x 16, com quatro páginas a três colunas estreitas. Redator-chefe - Alfredo Machado; outros redatores - Fernando de Castro, Landelino Câmara, Alfredo Pinto Vieira de Melo e Agapito Pereira. Impresso em tipografia própria, situada na Rua Bom Jesus.

Com ligeira interrupção, a folha circulou normalmente, pelo menos até o n° 7, de 25 de abril, divulgando artigos assinados pelos redatores, mais Claudino Santos e Labeo-Gneiss; bons editoriais, noticiário e anúncios, que ocupavam a quarta página. A última edição avistada divulgou excertos de uma conferência de Fernando de Castro, sobre o abolicionismo (Bib. Púb. Est.)(1).

## O PÂNDEGO

Periódico Imparcial, Noticioso, Recreativo e Comercial - Publicou-se o primeiro número a 13 de setembro de 1885, em formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas, impresso na tipografia do Quinto Distrito. Destinava-se a

---

(1) Do Quinto Distrito, cujo n° 1 se acha registrado, nos "Anais", como tendo sido "último", foi possível manusear os n°s 2 e 7 da Biblioteca Pública estadual. Também do n° 2 existe comprovante na Biblioteca Nacional.



circular aos domingos, custando 1\$500 a assinatura trimestral e 120 réis o número avulso.

Guiado pela sua consciência conselheira, segundo o artigo de apresentação, "não queimará incenso no altar dos poderosos e nem desampará a causa dos fracos. Seguirá o seu programa, tendo só em vista o bem comum e os melhoramentos sociais deste município".

Nada obstante o título, trataria de "assuntos sérios, que mereçam a atenção do respeitável público". Nada de política.

Inseriu matéria interessante, inclusive a parte noticiosa, intitulada "Pacotilha", e colaboração de Alfredo de Paiva (Bib. Púb. Est.). O segundo número (e último) teria circulado a 6 de outubro(1).

## A LUCTA

Órgão Imparcial - Surgiu no dia 23 de julho de 1892, em formato de 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Impresso na Tipografia Popular, tinha como editor-proprietário Manuel João Rio Jordão Chaves. Tabela de assinaturas: ano - 10\$000; mais 1\$000 para fora do município; semestre - 6\$000. Custo exemplar - 200 réis. Publicações solicitadas e anúncios: variava o preço, por linha, de 80 a 250 réis. As repetições custavam metade do estipulado, não aceitando contrato inferior a três meses.

---

(1) Informação colhida na obra citada, de Alfredo de Carvalho.

Apresentou o mal confeccionado e mal impresso jornal conciso editorial de abertura, assim resumido seu programa: "...não será órgão das paixões nem dos ódios políticos; será, sim, um propugnador, fraco embora, dos direitos do povo, das liberdades oprimidas, e um grande propagandista das grandes idéias". Mais ainda: "A lavoura, o comércio, as artes e as indústrias terão em nós um dedicado e desinteressado defensor de seus interesses e de seus "anelos".

Seguiram-se artiguetes e poesias de saudação à nova folha.

Divulgou, em prosseguimento, colaboração literária de Antonio Carneiro, Zeferino Cardoso, Juviano Monteiro, A.M. dos Reis e Samuel Farias; algumas transcrições; notas ligeiras e mais de uma página de anúncios e "a pedidos".

Suspensa após o nº 3, de 6 de agosto, reapareceu A Lucta a 3 de setembro, apresentando melhor aspecto, nova tipagem e nítida impressão, bem redigido, sobretudo, divulgando comentários redacionais e noticiário variado, de pequeno porte.

Estendeu-se a publicação até o nº 10, de 22 de outubro (Bib. Púb. Est.).

## **O MUNICÍPIO**

Órgão dos Interesses Democráticos - Destinado a publicar-se semanalmente, o primeiro número saiu no dia 30 de junho de 1894, em formato de 37 x 27, com quatro páginas de três

colunas, impresso na Tipografia Popular, à rua Joaquim Nabuco. Assinava-se mediante a seguinte tabela: ano 10\$000; semestre - 5\$500; trimestre - 3\$000; para fora do município: ano - 10\$000; semestre - 6\$000. Seguia-se a tabela de Solicitadas e anúncios.

Como inovação, a primeira página foi unicamente dedicada ao Expediente e reclames comerciais, abrindo a segunda o editorial de apresentação. Tendo "por bússola os princípios democráticos", dedicar-se-ia ao engrandecimento do município, principalmente à instrução popular, à divulgação "dos modernos processos que interessam à lavoura, às indústrias e às artes", observando as leis e o "respeito aos interesses individuais".

Ainda com a quarta página repleta de anúncios, as do centro só divulgaram comentários, "Notícias várias", e "a pedidos".

Sem mais atrações, circulou o nº 2 no dia 7 de julho (Bib. Púb. Est.).

Embora a inexistência de outros comprovantes, estendeu-se a publicação d'O Município, pelo menos, até o nº 12, conforme referência do Diário de Pernambuco, na sua edição de 21 de setembro(1) .

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionou, apenas, o nº 1

## ESTRELLA

Órgão do Clube Estrela, "propagandista das idéias carnavalescas", tendo como redator principal O Cara Dura, circulou a 12 de fevereiro de 1899, em formato de 22 x 16, com quatro páginas circuladas de vinhetas. No artigo de apresentação, dizia ser o primeiro na espécie, em Nazaré da Mata, tendo como programa "a pilhéria, a crítica criteriosa". As duas páginas centrais estamparam o hino do clube, e a última inseriu mais versos e uma "Parte noticiosa" ligeiríssima. Boa feição gráfica, tendo sido impresso no Recife.

Voltou a publicar-se outro "número único" a 25 de fevereiro de 1900, trazendo editorial assinado H. Menon, sobre a necessidade do Carnaval, para desopilar "o fígado ao menos três dias no ano". Graficamente mal feito, apresentou-se com duas páginas de versos humorísticos e uma de noticiário sobre os festejos de Momo.

O terceiro e último "número único" saiu a 17 de fevereiro de 1901(1), com as mesmas características do anterior, sendo ambos impressos na Tip. do Sete de Setembro (Arq. Pú. Est.).

## SETE DE SETEMBRO

Órgão dos Interesses Populares - Entrou em circulação a 21 de dezembro de 1899, obede-

---

(1) Não de... 1903, como está nos "Anais", de Alfredo de Carvalho.

cendo ao formato 43 x 31, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros, separadas por linhas de composição de anúncios em sentido vertical. Propriedade "de uma associação, foi seu primeiro gerente Abílio Clementino Bezerra. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; "para os lugares onde paga porte - mais mil réis por ano".

Abriu a matéria a nota a seguir: "Aos assinantes - Para simples ensaio ou experiência, fizemos a presente tiragem do Sete de Setembro, porquanto a Empresa não está ainda habilitada a dar semanalmente o periódico, cuja publicação depende da aquisição de algum material que ainda não temos. Assim, pois, avisamos aos assinantes que só no dia 6 de janeiro sairá o primeiro número".

Segundo o editorial de abertura, a empresa fora fundada a 7 de setembro, para editar um jornal "noticioso, literário e recreativo". Trataria das "questões mais importantes relativas à administração, especialmente municipal, à lavoura, ao comércio, à indústria", com "a máxima imparcialidade e completamente desligado de partidos políticos. O seu título é o símbolo de sua independência partidária".

A edição apresentou-se noticiosa, ainda com anúncios nas duas últimas páginas, sendo o trabalho gráfico o pior possível.

O seguinte número avistado foi o 26º, de 11 de agosto de 1900, quando ocupava a gerência Severino Leal.

Após a ausência de comprovantes de vários meses, encontra-se uma coleção desfalcada, a partir do nº 10, ano II, de 30 de março de 1901, proporcionando boa idéia do prosseguimento da existência do Sete de Setembro, que passara a editar-se semanalmente. Mantinha a mesma forma de jornal mal impresso, mal feito, porém curado da inovação da estréia, com quatro colunas de composição, forma que permaneceu até o fim.

Desde o mencionado nº 10, veio o periódico divulgando a nota intitulada "Justo pedido", segundo a qual não se mostravam os assinantes pressurosos em liquidar seus débitos junto à gerência, quando "tão generosos foram" no primeiro ano da publicação. Chamava-lhes a atenção e oferecia assinaturas novas a outros.

Na continuação da pesquisa, foi possível verificar a ocorrência de substanciosos editoriais, em que eram focalizados temas econômicos, sociais, agrícolas, saúde pública e política geral; raros artigos assinados, a salientar algum de Luiz Gonzaga; versos satíricos d'O Matuto de Vicência e, bastante assídua, a seção "Ridendo", de mote-glosas, firmada por diferentes pseudônimos. Mais noticiário, transcrições, "Seção livre" e duas páginas, praticamente, de anúncios.

Tendo propiciado 44 edições até dezembro de 1900, mais 43 foram dadas a lume no período de 17 de janeiro a 23 de dezembro de 1901.(1)

Manteve o Sete de Setembro, até o fim, a sua qualidade precípua de órgão dos interesses populares (Bib. Púb. Est.).

## O PLANETA

Órgão dos Interesses Populares - Propriedade "de uma Associação", tendo como gerente Severino Leal, saiu o primeiro número no dia 19(1) de abril de 1902, em formato de 40 x 28, de quatro colunas, com quatro páginas. Tabela de assinaturas: ano - 8\$000; semestre - 5\$000; pelo resto do ano - 6\$000; "para os lugares onde paga porte - mais 1\$000"; pagamento adiantado. Número avulso - 200 réis. Impressão em tipografia própria, à rua 15 de Novembro, 6, onde também funcionava a redação.

Lia-se no artigo de apresentação: "...O Planeta não é mais que uma continuação do Sete de Setembro, cuja propriedade passou a terceiros. Com o mesmo programa que aquele seguia, como ele também não pertence a nenhum partido político ou não se envolverá em política de partidos, dedicando-se, exclusivamente, à defesa dos interesses do povo". E, mais adiante:

---

(1) Segundo os "Anais", de Alfredo de Carvalho, a publicação do Sete de Setembro só tinha perdurado "até finais de 1900".

(1) Não no dia 10, como registrou Alfredo de Carvalho.

"Apóstolo de uma idéia, não nos desviaremos jamais do caminho que nos traça o dever, caia embora sobre nós todo o ódio de políticos partidários a quem não temos contas a prestar, porque estamos certos de que estes mesmos reconhecerão em seu íntimo, como órgão desse mesmo povo, cujos interesses defendemos, que só assim procederemos corretamente".

Redigido por Abílio Clementino Bezerra, o semanário seguiu existência normal, especializando-se no comentário, sobre os assuntos mais diversos, e na parte noticiosa, tendo quase duas páginas de anúncios, divulgou também seções leves, tais como: "Para rir"; "Não sou eu quem diz", por Quindim, e "Troçando", por Zebedeu, todas de curta duração; "Parte recreativa", de charadas, e a colaboração poética de Ribeiro da Silva, Severino Quintino, Sinfrônio César Coutinho, O Matuto de Vicência, etc.

Com a edição de 20 de dezembro, descansou o jornal, voltando a 10 de janeiro de 1903, para extinguir-se com o número seguinte, o 38º, do dia 17. É que depusera a pena o seu redator único coagido pela "tempestade de ódio e perseguições que de longo tempo o ameaçava se não cedesse uma linha na execução do programa"; para não ceder, teve que recuar; ao que acrescentou o editorial de despedida: "Sucumbe, pois O Planeta, que, enquanto pode, manteve-se com altivez, reagiu com independência", concluindo: "...choremos, portanto, leitores, diante do fato deponente de nossa civilização; deixemos cair o nosso pranto de cidadãos patriotas sobre o



túmulo d'O Planeta, onde podeis gravar o seguinte epitáfio: Aqui jaz um herói que caiu mártir do dever" (Arq. Púb. Est.).

## **A CIDADE**

Folha de publicação semanal, aos sábados, entrou em circulação a 26 de setembro de 1903, no formato de 41 x 30, com quatro páginas de quatro colunas normais. Impressa em tipografia própria, à rua do Bom Jesus, 34, transferida depois, para o nº 14, tinha redação e escritório no mesmo local, sendo orientador político Herculano Bandeira; diretor-proprietário - Arquimedes de Oliveira; redator-chefe - Ulisses Gerson da Costa; redatores - Florentino Olímpio dos Santos, Joaquim Dias Bandeira de Melo; Gerente - Vitor Vieira de Melo; procurador - Manuel Bernardo Filho. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$00; para fora do município: ano 12\$000. Número avulso - 0\$200.

Consoante o artigo de apresentação, Nazaré "ressentia-se da falta de um órgão de imprensa" que elevasse a sua cultura, o seu comércio e a sua agricultura, adiantando: "É para a defesa desses interesses, é para batalhar pelo bem público, sem enfraquecimento e sem tibiezas, que A Cidade vem ocupar modesta posição entre os seus colegas do país, comprometendo-se a trabalhar pela grandeza e pela felicidade desta bela porção da pátria pernambucana".

Mais adiante, frisava: "...seremos tolerantes e nunca descalçaremos a luva de cavalheiros, nem despertaremos ódios e paixões, sejam quais forem as pugnas em que tivermos de entrar, na defesa de nossas idéias e de nossos princípios".

O periódico apresentou variada matéria, a salientar a crônica "Minha Carteira", assinada U.C. (Ulisses Costa), noticiário miúdo e uma página - a última - de anúncios, além dos "a pedidos".

Seguiu-se a publicação regularmente, dando 14 edições até o dia 27 de dezembro, para abrir numeração nova a 3 de janeiro de 1904, prática que manteve pelos anos afora. O nº 2, do dia 10, saiu em papel couchê, a primeira página litografada (oficina da Fábrica Lafaiete, no Recife), tendo ao centro o retrato, emoldurado de folhas de louro, do senador federal Herculano Bandeira, lendo-se, na segunda, o respectivo artigo biográfico.

Já no nº 6, ano II, A Cidade ostentava melhor feição material, uma vez que a tipografia adquirira nova tipagem. E veio a ter a colaboração de Ab. de O. (juiz Abdias de Oliveira); O Leão da Floresta(1) pseudônimo de Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo ou B.M., Dr. Pitombo, por pouco tempo, com a "Casa de Doi-

---

(1) O "Leão da Floresta" serviu de título, posteriormente, a um livro do Velho Chateaubriand, constituído de artigos publicados em diversos jornais, tendo como temas o reflorestamento e a mudança do nome da vila de Chã de Carpina para Floresta dos Leões.

do"; Gin, o das quadras humorísticas, esporadicamente; juiz Materno de Carvalho, sobre o tema "Jurisprudência"; José de Barros Lima, Ribeiro da Silva, Mota Filho, João Barreto de Meneses; Apeles, autor da "Galeria Nazarena"; Paulo Júnior e Braz, que firmavam, respectivamente, as seções "Prosa ligeira" e "Pingos", em versos, sendo ambos pseudônimos do acadêmico Pedro Elísio de Macedo França, o qual logo depois passou a integrar o quadro de redatores.

Com o nº 39, de 24 de setembro, o semanário assinalou o primeiro aniversário de sua fundação, declarando em editorial: "Não olhamos para trás e ainda não saímos de nosso programa, traçado sob vistas patrióticas, com intuitos os mais generosos e os mais largos". A data foi celebrada festivamente.

Pouco depois - edição de 5 de novembro - o gerente era substituído por Manuel Bernardo Filho.

Durante todo o tempo, A Cidades deu cobertura às andanças do grupo de malfeitores de Antonio Silvino, que vinha operando na zona da mata, entrando, conseqüentemente, em polêmica com A Província e o Correio do Recife, que acusavam a política municipal nazarena de dar proteção aos bandidos.

No ano seguinte, Macedo França substituía as duas seções, que mantivera, por uma única: a crônica "Pela rama", assinada com as iniciais M.F. Depois, vieram o "Quebra-Cabeças"; o "Cinematógrafo", por Xixi; e crônica-rodapé de

Castor; versos de P. Loiola, Francisco Lins, Honório Monteiro, Miranda de Azevedo, Manuel Firmo Júnior, Herbert Spencer, etc. E ocorreram editoriais em defesa da política de Rosa e Silva, de âmbito estadual; novas tricas, que se tornaram constantes, com o Correio do Recife; vigorosa campanha contra os serviços da Great Western (hoje, Rede Ferroviária do Nordeste), e não deixou de ser assinalada no comentário "Minha Carteira"(2) , na edição competente, a data do segundo aniversário d'A Cidade.

O ano de 1906 iniciou-se com a divulgação de um manifesto de Herculano Bandeira, solicitando sufrágios para a chapa do Partido Republicano, cujas eleições se realizaram a 30 de janeiro. M.F. passara a escrever "Pontos Cardeais", e, além de outros, apareciam sonetos de José Américo de Almeida e Fernando Mendonça. Em 1907, criava-se o "Salão dos Novos", em prosa e verso, nele colaborando Paulo Eleutério, Raul Monteiro, Armando Martins, Rostand, Lírio do Vale e outros plúmitivos. Novas seções: "Cotas e Notas", por E. leitor; "Sabatinas", de Clóvis; "Perfis Leo-Florestanos", a cargo de Leo, e os "Contos ligeiros", de A.A. (Artur de Albuquerque).

---

(2) Na sua crônica de 23 de setembro de 1905, escreveu U.C.: "...desde os tempos de colegial que ando a fazer jornais, a começar pela Esperança, que era manuscrita, pela Escola, já impressa, e, depois de rapaz pelo Democrata, jornal político e combatente, cujas oficinas foram destruídas uma noite, pela intolerante ignorância do partidarismo de aldeia".

No nº 4 de 1908, aparecia no cabeçalho, pela primeira vez, o nome do diretor-proprietário, seguido do redator-chefe(3), que sempre lá esteve, e do de Vítor Vieira de Melo, que reassumira a gerência. Clichês individuais dos três responsáveis pela A Cidade vieram a figurar ao alto da primeira página, ao comemorar-se-lhe o quinto aniversário, a 26 de setembro. Eles fundaram o periódico, consoante artigo alusivo, "no período agudo de esperanças políticas dos adversários do partido dominante. Mas, nem por isto deram feição de intolerância ao seu jornal". Embora não retratado, Macedo Franca, já bacharel, permanecia como redator efetivo.

De substituição em substituição, surgiram, nesse ano, as "Notas dos tempos", em rodapé, por Proudhon que, em 1911, seria substituído por Garçon; as "Impressões", por Fabrizio Teles; artigos sobre Veterinária e, nos anos seguintes, sobre Agricultura, por José Teófilo; outros de J. Vargas (pseudônimo de Assis Chateaubriand), procedente do Recife; crônicas de Byron (como se ocultava Osvaldo Chateaubriand); transcrição de sonetos, etc., não faltando editoriais em torno de problemas regionais ou municipais visando, sobretudo, ao progresso agrícola a par de algum noticiário. E manteve-se na estacada, defendendo a administração de Herculano Bandeira

---

(3) Desde o início de sua atuação n'A Cidade, Ulisses Costa era promotor público em Paudalho. No governo de Herculano Bandeira, foi nomeado (abril de 1908) chefe de polícia do Estado, ainda assim continuando o seu nome no cabeçalho.

e a chefia política de Rosa e Silva, com ataques ao órgão oposicionista Correio do Recife.

Prosseguiu A Cidade circulando ininterruptamente, pelos anos de 1909, 1910 e 1911, sendo novos colaboradores: Grant, com os "Comentários"; Aprígio Ramos - "Agrícolas"; Ignotus - "De quando em vez"; Sory, com os "Cartões Postais", ou Soriano Filho (Tomaz), que era o mesmo, com os "Meios traços"; Artur Maranhão; Chauffeur, assinando a crônica "Automóvel"; Charles H. Koury; Dimas Filho - "Coisas e Coisinhas"; D. Picolino; Amauri de Noé; Giton Júnior. Vero, etc.

No último trimestre de 1911, o semanário fez a propaganda da candidatura Rosa e Silva ao governo do Estado, através de editoriais, manifestos e noticiário dos acontecimentos políticos subsequentes às eleições de 5 de novembro, do que resultaram a vitória daquele e o reconhecimento e posse do respectivo competidor, general Dantas Barreto.

Derrotada a causa rosista, continuou a publicação em 1912, a caminho do fim, já se havendo afastado da redação (nº 48, de 09/12/1911) Ulisses Costa. Só inseria transcrições, ligeiro noticiário, atos da Prefeitura e mais de duas páginas de anúncios, sem estímulo, vaga e inexpressivamente. Arrastando-se assim, deu a público o derradeiro número (sétimo do ano) a 17 de fevereiro de 1912 (Arq. Púb. Est.).

## A CIGANITA

Livro de Sortes - Entrou em circulação na segunda quinzena de maio de 1906, organizado por Juca Buliçoso e impresso nas oficinas d'A Cidade. Não existe comprovante nas bibliotecas visitadas. Noticiando-lhe o aparecimento, salientou o Jornal do Recife do dia 26: "Traz muitas sortes engraçadas para as noites de Santo Antonio, São João e São Pedro, sendo encontrado à venda nas casas comerciais de Paudalho, Carpina, Nazaré, Lagoa do Carro e Limoeiro".

## A SEMANA

Órgão Oficial do Município - Publicação dos sábados, circulou o número primeiro no dia 4 de janeiro de 1913, em formato de 48 x 31, com quatro páginas de quatro boas colunas, funcionando a redação e administração na rua 15 de novembro, 12. Redator-chefe - Arthur Tavares de Moura. Tabela de assinaturas: "para lugares onde não se paga porte": ano - 10\$000; semestre - 6\$000; para "lugares onde se paga porte": 11\$000 e 6\$500, respectivamente. Preço do exemplar - 200 réis.

Constava do editorial de abertura: "Será combatente e tolerante. Politicamente, milita nas fileiras do Partido Republicano Democrata, que reconhece como chefe o exmo. general Dantas Barreto, o glorioso governador de Pernambuco. Defenderá seu programa e amará seus princípios".

Nem só, porém, de artigos políticos e de atos oficiais viveu A Semana, mas também um pouco de literatura, mais o noticiário. Teve como principais colaboradores A. Coutinho Filho, J. Mendes, M. Sampaio, Maria das Dores, J. Cunha, etc.

Na edição de 13 de fevereiro de 1915 publicava o seguinte: "Proprietários e redatores, Artur Tavares de Moura, Francisco Salustiano Correia e Manoel Júnior responsabilizam-se por tudo quanto for publicado, menos na seção paga". A 28 de agosto do mesmo ano afastou-se Artur Moura.

Eram então colaboradores Aprígio Ramos, José Stanislau, padre Zacarias Silva, Manuel Raposo, Arnaldo Lopes, etc.

Com a edição de 25 de março de 1916, foi iniciada nova fase, ficando Manoel Firmo como diretor-proprietário exclusivo, passando o semanário a defensor da Agricultura, sem deixar de ter sua parte lítero-noticiosa.

Circulou até 23 de dezembro de 1916 (Bib. Púb. Est. e Coleção Vitor Vieira de Melo)(1).

## O TROCISTA

Órgão Crítico, Noticioso e Familiar - Número único, foi posto em circulação a 2 de fevereiro de 1913, no formato de 24 x 18, a duas co-

---

(1) À coleção da Biblioteca Pública do Estado falta o último número.



lunas de composição, com seis páginas, a última das quais, todavia, em branco. Redator-chefe - Zé Pimpolho. Preço do exemplar - 0\$100.

Lia-se no artigo-programa, após dizer que era um "jornalzinho sério": "O trocista será trocista mesmo, porém dentro de certa linha de respeito para com o público".

Inseriu boa matéria carnavalesca, a salientar as "Deixas em versos", por Momo; uma página inteira de "telegramas"; crônica de Pimpolho e o poema "troçando", de João Carnavallis.

Nova edição d'O Trocista circulou no carnaval de 1915, a 14 de fevereiro, acompanhando o ritmo da precedente (Arq. Púb. Est.).

## **A UNIÃO PAROCHIAL**

Quinzenário noticioso, fundado a 24 de novembro de 1915, tinha feição religiosa, estando sua redação a cargo dos vigários da região (Cf. Tadeu Rocha)(1).

## **O ESTRELLA**

Achava-se em circulação na cidade de Nazaré, consoante notícia dada pelo Gravataense, de 3 de março de 1917.

---

(1) In "Registro Bibliográfico", Diário de Pernambuco, 24 de setembro de 1950.

## GAZETA DE NAZARETH

Entrou em circulação a 17 de fevereiro de 1917, no formato de 50 x 34, com quatro páginas de cinco colunas. Propriedade de Severino Fernandes dos Santos Leal e Severino Mitre de Amorim; redator - Abílio Clementino Bezerra. Redação e oficinas à rua Quinze de Novembro, 12. Publicação semanal, adotou os preços de 10\$000 e 6\$000, respectivamente, por assinatura anual e semestral, ou 11\$000 e 6\$500 "para os lugares que requeiram porte postal". Número avulso - 200 réis.

Lia-se no editorial "O nosso programa": "...não tem feição política, o que, entretanto, não significa dizer que seja ela indiferente à vida, aos costumes e aos fatos políticos, porquanto sendo assim não viveria. Como órgão noticioso, perquirindo os fatos, os acontecimentos e suas circunstâncias, para bem servir ao público legente, ela, como qualquer outro da mesma feição, descambará fatalmente para o terreno político". Aduziu: "A Gazeta de Nazareth será a mais franca: aplaudidora dos bons atos da pública administração", acrescentando:

"A literatura, o comércio, a indústria, a agricultura, as artes, a ciência, todas as classes enfim terão guarida em nossas colunas, embora humildes, mas cheias de boa vontade para com elas, sobretudo quanto concerne ao seu desenvolvimento progressivo".

A edição divulgou comentário de Saturno, sob o título "Festas a Momo"; vasto noticiário local, "Solicitadas" e duas páginas de reclames comerciais.

No nº 4, de 6 de março, toda a matéria foi dedicada ao centenário da Revolução Republicana, aparecendo a primeira página entre tarjas, com os dizeres, ao centro, em tipos grandes: "Homenagem aos Mártires Pernambucanos de 1817", e, abaixo, uma quadra, alusiva, de Castro Alves.

Seguiu-se a publicação normalmente, especializando-se em noticiar fatos e acontecimentos citadinos e regionais, adotando, nos primeiros meses, a seção "Meus rabiscos", a cargo de Seça, e inserindo, ora um ora outro, artigos de colaboração ou poesias de Aprígio Ramos, Carlos de Nazareth (como se assinava o promotor Carlos Augusto Pereira da Costa), Arlindo Correia, José Teófilo (Agricultura), Barbosa Neto, Searom Reivax ou, simplesmente, Ed Reivax (anagrama de Henrique de Moraes Xavier); S.E. Correia de Araújo, João Manuel Vieira de Melo, Emiliano Pereira, Arquimedes Bezerra de Miranda, o das "Linhas Agrícolas"; B. Pontual Júnior ou Otsuaf; Júlio Campelo, Booz Vieira de Melo, Benjamim Vasconcelos, Mocinha Cavalcanti; Flavinho, que, em 1920, mandava crônicas do Recife; J. Hirondele, autor da "Galeria Nazarena"; P. de Droit, com a crônica "Do meu álbum", Artur Maranhão, etc.

O primeiro dos dois Severinos permaneceu sozinho, na direção, a partir de 27 de abril de 1918. No ano seguinte começou uma série de sonetos célebres na primeira página. Ao findar 1920, o jornal achava-se em crise e apelou para os assinantes, a fim de que saldassem seus débitos para com a direção. Dizia uma nota, repetida nos meses de novembro e dezembro: "Para bem servi-los estamos fazendo sacrifício. O material de imprensa está custando muitas vezes mais do que outrora e nós nada alteramos no preço da assinatura do nosso periódico. O resultado disto é que temos grandes compromissos a saldar e para fazer contamos com o favor de nossos assinantes".

Tudo correu da melhor forma e não houve solução de continuidade na circulação da folha que, desde 1919, teve a colaboração de Abdias Cabral de Moura, ora mandada de Timbaúba, ora "Do Recife", ora "De Olinda". Outros nomes iam aparecendo, entre eles J. Ataíde de Moura, em cujo primeiro soneto publicado usou o pseudônimo Evasio de Circuram; Raul Braga, o qual, a partir de 1923, enviava espaçadas correspondências "Do Extremo Norte"; Lídio Gomes ou Lidiano d'Alva, desde 1924, ano em que João M. Vieira de Melo se transformou em Dom Sarito, assinando a crônica "Meus 7 dias" e, no ano seguinte, de setembro a outubro, entrou em polémica com o padre Álvaro Negromonte, novo colaborador, a propósito da pretendida adoção do ensino religioso nas escolas.

Em 1926, ocorreu a remodelação do prédio da redação e oficina e foram adquiridas, igualmente, novas fontes de tipos. Assim é que o seminário, já no seu nº 476, a 5 de junho, apresentava melhor aparência material. Era o início de nova fase, quando, uma vez afastado Abílio C. Bezerra, assumiu a direção Adarico Negromonte, signatário do artigo "Nossa norma", no qual frisou:

"A Gazeta de Nazareth será, como sempre, o órgão noticioso e independente. Como dantes, não conhecerá compromissos partidários. Ela saberá aplaudir os gestos nobres e bons e apontar os erros, recriminando-os com sinceridade imparcial, deixando de largo as discussões estéreis que criam partidos e afastam amigos".

Começaram a ser publicados os atos oficiais da Prefeitura Municipal e surgiam novos colaboradores, como M.R. Moura, Gomes Maranhão, Júlio César, com a crônica "Sem título"; Amaragy Ribas, o mesmo Manuel Amaral; Aprígio Ramos (novamente); Mauro Mota e Andrade Lima Filho, ora prosa ora poesia; Felisberto dos Santos Pereira(1) , que aparecia, também, como

---

(1) Ressaltou o então juiz de direito, dr. Felisberto dos Santos Pereira, num artigo da Gazeta de Nazareth, a 15/02/1930: "Vem de longe, aliás, essa mania de "encher tiras" para a imprensa, como se enche tripas para lingüiça. Muito criança ainda, na escola primária, eu já fazia jornal. Lembro-me, de relance, d'A Luz, , d'A Escola, d'O Livro que, de colaboração com outros colegas atacados do mesmo 'mal', fazíamos a manuscrito, em uma folha de papel almaço, aberta em colunas largas, com letras de fantasia. Era um exemplar único, que o

Felix Peralta ou simplesmente F, assim assinando a seção "Setas e Frechas" e, por alguns anos, chegou a integrar o corpo redacional; Rocha Melo, Ernesto de Albuquerque, Lauro Cisneiros, Baltazer de Oliveira, Aimbiré Kanimura, etc.

Adarico Negromonte, por motivo de sua mudança para o Recife, deixou a função de diretor a 30 de abril de 1927, passando a figurar no cabeçalho: Propriedade de Monsenhor João da Mata Amaral; redatores - "diversos".

Ao atingir o nº 634, ano XIV, de 12 de janeiro de 1929, apareceu na direção o padre Odilon Alves Pedrosa, lendo-se no editorial "Nova fase": "Com a transferencia dos direitos de propriedade sobre a Gazeta de Nazareth do monsenhor João da Mata para esta Diocese, nossa folha ingressa numa nova fase de trabalho não menos digna nem menos operosa". E mais: "Órgão livre, sem ligação de partidos nem de conveniências pequeninas, seremos como sempre, sem alteração de programa, os batalhadores decididos pela conquista de novos e eficientes progressos para Nazaré, os defensores da causa católica na Diocese, os guerrilheiros audazes contra os difamadores, os corrutos, os caluniadores, os mentirosos. Na batida desta rota não mediremos sacrificios. Assim o exigem o bem da Igreja e o de nossa terra. Não nos faltam penas amestradas para o aceso dos combates. A mudança de

---

assinante lia, pagava um tostão por mês e passava, dispondo, apenas, do prazo de duas horas, adiante, a outro assinante. A folha, depois de lida, voltava à 'redação', para o arquivo".

propriedade não implica na Gazeta de Nazareth a deserção do velho elemento literário, que vem colocando nossa filha, modéstia à parte, em elevado plano na imprensa pernambucana".

A redação e oficinas mudaram-se, em fevereiro para a rua Dantas Barreto, e Horácio Alves Cavalcanti assumiu a gerência.

Já havia meses apareciam artigos de João de Nazareth, que não era outro senão o padre Alves Pedrosa; e, sob a nova direção, o colaborador Mauro Mota iniciou a crônica semanal "Da Mauricéa", que atingiu a XV no ano seguinte, janeiro, quando mudou para "Da cidade e dos jardins", continuando com títulos diferentes, pelo tempo a fora, enviadas do Recife.

Começara uma fase de luta. A 20 de abril (1929) a Gazeta divulgou uma nota de protesto contra a profanação da imagem de Cristo por "um desclassificado", que a dependurou de "um ficus benjamin, subtraída, criminosamente, da Igreja de São Sebastião. Edições seguidas fizeram a cobertura do desgravo dos católicos nazarenos, incluindo transcrições de outros jornais.

Ainda em abril, na edição do dia 27, o colaborador A.B., passando a assinar-se Albino Silveira, iniciou "A Voz do Sábado", passando em revista A Voz de Nazareth, jornal de orientação contrária à Gazeta. "É um sumário - explicou - de cada número, acompanhado de uma análise ligeira, um comentário alegre ou sisudo em torno de cada voz". Foi, realmente, o que fez, por algum tempo, dissecando matéria por maté-

ria, atacando-lhe os redatores e colaboradores, à base da sátira e do ridículo. Outro que fez d'A Voz um tema de críticas acerbas, foi Viriato, em crônicas de títulos variáveis.

No mês de junho apareceu o cônego Alfredo Xavier Pedrosa, que focalizou "A questão mexicana", repelindo artigos de Nelson Coutinho. Em compensação, lia-se o "Bric-a-bric", de João do Recife, ou seja, Severino Nicomedes Alves Pedrosa, assim como a boa prosa e a boa poesia de Seve-Leite. À época, o jornal mantinha correspondentes noticiosos nas localidades vizinhas, como Vicência, Aliança e Lagoa Seca, atual Upatininga.

A partir de 5 de outubro de 1929, e por longo tempo, constou do cabeçalho; "Órgão de Orientação Católica", Voltavam, salteadamente, os colaboradores Ed Reivax e Aprígio Ramos; mantidos eram alguns outros e outros iam chegando, a salientar, em 1931, Israel Fonseca, que produzia poesias da melhor qualidade e, por algum tempo, a crônica "De vez em quando"; o padre Campos Góis, Rui Belo, Dimas de Castro, Mário Mendonça de Medeiros, Andrade Bezerra, Luiz Delgado, padre Dubois, Eléa Ramos, Nelson de Alcântara, Pedro Joaquim Velez Botelho, Mário Jácome, etc. Ao findar o ano de 1932, era alvo de severos ataques redacionais Jethro Saraiva Maranhão, a propósito de certo incidente com elementos protestantes, ocorrido em Serinhaém, a respeito do qual aquele fez reparos, através d'A Voz de Nazareth, à atuação, que considerou agressiva, dos católicos locais.



Teve início, em dezembro, a colaboração dos professores José Murtinho e Costa Porto e este, a partir de fevereiro de 1933, passou a assinar, com as iniciais, o comentário eclético "Franjas". Depois, já no segundo semestre do ano, vinham os "Esparssos...", de Fernando de Oliveira Mota, e as "Notas", de Gil.

Nos meses de julho e agosto desenrolou-se o caso Adalberto Gomes - padre Odilon Pedrosa. Logo mais, este, assinando longo artigo, a 7 de outubro, intitulado "Nova direção", despediu-se do jornal. Renunciou por coerência de atitudes. Não podia acomodar-se "à nova ordem de coisas iniciada pelo Governo Diocesano". Não lhe era possível adotar orientação diferente à que sempre manteve, "sem transigência, invariável"; e acrescentou: "Assim, para evitar dificuldades de qualquer ordem, renovei, perante o Governo Diocesano, a renúncia à direção do jornal, afastando-me, com a devida aquiescência de S. Exa. Revda."

Assumi a direção, na semana seguinte, José Costa Porto. Mas, a 7 de julho de 1934, foi substituído pelo padre José V. Távora, ficando ele e José Murtinho como redatores. Nesse ano, a Gazeta fez a cobertura da criação da Legião Nazarena do Trabalho; voltou a atacar A Voz de Nazareth; abriu campanha contra o Protestantismo e apoiou os candidatos à Constituinte recomendados pela Liga Eleitoral Católica.

No ano em referência, a partir da edição de 3 de março, divulgava-se a seção "Apostilas de

gramática", firmada pelo Professor Terêncio, pseudônimo com o qual se revezavam Fernando Mota e Costa Porto.

A 16 de fevereiro de 1935 transferiu-se a direção ao padre Otávio Aguiar. Despedira-se, antes, o antigo gerente, cargo que permaneceu vago. Voltou a colaboração do padre Álvaro Negrômonte e liam-se produções de Pedro Ivo, José Alves Filho e José Constantino. Meses depois, a 20 de julho, retornou à direção o padre Távora, ficando o padre Aguiar na função de redator-chefe, que só ocupou o mês de fevereiro seguinte.

No ano em referência, ocorreu, a 20 de novembro, a maior edição do periódico católico: 24 páginas (três cadernos), em homenagem ao jubileu sacerdotal do bispo da Diocese, D. Ricardo Vilela, cuja vida foi historiada e fartamente ilustrada, sucedendo-se artigos assinados alusivos. O terceiro caderno foi dedicado aos jornalistas do interior.

Sem novidades em 1936, em março do ano seguinte deixava a direção o padre Távora, sendo substituído pelo padre Eurico Cavalcanti, o qual, em novembro, foi, por sua vez, substituído pelo padre Carlos Neves Calábria. A partir de 23 de abril de 1938, no lugar do diretor, aparecia um redator-chefe: O padre Daniel dos Santos Lima. A gerência foi ocupada, sucessivamente, pelos padres Calábria, Luiz Ferreira Lima e Petronilo Pedrosa, este já no fim de 1939, para assumir a direção em janeiro de 1943, com Calábria, que estivera ausente, na gerência. Mas em

novembro subiu o padre Daniel para a direção, voltando o padre Petronilo à função de gerente. Finalmente, a partir de 10 de fevereiro de 1945, sem mais alteração, viu-se, no cabeçalho, um único nome: o do padre Daniel, na dupla qualidade de diretor e redator-chefe.

Desde 1937 vinham ocorrendo, na Gazeta, artigos filosóficos e doutrinários e crônicas sobre a vida e costumes da cidade, assinados por nomes desconhecidos no cenário jornalístico, tais como: João Maurício, Carlos Souto, C. S., Carlos de Alencar, Fernando Lins, Xerxes Lins, Heitor Pinto e Caeté, às vezes dois ou três deles numa mesma edição. Eram, todos, pseudônimos do enciclopédico padre Daniel Lima. Outros colaboradores revezavam-se, a saber: Gentil Mendonça, padre Júlio Cabral, padre João Mota, etc. A 20 de maio de 1939 o jornal declarou-se "Filiado à Associação da Imprensa de Pernambuco", linha que foi retirada do cabeçalho em fevereiro de 1942.

Atingido o nº 1161, ano XXII, a 20 de janeiro de 1940, foi acrescido de cinco centímetros o formato do periódico. Nessa edição, de 12 páginas, reafirmou-se, em editorial, o programa de orientação católica, acrescentando o articulista: "Todos os problemas humanos nos interessam e a nada somos indiferentes, porque Cristo se encontra em toda parte onde existe um anseio humano de Ordem, um coração que busca Felicidade e Amor".

Por outro lado, alterou-se a tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$500; pelo

Correio - 13\$000 e 7\$000, respectivamente. Custo do exemplar - 300 réis. Foram outros colaboradores: frei Romeu Peréa, F. Simplício Pessoa, Silvino Lopes (09/03/1940), Sebastião Estanislau e Aristides de Paula, que iniciou, em 1941, a "Coluna Médica", de grande duração. No ano seguinte, o eterno colaborador João Manuel Vieira de Melo fixou-se na seção "Fatos e Coisas de Nazaré", dois anos após substituída por "Meu recanto de coluna". Vinha ocupando duas colunas da última página o importante comentário redacional "Aconteceu que..." e não paravam as produções pseudônimas, alternando-se, enquanto isto, a colaboração dos padres de nomes antes referidos, sobretudo Xavier Pedrosa.

Outra edição de 24 páginas verificou-se a 17 de fevereiro de 1942, comemorativa do jubileu da folha, Abriu-a o artigo do padre Daniel "Exame de consciência e itinerário da Gazeta de Nazareth", que salientou: "Queremos marchar para novas agonias, queremos experimentar a descida de outras sobras, para sentirmos a emoção feliz dos que sofrem por Cristo. Queremos conservar aceso o facho de luz que recebemos das mãos dos que nos precederam. E, ai de nós, se a sua luz se extinguísse em nossas mãos, por nossa culpa!" Duas páginas - a terceira e a quinta - ilustradas de fotogravuras, divulgaram o trabalho "Infância, Adolescência e Mocidade da Gazeta de Nazareth - Os que a têm acompanhado e dirigido na sua jornada de 25 anos". Escreveram sobre a data: Costa Porto, Adarico Negro-monte e Milton Campelo. Diferentes artigos ti-

veram a assinatura de Luiz Delgado, Arnóbio Tenório Wanderley, Th. de Meneses e outros. Poesias de Ed Reivax e Edison Régi. Duas páginas homenagearam o Clero Diocesano.

Já não circulava com a regularidade inicial o importante órgão católico, variando entre semanal e quinzenalmente, ora com quatro, ora com seis, ora com oito páginas. Ao atingir o nº 1378, a 9 de janeiro de 1943, devido à alta do custo do material de impressão, elevou-se o preço das assinaturas anual e semestral para Cr\$ 15,00 e Cr\$ 8,00 respectivamente.

No mês de dezembro reapareceu Costa Porto, que passou a assinar a série de comentários ligeiros "De rebus plurimis" e, a partir de 1944, ocupava duas colunas da última página a seção de estudos filosóficos "Pensamento algum", com a assinatura Marcial, outro travesti do padre Daniel, ainda aparecido, aqui e acolá, usando, inclusive, o próprio nome.

O jubileu de sagração episcopal de D. Ricardo Vilela foi solenizado a 8 de dezembro, numa edição de 16 páginas. A partir de 10 de fevereiro de 1945, num quadrinho à esquerda do título, instalou-se a divisa: "Et veritas liberabit vos" (J.8,32).

No mês de agosto de 1947 ficou suspensa a Gazeta, reaparecendo no dia 14 de fevereiro do ano seguinte. Ocorrendo dificuldades financeiras, subiu para Cr\$ 1,00 o preço do exemplar e ficou saindo com quatro páginas. Meses depois, uma vez publicado o nº 1561, de 14 de junho de 1948, verificou-se nova suspensão.

Nos últimos dois anos ocorriam as seções de comentários, tais como: "Chapéu de mágico", por Malazarte; "Notas dipersas", a cargo de Flávius Josephus e "Bilhetes sem endereço", de Héctor. Ainda produção de Guerra de Holanda, Manuel Raposo, padre Petronilo, frei Romeu Pe-réa, Durmeval Trigueiro, Zildo Maranhão e outros.

Estendeu-se por mais de três anos a ausência da Gazeta de Nazareth, até que voltou com o nº 1, ano XXXV, a 17 de fevereiro de 1952, apresentando-se com oito páginas, em comemoração à data, sob a mesma direção, feito "Semanário Informativo e Formativo". E voltava "sem novo programa e sem novos métodos, apenas melhorada em sua feição material", conforme o editorial de abertura, que acrescentou, entre outras considerações: "Não é um jornal da Igreja, é um jornal dos católicos". Subiu para Cr\$ 50,00 o preço da assinatura anual.

Prosseguindo, o colaborador de temas musicais padre Jaime Diniz ocupou a direção efetiva nos dois primeiros meses de 1953, em virtude de transitória ausência do padre Daniel.

Desde o reaparecimento criaram-se diferentes seções, tais como: "O Conto da Semana", iniciado por Ângela Delouche(2); "A cidade em revista", a cargo de Jota; "Vida Cristã"; "Notícias da Paróquia"; "Notas e Informações"; "Semanalmente", por J.M. Vieira de Melo; "Vida Social"; "A vida no lar", com a assinatura de

---

(2) O nome todo da escritora é Maria de Lourdes Ângela Bandeira Deluxe Bedel.

Evaldina Bezerra; "Viagem no tempo", de Pinóquio; "Cinema", de Neusa Perrelli e, depois, José Gilvan; "Problemas religiosos", por frei Boaventura, etc., seções que se revezavam ou substituíam.

Outros colaboradores da última fase: Jarbas Maranhão, padre João Machado, Bartolomeu Falcão Eolo Ramos, Roberto Bezerra de Menezes, monsenhor Ascânio Brandão, Clélia Raposo, Manuel Raposo, Carlos Frederico Maciel, Sílvio Loreto, Rômulo Brandão, etc., fora o padre-diretor com seus diferentes pseudônimos, inclusive, Polichinelo, com a crônica "Do asteróide B-612".

Circulando aos sábados, a apreciada Gazeta de Nazareth, que não perdia jamais oportunidade de combater o regime comunista, teve curso regular na sua última fase, abrindo cada ano numeração nova, para terminar o de 1954 com o nº 53, ano XXXVII, de 31 de dezembro<sup>(3)</sup> (Bib. Púb. Est.).

## A NOITE

Citado numa "Bacia de Pilatos" da Folha da Manhã, do Recife, foi o jornal em que, nos tempos idos, Guerra de Holanda e Zito Mota (José João da Mota e Albuquerque) se iniciaram, em Nazaré da Mata, na vida de imprensa. Saía pela manhã, aos sábados; tinha "o tamanho de

---

<sup>(3)</sup> Continuou em 1955 e ainda circulou alguns anos.

um palmo e era datilografado no papel que seu Papi fornecia, praticamente de graça". Edição de único exemplar, "era lida pelos assinantes, que pagavam o preço de mil réis (um cruzeiro), com a obrigação de devolvê-lo imediatamente", para, nas mesmas condições, passar de mão em mão, "por um preço exorbitante". Os senhores de engenho "eram as principais vítimas" desse vigarismo dos dois jornalistas-meninos-matutos. A "Bacia" não mencionou datas.

## NAZARETH-JORNAL

Órgão Independente, de Publicação Quinzenal - Lítero-Crítico-Humorístico-Social - Surgiu no dia 16 de fevereiro de 1919, em formato de 30x20, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na tipografia do Jornal do Recife. Instalou redação à rua 15 de novembro, 18, transferindo-se, depois, para a Travessa 7 de setembro, 17. Tabela de assinaturas: ano - 2\$500; semestre 1\$300; preço do exemplar -100 réis. Direção conjunta de Henrique Xavier de Moraes, João Manuel Vieira de Melo e Manuel Arão G. Lima.

Constou do artigo de apresentação; "A sua traçada trajetória é toda moralizadora, o seu programa é semear a mancheias o Bem; difundir a Verdade; repartir em pequenas doses a Literatura seleta, amena e variada, o humor doce, a crítica, leve sem que melindre a moral de quem quer que seja. Espalhar a luz sacrossanta do Direito e da Justiça, quebrando um a um os elos



que prendem ao poste do martírio o mísero "transgressor às leis" de seus maiores; eis o dilema"(1).

A par de comentários ligeiros e noticiário dos acontecimentos citadinos, o periódico, que circulou regularmente, inseria a colaboração de Emiliano Pereira, A. Cappelletti, José de Assis, Marquês de Roial, A. Arão, Haidée do Prado, Jota Arruda, A. Requião, Lambary, Bisbilhoteiro, autor das "bisbilhotices"; A. Lapis, assinando "caricaturas em versos; Timon, com o "Panteon nazareno", etc. Manuel Arão G. Lima escrevia abundantemente, em prosa e verso, e Henrique Xavier de Moraes ocultava-se sob o pseudônimo de Ed Reivax.

Ocorriam, igualmente, "Bilhetes Postais", "Carnets", e a redação chegou a estabelecer duplo concurso: de beleza e de simpatia, o que levou Tadeu Rocha(2) a dizer que não faltavam, no Nazareth-Jornal, "uns tons de mundanismo municipal".

Impresso, a partir do nº 3, nas oficinas da Folhas do Povo, em Limoeiro, só há notícia da existência do quinzenário até o nº 14, de 24 de agosto (Bib. Púb. Est.).

---

(1) Caiu da pena do redator, naturalmente por engano, a palavra dilema, no lugar de lema.

(2) "Registro Bibliográfico".

## A VERDADE

"Fundado em 1926, pelo padre Álvaro Negronte, foi de existência efêmera" ("Letras Católicas em Pernambuco").

## SORRISO DE FÉRIAS

Jornalzinho editado pelas alunas do Ginásio Santa Catarina, surgiu em novembro de 1926, tendo como diretoras Luiza Borba, Noemi Lapenda e Maria José. Quatro páginas, datilografado.

Destinado a publicar-se nos fins de períodos letivos, tinha como colaboradores as próprias alunas, que davam expansão às suas tendências literárias juvenis. Inseria noticiário escolar, notas sociais, variedades e humorismo. Tal o programa igualmente adotado nas edições de junho e de novembro de 1917 e na de novembro de 1928.

Sorriso de Férias entrou em nova fase com a edição de junho de 1929, nº 5, impressa em caracteres tipográficos, nas oficinas da Gazeta de Nazareth, com quatro páginas de pequeno formato e lisonjeiro aspecto, bem distribuída a matéria. Novas diretoras: Cecília Maranhão e Elea Ramos.

Foi, no entanto, o último posto em circulação (Bib. Gin. Santa Catarina).

## A VOZ DE NAZARETH

Não coisas novas, mas de uma nova maneira - Órgão "de uma Associação", saiu a lume no dia 20 de abril de 1929, em bom formato de 47 x 31, com seis páginas de cinco colunas. Redatores - "diversos"; diretor-gerente - Severino Fernandes dos Santos Leal. Assinatura Anual - 10\$000, ou 11\$000 se enviada pelo correio, mediante pagamento adiantado.

Constava do editorial "Porque existimos": "Produto do esforço e boa vontade de muitos nazarenos amigos de nossa terra, seremos sempre o órgão das classes conservadoras. Não trazemos como lema, limitando o nosso programa, um combate sistemático, quer a correntes políticas, quer a dogmas religiosos".

Frisou que a sociedade nazarena "sentia a necessidade de um jornal que melhor se interessasse com os problemas que lhe digam respeito, que, estudando-os, resolvendo-os, seja a razão de sua existência". Mais adiante: "Independente, tendo por lema a liberdade de ação, franqueando suas colunas a quem queira colaborar livremente, dentro da moral e da razão, se propõe, sim, para a luta honesta, sincera e leal". Não tinha sectarismo, obedecendo ao imperativo da liberdade de ação e de pensamento.

Excelente feição gráfica (oficinas próprias), o clichê do título destacado em tinta vermelha, a edição de estréia inseriu produções, em prosa, de Manuel Gomes Filho, Laurino Go-

mes Júnior, Fiúza Chaves, Vieira de Melo e Manuel Aroucha, e sonetos de Mauro Mota e Aprígio Ramos; atos do Conselho Municipal e da Prefeitura; noticiário; "Pelo Mundo" e duas páginas de anúncios.

A partir do segundo número, adotou a seguinte manchete permanente: "Sendo do nosso programa - liberdade de ação e de pensamento, a redação nenhuma responsabilidade tem com os artigos assinados, embora tragam, ou não, opiniões e idéias diversas das suas. Não aceitamos o anonimato".

Os primeiros meses de vida do periódico foram de luta. Enquanto Elias Fiúza Chaves escrevia sobre "Problemas sociais", Otávio Gomes ocupava-se da "Vida Agrícola", Vieira de Melo assinava os "Comentários..." e, depois, paralelamente, os "Traços e Troças", sob o título geral "Nos domínios de Mercúrio"; Domingos de Abreu Vasconcelos abordava temas de Medicina, e não faltava um soneto de Severino Quintino ou Aprígio Ramos (de Andrade Lima), ou Baltazar de Oliveira ou Epitácio de Oliveira Belém ou Raul C. Braga, o também cronista das "Efemérides Nazarenas", A Voz rebatia críticas da Gazeta de Nazareth, a respeito de religião e questões vernáculas, travando polêmica que atingiu a linguagem exaltada, e Nelson Coutinho veio a rebater o cônego Xavier Pedrosa, colaborador d'A Tribuna, do Recife, a propósito do "conflito político-clerical do México". Ao mesmo tempo, ocorriam editoriais contra uma Carta Pastoral do Bispo Diocesano, que declarara ser A Voz in-

digna "de entrar em um lar católico, em uma casa de família", isto porque elogiava a Maçonaria, tema que mereceu, já em setembro, longa série de artigos apologéticos assinados por Carlos Rios, de primeira página, abrindo colunas.

Só no fim do ano aquietaram-se os ânimos dos polemistas; foi lançado o Suplemento A Voz Social (ver título seguinte), destinado a publicar-se mensalmente.

Prosseguindo em 1930, A Voz de Nazareth, do qual era redator João Manuel Vieira de Melo e tinha em Alfredo de Moraes Coutinho uma das suas "fortes colunas", manteve-se noticioso, divulgando, além das seções semanais, produções de Júlio Vasconcelos, João de Deus da Mota, Laurindo Gomes de M. Vasconcelos ("A Lavou-ra"), Mauro Mota, Martins Moreira, D'Ataide melo, Lauro Cisneiros, Augusto Fernandes Viana, Oliveira Pessoa e outros. Mané Bastião alimentou boa "Seção Carnavalesca", matéria que não faltou mais, cada ano, na devida época.

A data do primeiro aniversário - nº 53, de 19 de abril de 1930, foi comemorada com edição especial de 10 páginas, ilustradas com fotografuras de redatores, colaboradores e tipógrafos, vasta colaboração e o editorial alusivo, em que dizia:

"No terreno dogmático e das convicções, afirmamos sem reboços, mantivemos a mais significativa neutralidade". E ainda, entre outras considerações: "Temos as nossas colunas franqueadas a todos que queiram colaborar no domí-

nio da sã moral e da razão. A nós é indiferente que seja esse um contista exigente ou um metafísico de cultura escolástica".

Reduzida a fartura de reclames comerciais a pouco mais de uma página, passou o periódico a sair com apenas quatro páginas, sem prejuízo para a matéria redacional, mesmo incluindo os atos oficiais da Prefeitura.

A 9 de agosto apareceu novo colaborador - Metódio Maranhão, cujo primeiro artigo reacendeu as iras da Gazeta de Nazareth, pois focalizou o "Cardinalato comprado" pelo Brasil. Travaram azeda polêmica.

Iniciado em 1931, outros colaboradores surgiram, tais como: Odorico Tavares, Batista de Holanda, Daniel Azevedo, C. Caminha, Israel Fonseca, Luiz Inácio de Andrade Lima ("Da Capital..."); José Nicodemos, de Vicência, autor da seção "Pedacinhos"; Benjamin de Moraes, Lourival Gonçalves, Martins Primo, etc., a maioria esporádica, mantido o comentário semanal de Vieira de Melo, que abordava os temas mais variados. Em 1932: A. Bezerra, T. Raposo, Carlos Leite Maia, Ed Reivax (pseudônimo de Henrique Xavier de Moraes), F. Simplício Pessoa, João Pereira de Andrade e, entre outros, Jethro Sarai-va Maranhão, que se bateu (dezembro, 1932/janeiro, 1933) com a Gazeta de Nazareth, em árdua polêmica religiosa. Depois, em julho, surgia outra controvérsia, mas com o padre Odilon Alves Guedes, redator daquele semanário,

por motivos comerciais, alimentada, n'A Voz, por Adalberto Gomes.

Só a partir do nº 212, já no ano V, veio a constar do cabeçalho o nome do redator-chefe: João Manuel Vieira de Melo.

O jornal deu ampla cobertura às comemorações do Centenário da emancipação política de Nazareth, a salientar a edição de 9 de outubro de 1933, de seis páginas, impressa em tinta azul, mantido o título em vermelho, como era comum. Bastante ilustrada, inseriu, entre outras, produções originais de Fernando de Oliveira Mota e Licurgo de A. Almeida.

Prosseguiu a jornada por mais dois anos, incluindo entre os colaboradores Nelson de Alcântara e Waldemar Lopes, do Grupo Terra da Gente; J. Freire, Otaviano Coutinho, J.R. Vieira de Melo, J. Teófilo (assuntos agrícolas), A. Cavalcanti, Malta de Moura, Maria Olímpia, Juvenal, da seção "Coisas da Cidade"; Marcelo, Ney e Eupróprio, que se alternavam na abertura das "Sociais", etc.

Sem nenhuma interrupção, sempre mantido no seu posto o diretor-gerente, a bem orientada A Voz de Nazareth estendeu sua existência até o nº 330, ano VI, de 5 de outubro de 1935 (Bib. Púb. Est.).

## A VOZ SOCIAL

(Suplemento d'A Voz de Nazareth) - Circulou no dia 26 de outubro de 1929, obedecendo ao

formato do órgão-matriz, mas impresso com tinta de cor e ilustrado.

"...será publicado mensalmente", segundo o editorial de apresentação, "tratando unicamente de assuntos de nossa vida social, e interessando sobre a mulher na orientação dos variados misteres domésticos".

Suas quatro páginas continham Literatura, Educação, Modas, Cinema, Humorismo, Saúde, Cozinha e "A Voz Infantil". Alguns anúncios.

Não passou, todavia, do segundo número, que saiu a 21 de dezembro, acompanhando A Voz de Nazareth de idêntica data.

A colaboração principal do Suplemento esteve a cargo de Epitácio de Oliveira Belém, João Manuel Vieira de Melo, Lys, Raul Braga, o das "Efemérides Nazarenas", e Yes (Bib. Púb. Est.).

## A RETRETA

Órgão Lítero-Humorístico e Noticioso - Entrou em circulação no dia 3 de setembro de 1933, pequeno formato, impresso em papel verde. Redatores - Guarda-Freio (assim ocultos Fernando de Oliveira Mota e Aníbal Amorim).

Jornal leve, de muita sátira e troça inofensiva, dizia custar, "apenas, cem réis o quilo de brincadeiras, pesado na balança do mercado, que é a mais errada", acrescentando: "Não aceitamos procurações no caso de pancada ou desaforos".



A edição de estréia teve sua parte séria, comemorando o centenário da emancipação política de Nazaré da Mata.

A Retreta viveu, apenas, dois números, o segundo dos quais publicado a 9 de outubro, repleto de matéria chistosa (Col. Vitor V. Melo).

## NAZARETH AUTÔNOMA

Poliantéia Comemorativa do 1º Centenário da Emancipação Política do Município de Nazareth - Foi publicada a 9 de outubro de 1933, toda impressa em papel couchê, contendo 56 páginas, mais três folhas especiais e a capa, esta exibindo expressivo desenho litográfico (confecção de M. Chaves, no Recife), representado por engenhos de açúcar de 1833 e 1933. Comissão organizadora - Laurindo Gomes de Moraes Vasconcelos, Luiz Inácio de Andrade Lima, Joel de Lima, João Manuel Vieira de Melo e Manuel Martins Raposo. Trabalho gráfico das oficinas da Gazeta de Nazareth, sob a direção técnica de Horácio Alves Cavalcanti. Preço do exemplar - 2\$000.

Lia-se no editorial de abertura, após considerações em torno do centenário da vila desligada de Igarassu: "Nazareth Autônoma é um marco que nós plantamos na estrada, para que o viandante veja e leia, nas suas páginas, uma história que deve ser repetida no segundo século que ora se inicia embalado pelo sorriso da famí-

lia nazarena e sob as bênçãos do Deus onipotente".

"É a bandeira de nossas conquistas...

É a cartilha do civismo nazareno...

É o livro de nossos fastos...

...é a repetição daquela história que os nossos pais, um dia, nos contaram com tremuras na voz e com um brilho estranho nos seus olhos cansados..."

A edição constituiu rico depositório documental de tudo o que foi, o que fez e o que era, então, Nazaré da Mata, através de notas redacionais; artigos da lavra de Luiz Inácio de A. Lima, Diógenes Vasconcelos, Costa Porto, J. R. Vieira de Melo, Carlito Mendes Caminha, Manuel Raposo, Felisberto dos Santos Pereira, João M. Vieira de Melo, cônego Alfredo Xavier Pedrosa, Vitor Vieira de Melo, Rute Silva, Artur de Moura, F. Simplício Pessoa e Mário Jácome de Araújo; poesias alusivas, de Israel Fonseca e Raul Braga.

Algumas páginas focalizaram "Nazaré nas letras"; "Indicador geral do município"; ligeiras biografias; "Prefeitos que dirigiram os destinos de Nazaré após o advento da República"; homenagem ao Interventor Carlos de Lima Cavalcanti e, ainda, "Os que fizeram Nazareth Autônoma", sendo toda a matéria entremeada de numerosa clicherie de personalidades e aspecto da cidade (Bib. Púb. Est.).

## NOVE DE OUTUBRO

Número único, circulou na data do título, em 1933, formato de quatro colunas, com seis páginas, comemorando o centenário da emancipação política de Nazaré da Mata. Foi editado pelo Centro Nazareno de Estudantes, tendo como diretor Batista de Holanda.

Essencialmente literário, divulgou, além de dados históricos a respeito do município, colaboração assinada por Diniz Xavier de Andrade, João Moura, Mauro Mota, Mário Medeiros e Batista de Holanda, autor de seis produções diferentes, em prosa e em verso (Col. Vitor V. Melo).

## FIDES INTRÉPIDA

Órgão Jecista (das alunas do Ginásio Santa Cristina) - Começou a circular a 15 de novembro de 1936, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas, confeccionado na oficina da Gazeta de Nazareth. Direção de Henriqueta Moura; redatores - Iraci Lira, Marieta Pessoa, Cimodócea Araújo e Lindaura Cavalcanti. Assinaturas: anual - 8\$000; semestral - 4\$000.

Dedicava-se ao noticiário de interesse do Ginásio e à colaboração das alunas. O nº seguinte, comemorativo das férias escolares, assim abriu o editorial alusivo: "É o grito de saudade e alegria que ressoa por todo o Santa Cristina.

Que mundo de idéias encerra esta simples palavra para o coração jovem da estudante!"

Continuou, em 1937 e pelos anos afora, com a média de 10 edições por período escolar. O preço das assinaturas foi elevado, em 1941, para 10\$000 e 5\$000, respectivamente, mas, no ano seguinte, desceu para 5\$000 e 3\$000. Todavia, desangou, em 1947, para 15\$000 e 7\$500, descendo, novamente em 1952, para 10\$000 e 5\$000.

Fides Intrépida deixou de ser Jecista em 1942. Não circulou no ano de 1945 nem no decorrer de 1950/51.

A direção e o corpo redacional do n° 1 mantiveram-se até o fim de 1938, após o que, substituía-se a cada ano. Entre outras, figuraram como redadoras: Virgínia Borba, Ângela Delouche, Maria Madalena Araújo, Erenida de Moura Azevedo, Elizabeth Andrade, Iris Grangeiro, Maria da Glória Pimentel, Judite Tavares, Judite Lira, Ledjane Bandeira de Melo, Gilda Cavalcante, Estela Oliveira, Maria Augusta Macedo, Cornélia de Paula Gomes, Carmelita Vasconcelos e Eneida Andrade.

A partir de 1952, deixou de figurar o corpo redacional. Em 1954 apareceu Dionaura Camargo na direção, a princípio, e no fim, Miriam Arruda. Publicaram-se, no mencionado ano, apenas cinco edições, a primeira a 1° de abril e a última a 15 de novembro(1). (Bib. Gin. Sta. Cristina).

---

(1) Continuou em 1955.

## HORIZONTE

Circulou, pela primeira vez, em junho de 1937, obedecendo ao formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia da Gazeta de Nazareth.

Direção de Zito Mota (nome "de guerra" de José João de Mota e Albuquerque); redator-chefe - Rodolfo Aguiar.

Lia-se em concisa nota de abertura: "Embora não seja um jornal de grande repercussão, é uma pequena folha que, por ser pequena, amanhã poderá ser grande", para a qual esperava "a compreensão e apoio do público".

Publicado mensalmente, sua matéria apresentou-se variada, de feição satírico-humorística e literária, contando com a colaboração de Vieira de Melo, Roberto Maia, Ricardo Lins, Valfrido Uchoa, Ed Reivax, Henrique Xavier de Moraes, Francisco Simplicio Pessoa, etc., além das produções assinadas pela equipe responsável, a salientar a poética de Antonoriano Campeloro, como se ocultava o diretor do jornalzinho.

Foi efêmera a vida do Horizonte, que só atingiu o nº 5, publicado no mês de outubro (Bib. Púb. Est.).

## NOTURNO

Órgão dos Alunos do Curso Noturno do Colégio São José - Entrou em circulação no mês

de junho de 1937, obedecendo ao formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Direção de Valfrido Uchoa, auxiliado por José Carlos e Dilermando Raposo. Trabalho gráfico das oficinas Gazeta de Nazareth.

Concisa nota de apresentação, sob o título "Quem sou eu", adiantou: "É um mensário menino, mas sensato. Diz o que vê, o que sabe e o que sente e por nada se responsabiliza, por ser de menor".

Sua Matéria, continuando nas edições seguintes, constou de composições literárias dos alunos João Nazareno, Ricardo Lins, Miguel Dourado, Severino Fonseca, Jorge Vieira, Vicente Araújo, Lauro Calábria, Artur Neves, etc.; variedades, humorismo e notícias das atividades escolares.

Circulou regularmente, mas não passou do nº 5, datado de outubro (Bib. Púb. Est. e Bib. D. Vital)(1).

## MEU BRASIL

Órgão da Legião Feminina Cooperadora da Semana da Pátria, organizada pelos grupos escolares de Nazaré - O nº 1, ano I, saiu a lume no dia 7 de setembro de 1937, em formato de 32 x 24, com quatro páginas de três colunas. Boa a-

---

(1) A Coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do último número. A Biblioteca D. Vital é privativa do Colégio São José.

apresentação gráfica, impresso com tinta azul, utilizando papel superior. À esquerda do título, trazia a divisa: "Libertas quae sera tamen", e à direita os nomes que constituíam a Comissão Redatora: Cândida de Andrade Lima, Isabela Lira e Vespertina Machado.

"... será - dizia o artigo de abertura - o a-rauto que transportará longe o muito de brasilidade que ainda existe em nossos corações". Publicar-se-ia ocasionalmente, tendo como bandeira o Brasil Independente.

A par de ligeiras produções patrióticas, começando com a poesia "Meu Brasil!!!", de Pio Velho, inseriu o programa das festividades comemorativas da Independência; seções humorísticas, inclusive os "Pedacinhos"; perfis e fotogravura de Cândida de Andrade Lima.

Ao que tudo indica, ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## **O CANAVIAL**

Órgão de publicidade do Grupo Escolar Maciel Monteiro - O primeiro número saiu a lume em abril de 1942, com quatro páginas de papel ofício, manuscrito e ilustrado, impresso pelo sistema hectográfico. Diretor - Rui Bandeira; gerente - Neusa Pinheiro; redatores - os alunos do Grupo, aí localizando-se a redação, na rua Bom Jesus.

Sua matéria constituiu-se de produções juvenis, noticiário das atividades escolares, pala-

vras cruzadas, "Cantinho divertido", desenhos, etc.

Prosseguiu a existência do jornalzinho, durante os períodos letivos. A direção e a gerência sofreram a primeira alteração no princípio de 1944, quando Neusa passou para o primeiro plano, sendo admitida, no segundo, Aureci Freitas. Foram outros ocupantes das duas funções, sucessivamente: Consuelo Oliveira, Maria Carmelita Dias, René Bandeira e Maria Luiz Miranda.

Após o nº 2, ano V, de junho de 1946, há um interregno na coleção manuseada d'O Canavial, seguida de suspensão da publicação, até aparecer o nº 1, ano VIII, datado de maio de 1952, simplesmente manuscrito a lápis preto, com o título e desenhos do texto a lápis de cores. Direção de Maria José Brito e gerência a cargo de A. Filipe Neto. No ano seguinte voltou a imprimir-se em hectógrafo, sendo a seguinte a turma responsável: diretor - Ezequiel de Castro; redator-secretário - Luiz Bezerra Braga; tesoureiro - Heraldo Mendonça.

O nº 4, ano XI, edição correspondente aos meses de Agosto e setembro de 1953, foi composto e impresso nas oficinas da Gazeta de Nazareth, em formato de 31 x 22, com quatro páginas repletas de matéria de interesse escolar. Do mesmo modo circulou o primeiro número de 1954, ano XII, no mês de março, mas assim não continuou, pois os nºs 2 e 3, de julho/agosto e de setembro, saíram apenas datilografados, com quatro páginas, o reverso em branco.



Terminou, então, pelo menos em 1954, a existência do órgão do Grupo Maciel Monteiro, o qual, nos primeiros anos, inseriu produções de literatura mirim de alunas depois tornadas mestras, a saber: Maria Eliete de Oliveira, Aida Bandeira, Cecília Uchoa de Andrade, Marliete de Lira Pessoa e Maria Georgete Andrade.

A orientação geral da folha deveu-se à professora Ângela Delouche (Bib. Púb. Est. e Arquivo do Dept. Cultural da SEEC)(1) .

## JUVENTUDE

Órgão de Formação e Informação do Ginásio São José - Surgiu no dia 26 de abril de 1944, em formato de 32 x 22, com quatro páginas de três colunas, impresso nas oficinas da Gazeta de Nazareth. Orientação do padre João Mota, diretor do educandário. Assinava-se a Cr\$ 5,00 por ano, custando Cr\$ 0,50 cada exemplar.

Lia-se no artigo de apresentação: "É o jornalzinho em formação, que não sabe dizer tudo e que, falando, nem sempre acerta. ...é o prolongamento, até fora, da vida colegial. As aulas, os estudos, recreios, festas, tudo ficará impresso, não tanto para efeito de recordação (as impressões da vida escolar ficam na alma), mas para o estímulo e encorajamento na luta pela conquista de maiores louros. Seu objetivo imediato é auxiliar a formação dos alunos do Ginásio São José,

---

(1) Coleções desfalcadas.

que lança mão de todos os recursos sadios para o máximo de rendimento na educação".

Publicação mensal, só circulava, todavia, durante o período letivo, numa média de oito edições anuais, assim fazendo-o pelo tempo afora.

Colaboração exclusiva dos alunos, dentre eles era escolhida, cada ano, uma comissão redacional, constituída de redator chefe, secretário e gerente. Dessas comissões participaram, desde a fundação do periódico, os seguintes: João Geraldo Lima Herald Mendonça, Francisco de Assis Lapenda, José Lamartine Távora, Rolando Torres Raposo, Valfrido Uchoa, Ricardo Cunha, Valdir de Oliveira Lira, Gildo Calábria, Sebastião Régis, Fernando Rabelo, Ernande Felipe, Jurandir Freire, Ivan Mendes, Marconi Negromonte, Aguinaldo Marques, Aristeu Soares, José Gomes Martins, Alzir Gomes, Tarcísio Moura e Djair Pedrosa.

Em cada edição de novembro, Juventude inseria, como matéria principal, um desfile dos concluintes. Circulava, às vezes, com seis páginas, em papel assetinado.

O primeiro número de 1954, datado de 26 de abril, comemorou o décimo aniversário da fundação do periódico, em cujo editorial se lia: "O valor dessa longa existência, sem interrupção, não está na travessia do tempo, apenas; reside, sobretudo, na cadeia, mas longa ainda, dos esforços, dos sacrifícios, dos fracassos e das vitórias para garantia de sua subsistência".

Distribuiu-se o último número de 1954- O sétimo - a 28 de novembro(1) (Bib. D. Vital).

## O ORVALHO

Órgão Oficial do Clube Agrícola D. Bosco, do Ginásio Santa Catarina - o nº 1, ano I, publicou-se em setembro de 1944, manuscrito, copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretora - Jane Barbosa; Gerente Ana Maria Bandeira.

A edição comemorou o aniversário do episcopado do bispo diocesano (Bib. Púb. Est.).

## O PINTINHO

Órgão Oficial das Alunas da Escola-Granja Presidente Vargas - Circulou, pela primeira vez, em setembro de 1944, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e copiado em hectógrafo. Diretora - Edilazia Brasil; secretária - Maria do Carmo; redatora - Elita Galvão.

Matéria constituída de literatura infantil, noticiário do movimento horti-granjeiro e social e desenhos escolares ilustrativos.

Publicou-se o nº 2 em outubro, tendo, provavelmente, continuado (Dept. Cultural da SE-EC).

---

(1) Continuou em 1955

## O PIONEIRO

Editado pela Escola Olímpia Pugas de Moura, do Engenho Ventura, publicou-se o primeiro número no dia 5 de dezembro de 1948, em formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - João Joaquim.

Jornal modesto, divulgou matéria de interesse da Escola, anúncios humorísticos, notas curiosas e crônicas de Maria José da Silva, Ernesto Costa, José Félix da Mata, etc. Na última página uma alegoria do Natal.

O nº 2 só apareceu três anos depois, há 23 de dezembro de 1951, com seis páginas, reduzido o formato para três colunas de composição. Novo diretor - Antonio Joaquim. Noticiário, literatura incipiente de Maria Tereza, Enésio Serafim, Maria Hosana de Almeida, Ivandir Lúcia Vieira e outros, e o "Hino da Escola", de Palmira Marques Podeus.

Mais dois anos e circulou o nº 3 no dia 4 de dezembro de 1953, com quatro páginas, obedecendo à mesma direção. Apresentou melhor aspecto gráfico, noticiário social e a colaboração de Terezinha Vieira, Maria José de Souza, Antonio Joaquim, Léa Lúcio Cabral e professora Iraci Marinho.

Não se publicou mais até o fim de 1954(1)  
(Bib. Púb. Est.).

---

(1) O Pioneiro retornou em 1956.

## BOLETIM PAROQUIAL

Doutrinário e Informativo - Editado pela Paróquia de N.S. da Conceição, da Diocese de Nazaré, entrou em circulação no dia 18 de maio de 1950, obedecendo ao formato de 31 x 24, com quatro páginas de duas colunas largas. Distribuição gratuita, dependendo da recepção de óbulos o custeio da manutenção. Trabalho gráfico das oficinas da Gazeta de Nazaré.

"Será - dizia o artigo de apresentação - a voz da paróquia, levando a todas as famílias e aos lares distantes, ricos ou pobres, do centro ou dos subúrbios da cidade, a palavra do evangelho, os ensinamentos oportunos, as notícias e os avisos que interessar possam à comunidade". Vinha preencher de algum modo, a lacuna deixada com a suspensão da Gazeta de Nazaré.

Publicação mensal, cumpriu o seu programa. O segundo número solenizou o centenário da cidade de Nazaré.

Tem a data de 09 de julho o nº 3, último pesquisado (Bib. Púb. Est.).

## A VOZ ESPORTIVA

Boletim de Informações - O nº 1, ano I, circulou a 2 de setembro de 1950, em formato de 28 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção de José Vieira Filho; redatores - Antonio Vieira Neto e Fernando A. Perreli; gerente - José Luiz de Moura; colaborador - José Ger-

mano. Impresso na tipografia da Gazeta de Nazaré.

Segundo a nota de apresentação, o pequeno órgão "Nasceu para incentivar a prática dos esportes", com "elevados propósitos" de bem servir à terra.

A edição inseriu apelo em prol da restauração do antigo prestígio do Condor Esporte Clube, além de comentários outros e noticiário. Toda a terceira página se encheu de anúncios.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## **A BOA VONTADE**

Encontrava-se em circulação no ano de 1951, sob a direção do Monsenhor José Carlos Marinho (Cf. Tadeu Rocha, in "Registro Bibliográfico").

## **BOLETIM INFORMATIVO DO "ACADÊMICO"**

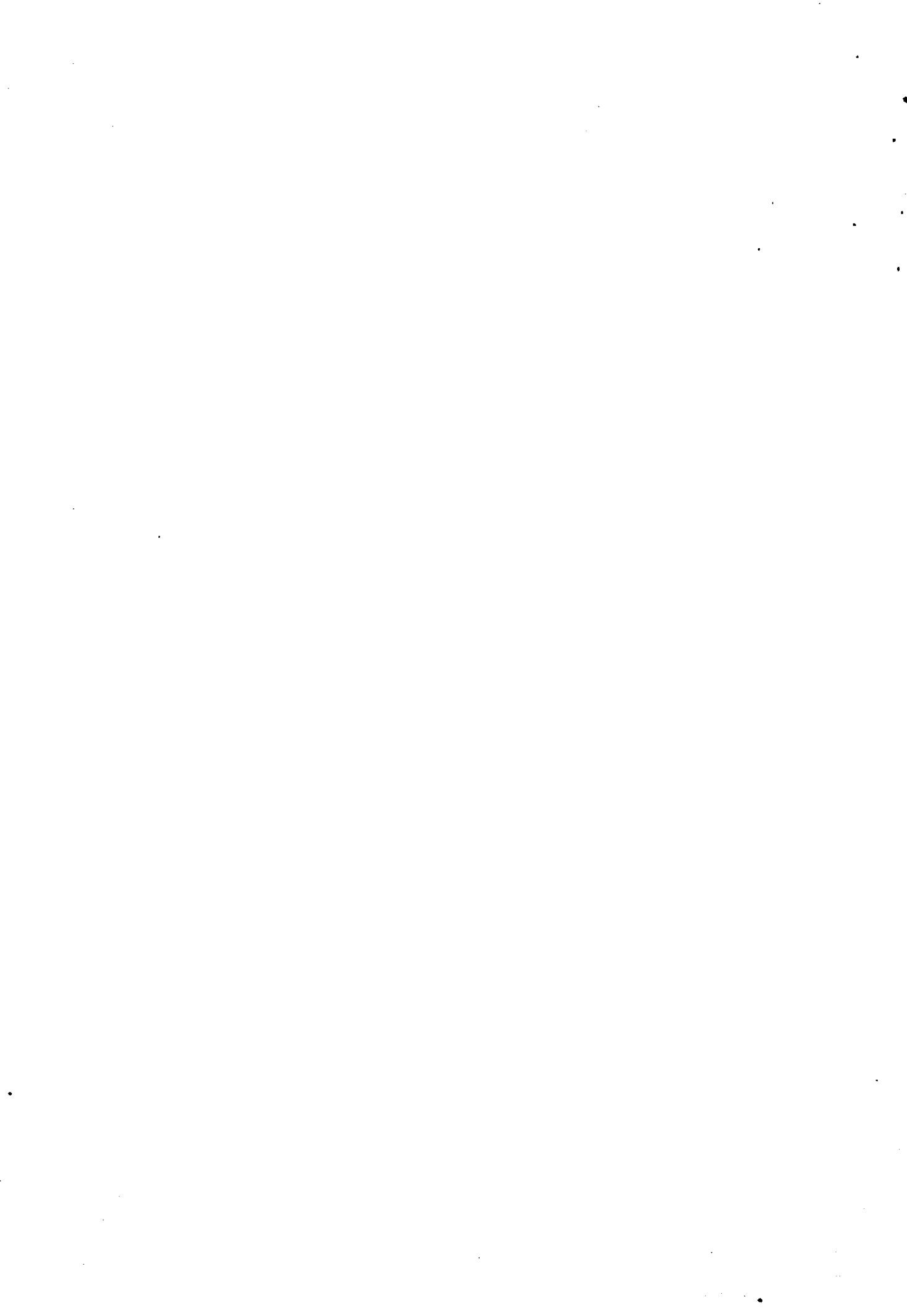
(O Mais Querido do Interior) - O n° 1, ano I, circulou (sem divulgar data) em dezembro de 1953, obedecendo ao formato de 31 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção de Antonio Vieira de Lima e José Luiz de Moura. Ao lado esquerdo do cabeçalho, figurava: "Acadêmico, glória de uma terra, orgulho de um povo", trabalho gráficos das oficinas da Gazeta de Nazaré.

Destinava-se, consoante o editorial "Nossa finalidade", a "trabalhar pelo engrandecimento e pelo progresso da terra e do povo de Nazaré da Mata". Seria um porta-voz imparcial, dispondo-se a receber sugestões dos leitores.

Rômulo Brandão abriu a seção "Anedotário Acadêmico", constituída de anedotas, chistes e facécias coligidas na vida comum dos associados do Clube, seguindo-se matéria variada.

Embora se declarasse mensário, o nº 2 só apareceu em fevereiro de 1954; o 3º em março e o 4º (último) em junho, datas, entretanto, sempre omitidas.

Inseria noticiário, comentários e, além dos artigos assinados pelos diretores, outros de Aluísio Pereira, Bartolomeu Falcão, Rolando Raposo, Rildo Uchoa e Renato Silva. A derradeira edição foi dedicada à festa denominada "Faixa Azul", completada com duas páginas de anúncios (Bib. Púb. Est.).





## OLINDA

### O OLINDENSE

Jornal Político e Literário - Primeiro órgão de estudantes de Pernambuco e o segundo do Brasil(1) circulou o nº 1, ano I, no dia, 3(2) maio

---

(1) Afonso A. de Freitas, no seu livro "A Imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914" (Tipografia do Diário Oficial, S. Paulo, 1915), registra O Amigo das Letras, "jornal redigido por Josino do Nascimento Silva e outros estudantes de Direito da Academia de São Paulo", aparecido em 1830 (apud Lafaiete Toledo, "Imprensa Paulista", e Sacramento Blake, "Dicionário Bibliográfico Brasileiro"). Nada mais colhera a respeito. O historiador Hélio Vianna, depois, in "Contribuição à História da Imprensa Brasileira - 1812/1869" (Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945), escreveu que, "não havendo notícia da existência, hoje, de qualquer exemplar" daquele órgão, via-se obrigado a transferir a primazia, no Brasil, da imprensa acadêmica para O Olindense. Freitas Nobre, por sua vez, na sua "História da Imprensa de São Paulo" (Edições LEIA, São Paulo, 1950), nada adiantou ao

de 1831, em formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas largas, impresso na Tip. Fidedigna, de J.N. de Melo, no Recife, situada à Rua das flores, 18. Sob o título, à esquerda, vinha o Expediente: "Subscreve-se para esta folha na mesma Tipografia, e em Olinda na Botica e loja de livros do Sr. J.S. Pinheiro, Rua do Amparo, a 640 réis por mês e 1\$800 por três meses, pagos adiantado. Nos mesmos lugares se recebem as correspondências". À direita, lia-se a seguinte sentença, com a assinatura de M. Thomas(3) : "Avons du moins le courage de bien dire, dans un siècle ou si peu d'hommes ont courage de bien faire. Les hommes vertueux m'en sauront gré; et l'indignation du vice sera encore un nouvel elogie pour moi".

---

registro de Afonso de Freitas. Nem o fez, igualmente, Nelson Werneck Sodré, autor da "História da Imprensa do Brasil" (Civilização Brasileira S/A, Rio de Janeiro, 1966). Eis que uma pesquisa recente esclarece o caso, colocando o pioneiro no seu devido lugar. Em artigo de página inteira, sob o título "O primeiro jornal do estudante", no suplemento literário d'O Estado de São Paulo, edição de 16 de julho de 1972, a estudiosa Onédia Célia de Carvalho Barbosa declarou haver tido ocasião de folhear a coleção d'O Amigo das Letras ( que deu entrada na Biblioteca Nacional em 1959), constante de 24 números, o primeiro dos quais publicado no dia 4 de abril de 1830. Na realidade, o nosso O Olindense é o segundo no país.

(<sup>2</sup> Não no dia 2, como está nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", de Alfredo de Carvalho.)

(<sup>3</sup>) A partir do nº36, a assinatura foi corrigida para Mr. Thomas.

Redigido pelos irmãos Álvaro e Sérgio Teixeira de Macedo e por Joaquim Batista Rodrigues Villas Boas, com a colaboração de Bernardo de Souza Franco, o editorial de abertura apresentou-se como "prospecto", seguido de palavras do deputado B.P. de Vasconcelos, sobre a liberdade de Imprensa, para então começar:

"A publicação de um periódico é sempre um bem; a influência que um escritor desconhecido exerce sobre o povo sempre é salutar, porque sua força se deriva da razão e das luzes que espalha; se suas doutrinas são razoáveis, acha sectários; porém, se com falácias quer persuadir absurdos e embair os incautos, não faltam beneméritos que, refutando-os, salvem o povo dos males que o erro causa, e deste modo pode apenas seduzir um pequeno número de homens ou inspirar um entusiasmo efêmero".

Após outros conceitos sobre a Imprensa e a vida pública, aduziu o redator: "Trataremos, pois, n'O Olindense, da Política, da Moral e da Literatura; investigaremos a conduta dos nossos governantes; daremos notícias dos acontecimentos interessantes, assim do Brasil como das Nações estrangeiras; das publicações e das invenções úteis; finalmente, faremos por tornar a leitura da nossa folha útil e agradável".

"Cumpre, agora, declarar que aceitaremos com prazer todas as correspondências que nos forem enviadas, das quais faremos o uso que mais conveniente nos parecer; ora publicá-las-emos tais quais nos vierem; ora delas extrairemos artigos para nossa folha; e muitas nos pode-

rão servir de proveitosas lições; nunca, porém, roubaremos a glória de nossos correspondentes".

Seguiram-se, na edição de estréia, artigos sobre o 3 de maio, data "da descoberta do Brasil", quando "principiou, nesta risonha plaga, o império da injustiça", sobre a situação do Brasil. Publicado bissemanalmente, às terças e sextas-feiras, tornou-se, logo mais, órgão officioso da Sociedade Patriótica Harmonizadora, cuja instalação noticiou no nº 10, de 13 de junho, seguido de um suplemento de quatro páginas (a última em branco), com o discurso do respectivo secretário, Antonio Peregrino Maciel Monteiro.

Congratulou-se com a abdicação de D. Pedro I e deu boa cobertura à repercussão, em Pernambuco, da vitória de 7 de abril. A política nacional ocupou-lhe grande espaço; depois, a provincial, em estirados editoriais e, como não poderia deixar de ser, dava cursos às atividades do Curso Jurídico de Olinda, do qual seus redatores eram alunos. Bateu-se, até, pela "necessidade da abolição do trote nos calouros, "bárbaro costume" que nos veio de Coimbra". Focalizou a reforma constitucional; criticou a idéia da federação das províncias, entrando em polêmica com a Bússola da Liberdade, do Recife, órgão da Sociedade Federal Pernambucana.

"Jornal Político e Literário", a partir do nº 36 o título modificou-se para Olindense, ao mesmo tempo que o trabalho gráfico passou à responsabilidade de Pinheiro, Faria & Companhia, na própria cidade de Olinda, à Rua do Am-

paro,22. Acrescentou ao expediente: " Os anúncios dos subscritores serão publicados grátis no dia imediato ao da entrega, se ela se verificar antes das 4 horas da tarde; os dos não subscritores pagarão 30 réis de cada linha de impressão".

Depois de dedicar algumas edições à sedição militar que a História registra sob a denominação de setembrizada, o nº 50, de 22 de outubro, com seis páginas, criticou o Diário de Pernambuco porque este deixara sua posição de moderado para romper contra aqueles que desejavam "manter a ordem e evitar o sangue e a anarquia".

A "declaração" a seguir consta no nº 61, de 3 de dezembro: "O abaixo assinado previne ao público e em particular aos srs. assinantes do Olindense que, havendo de se retirarem para fora desta província, por motivo de particular interesse, os co-redatores desta folha, srs. Sérgio Teixeira de Macedo e Álvaro Teixeira de Macedo, a redação dela, deste número em diante, fica inteiramente incubida ao abaixo assinado, que, suposto confie pouco de seus talentos, pode contudo assegurar a todos que os seus princípios até aqui sustentados continuarão a sê-lo, senão com tanta habilidade, ao menos com tanta franqueza e interesse pela causa pública e decência. As mesmas condições a que se tinha submetido o Olindense continuam a ser amplamente respeitadas - Joaquim Batista Rodrigues Villas Boas".

Terminado o ano com o nº 68, de 31 de dezembro, prosseguiu a numeração a 3 de janeiro

de 1832, sem interromper, igualmente, a numeração das páginas, já num total de 320.

Já credenciada com a criação de uma Biblioteca, a Sociedade Harminizadora teve, ainda, a iniciativa da fundação da Caixa Econômica, cujo Projeto, com a respectiva justificação, de autoria do deputado constituinte padre Venâncio Henrique de Rezende, foi divulgado pelo bissemanário, no seu nº 78, de 3 de fevereiro.

Continuou a publicação, ininterruptamente, entrando a combater os caramurus, responsáveis pela Abrilada, sedição que encetou o caminho da guerra civil dos cabanos a prol da restauração de Pedro I no trono do Brasil, em boa hora frustada.

Afora a matéria redacional, divulgavam-se Correspondências assinadas por José Tomaz Nabuco de Araújo Filho, Pedro Autran da Mata e Albuquerque, Francisco José de Carvalho, Urbano Sabino Pessoa de Melo, João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, ou com os pseudônimos: Brasileiro Verdadeiro, O Curioso, A.B.C.D., Um dos da Freguesia do Poço, O Inimigo da Anarquia, O Amigo da Decência, O Inimigo dos Déspotas, Velhacos e Aduladores, O Respeitador da Lei, O Amigo da Justiça, O Reformista, e outros. Prolongou-se a existência do Olindense até o nº 118(4), de 06 de julho de 1832, com o total de 517 páginas (Bib. Nac.)(5).

---

(4) Fazendo-o interrogativamente, Alfredo de Carvalho (ob. cit.) registrara o nº 98, de 21 de abril de 1832, como tendo sido o último publicado.

## ECHO D'OLINDA

Jornal Político e Literário - Surgiu no dia 6 de agosto de 1831, em formato de 29x21, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros, impresso no Recife, por José Nepomuceno de Melo, na Tipografia Fidedigna. Redatores - José Tomaz Nabuco de Araújo Júnior, João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, Ângelo Muniz da S. Ferreira e mais três acadêmicos.

Seu aparecimento foi anunciado pelo Diário de Pernambuco, edições de 28 de julho e 4 de agosto, e pelo O Olindense de 29 de julho, através de longo "Prospecto", no qual se lia, em seguida às indicações iniciais:

"O Echo d'Olinda tratará com especialidade: 1º - das reformas constitucionais e do estado político de todo o Brasil, principalmente desta Província; 2º - do Curso Jurídico, da Moral e Literatura; 3º - do estado político da Europa e,

---

(5) A coleção manuseada começa do nº 5, afora outras lacunas. A Biblioteca Pública do Estado possui um único comprovante: o nº 50. Os tópicos da edição de estréia foram aqui copiados do exemplar cuja fotografia da primeira página foi inserida no livro citado de Hélio Viana. O historiador Moacir Santana, diretor do Arquivo Público de Alagoas, em pesquisa recente, constatou, comunicando-o ao autor destas notas, haver, no Arquivo Nacional, uma coleção d'O Olindense, constituídas dos números 1 a 59, possivelmente adquirida, pois data de pouco tempo, ao famoso colecionador Francisco Marques dos Santos, membro do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

em geral, de toda e qualquer matéria que estiver ao alcance da sociedade, uma vez que dela resulte utilidade ao Público". Para isto, receberia Correspondência, Comunicados, etc., contanto que estivessem legalizados.

Adiante, dizia que os jovens redatores não tinham outro objetivo em vista, a não ser "o bem do país que os viu nascer". Sua "inexperiência e poucos fundos literários" ainda não lhes permitiam "levantar afoitamente a voz na vastidão do mundo político"; mas, possuídos "dos nobres sentimentos que sempre animaram corações americanos", a nenhum sacrifício se poupariam, "lendo, meditando e comparando as opiniões dos melhores escritores", afim de preencher os fins a que se propunham. Manteriam imparcialidade, não se implicando "no labirinto odioso de fastidiosas polêmicas".

Concluiu o "Prospecto" concitando os compatriotas "a auxiliarem seus ensaios, já por meio de esclarecimentos, já por meio de advertência e lembranças felizes..."

Só foi possível manusear, únicos encontrados, quatro exemplares do Echo d'Olinda, todos de 1832, a saber: os de n<sup>os</sup> 20 a 23, datados, respectivamente, de 3, 10, 17, 31 de março. À data, acrescentava-se: "Ano X da Independência", e servia-lhe de epígrafe o seguinte conceito de La Fayette: "Pour qu'une nation aime la liberté, il suffit qu'elle la connaisse; et pour être libre; il suffit qu'elle le veuille".



Constava do expediente: "Esta folha sairá uma vez na semana, e subscreveu-se a 320 réis mensais, no Recife, na Tip. Fidedigna; na botica do Sr. Pinto, Rua Nova; na loja de livros, Praça da União, 38 e na casa do Bandeira, Rua do Cabugá; nestes dois últimos lugares também se vendem avulsas por 80 réis; e bem assim, subscreve-se na Rua da Ordem 3<sup>a</sup> de São Francisco, onde assiste o Redator"(1).

O n° 21 divulgou dois manifestos baianos pró- constituição, abaixo dos quais J.T.N.A.J. dirigiu-se aos concidadãos, pedindo-lhes que meditassem nas verdades das duas proclamações e vissem os males que a Bahia vinha sofrendo.

Enquanto isto, longos editoriais, nas quatro edições manuseadas, batiam-se pela constituição, tema único abordado (Bib. Nac.).

O Diário de Pernambuco noticiava, com regularidade, cada semana, o aparecimento do Echo d'Olinda, parando de fazê-lo após o mencionado n° 23, de 31 de março de 1832, último, portanto, posto em circulação.

## VOZ DO POVO

Periódico Político e Moral - Publicaram-se 24 números, de 2 de novembro de 1831 a 12 de outubro de 1832, segundo registrou Alfredo de

---

(1) Quando veio da Bahia, para fazer o Curso Jurídico de Olinda, José Tomaz Nabuco de Araújo Júnior ficou hospedado na Ordem 3<sup>a</sup> de São Francisco.

Carvalho, trazendo como divisa os versos abaixo, de Francisco Manuel:

"...darei coisas altas,  
que descrida não pensa a humanidade,  
mas, que da sã virtude sejam dignas".

Redigido pelo acadêmico Henrique Félix de Dácia, "defendia a forma de governo federativa". Subscrevia-se a 320 réis mensais, na Botica do Sr. Pinheiro e em diversos pontos do Recife. Trabalho gráfico de Pinheiro, Faria & Cia., estabelecidos à Rua do Amparo, 22.

Dias antes de estreiar-se a publicação, divulgou o Diário de Pernambuco, de 15 de outubro de 1831, o programa da Voz do Povo, assim resumido: "1º - a censura razoável aos atos do governo e autoridades constituídas; 2º - a oposição a todos aqueles que se mostrarem, indireta ou manifestamente, inimigos da Liberdade brasileira; 3º - a refutação das intrigas agitadas por mão oculta entre as diversas classes de cidadãos que tendem diretamente ao atraso e retrocesso do Brasil; 4º - uma manifesta barreira aos inimigos da nossa Província, que pretendem arrancar-lhe o precioso Curso Jurídico. Nestes termos, portanto, promoveremos a ordem e tranquilidade pública, que se baseia na união".

Depois do nº 24, transferiu-se para o Recife, alterando o título para Voz do Povo Pernambucano (ver o vol. IV - "Periódicos do Recife" - da "História da Imprensa de Pernambuco").

## O MERCÚRIO(1)

Jornal do Comércio, Indústria e Agricultura - O nº 1, ano I, circulou no dia 12 de novembro de 1831(2), para publicar-se diariamente.

Primeiro número encontrado pelo atual pesquisador foi o 58, de 16 de janeiro de 1832, formato de 31x21, com quatro páginas de duas colunas de 18 cíceros, ilustrando-lhe o cabeçalho uma vinheta simbólica do comércio, ladeada por notas informativas da preamar e dos dias santos ou feriados da semana. Trabalho gráfico de Pinheiro, Faria & Comp., situados à Rua do Amparo, 22. Constava do Expediente: “subscreveu-se na Praça da União, loja de livros, 37 e 38 (Recife) e em Olinda na Botica do sr. Pinheiro, à Rua do Amparo, a 640 réis por mês, adiantados. Nos mesmos lugares se recebem os avisos e correspondências, que serão publicados grátis

---

(1) Em sua edição de 22/10/1831, escreveu O Olindense que um “antigo negociante” de Olinda ia publicar O Mercúrio, para atender ao desejo de numerosas pessoas de possuir a referida cidade “uma folha unicamente dedicada às matérias comerciais”. Deveria sair diariamente, menos nos domingos e dias festivos. O interessado apelava para a ajuda dos comerciantes esclarecidos.

(2) Informação colhidas nos “Anais”, de Alfredo de Carvalho, que já antes publicara ligeiro trabalho intitulado “A empresa em Olinda”, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, págs. 80/88, vol. XI, nº 60, dezembro de 1903. Muito omissos.

sendo dos subscritores, e dos que não são, pagando 30 réis por linha impressa”.

Ainda abaixo do título, lia-se o seguinte conceito, de Adolfo Bianqui: “As populações mais laboriosas são as mais respeitáveis, as mais bem vestidas, nutridas e governadas, e por consequência as mais pacíficas; porque o comércio e a indústria são amantes das luzes, e por estas é que mantém a dignidade dos homens e respeito devido aos seus direitos” (Bib. Pub. Est.).

Noutra fonte de pesquisa foi possível manusear uma coleção que começa com o nº84, de 16 de fevereiro de 1832. A partir do nº100, alterou-se o subtítulo para “jornal dos progressos”. Mudou, igualmente, de redator, segundo nota divulgada, sem que fosse possível identificar o precedente nem o substituto.

A matéria d’O Mercúrio dividia-se em “Interior”, “Exterior”, “Avisos particulares”, anúncios ligeiros, notícias marítimas e Correspondências, algumas destas assinadas por Joaquim Batista e Melo, José Alves da Silva e raros outros nomes, sendo mais comuns pseudônimos, como O Curioso, O Miliciano Zangado, O Amigo do Bem Público, Um de Cor, O Duvidoso, Xan Xan, O Despertador, etc., que debatiam assuntos particulares ou políticos de caráter individual.

A parte da matéria de rotina, acompanhava-se de Suplementos em páginas duplas, constante de Preços Correntes e notas estatísticas comerciais.

Circulou, pelo menos, a folha diária, até o nº 164, datado de 30 de maio de 1832, último da coleção (Bib. Nac.).

## O CONCILIADOR PERNAMBUCANO

Dado à circulação desde 26 de novembro de 1831(1), a coleção manuseada começa com o nº 6 - págs. 21 a 24 - de 25 de janeiro de 1832. Apresentou-se em formato de 30x22, com quatro páginas a 2 colunas de 18 cíceros, sendo impresso na tipografia do Pinheiro, Faria & Comp., situada à Rua do Amparo, D.22. Constava do Expediente: “Esta folha sairá todas as segundas-feiras de cada semana, por preço de 80 réis, e a assinatura, por agora, 320 réis. Vende-se e assina-se no bairro de Santo Antonio, na loja de livros, na praça da União, 37 e 38; na praça da Boa Vista, dita 79, e em Olinda, na Rua do Amparo, Botica do Sr. Pinheiro”. Sob o título, os versos de Voltaire:

Descends du haut des cieux auguste verité,  
Respands sur mes ecrits la force et la clartè:  
C'est à toi de montrer aux yeux des nations  
Les coupables effets de leurs divisions;  
Dis comme la discorde a troubleè nos provinces  
Dis les malheurs du peuple et les fautes des princes.

---

(1) Alfredo de Carvalho, nos “Anais” citados.

O nº 8, que saiu a 30 de janeiro, defende o governo provincial de acusações d'A Bússola da Liberdade.(2)

Em sentido geral, o periódico, em extensos editoriais, condenou o tráfico de escravos e seus importadores; atacou os moedeiros falsos, manifestou-se contra emendas à constituição; focalizou a necessidade do incentivo à Agricultura e, sobretudo, repeliu a atividade dos "colunas". Correspondências eram assinadas por um assinante, O Despertador, O Censor, O Mão por Baixo e outros pseudônimos. A derradeira edição divulgou três proclamações do Presidente Francisco de Carvalho Paes de Andrade, que concitava os pernambucanos a colaborarem com o governo para debelar a rebelião do Recife, encabeçada pelos "caramurus", adeptos da restauração de Pedro I no Trono do Brasil.

Publicou-se O Conciliador Pernambucano, pelo menos, até o nº 19, de 16 de abril, impresso, este último, por J.N. de Melo, na Tip. Fidedigna, instalada no Recife. Numerando-se seguidamente, atingiu o total de 76 páginas (Bib. Nac.)(3).

---

(2) Segundo, ainda, Alfredo de Carvalho, o diretor d'O Conciliador, acadêmico Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, "profundamente ofendido" com os ataques do padre Barbosa Cordeiro, redator d'A Bússola, denunciou-o por abuso de liberdade de imprensa; mas "o juiz decidiu não ter achado matéria para a acusação".

(3) A biblioteca Pública do Estado possui comprovante, apenas do nº 8.

## O CAHETÉ

Jornal Político e Literário - tendo surgido a 4 de janeiro de 1832, sem restar comprovante, publicou-se o nº 2 no dia 11 de fevereiro, formato 21x16, com quatro páginas de coluna larga. Redigido pelo estudante de preparatórios Joaquim Batista de Melo, imprimiu-se na tipografia de Pinheiro, Faria & CIA. (1). Apresentou como lema o seguinte: "Acabou-se o tempo em que a força física sustentava os Impérios; Hoje não são os homens, são os princípios, os interesses, as idéias que conspiram e formam um poder, que não morre, nem sobre o cadáver nem debaixo do canhão" (C.H.Lucas).

Da respectiva matéria constou extenso artigo doutrinário da moral e dos bons costumes, como o fizera na edição antecedente, acentuando: "Unicamente a moral, e só a sã moral, é quem pode confundir todos os abusos e dissipar com a sua luz a sombra que gira em torno de nós. Enquanto a política e a moral estiverem separadas, não haverá paz entre os homens, nem sossego sobre a terra."

Não prosseguiu a publicação (Bib. Pub. Est.).

---

(1) O Caheté foi o último jornal impresso em Olinda, na tipografia mencionada, que transferiu suas instalações para o Recife no princípio do ano de 1833.

## ARGOS OLINDENSE

Periódico Moral, Político e Literário - Entrou em circulação no dia 4 de agosto de 1838(1), Obedecendo ao formato 31x21, com quatro páginas de duas colunas largas. Confeccionado no Recife na Tip. Fidedigna, de José Nepomuceno de Melo, tinha como redatores os acadêmicos piauienses Antonio Borges Leal Castelo Branco e Cassimiro José de Moraes. Sob o título, o conceito de Ganilh, à esquerda transcrito em francês, e à direita em português, com a tradução a seguir: “ Alguns instantes de torpor e desalento não provam mudanças de sentimentos, de opinião ou de vontade e, até realizar-se um tal de prodígio, é dado que o arbítrio se curve às leis da razão”.

Lia-se no artigo de abertura, intitulado “Prospecto”: ”...temos certo de arrostar com excessos e arbitrariedades praticadas no mesmo círculo acadêmico; mas nós as combateremos com as armas de uma verdadeira e nobre oposição, de uma resistência legal, embora sacrifiquemos o cômodo de nosso estado ao feroz capricho dos opressores da Lei. Não queremos inculcarnos isentos de paixões; mas prometemos falar uma só linguagem, a da verdade; e se nos transviarmos do nosso propósito, se iludirmos a nossa missão, ao menos não teremos remorsos, porque desde já protestamos a não servir a par-

---

(1) No seu registro do “Anais”, escreveu Alfredo de Carvalho sobre o Argos Olindense: ”O nº 1 saiu ...de..... e o nº 24 (último) a ....de.....” só pontinhos.



tidos, nem trilhar a senda que como por instinto seguem quase todos os periodistas de hoje, a quem desgraçadamente uma tendência impulsiva arroja para as idéias anti-liberais. Seremos francos e imparciais quanto pudermos, e mais que muito nos empenharemos por que em nossas censuras não ultrapassemos a meta da decência e as raias da dignidade pessoal”.

Seguiu-se a publicação regularmente, enchendo edições e mais edições prolixos editoriais a respeito da situação do país. O nº 10, de 12 de setembro, saiu com seis páginas, totalmente ocupadas pelo artigo redacional “Fisiognomonia e frenologia”, que continuou nas quatro da edição seguinte e ainda encheu algumas colunas de duas outras edições.

De orientação liberal, polemizou com o Echo da Religião e do Império, publicado no Recife, chamando-o de “Coluna do Trono e do Altar”. Um dos seus colaboradores assinava-se O Dalai Lama do Japão. Por outro lado, o redator Castelo Branco, no nº 18, defendeu-se de acusações do Redator do Carapuceiro (padre Lopes da Gama), insertas em artigo do Diário de Pernambuco.

Os dois últimos números ocuparam-se, devida e virulentamente, do caso das reprovações de alunos da Academia de Olinda, que o comentarista considerava propositadas(2) . O diretor

---

(2) Citando Spender Vampré, o jornalista Freitas Nobre, na sua “História da Imprensa de São Paulo” (Imprensa Oficial, S.P., 1950, aludiu a um grupo de estudantes de

do estabelecimento, Lopes Gama, foi alvo de acres censuras por haver chamado a polícia para garantir a ordem nos exames. Chegou a ser preso um aluno que usara termos irônicos no discurso de formatura. No comentário intitulado “Valentia do nosso diretor”, lia-se: “...nós lembramos ao governo que mande o nosso diretor para o Rio Grande, para bater os anarquistas; porque, se ele aqui faz o Diabo com 20 soldados e com um oficial às ordens, contra cidadãos pacíficos, quanto mais com um exército, v.g., de 500 homens!”

Circulou o Argos Olindense até o nº 24, de 8 de novembro do mesmo ano, edição que se fez acompanhar de dois suplementos, repletos de Correspondências (Bib. Nac.)(3) .

## O PHILEIDEMON

Revista Científica e Literária da Sociedade Fileidêmica Olindense - Surgiu no mês de junho de 1846, formato de 23x16, com 24 páginas de

---

Olinda que se transferira para a capital bandeirante, “escorraçados pela direção da Academia Pernambucana”, pelo fato de haverem fundado um jornal político “em estilo violento e agressivo”- o Argos Olindense, que “chegou a publicar poemas satíricos contra o diretor interino daquela Faculdade, padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, não poupando, também, alguns de seus lentes”.

(3) Na Biblioteca Pública do Estado existem, apenas, dois comprovantes do Argos Olindense: nºs. 9 e 21.

texto, impressa na Tipografia União, no Recife. Sob o título, estes versos de Shakespeare:

Ignorance is the curse of god  
knowledge the wing wherewith we  
fly to haven.

Comissão de redação: Carlos Fernando Ribeiro, presidente; Adriano José Leal Júnior, Antonio César de Berredo, Francisco de Paula da Silveira Lobo, João Lustosa da Cunha Paranaguá, Joaquim Aires d'Almeida Freitas, Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha e Luiz Antonio Pereira Franco; correspondente no Rio de Janeiro: Antonio Gonçalves Dias. "Condições da subscrição: O Phileidemon sai uma vez por mês. Cada número consta de 24 a 32 páginas, em oitavo francês. Subscreve-se pela quantia de 2\$000 para Pernambuco e 2\$500 para as mais províncias, por semestre, pagos na entrega do primeiro número". Seguiu-se a relação dos locais onde se faziam assinaturas.

Lia-se no extenso artigo "Introdução", com a assinatura C.F.R.: "...não convinha que a Academia de Olinda perdurasse por mais tempo sem um órgão que a fizesse representar d'alguma maneira na república das letras, ao passo em que as suas irmãs do Império têm-se adiantado nesta carreira e fornecido exemplos dignos de imitação; era mister, certamente, que os alunos do curso jurídico de Olinda contribuíssem o quanto antes com seu contingente tal ou qual para a gloriosa empresa do derramamento das luzes pelo

nosso país e promoção de sua civilização, única base inabalável do seu futuro engrandecimento”(1).

Mais adiante, frisou o redator-presidente: “Pelo nosso contínuo lidar com os mestres das ciências jurídicas e sociais, deve supor-se que o nosso periódico entreter-se-á grandemente das matérias mais imediatamente ligadas com as nossas ocupações diurnas, assim acontecerá provavelmente. Mas não temos a vaidade de esperar conseguir mais do que apanhar algumas conchinhas aqui e ali ao longo da praia do imenso oceano científico. Em compensação da aridez inerente em geral aos assuntos científicos, e em atenção ao sexo mimoso, cujas graças tanto admiramos, e cuja benevolência muito ambicionamos captar, timoratos entraremos de quando em vez nos deleitáveis e variadíssimos jardins da amena literatura, para colhermos alguma humilde florzinha com que divertir as nossas gentis leitoras,

---

(1) A propósito do aparecimento d’O Phileidemon, escreveu a revista O Progresso, do Recife (de Antonio Pedro de Figueiredo), na sua edição de agosto de 1846: “Com o mais vivo prazer saudamos nós esta publicação dos nossos jovens colegas de Olinda; aplaudimos o pensar que deu nascimento a semelhante trabalho e lhes pedimos que persevere em tão útil empresa. De feito, mancebos que se destinam às profissões liberais do foro e da magistratura, que foram como que o viveiro em que o país, lá mais para ao adiante, tem de escolher uma parte dos seus legisladores, não podiam melhor empregar as horas vagas do que em derramar algumas idéias úteis, ao passo que dest’arte se vão preparando para o pelejar da tribuna e do foro”.

a quem principalmente dedicamos esta seção do nosso periódico”.

Publicou-se a revista regularmente, com número variado de páginas, abaixo de 24, nas quais, a par da constante produção dos redatores, ora sobre temas jurídicos, ora versando assuntos literários, apareciam trabalhos de colaboração de José Joaquim Ferreira Vale, L. Viana, Antonio Rangel de Torres Bandeira, D.C.R. Veloso, bispo Francisco Cardoso Aires (poesias), Moreira Brandão, dr. Autran, Salustiano de Aquino Ferreira e outros.

Tendo circulado até o mês de dezembro - nº 7 ficou O Phileidemon suspenso, reaparecendo - nº 1, ano II - em maio de 1847, para sair até o nº 4, do mês de agosto. Aí extinguiu-se sua existência, do que resultou um volume de 184 páginas (Bib. Púb. Est. e Bib. Nac.).

## O POLYMATHICO

Periódico do Instituto Literário Olindense - Saiu o primeiro número no dia 1 de setembro de 1846, impresso na tipografia do Diário de Pernambuco, de M.F. de Farias, formato de 30x21, com 16 páginas, além da capa, esta em papel de cor. Assinava-se a 2\$000 por semestre (2\$500 para fora da província). De feição didática, apresentou, como lema, o seguinte:

“C’est par l’étude qui nous sommes Contemporains de tous les hommes Et citoyens de tous les lieux”.

Forneceria aos leitores, “ao par das noções e doutrinas científicas, noções e doutrinas sobre a literatura e as belas artes, evitando assim a aridez daquelas e praticando o preceito do grande mestre Horácio: Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci”.

Circularam quatro(1) números, o último dos quais datado de 1º de dezembro, com 16 páginas, perfazendo o total de 68, em numeração batida, de edição para edição. Comissão redacional: Manuel Benício Fontenele, Antonio Epaminôndas de Melo, Luiz Barbosa Aciavoli de Brito, padre Lindolfo José Corrêa das Neves, Ivo Miquelino da Cunha Souto Maior, Antonio Pinto da Silva Vale, Onório Fiel Sigmaringa Vaz-Curado, Joaquim Antonio de Faria Abreu e Lima, Antonio Joaquim Buarque Júnior e Manuel Firmino de Melo.

Estampava longos artigos, inclusive assinados por Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, E. de A., Corrêa das Neves, M. Montenegro e A. J. D., além de poesias, sobretudo de A. R. Torres Bandeira, e charadas (Bib. Pú. Est.).

## AURORA

Periódico Científico e Literário dos Acadêmicos Olindenses - o nº 1, tomo I, circulou em maio de 1849, para continuar quinzenalmente,

---

(1) Não três, como registrou Alfredo de Carvalho (ob. cit.).

dando como procedência “Pernambuco” e ostentando o lema: “Surgi et Ambula”! Impressão da Tip. Imparcial, pertencente à Viúva Romana & Filhos, situada à Rua da Praia, 55 (Recife), com 20 páginas, inclusive a capa, formato de 25x17, em coluna larga. assinatura anual- 3\$000, a tratar na casa de J. Aires de Almeida Freitas, ou no Recife: livraria de B.V.Coutinho.

Em artigo de quatro páginas, o redator principal, José Moreira Brandão Castelo Branco, reportou-se aos motivos do aparecimento da revista, adiantando: “...vamos ofertar ao público os frutos de nossas vigílias, senão para ilustrá-lo, que tão aquém ainda ficam as nossas forças, ao menos para procurarmos um meio de melhor nos ilustrar a nós mesmos, quanto em nós for, por aproveitar a quem menos aquinhado houver mister de nossas luzes, e agradecer a quem prestar-se a ouvir os nossos sonhos d’imaginação”.

Justificando, modestamente, a palavra do título, escreveu: são “os arrebois de um sol que nasce, mas que ainda lutando com as nuvens da ignorância, não pode dar o fulgor que promete o seu porvir. Eis a razão do nome que escolhemos para o periódico; eis o que dele deve esperar o pública”. E concluiu, após amplas divagações filosóficas e literárias: “Aí vão, os nossos escritos: soltemo-los a esse mar tempestuoso do mundo; são frágeis batéis, que vão sulcá-lo: feliz porto os aguarde”.

A publicação decorreu com regularidade, inserindo produções, em prosa e verso, de Ma-

nuel Benício Fontenele, F. A. Barros, Joaquim Pires Machado Portela, Almeida Freitas, Moreira Brandão, Luiz Rodrigues de Albuquerque, Inácio de Barros júnior, Pedro Leão Veloso, Antônio Alves de Sousa Carvalho, Antônio de Vasconcelos Meneses de Drummond, R.S. Paes de Andrade, A.M., Pedro Catanhede, M.S. Garcia e, finalmente, A.S., que firmava a crônica da última página de cada edição, sob o título “Revista do Exterior”.

Aurora findou sua existência com o nº 8(1), datado de setembro, formando um total de 162 páginas, em numeração seguida (Bib. do IPHAN, Pú. Est. e Bib. Nac.)(2) .

## O ALBÚM DOS ACADÊMICOS OLINDENSES

Jornal Científico, literário e Religioso - Apareceu a 30 de junho de 1849 o nº 1, tomo I, formato de revista - 23x15 - capa de cor, com 36 páginas, ostentando a divisa: “Errando discutir”. Confecção da Tipografia Imparcial, da Viúva Romana & Filhos, situada à Rua da Praia, 55. Subscrevia-se no Recife, na livraria do Pátio do

---

(1) Alfredo de Carvalho registrara, erroneamente, o nº 6, de .... outubro, como tendo sido o último publicado.

(2) Na Biblioteca Pública do Estado só existem exemplares dos nºs 7 e 8, únicos que faltam, por coincidência, na coleção da biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, seção de Pernambuco. Os nºs 1,2,3 encontram-se, também, na Biblioteca Nacional.



Colégio, e em Olinda, casa de L. Bezerra Monteiro, a 2\$000 “pelo ano letivo”.

Sem indicar corpo redacional, assinou a “Introdução” o Acadêmico João Felipe da Cunha Bandeira de Melo, usando as iniciais do nome. Esse editorial de apresentação ocupou duas páginas batidas de considerações filosóficas, para terminar dando os motivos da publicação encetada: “nosso fim principal é significar ao público nossa adesão às letras, e ao mesmo passo chamá-lo a que partilhe os frutos de nossas vigílias”. Envidariam todas as suas forças, conhecimentos e bons desejos a fim de merecer a simpatia dos leitores e não desmentir “o nome de que já gozam os acadêmicos de Olinda”.

A edição estampou artigos de Lino Reginaldo Alvim, Aprígio Guimarães, Antonio da Cunha Cavalcanti de Albuquerque Melo, Leandro Bezerra Monteiro, M., outro de J.F.C.B. de Melo; poesia de Olinto José Meira e deu início ao romance “O Lesghiz”, de Antonio Virtrúvio Pinto Bandeira e Acioli de Vasconcelos.

Seguiu-se a circulação, ora mensal, ora bimestral, suspensa no período de férias, para voltar em abril de 1850, até o derradeiro número, que foi o 7º /8º, correspondentes aos meses de agosto e setembro, num total, em numeração seguida, de 212 páginas. Foi o fim.

Concluído, com a terceira publicação, o seu primeiro e muito ligeiro romance, Antonio Virtrúvio, iniciou, no nº 6, outro, intitulado “62

anos depois”, que continuou na edição seguinte, ficando inacabado.

Além dos nomes já mencionados, O Álbum teve a colaboração, ainda, de Carlos Frederico Marques Perdigão, José Liberato Barroso, Luiz José de Cerqueira Mendes, P. Francelino Guimarães, Próspero, João José de Oliveira Junqueira Júnior, C. d’A., ou seja, Cleófano Pitiguari de Araújo L. de Andrade Pessoa, etc., como prosadores, e dos poetas C.R. Manuel d’Albuquerque Machado, Romualdo de Sousa Paes de Andrade, Antonio Marques Rodrigues e A. d’Azevedo Macedo (Bib. do Gab. Port. de Leitura)(1).

## O BRADO OLINDENSE

Jornal Imparcial, Noticioso e literário - Impresso na tipografia do Diário do Recife, publicou-se o nº 3, ano I (único exemplar remanescente), no dia 18 de outubro(2) de 1862, formato de 21x17, com quatro páginas. Destinado a circular todos os sábados, cobrava 1\$000 por assinatura mensal. Responsável - Alexandre da Silveira Lima Veneno.

Da edição Manuseada constou o sumário a seguir: editorial a respeito da necessidade de construção de via-férrea Recife-Olinda; “Rese-

---

(1) D’O Albúm dos Acadêmicos Olindenses, a Biblioteca Nacional guarda, apenas, o nº 5, e a Biblioteca Pública do Estado, apenas, o nº 7/8.

(2) Alfredo de Carvalho (“Anais”) atribuíra, erroneamente, a data de 18 de outubro ao “nº 1 e único”.

nha hebdomadária”; conto de J. Varota e poesia de Bessoni(Bib. Pú. Est.).

Continuou O Brado Olindense até, pelo menos, o nº 8, datado de 29 de novembro(3) .

## A SANTA CRUZ

Jornal Consagrado aos Interesses Religiosos - Sob os auspícios da Mãe de Deus Imaculada - Começou a circular no dia 28 de janeiro de 1871, formato de 35x25, a três colunas de 14 cículos e quatro páginas. Acima do título, o emblema correspondente e, de cada lado, uma frase alusiva. Constava do Expediente: “A Santa Cruz publicar-se-á uma vez por semana; sairá da Secretaria do Bispado, para onde deve ser dirigida toda correspondência. Todos os escritos serão previamente corrigidos; é grátis a sua publicação. Os assinantes contribuirão com 7\$000 anuais; a folha avulsa custará 80 réis”

Lia-se no artigo de apresentação: “Não pretendemos falar ao público para ostentar profundo saber, visto como o não temos, e nem são nossas intenções entrar em questões já completamente explicadas pelos grandes vultos do cristianismo”. Visava, apenas, a ser útil ao próximo, não publicando “senão o que Deus disse e a Igreja no-lo ensina, para nossa verdadeira felicidade, assim no tempo como na eternidade”.

---

(3) O Diário de Pernambuco, de 12 de março de 1937, publicou o fac-símile da edição de novembro de 1862 do pequeno órgão.

Divulgando matéria exclusivamente religiosa, a começar pela “homilia”, seguida do Expediente do Governo do Bispado, noticiário, literatura e Variedades, o periódico teve vida normal, sendo impresso na Tipografia Comercial, de Geraldo H. de Mira, à Rua Estreita do Rosário, 12, Recife. Inseria alguma colaboração assinada, em prosa ou verso, a destacar, no caso, os nomes a seguir: padre Anísio de Torres Bandeira, L. M. Percegueiro, J.S., padre Antonio Fernandes, Guilherme Filho, padre M. Américo, F.F. Barreto, padre J. Vítor, Amaro Fernandes Chaves e Amaro Pessoa.

Ao completar o primeiro aniversário (28/01/1872), o articulista d’A Santa Cruz escreveu: “...bem previam os seus redatores as dificuldades com que haviam de lutar, visto ser bem manifesta a indiferença que, em matéria de religião, lavra por todas as partes. O espírito da época, geralmente falando, é infenso à religião; e por isto circulam em maior escala e são lidos com maior interesse e avidez os jornais políticos e anti-católicos, nos quais saem artigos repassados de antipatia contra a Igreja de Deus”.

Como o periódico sofresse as consequências dessas indiferenças, terminou a nota com um apelo, ao clero e aos fiéis, para que o não deixassem sucumbir.

Não foi muito adiante A Santa Cruz, que parou de circular uma vez publicada a edição de 19 de maio de 1872. Sem ter havido nenhuma

interrupção, somaram-se 69 números (Bib. Pub. Est.).

## A VIDA

Revista Semanal Olindense - Publicou-se o nº 1, série I, a 25 de dezembro de 1890, formato de 19x13, com 16 páginas, inclusive a capa no mesmo papel comum. Redatores - Brito Inglês, Melo Resende e Picanço Diniz, funcionando a redação na Rua Matias Ferreira, 30. Confecção da Tipografia Industrial, no Recife. Custo do exemplar - 0\$100.

Apresentou-se assim: “Surge A Vida e surge branca como é branco o arminho, pura como soi sê-lo a Justiça”.

“Surge A Vida, mas revestida da alva clâmide da imparcialidade. O fim a que se propõe, pode não atingi-lo, mais é um fim nobre. Não é, com certeza, imiscuir-se nessas pequenas lutas de campanário, nessas lutas que só interesses mesquinhos e paixões desencontradas sabem criar; mas condenar essas lutas como inúteis e, mais do que isso, como prejudiciais a tudo e a todos, apontar os seus promotores à execração das almas boas e dos espíritos sadios e desabusados. Não é abandonar os fracos, nem colocar-se ao seu lado, sobretudo quando oprimido, seja quem for o opressor”.

Analisaria, finalmente, os acontecimentos, clamando contra a postergação de direitos e observando a marcha dos negócios públicos.

Afora comentários redacionais, a revista de bolso inseria, em regime de concisão as seções “Ao correr da pena”, por Sommerst; “Teatro alegre”, de M. Rezende, e “Pela Faculdade”; colaboração em prosa de D. Picanço e poesias de Faria Neves Sobrinho, Júlio Lustosa e Leônidas e Sá, adotando, no reverso da capa, um “Sarcófago”, destinado a selecionar a colaboração não solicitada.

A publicação seguiu até o sexto número, sempre interessante e bem redigida, ocupando-se um pouco da política federal, mas essencialmente literária. E admitiu outros colaboradores, além dos mencionados, em prosa e verso, a saber: Cícero César, Luiz de Massia, Célio de Zassulic, João Licínio, A. Júnior, A. Pinto, Felício Buarque, F. Neto, P. Barreto de Meneses e Gaúcho.

A última edição, terminando a série I, saiu a 8 de fevereiro de 1891, esperando A Vida reaparecer “qualquer dia, forte, possante, por uma destas manhãs calmosas de estio”. Entretanto, não reapareceu (Arq. Púb. Est. e Bib. Nac.)(1).

## O SINO DA SÉ

Número um e único, circulou no dia 28 de dezembro de 1890, formato de 27x18, com quatro páginas de duas colunas. Preço do exemplar - 40 réis. Aos lados do título, apresentou versi-

---

(1) Na Biblioteca Nacional existem, apenas, os nºs 1 e 4.

nhos de cinco sílabas, concitando ao riso. Do editorial, idêntico, destacava-se:

Com sal e com graça  
Brincar não magoa;  
Ninguém se ofenda  
Por coisas à toa.

Exclusivamente redigida em linguagem humorística, a edição inseriu as seções “Correio”, de Gregório Júnior (Pseudônimo de João Gregório Gonçalves); “Berlinda”, “Novidades” e outras, sem assinaturas (Bib. Pú. Est. e Arq. Pú. Est.).

## O CORREIO DE OLINDA

Surgiu, com semanário, a 4 de janeiro de 1891, formato de 32x23, a duas boas colunas de composição e quatro páginas, vendendo-se o exemplar a 40 réis

“Ele virá, sem dúvida - Dizia o artigo-programa - traduzir, em linguagem despreziosa, os desejos e as necessidades do povo olindense; ele será o éco dos clamores públicos quando o arbítrio substituir o direito, quando a vontade estiver contra a razão”.

Declarando desprezar a “miséria política”, acentuou: “Olinda e as suas desnecessidades serão suficientes para despertar e prender a atenção do Correio e a obrigar a sua pequena mas resoluta redação a ocupar-se das coisas sérias, deixando de lado estas matérias pestilenciais

que a ignorância ou a miséria dos homens introduzir no organismo social”.

Impresso na Tip. Industrial, à Rua do Imperador, 75 (Recife), sem mencionar corpo redacional, o periódico, a par de comentários diversos e noticiário, este obediente ao título “Gazetinha”, manteve, na sua curta existência, interessantes seções, tais como “Vibrações” (versos), por J.H.V.; “Sabatina”, de Agesilaus; “Troçando”, por A Tesoura do Hipódromo, e “Triolets”, além de poesias de Farias Neves Sobrinho e Osvaldo Machado.

Circularam, apenas, quatro edições, a última das quais datada de 25 de janeiro, em cujo editorial dizia a redação retirar-se “do campo de batalha”, porque já cumprira seu dever, embora sem haver travado nenhuma luta...enquanto isso, A Tesoura do Hipódromo despedia-se “dos banhos, das meninas, das barracas”, em oito bem urdidadas quadras decassílabas (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

## O ARTISTA BRASILEIRO

Periódico Crítico e Noticiosos - Circulou no dia 18 de janeiro de 1891, tendo como redatores-proprietários Evaristo Wanderley e Antonio Correia de Oliveira, com redação instalada à Rua de São João, 7 e impresso na tipografia do Jornal do Recife. Formato de 37x27, quatro páginas de três colunas de composição a 14 ciceiros, vendia-se o exemplar a 60 réis, custando



600 réis a assinatura trimestral ou 800 réis “pagando porte”.

Sem violência ou paixão, mas calma e serenamente, seria, segundo a artigo de apresentação, “censor implacável da prepotência dos potentados constituídos contra a nossa classe”. Apontaria as arbitrariedades da política quando fora de lei; finalmente dispunha-se a “pelejar pelo progresso e desenvolvimento da classe artístico-operária, ensinando a cada um dos seus membros que todos devem ser por um e por todos”.

Seguiram-se mais quatro artigos sobre o aparecimento do jornal, assinados pelos redatores e por S.R. e F. Alves de Mendonça, completando a edição: “Pérolas Soltas” (perfis); “Para distrair” (charadas); “minudências” (noticiário) e a quarta página de anúncios.

A publicação, que era semanal, procedeu-se normalmente, até o nº 10, de 21 de março, quando se interrompeu, só saindo o nº 11 de 4 de abril, devido à aquisição de oficina própria, que foi instalada, com a redação, à Rua 27 de janeiro, 36, onde ficou sendo impressa.

Inseria o periódico bons editoriais e, além das seções mencionadas, colaboração de Celino Délio, João Dez, F. Chagas Monteiro, Cirilo Ribeiro, José de Melo, Isaura C. e outros, incluindo uma “coluna franca”. O folhetim estava a cargo de Melhergui (anagrama do tipógrafo Júlio Guilherme Hancem). O nº 18, de 16 de maio, foi dedicado à comemoração da data da abolição da

escravatura. Depois, apareceram novos colaboradores, a saber: Fausto de Oliveira, Gaspar de Carvalho, Valdevino Wanderley, Sousa Júnior, Vitorino Tobias, João Barreto, Leopoldo Brígido, etc.

Em prosseguimento, atingiu a folha o n° 47 a 13 de dezembro do mesmo ano(1), já não figurando no cabeçalho o nome de Antonio Correia de Oliveira. Foi o derradeiro exemplar encontrado (Bib. Púb. Est.)(2) .

## O MUNICÍPIO

Surgiu no dia 12 de maio de 1892, formato de 54x38, com quatro páginas e quatro colunas com 12 cíceros. Não mencionado corpo de redacional; apenas o gerente - Evaristo Wanderley. Impresso em oficina própria, à Rua Coronel Cavalcanti, tinha redação e escritório no mesmo local. Publicação Hebdomadária, cobrava 1\$500 pela assinatura mensal.

Assim começou o editorial de apresentação: “Do mesmo prelo em que era impresso O Artista Brasileiro, sai à luz da publicidade O Município. Neste período fica implícita a afir-

---

(1) Alfredo de Carvalho registrara o n° 30, de 8 de agosto, como último publicado.

(2) Existem poucos comprovantes d’O Artista Brasileiro na Biblioteca Pública do Estado. Do n° 11 possuía exemplar (único) o colecionador particular Francisco Rodrigues, já falecido.

mação de que este novo semanário vem a ser o desenvolvimento daquele, na parte relativa à defesa que sempre fará dos humildes e dos fracos, quando vítimas da prepotência dos fortes que por isso se tornaram indignos e desprezíveis. Tomando por base o direito, do qual se deve supor sempre que é sólido alicerce à justiça, O Município percorrerá a estrada de sua existência sustentando na dextra a bandeira da ordem, condição indispensável numa sociedade civilizada”.

Mais adiante, frisou o articulista: “O Município entrará na política, campo aberto onde brandirá suas armas, apreciando os assuntos que atraírem sua atenção, quer eles se particularizem ao município, quer, por sua extensão, envolvam o interesse da República”.

“No ponto de vista religioso, caminhará com todo respeito devido à crença dos seus cidadãos e, dest’arte, muçulmano ou católico terá n’O Município um respeitador perfeito e sincero”.

Logo abaixo, outro artigo redacional fez a defesa do governo republicano, atacando os “especuladores políticos, partidários disfarçados da Monarquia”. Outros editoriais atulharam a edição de estréia, um deles causticando a política oposicionista. Na seção “Locais” dizia adotar a seguinte bandeira de combate: “Centralização política, descentralização administrativa e descentralização financeira”.

Comportando bastante matéria, quase sem anúncios, incluiu contos e pesquisas, folhetim,

vasto noticiário miúdo, em composição batida, e "Indicações", que compreendia a parte das Solicitadas.

No número 2, o periódico reafirmou sua posição política. Adepto da República, não era, todavia, órgão "de qualquer partido. É um simples soldado que enche a sua cartucheira, carrega a sua arma e a põe ao ombro, vigiando o inimigo". e "...verberará o erro onde o erro surgir, divinizará o acerto onde o acerto se manifestar".

Na edição de 23 de junho iniciavam-se as "Histórias Curtas e Certas", de Braz Patife (pseudônimo de Eduardo José de Magalhães Carvalho, do Rio de Janeiro) e, na de 19 de agosto, vinham os "Logogrifos". Mais constante, porém, era a "União Artística".

Circulou regularmente e teve a colaboração, sobretudo literária, de Gaspar de Carvalho, Castro Vilela, Avelino Chagas, Pierrot, João Crispiniano Borges, J. E. Teixeira de Souza, Brás Mimoso, Plácido Serrano, Pedro Joaquim Velez Botelho, major Manuel José Domingues Codeceira (temas históricos), Carlos Mariz, João Ezequiel, José Leão, Lombrosito, Almeida Cunha, Maximiano Lopes Machado, Costa Sena, Valdevino Wanderley e Poly, depois Tabira, com a seção "Semana a Semana", enquanto o gerente se ocultava sob o anagrama: Otsirave Yelrednaw.

Bem redigidos editoriais ocupavam-se dos interesses de Olinda, em defesa de cuja administração O Município chegou a travar polêmica

com o diário recifense A Província, atacando os autonomistas, chamados "deletérios".

Terminado o ano com o n° 34, de 31 de dezembro, iniciou nova numeração em 1893, para prosseguir até o fim do ano. Tornara-se órgão oficial da Prefeitura, cujo expediente abria a primeira página. Apareceram novos colaboradores, tais como: Sílvio Barreto, Luiz Guimarães, Felipe de Macedo, Artúnio Vieira, Ernesto de Paula Santos, Manuel Arão, etc., instituindo-se a "Crônica Balneária", a cargo de Batista, O Banhista.

Atingido o n° 48, de 9 de dezembro, escreveu a redação: "...somos unitaristas, apoiamos até a Ditadura, e já dissemos que a Ditadura militar era uma necessidade no atual momento histórico da República Brasileira; porque a espada é a garantia da integridade nacional, sempre o foi, e nós estamos no cair de grande abismo e vemos no fundo dele a separação levantada, como bandeira, nos momentos difíceis da velha e viciada política em pleno reinado da anarquia" (Bib. Nac. e Bib. Púb. Est(1)).

Além da parte pesquisada, ainda se publicaram três edições d'O Município, a última das quais datada de 31 de dezembro, conforme o noticiário do Diário de Pernambuco. Ficou, então, suspenso por tempo indeterminado. Esperava voltar à liça em 1894, com mais vigor na defesa

---

(1) Coleções incompletas. Nos seus "Anais", Alfredo de Carvalho mencionou, apenas o n° 1 do primeiro ano.

do programa traçado, o que, todavia, não aconteceu.

## DOM QUIXOTE

Semanário crítico e noticioso, deu à publicidade apenas quatro números: de 23 de outubro a 15 de novembro de 1893. Impresso em formato pequeno (25 x 13), de duas colunas, com quatro páginas, tinha como redatores João C. Montarroyos e Antonio S. de Santa Clara e colaboradores José Estanislau da Cunha, Antonio Valença e José Alves de Melo. Vendia-se o exemplar a 40 réis.

Escrito com muita verve, constava do seu programa: "...imparcialidade pessoal e neutralidade absoluta, sendo destinado a defender a sublimada causa do forte contra o fraco, do injusto contra o justo e do falso contra o verdadeiro". Prometia estar alerta contra os Don Juans.

Manteve as seguintes seções principais: "Corre como certo", "Traquinadas" e "Para divertir".

O último número, em formato menor, teve a primeira página ocupada por um quadro com os seguintes dizeres: "O Dom Quixote curva-se, reverente, diante desta data gloriosa - 15 de Novembro de 1893" (Bib. Púb. Est.).

## O VIGIA

"Jornalzinho humorístico" de Bastos Tigre, quando aluno do Colégio Diocesano de Olinda (Referência, sem mencionar data, de Raimundo de Meneses do "Dicionário Literário Brasileiro". vol. V, Edição Saraiva, São Paulo, 1969).

## O ESTANDARTE CATHOLICO

Jornal dirigido pelos monges beneditinos, em cujo mosteiro tinha a redação, entrou em circulação a 4 de novembro de 1899. Formato acima de médio, com bastante matéria em quatro páginas, assinava-se a 5\$000 anuais, acrescidos de 1\$000 para fora da cidade, sendo o exemplar vendido, em Olinda e no Recife, a 0\$100.

"Instruir e informar" era o seu lema, obedecendo à voz do papa Leão XIII. Dizia, no editorial de apresentação: "Não fazemos grandes promessas, mas nos esforçaremos para sempre estarmos alerta e darmos aos nossos leitores artigos instrutivos e exatos sobre os grandes acontecimentos da história contemporânea". E mais: "Respeitaremos sempre todas as autoridades: com os grupo partidários não nos importaremos". Concluiu pedindo o apoio dos leitores e as bênçãos de Deus.

Publicou-se em datas irregulares, sempre repleto de artigos doutrinários e noticiário específico, incluindo "Ciências e Artes", "Homens e Coisas", "Contos para meninas", "Fatos locais" e

"Coisas eclesiásticas". Colaboração original, entre outros, de Manuel Cirilo e Tiburtino Monfim.

Na sexta edição, de 23 de dezembro (última do ano), inseriu uma bênção apostólica do papa aos redatores e colaboradores.

Tendo o nº 1, ano II, circulado a 5 de janeiro de 1900, o 8º e último saiu a 15 de março(1).

## GAZETA OLINDENSE

Hebdomadário Político e Noticioso - Entrou em circulação a 20 de junho de 1903, em formato acima de médio, com quatro páginas a quatro colunas de 15 cíceros e excessivas margens em branco. Redação e escritório à rua Duarte Coelho, 26, sendo o trabalho material efetuado na Tipografia Bouletreau, no Recife. Proprietários e redatores: Antonio Luiz de Drummond Miranda, acadêmicos Luiz Cândido Pontual de Oliveira, Nilo e Olívio Dornelas Câmara e Maturino Monclar Cavalcanti de Albuquerque; gerente - Higino Honorato de Oliveira. Assinava-se a

---

(1) O Estandarte Catholico transferiu-se para a capital da Bahia, ali circulando, com o sub-título Edição do Norte, a partir de 6 de abril de 1900. E ainda saía, normalmente, em dezembro de 1901 (coleção do Arquivo Público de Pernambuco).

Segundo o cônego Xavier Pedrosa ("Letras Catholicas em Pernambuco", edição de 1939), o periódico em apreço acabou sendo publicado em São Paulo, prolongando-se sua existência até 1906. Adotara, ali, o sub-título Edição do Sul.



2\$000 por trimestre, para Olinda e o Recife, e a 2\$500 para outros pontos, circulando aos sábados. Número avulso - 0\$100.

Nasceu, segundo o artigo de apresentação, da necessidade de um jornal que, no município "advogasse, perante os poderes públicos, os direitos dos cidadãos nele residentes", acentuando:

"Ela se ocupará, sem visos doutrinários, das questões que se agitarem em todo o país, desde que se trate do interesse geral. Em política, obedecerá à orientação do partido do qual é chefe supremo o eminente dr. Rosa e Silva, o único filho do Norte que, para honra de Pernambuco, pode, com a sua eleição ao cargo de vice-presidente da República, extinguir a pretendida hegemonia que, desde o antigo regime, mantinham os sulistas e, neste município, ouvirá a palavra do honrado cidadão major Antonio Gonçalves Ferreira Júnior".

"Noticiosa, a Gazeta procurará informar o público dos fatos que se operarem nesta cidade, na vizinha capital, nos Estados e no estrangeiro".

Sob o título "Ao correr da pena", N. de Castro iniciou uma série de crônicas, procurando apreciar os fatos momentosos, "qualquer que seja o ramo da atividade humana". "Em revista" outra crônica de assuntos gerais, tinha a assinatura de O. de Castro.

Jornal bem feito, publicou-se regularmente, servido de bastante matéria, a partir de edi-

toriais sobre as necessidades de Olinda, incluindo "Notas e acontecimentos", "Espírito Alheio" (folhetim em rodapé); "Governo Municipal"; "Movimento Forense"; "Tratos à bola" e colaboração em prosa e verso. Poucos anúncios.

Desde o segundo número, a folha entrou em choque com o Correio do Recife, diário oposicionista, atacando a política do Barão de Lucena e defendendo a administração estadual, assunto tornado o prato de cada semana. A sexta edição, de 25 de julho, dedicou quase duas páginas ao Papa Pio X, com o respectivo clichê e extensa biografia. Outra seção, de sátira e crítica política, foi então iniciada, sob a epígrafe "Correias". Depois, viria "Na bigorna", em versos do mesmo tipo, por Juca Ferreira.

Manteve boa seção literária, na qual inseria poesia de França Pereira, Faria Neves Sobrinho, Luiz Cândido de Oliveira, Nilo Câmara, Maturino Monclar e Carvalho Barros, e prosa de M. Fernandes Laranjeira.

A existência do semanário, nada obstante o bafejo oficial, só se estendeu até o n° 19, datado de 24 de outubro (Arq. Púb. Est.).

## O REMO

Órgão do Clube Carnavalesco dos Remadores - Publicou-se o número único no ano II(1) a

---

(1) No carnaval de 1903, O Remo circulou datado do Recife.

14 de fevereiro de 1904, impresso em papel couchê, com quatro páginas, formato de 32 x 22.

A não ser o artigo de apresentação, toda a restante matéria constituiu-se de versos, cheios de verve e ironia carnavalesca, sem assinaturas ou assinados por Sílvio Pompéia, Inácio de Macedo, Alferes Bom Fim, Pedro Pirão, Costa Cartuxo e Franorsilzaga, entremeados de figurinhas simbólicas (Bib. Púb. Est.).

## A PÁ

Órgão do Clube Carnavalesco Mixto Pás Olindense - Circulou em n° único, no carnaval de 1904 (14 de fevereiro), apresentando agradável aspecto, no formato de 28 x 20, a duas colunas largas de composição e quatro páginas.

Vinha trazer "um composto de nossas esperanças perdidas em um ano de lutas e cismas" e saudava as famílias olindense.

Jornal bem redigido, com bastante verve, suas notas de crítica carnavalescas ou não, tinham a assinatura de K. Bloco, Dr. Fel Teles, Curupinha, Venceslau Semifusa (pseudônimo de Eustórgio Wanderley), Solano Cais e Luigi Vampa (como se ocultava Augusto Wanderley Filho) (Bib. Púb. Est.).

Publicou-se outro n° único no carnaval do ano seguinte, segundo noticiou o Jornal Pequeno de 4 de março de 1905.

## GAZETA SANJUANESCA(1)

Órgão "de interesse gastronômicos", propriedade do Bazar de Fogos Quatro Cantos, circulou a 22 de junho de 1907, em formato de 23 x 17, com quatro páginas. Os exemplares, vendidos a 300 réis cada um, eram numerados de modo a proporcionar ao possuidor da centena sorteada pela Loteria Federal, "suprimposos prêmios de mercadorias novas e fogos especiais".

Além das listas de prêmios, o jornalzinho divulgou ligeiro conto de Gil Maroto e anúncios (Bib. Púb. Est.).

### 13 DE MAIO

Edição Especial de 1908 - Homenagem do Povo Olindense, no 20º aniversário da abolição da escravatura no Brasil - apresentou-se com oito páginas em formato de 52 x 37, a quatro colunas de composição.

Bom trabalho gráfico das oficinas de Júlio Agostinho Bezerra (Recife), inseriu clichês do Gabinete de 10 de março de 1888 e dos diretores do Club Cupim; cópia da lei nº 3353, de 13 de maio; outros documentos alusivos à data e trabalhos assinados por Artur Orlando, Artur Muniz, Dr. Ferrer, Oscar Brandão, Alberto Falcão, Guedes Alcoforado, Ambrósio de Barros Leite, Samuel Vieira da Cunha, M.J. de Santana Araújo, Alfredo de Carvalho e outros, e poemas de Pa-

---

(1) Não consta da relação dos "Anais"

rente Viana, Teotônio Freire, J.A. de Almeida Cunha, Figueiredo Coimbra, Maria das Dores Alves Barbosa e Maria Madalena de Queiroz Viana (Bib. Púb. Est.).

## O CHIC

"Modesto batalhador da imprensa, a serviço das letras e das ciências", apareceu no dia 24 de dezembro de 1908. Pequeno formato, com quatro páginas de três colunas, tinha como redator-chefe Jaime Pereira e redatores João Gusmão, Sílvio da Mota, Alberto Silveira, José Guedes e Manuel Neves.

Prosseguiu - nº 1, ano II - a 12 de fevereiro de 1909, em formato ainda menor (22 x 16), sendo todos os redatores comuns substituídos por Ely Jota. Tabela de assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$000; trimestre - 0\$500. Impressão na Tip. Comercial, à rua Duque de Caxias, 25 (Recife), onde tinha caixa de correspondência, além da do Bilhar Tavares, em Olinda. Divulgou noticiário ligeiro e colaboração de Leovigildo Júnior e Eládio Ramos Júnior. Iniciou, sem chegar ao fim, concursos de beleza (moças) e de fealdade (rapazes).

O terceiro (e último) número - quando Sílvio da Mota voltava para o corpo redacional - circulou no dia 9 de março (Bib. Púb. Est.).

## BOM-FIM

Jornalzinho "dedicado à festa do Senhor Bom Jesus do Bomfim, que se venera em Olin-da", publicou-se o nº 1 no dia 31 de dezembro de 1909. Estampou, na página de honra, "o retrato de D. Ester de Carvalho, esposa do dr. Eustáquio de Carvalho", apresentando "variado sumário" (Inf. do Correio do Recife).

Do prosseguimento da publicação anual só foi possível avistar um comprovante: o nº 4, fase III, de 1 de janeiro de 1916, trazendo o subtítulo: "Poliantéia da Festa do Bom-Fim". Apresentou-se em formato 32 x 23, com quatro páginas, impresso na Tipografia Fraternidade, à rua Duque de Caxias, 14, Recife. Na primeira, circulada de vinhetas, figurou amplo clichê, tendo abaixo a legenda: "Homenagem e tributo de gratidão ao Major João Clementino Montarroyos, digno irmão, servindo de Provador".

Outras homenagens foram prestadas, nas páginas restantes, aos cooperadores da tradicional festa do Bom Jesus do Bom-Fim, incluindo fotografias do coronel Manuel José da Silva Guimarães e da sra. Virgínia de Almeida Colaço Dias. Ocorreram, a par do noticiário específico, artigos assinados por A.N. e Raios X e soneto de Armando Maia (Bib. Púb. Est.).

## O DOMINGUEIRO

Noticiou o diário A República, do Recife, em sua edição de 5 de fevereiro de 1912, haver circulado o primeiro número do jornalzinho olindense com o título acima, sob a direção de A.Célio. Nenhum outro pormenor.

No mês seguinte, precisamente a 10 de março, consoante o Jornal Pequeno, publicou-se uma edição especial d'O Domingueiro, imprensa a cores, exibindo retratos das vencedoras do concurso de beleza que instituíra. Adiantou o noticiário do vespertino recifense que o acontecimento social foi pomposamente solenizado e que eram também diretores do pequeno órgão Antonio Inácio de Barros Ribeiro e Manuel Lopes.

Decorridos vários meses, outra notícia, mas do Pernambuco, edição de 15 de dezembro, acusou achar-se em circulação novo número do "semanário", redigido por três moços inteligentes", que se ocultavam sob os pseudônimos de M.Robson, F.Marçal e A.Célio, acrescentando: "O número de hoje traz um sumário muito agradável pela variedade dos seus assuntos".

## SEMANA OLINDENSE

Órgão Literário, Alegre, Político e Noticioso - Sem que restem comprovantes das duas primeiras edições, circulou o nº 3 no dia 26 de maio de 1912, em formato de 38 x 25, com qua-

tro páginas de três colunas. Desconhecidos corpo redacional e casa impressora. Assinatura anual - 5\$000. Preço do exemplar - 0\$100.

Jornal variado, cujo nº 4 foi publicado a 2 de junho, dispôs de noticiário e seções ligeiras de humorismo e charadas, inserindo, também, artigos de Pery e Teodósio de Ricci, que assinou "Nomenclatura Geográfica de Pernambuco"; poesias de Casimiro M. Flório e Temístocles (Gonçalves Ramos) de Andrade; conto de Sossapziul, ou seja Luiz Passos, e perfis de autoria de Gil Sabino. Abriu concursos para apurar "qual o rapaz..." e "qual a moça que dança melhor".

Faltam notícias do prosseguimento ou não da Semana Olindense (Bib. Púb. Est.).

## MARIA

Revista das Filhas de Maria - Fundada em abril de 1913, circulou em Olinda e no Recife. Sua bibliografia acha-se contida no Vol. VII da "História da Imprensa de Pernambuco - Periódicos do Recife - 1901/1915".

## A PÁTRIA

O nº 1 foi publicado a 17 de junho de 1913, em formato de 30 x 21, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel couchê. Diretor - Gaston Manguinho; redator-chefe - Manuel Guedes; secretário - Arnaldo Correia; redatores - Abelardo Maia, F. Assis da Costa, Antonio Jorge, José Sotero, J. Félix da Costa e



Luiz Passos. Redação: rua de São Bento, 10. Assinaturas: anual - 2\$000; semestral - 1\$000. Número avulso - 0\$100. Confecção da Tipografia Comercial, no Recife.

"Ei-lo, caros leitores - dizia o editorial "Surrexit" - o nosso jornalzinho A Pátria, que bruxoleia ainda incerto nos acarminhados horizontes de Olinda, alado nas ebúrneas asas da esperança, espancando para bem longe o manto tétrico do torpor que nos acoberta. Ad lucem, jovens colegas, ad lucem, eis a nossa divisa".

Sem pretensão alguma, em conclusão, só visava ao "desenvolvimento intelectual" de Olinda.

A par de artigo do diretor, soneto de J. Sotero Filho; crônicas de Barros Lima, F. da Costa Patrão, J. Félix da Costa e Abelardo Maia, a folha, que saíria nos dias 15 e 30, iniciou as seções: "Perfis Olindenses", por A. Silva; "Charadas"; "Humorismo", "Álbum" e Noticiário.

Até a terceira edição, datado de 15 de julho, apresentou-se A Pátria impressa em papel couchê, com tinta azul. Além dos trabalhos, em prosa e verso, assinados por elementos do corpo redacional, liam-se outros de Armando Maia, Bráulio Fraga, Barros Lima, D. Duarte e E. Fonseca.

Terminou aí a publicação (Bib. Púb. Est.).

## CORREIO DE OLINDA

Bem feito semanário, dirigido por Vitorino do Rego Toscano Barreto, tinha como redatores Artur Moura e Mário Sette, e gerente Policarpo Gonçalves Ramos de Andrade. Em formato médio, de quatro colunas, impresso em papel assestinado, com quatro páginas, começou a circular a 21 de junho de 1914, a redação instalada à rua Matias Freire, 43. Assinava-se a 3\$000 por semestre.

"Fundado sem objetivo mercantil", segundo o editorial de apresentação, não desceria "aos interesses mesquinhos de uma politicagem e de campanário". Abordaria assuntos atinentes ao "bem estar ou desenvolvimento físico ou intelectual do homem e ao progresso da urbs, desde a alimentação, higiene e construções, até a ciência, religião, literatura e arte, não esquecendo a elegância e correção de vestir, proceder e falar e o estímulo ao desenvolvimento das crianças". Seriam banidas as questões pessoais.

Contendo matéria variada, apresentava, em cada edição, uma caricatura sob o título "Os da terra". Adotou concursos e divulgou as seções humorísticas "Farpas", por Petrônio; "Traços", de Gouveia; "Cromos", por Zeuxis e Thos, e "Cinzelandando", de Incroyable; a crônica social "De monóculo"; torneio de charadas; crônicas de Mário Sette e de Marcelo, que era o mesmo; raros sonetos de J. Times Pereira e artigos de Eduardo de Moraes, a par de comentários em torno

dos interesses da cidade e regular noticiário. Anúncios - na última página.

A publicação procedeu-se com toda regularidade, mas só foi até o nº 13, de 20 de setembro do mesmo ano, precisamente quando se iniciava a interessante seção "Templo de Delfos", assinada por Trimegisto.

Reapareceu - nº 1, ano XXIV(1) - a 14 de novembro de 1915, tendo como diretor-proprietário Adolfo Xavier e redatores Alfredo Néri, Temístócles de Andrade, Manuel Gouveia e Albino Buarque. Sem alteração no formato, lisonjeito trabalho gráfico de J. Agostinho Bezerra, estabelecido no Recife, tinha a redação localizada à rua do Amparo. Manteve o preço da assinatura semestral, vendendo a 100 réis o número avulso.

De início, lia-se o seguinte Aviso: "O Correio de Olinda, reaparecendo em sua segunda fase, sob nova direção e propriedade, absolutamente não assume a responsabilidade de compromissos anteriores. Destarte, aquelas pessoas que, recebendo este semanário, não o devolverem com oportunidade, serão considerados novos assinantes para os fins de direito".

Aludindo, no artigo de apresentação, ao fato de haver o periódico tomado "o nome de dois

---

(1) A contagem do tempo aí é arbitrária, uma vez que parte de 1891, quando circulou o primeiro Correio de Olinda, sem nenhuma ligação com o de 1914.

outros que fizeram a mesma tentativa" de participar das "pugnas incruentes e nobilitantes da imprensa", acentuou o editorialista: "Entre eles, porém, não há continuidade outra que a do desejo de ser útil à velha Olinda".

"O objetivo atual é o mesmo do passado, como o deste foi o do primeiro que apareceu com o nome de Correio de Olinda; a sua direção, porém é outra, como também poderá ser o modo de conduzir certas questões".

Logo no segundo número desapareceu do cabeçalho o nome do diretor-proprietário, que passou a figurar no corpo redacional, onde Manuel Gouveia foi substituído por Henrique Guimarães.

Nas poucas edições divulgadas, o Correio de Olinda inseriu, afora as produções do pessoal de casa, assinadas com o próprio nome, iniciais ou pseudônimos, versos de José Mindelo e artigo de Álvaro Simões Barbosa, a par de editoriais, sueltos e noticiário variado, concursos e o "Templo de Delfos". Findou com o nº 3, de 28 de novembro.

Em nova fase, surgiu o Correio de Olinda - nº 1, ano XXV no dia 6 de fevereiro de 1916, feito órgão do Centro Republicano Maciel Pinheiro e sob a direção de Carlos Nigro, que tinha, no cabeçalho, o título de Major. Eram redatores: Tertuliano Feitosa, Pedro Calado, José Julião Regueira Neto, Temístocles de Andrade, João Tavares Gouveia, Armando Maia, Joaquim Guilherme Pontes e Salvador Nigro Neto; geren-

te - major Augusto Francisco Lapa. A redação foi instalada na rua 27 de janeiro, 3, continuando o trabalho gráfico sem alteração. Assinatura semestral - 2\$500; número avulso - 0\$100. Consoante um Aviso, abaixo do Expediente, a nova empresa do Correio não assumia "a responsabilidade das anteriores direções".

Seu objetivo - lia-se no artigo de abertura - era "o interesse geral" do município, "concorrendo para seu desenvolvimento materal, intelectual, moral e cívico e, por única ambição, o civismo e bem-estar de todos", de acordo com "a orientação democrática e purificadora" do governador Manuel Borba. E mais: "...corrigir, defender, incitar a prática do bem, estimular, instruir, recrear, não esquecendo também o importante papel que na sociedade, representa o belo sexo".

Periódico de matéria variada, desde artigos, sueltos e vasto noticiário, tudo no interesse e em defesa de Olinda, teve logo no terceiro número o formato acrescido para 44 x 30 (cinco colunas), quando passou a ser impresso nas oficinas do Jornal do Recife. E, no 5º, afastava-se do corpo redacional Tertuliano do Nascimento Feitosa, para assumir as funções de prefeito do município.

Circulou normalmente, com a colaboração, geral e literária, de Garcia Moreno ("Comentários"); Farthos ("Traços a carvão"); Robson; Milton ("À guisa de crônica"); Lucilo Varejão; José Mindelo; Rino, com as "Faturas", e Onir, o

das "Setas", ambas em versos satíricos; F. G. Andrade Lima; Falb, assinando "Perfis femininos"; Lynx; B. Silva Pessoa; Zilu Aevuog (anagrama); Tarcísio J. N., autor da "Seção Infantil"; Petrônio; Rino Zinon; Oliveira Neto e outros. Manteve concurso infantil e seção característica. Do noticiário constou o título "Nirvana", para registro de falecimentos.

Tendo, porém, começado com uma coluna de reclames comerciais, este foram tomando espaço até o total de duas páginas repletas, além do "Indicador de Olinda".

Essa última fase findou com o n° 13, de 7 de maio (Bib. Púb. Est.).

## O VERANISTA

Semanário Ilustrado - Começou a circular no dia 24 de outubro de 1915, em formato de 36 x 25, com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico das oficinas de Júlio Agostinho Bezerra, no Recife, impresso em papel assetinado. Corpo redacional incógnito(1). Assinava-se a 2\$000 por temporada, custando 100 réis o número avulso.

Seu aparecimento, consoante o editorial de apresentação, teve "uma única significação": ex-

---

(1) Acusando o recebimento da edição de estréia do interessante jornal de Olinda, adiantou o Jornal Pequeno, de 25 de outubro, que o mesmo era redigido por um "grupo de inteligentes moços ali veraneando", à frente dos quais se achava o acadêmico Gil Costa.

primir "o esforço de alguns rapazes" que desejavam "animar a deliciosa temporada de banhos em Olinda".

Seguiu-se a publicação, aos domingos, contendo bem distribuída matéria, a saber: poesias de Costa Rego Júnior, Alfredo Néri, J. Diniz Barreto, Luiz Moreira, Gaspar Uchoa, Franklin Seve, etc.; as seções "Sargaços", a cargo de Tubarão; "Retratos a lápis", de A. N.; "As praias em revista", por W.; "Agudos e Graves", por Y.; "Kronoketa rimada", de Zeta; "Olinda em foco", e "A nota do domingo"; notas ligeiras e concursos, o primeiro dos quais pretendia apurar "qual o rapaz mais simpático de Olinda".

Atingiu o nº 6 no dia 28 de novembro, não havendo indícios de que tenham saído outras edições (Bib. Púb. Est.).

## O DOMINGO

Letras - Atualidades - Artes - Surgiu no dia 4 de novembro de 1915, formato de 28 x 19, com seis páginas de duas colunas largas, sob a direção de Es. Fs. (Esdras Farias). Impresso em papel couchê, na Tip. Popular, à rua Direita, 86 (Recife), a redação estava localizada em Beberibe. Custo do exemplar - 0\$100.

Sem artigo-programa, ocupou a primeira página uma poesia do paranaense Serafim França. Constou do Expediente: "Este semanário circulará aos domingos em Olinda e no Recife, em vários pontos da cidade. Fizemo-lo assim, quase

todo referente ao mar, pela beleza simples da estação balneária que fruímos nesta cidade".

Além de notas redacionais de caráter literário e de quadras soltas, inseriu colaboração de Amélia Pilar e José Penante e abriu coluna para o concurso: "Qual a senhorita mais formosa e inteligente de Olinda?"

Circularam mais dois números, tendo o último acrescentado ao cabeçalho, como redatores, os nomes de Landulfo Medeiros, José Penante e José Antonio da Silveira. Tiveram mais a colaboração de Oliveira e Silva, Osório Borba, Érico Magalhães e Baltazar de Oliveira (Bib. Púb. Est.).

## GAZETA DE OLINDA

Órgão Independente - Publicação semanal, surgiu a 5 de dezembro de 1915, em substituição ao Correio de Olinda, apresentando idênticos aspecto, formato e tipagem e as mesmas vinhetas que lhe envolviam o título. Mudou, porém, o corpo redacional, que ficou sendo o seguinte: Alfredo Nery, Albino Buarque, Henrique Guimarães e Benedito de Mesquita, este último só até o segundo número. A redação ficou instalada na Ladeira da Sé, 4.

Iniciou o bem feito órgão, na segunda edição, o folhetim "A camponesa louca", novela de Albino Buarque, e um concurso de beleza e elegância para senhorinhas. No nº 4, ocuparam mais da metade da primeira página clichês de Dantas



Barreto e Manuel Borba, governadores do Estado, o segundo dos quais substituto do primeiro. Criava-se, então, a "Seção Juvenil".

A partir do nº 6, publicado a 9 de janeiro de 1916, passaria a sair quinzenalmente; mas - explicou uma nota - os assinantes seriam compensados com a dilatação do prazo.

De orientação literária, o periódico divulgava produções, em prosa e verso, dos redatores e de outros intelectuais, a saber: Álvaro Simões Barbosa, Gaspar Uchôa, Jerônimo Nascimento, Idalice Valença, Maria Arminda Galvão, João A. G. da Costa Lima, Adolfo e Horácio Pires Galvão. Raros anúncios.

Não prosseguiu, ficando mesmo no sexto número. Retomou-lhe o lugar o Correio de Olinda, que ficara suspenso temporariamente (Bib. Púb. Est.).

## O DEMOCRATA

Órgão do Clube Carnavalesco Democratas Olindenses - Número único, circulou em março de 1916, no primeiro dia de Carnaval. Apresentou-se em "formato elegante, bem impresso, ótimo papel e encerrando agradável leitura" (Inf. do Correio de Olinda, do dia 12).

## O PÃO DA VIDA(1)

Jornalzinho editado pelo Seminário de O-linda, circulou o n° 1 em abril de 1916, no formato de 24 x 14, com quatro páginas, impresso em azul sobre papel assetinado.

Constava do artigo de apresentação: "O Pão da Vida, pequenino e simples, tem uma ânsia de bem, de fazer a maior soma de bem possível às almas que o souberem compreender e amar". Procuraria "entrar em todos os lares e em todos os corações", pretendendo "ser o revelador humilde, mas fidedigno, de todos os bens".

A primeira página divulgou o soneto (ilustrado) "Hóstia", de Gil do Vale, completando a edição matéria religiosa de doutrina e informação (Col. Francisco Roiz).

Além da edição manuseada, ainda foi publicado o n° 2, que apresentava "aspecto alegre" e "Bem organizado", conforme noticiou o Jornal Pequeno de 6 de junho.

## A MOCIDADE

Revista publicada no Colégio Arquidiocesano - Tendo sido fundada no mês de agosto, só existe comprovante do n° 6, ano I, de dezembro de 1916. Impressa em papel couchê, apresentou-se em formato de 24 x 16, com 16 páginas, mais

---

(1) Não consta da relação de "Letras católicas de Pernambuco".

a capa. Diretor - padre João de Barros Uchoa; gerente - acadêmico José Romão, funcionando a redação na rua de São Bento, 8. Mensal. Assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 2\$000. Número avulso - 0\$300. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, no Recife.

Constava do expediente, ainda: "A Mocidade, revista fundada especialmente, para propagar idéias moralizadoras e conhecimentos úteis, será por isso, de grande auxílio na tarefa de educar".

A edição abriu com clichê de aluno que obtivera Prêmio de Honra, seguindo-se artigo sobre o natal; discurso de José Borba; letra do hino a d. Sebastião Leme; crônica de Rotcerid (pseudônimo do padre João Uchoa) e noticiário a respeito do educandário editor. (Bib. Colégio Pe. Félix).

Não foi possível avistar nenhum outro exemplar. Todavia, o Diário de Pernambuco de 11 de agosto de 1917, declarou haver A Mocidade dado uma edição especial em homenagem ao padre João Uchoa, por motivo da passagem do seu aniversário natalício.

## MEZ DO CLERO

Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Olinda e Recife - Publicação iniciada em setembro de 1917, com circulação regular nas duas cidades, encontra-se a sua bibliografia inserida

no Vol. VIII da "História da Imprensa de Pernambuco - Periódicos do Recife".

## O CHIC

Jornal Elegantes e Ilustrado - O primeiro número publicou-se a 22 de setembro de 1918, a cargo da seguinte equipe: diretores - Esdras Farias e José Penante; gerente - Natanael Farias; repórter - Antonio Lessa.

"Nem ciências nem filosofias", dizia o artigo-programa, anunciando "uma vida sutil e temporã, ligeira, de seis meses".

Começou com oito páginas, de duas colunas, continuando, desde a segunda edição, com quatro páginas (quatro colunas estreitas) e o formato de 30 x 21, impresso a cores sobre papel assetinado, com boa feição material, acrescentando ao cabeçalho o nome de Pedro de Almeida, na qualidade de "agente especial", instalado no Bilhar do Carmo. Logo mais, entrava como redator Raimundo Diniz.

Teve a colaboração, entre outros, de Rodolfo Neves, Oliveira e Silva e Silvino Lopes. O diretor Esdras-Farias, além do nome, adotava os pseudônimos de Sinha-Flor, Canário Belga, Gentil Amado, Lázaro Chagas e Lírio Roxo.

Publicando-se todos os domingos, o número 17, de despedida, em formato menor, saiu com doze páginas impressas em tinta vermelha, utilizando papel especial, com a data de 19 de janeiro de 1919. Logo de frente via-se o clichê

da senhorinha Irene Ponce de Leon de Oliveira, vencedora do concurso de beleza d'O Chic (Col. Esdras Farias).

## O INDEPENDENTE

"Fidalgamente convidados pelo seu inteligente diretor, T. de A., acabam de assumir a redação do órgão defensor dos interesses olindenses o nosso companheiro A. Costa e o apreciado cultor da letras Arnaldo Oliveira.

O Independente vai no 3º número e pretende viver muito, para vaidade dos ideais que o animam" (Jornal do Recife, 04/12/1918).

## O VERANISTA

Semanário Elegante - Saiu a lume no dia 24 de novembro de 1918, em formato de 31 x 22, com quatro páginas de três colunas. Direção de Edmundo Batista; redatores - "Diversos"; redação à rua de São Bento, 301.

Lia-se no artigo "A nossa estréia", depois de outras considerações: "...O Veranista será alegre, prazenteiro, saberá rir o riso franco, leal e sincero da juventude; saberá cantar convosco hinos de louvores à Olinda histórica, à Olinda ideal, à Olinda cheia de encantos e de amores".

Tendo o nº 2 circulado a 1º de dezembro, divulgaram, ambos, crônicas literárias e sociais, "Pensamentos", "Alfinetadas"; além de um concurso para apurar quem seria a banhista mais a-

traente. Foram colaboradores: Milton Souto, René Florant, Pridenciano de Lemos, Argos, Mr. Pencil Paraiso e Alda.

Ao que foi possível verificar, não correu depois senão a "edição final", constituída de metade da folha, só a página de frente impressa, nela aparecendo como redatores M. Melo e Edgard Medeiros e, em caracteres fortes, o soneto "Agonizando", no qual Janaffé descreveu os últimos momentos d'O Veranista (Col. Francisco Roiz).

## OLINDA-JORNAL

Interessantíssimo jornal de quatro páginas, em formato de 31 x 22, a três colunas de composição, surgiu a 15 de dezembro de 1918, tendo como redatores Anísio Galvão, Jaime Coimbra, Afonso Lima e Boaventura Tavares. Sobre o título, em que figurava, bem à esquerda, o desenho de um níquel de 0\$100, liam-se, no outro extremo, os versos:

Vinde viver na praia,  
entre as coisas sadias, triunfantes  
do belo mundo antigo!

Guerra Junqueiro

Ocupando a terça parte do cabeçalho, à direita, aparecia, em vistoso tipo corpo 16, a proclamação: "Olinda é um sonho de esperança no verde das suas águas, na audácia dos morros; é um grito de saudade no bramido das vagas, na

cinza das velas ao longe". Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

Foi o seguinte o "bom dia!" redacional; "Este jornal nasceu domingo passado, numa das bancas do Pátio do Carmo, em Olinda, às 8 horas da noite. Sai hoje à rua pela primeira vez. Inspiraram-no graciosos sorrisos e agressores olhares de patrícias gentis. Viverá? Responda o público. Se morrer, à falta de alimento, já que se extinguiu o comissariado, 'ó moças que passais, orai por ele!"

Ainda inseriu a nota intitulada "Nós e os outros": "O Olinda-Jornal não aspira ser um grande Diário de Pernambuco, nem o melhor Jornal do Recife: contenta-se em ser um Jornal pequeno da província, intransigente, uma gazeta de boa vista, propugnador da ordem, e que dará, de um modo independente, a nota, o chic da estação veranista, procurando ser um moderno-jornal<sup>(1)</sup> .

Periódico dos mais bem feitos no gênero, sua matéria constituiu-se, nas poucas edições divulgadas, de poesias românticas, crônicas elegantes, reportagens da vida social praiana, troças e anedotas, com uma característica especial: todos os títulos apresentavam-se com letra inicial minúscula; e, saindo do comum dos concursos, iniciou a novidade: "Que castigo merece um namorado traidor?" Só tinha anúncios de poucas linhas.

---

(1) As palavras grifadas são títulos de jornais que existiam à época, em Olinda e no Recife.

Os colaboradores chamavam-se Paulino de Andrade, Valfrido Freire, Austro Costa, Fenelon Barreto, além dos pseudônimos: Lúcio d'Alva, Max Ich, Penafonte, Jasmelino de Carassu, Fut, Enigma, Lima, Foch, Senior e outros.

Prolongou-se a circulação do Olinda-Jornal, que tinha duas redações - uma na rua do Bomfim, 386, em Olinda, e a outra na rua Larga do Rosário, 259, 1º andar, no Recife - até o nº 5, de 5 de janeiro de 1919. Foi a edição "de despedida", mencionada na crônica de P.O. Eira, que não era outro senão o redator Anísio Galvão.

Voltou a publicar-se no verão de 1920, do que resta, unicamente, comprovante do nº 9, ano III, de 24 de dezembro. Retirado Afonso Lima, dos novos nomes achavam-se acrescidos ao corpo redacional: Rômulo Cahu e Austro Costa, este autor da crônica "Do diário de Alcedo Triste" e dum poemeto de... Tybaldo d'Alcação.

A edição acompanhou o ritmo da primeira fase, tendo adotado as seções "Por que será?", com a assinatura de Polícia Amadora de Olinda, e "Consultório do Olinda-Jornal", a cargo do Dr. Zin; mais a colaboração de Marcelo (pseudônimo de Mário Sette), Heloísa Chagas, Vicente Medeiros e Rosália Sandoval, que era a poetisa alagoana Rita de Abreu (Bib. Púb. Est.).

## O NATAL

Para Nossas Lindas Veranistas - Número único, circulou em dezembro de 1918, no forma-



to de 32 x 23, com dez páginas de três colunas, impresso em papel couchê, excelente feitio material. Nenhuma nota de expediente; corpo redacional oculto.

Com a apresentação, apenas estas palavras: "Encantadora Mlle.: é para o vosso regaço este jornalzinho. Lembrar-vos-á sempre o Natal de 1918. Seja ele um pétala de rosa; guardai-o. É vosso".

A edição, puramente literária e social, divulgou crônicas natalinas de Múcio Leão e Luiz Moreira; poesias de Olegário Mariano, Oliveira e Silva, Araújo Filho e Paulino de Andrade; diálogo teatral de Mário Sette; crônicas alegres; epigramas; perfis de intelectuais, em quadras soltas; "Notas Mundanas"; "Futilidades"; "Diálogos"; "Epitáfios"; "Cartomancia"; algumas fotografuras, nenhum anúncio e as palavras do fim:

"E com esta última página, numa fraternal carícia, jogamos sobre o regaço das suavíssimas leitoras, as pétalas mais comovidas de nossa veneração à graça feminina. Boa festas a todas" (Bib. Púb. Est.).

## ATLÂNTIDA

Jornal de veraneio, saiu a lume no dia 16 de outubro de 1919, em formato de 30 x 22, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na tipografia do Jornal do Commercio (Recife). Ladeando o título, à direita, lia-se a seguinte

quadra de Manuel Monteiro, um dos redatores anônimos:

Milagres, terra de Olinda,  
Quando o sol no azul desmaia,  
É corpo de moça linda  
Deitado à beira da praia.

O editorial de apresentação, em estilo poético, assim concluiu: Atlântida será, quando pouco, a não dispensarmos a comparação romântica, uma roseira humilde a enflorescer de sete em sete sóis, para vos oferecer, lindas veranistas de Olinda, as suas pétalas sutis e o seu perfume passageiro..."

Constou sua matéria de crônicas elegantes, perfis, versos humorísticos, concurso para apurar qual a senhorinha mais graciosa de Olinda, noticiário ligeiro e anúncios em versos (quadras). Do primeiro número constaram os pseudônimos: Tom Mix (Lincoln Néry da Fonseca), W. (Valdemar de Oliveira), Zé do Carmo, De Lima, Joca e Zeca (Col. Francisco Roiz).

Seguiu-se a publicação, dominicalmente, mas só restam comprovantes dos n<sup>os</sup> 7 a 12, este datado de 25 de dezembro. Mantinha o padrão inicial de órgão literário e de mundanidades, sendo impresso na oficina da Imprensa Oficial, no Recife, utilizando tinta de cor e papel couchê. Abria a primeira página de cada edição a "Crônica", focalizando a vida social nas praias olindenses. Contou com a colaboração, em prosa e verso, de José Mindelo, Osório Borba, Austro Costa, Walde de Oliva, Lincoln Néry, Prudenci-

ano de Lemos, Antoniette, Maria José de Lourdes, Carlos de Saint-Clair, J. Patriota, Dalila das Flores (pseudônimo de Maria Izabel Dourado Ferreira) e Adelerma Marques.

Faltam notícias do prosseguimento ou não (Bib. Púb. Est.).

## REVISTA AGRÍCOLA-VETERINÁRIA

Órgão Oficial dos Centros Acadêmicos das Escolas Superiores do Mosteiro de São Bento - Não encontrados comprovantes, o Jornal do Comercio, do Recife, em sua edição de 28 de janeiro de 1920, acusou o recebimento dos nº 4 e 5 do magazine que tinha como redatores d. Pedro Bandeira de Melo e d. Plácido de Oliveira e inseriu artigos importantes de d. Agostinho I-kas, d. Dustano Saupp, d. Bento Pickel, d. Amaro Bodenmuller, Antonio Djalma, dr. Otávio de Freitas e Armando Maia.

## O GRÊMIO

Órgão da Sociedade Joaquim Nabuco - Circulou pela primeira vez no dia 15 de março de 1920, em formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Redação no Colégio Arquidiocesano. Assinaturas: anual - 5\$000; semestral - 3\$000. número avulso - 200 réis.

"O seu fim principal, o seu intuito verdadeiro", segundo o editorial de abertura, era "tratar das causas mais importantes da Instrução e da Pátria".

Ostentando, na página de frente, fotografia do Arcebispo Sebastião Leme, a edição completou-se com artigos de L. D. (Luiz Delgado), A. Moreira, João Carlos e Jota de P., e algum noticiário (Bib. Púb. Est.).

Sem mais nenhum comprovante encontrado, noticiou o Jornal do Commercio, do Recife, haver sido publicado em abril o n° 2 d'O Grêmio. E só.

## O BALNEÁRIO

Surgiu a 26 de setembro de 1920, em formato de 30 x 21, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia do Jornal do Recife, de onde provem o noticiário aqui estampado. Dirigido "por um grupo de moços da imprensa", entre os quais Costa Dourado e Cussy de Almeida Júnior, apresentou variada colaboração e apreciável serviço de clicherie, figurando na primeira página "o retrato da graciosa e prendada senhorinha Syra Morais de Oliveira". Dedicaria cada edição, a seguir, "a uma das moças que veneravam "na encantadora cidade marim, publicando o clichê da homenageada".

Seguiu-se a publicação domingueira, da qual existe, unicamente, um comprovante: o n° 12, de 12 de dezembro, último da temporada. Inseriu, a par de notas redacionais e crônica praieira, produções literárias de Tom Mix (pseudônimo de Lincoln Néry), Tampinha, Mauro, Paulo de Atagiba (como se ocultava José Firmo

de Oliveira) e Haukman. Adotara concursos de elegância e de lealdade (Bib. Púb. Est.).

Reapareceu no ano seguinte, segundo o Jornal do Recife, de 18 de setembro de 1921, que registrou: "Está em circulação o primeiro número, ano II, do Jornal de verão O Balneário, editado na vizinha cidade de Olinda".

Circulou regularmente, ao que informava a imprensa diária da capital, sendo o último número datado de 25 de dezembro.

## O LEÃO

Órgão do Clube Carnavalesco Misto Le-nhadores Olindenses - Publicou-se, pela primeira vez, a 15 de fevereiro de 1920. O nº 2, ano II, circulou a 6 de fevereiro de 1921. Ao atingir o ano V, datado de 2 de março de 1924, saiu feito revista, impressa em tintas de cor. O nº 6, ano VI, apareceu no dia 22 de fevereiro de 1925, tudo consoante noticiário da imprensa diária da época.

A publicação teria prosseguido até o Carnaval de 1929, não restando quaisquer comprovantes.

## JORNAL DAS MOÇAS

Apareceu no dia 25 de setembro de 1921, em Olinda, segundo o Diário de Pernambuco, "mais um órgão da imprensa elegante, com seções de perfis, humorismo, poesia, trepações e

nítidos clichês". Sob a direção de "um grupo de inteligentes moços de nossa imprensa diária", inseriu "trabalhos bem apreciáveis".

A publicação seguiu curso normal, cada domingo, conforme o noticiário do matutino recifense, divulgando produções, em prosa e verso, de Tom Mix e Lincoln Néry, que eram uma só pessoa; Antonieta Barreto; Etc (como se ocultava Odon Galvão); Y, ou seja, Osório Borba; Anatólio Discreto (pseudônimo de Edgar Galvão Raposo) e outros plumitivos.

O derradeiro número foi registrado pelo Diário de 11 de dezembro.

## **ANNAES DO SEMINÁRIO ARCHIEPISCOPAL DE OLINDA**

Entrou em circulação, editado pelo Círculo de estudos São Tomaz de Aquino e impresso no Recife, na Tipografia Salesiana.

Abriu a edição retrato do Papa Bento XV, vindo nas páginas seguintes o do bispo D. Azevedo Coutinho, com a respectiva biografia, da lavra do historiador F. A. Pereira da Costa; completo noticiário das solenidades do centenário do falecimento do referido prelado e artigos diferentes em torno de sua personalidade. A segunda parte foi dedicada ao Seminário, sua fundação, desenvolvimento histórico, atuação político-social e organização. Copioso serviço de clicherie (Diário de Pernambuco, 12/08/1922).

## A RENASCENÇA

Ciências, Artes e Letras - Revista semanal, ilustrada, surgiu a 30 de setembro de 1923, em formato de 23 x 18, com 16 páginas, inclusive a capa, nela iniciada a "Galeria Infantil". Diretor - Antônio Galvão; redatores - José Firmo, Raimundo Diniz Barreto, Leonildo Correia e José Diniz Barreto Sobrinho. Redação à Rua de São Bento, 298 e tipografia própria à Rua do Amparo, 128. Assinaturas: ano - 10\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 4\$000. Número avulso - 0\$200.

Não se tratava, segundo o editorial de abertura, "de um jornalzinho de estação, leve como um frou-frou de seda ao luar e de vida efêmera", mas um órgão destinado a "viver mais prolongadamente", que se amoldaria "aos diferentes aspectos das épocas", acrescentando: "Ao verão, havemos de cultuar o Belo, cantar a inefável doçura de um sorriso e a elegância vaporosa de um perfil delicado; e, ao inverno, faremos reviver as tradições de Olinda, abordando, ao mesmo tempo, questões que possam interessar à sua vida íntima".

Seguiu o magazine vida normal, com as seções "Crônicas de Verão", por Tasso Guanabara; "Lutas da Pena", comentário de Oliveira Neto, também verzejador; "Telas e Palcos", a cargo de Agnes Ayres; "Consultório Odontológico", de Leonildo Correia; "Consultório Médico", do Dr. Justino Gonçalves; "Flores do Verão" (fotografuras de moças); "A semana"; concursos de gra-

ciosidade e de feiura, este para homens; "Correspondência", pelo Dr. Jones Bill; e a colaboração especial de Luiz Delgado (poesias e crônicas), Abdias Cabral de Moura, José Mindelo, Sérgio Olindense, Joaquim Dionísio, Wally Reid, o dos "Perfis-Acrósticos" e dos versos "Bataclan"; Lúcia, com as "Cartas de Mulher"; Heloísa Chagas, Velho Sobrinho, P. Cunha Arruda, etc. Não faltava a necessária contribuição comercial, além das publicações oficiais da Prefeitura.

Ao atingir o nº 11, de 9 de dezembro, alterava-se a tabela de assinaturas, que passou a ser a seguinte: ano - 14\$000; semestre - 8\$000; trimestre - 5\$000; e subiu para 0\$300 o preço do exemplar. O corpo redacional sofreu a primeira modificação ainda em novembro, quando ficou reduzido ao diretor, só acompanhado de José Firmo feito gerente para, em fevereiro de 1924, tornar-se, igualmente, diretor; e, a 6 de abril, juntava-se-lhes Abgar Soriano de Oliveira, na qualidade de redator-chefe. Dois meses depois, retiravam-se os dois últimos nomes, substituídos por Abdias Cabral de Moura - secretário, e Jarbas Peixoto - chefe da redação. Este, por sua vez, só completou dois meses de chefia, lendo-se, então, a partir de 10 de agosto, no cabeçalho: Diretores - Antônio Galvão e Abdias Moura, o qual findou sua atuação a 21 de setembro.

Nada obstante vir melhorando a tipagem da tipografia d'A Renascença, passou a fazer-se o trabalho gráfico, desde junho de 1924, na Repartição de Publicações Oficiais, no Recife, utili-



zando papel couchê o que deu mais vida ao magazine, aumentada para 20 a quantidade de páginas, sempre ilustrada a capa com fotogravuras de pessoas de destaque. Outra transferência verificou-se a 28 de setembro, quando a revista ficou sendo impressa nas oficinas d'A Tribuna, igualmente na capital.

Com o nº 51, de 5 de outubro, contendo 24 páginas, comemorou-se o primeiro aniversário, escrevendo a redação, jubilosamente: "Em Olin-da, nesses últimos dez anos, foi a única publicação que conseguiu atravessar galhardamente a fase crítica dos primeiros tempos".

Afora a produção dos componentes da equipe redacional, incluindo Josephus Firmus (pseudônimo de José Firmo), A Renascença, de substituição em substituição, contou ainda, com a colaboração de Arnaldo Lellis, capitão Victor Avelar, Silvino Lopes, Raul Machado, Rômulo Romanoff, Carmencita Ramos, Amaro P. Cavalcanti, também ilustrador; Pedro Joaquim Velez Botelho, Austro Costa, Judite das Neves, Odilon Vidal de Araújo, Dalila das Flores (pseudônimo de Maria Isabel Dourado Ferreira), Hélio Tavares, Gois Filho, Licarião Selva (Anísio Galvão), Alcides Vidal, Luigi del Tasso, J. M. Virgas Valla, Falira (Josefa Pereira de Lira Cavalcanti), Constança Lira e outros, permanecendo Heloísa Chagas, que assinava os "Comentos", ao passo que, já no fim, aparecia a seção "Mulheres que passam...", por João do Footing.

Antônio Galvão deu por finda a existência da sua revista, que não deixou de ter li-  
sonjeira projeção, ao circular o nº 57, a 16 de novembro de 1924 (Col. Abdias Moura)(1).

## OLINDA

Revista Ilustrada - Entrou em circulação a 7 de outubro de 1923, obedecendo ao formato de 24 x 16, com 16 páginas, afora a capa. Redatores - Honório Monteiro Filho, Benedito Monteiro e Costa Monteiro, instalada a redação na rua de São Bento, 213. Tabela de assinaturas: por 13 números - 3\$000; 26 - 6\$000; 52 - 11\$000; por exemplar - 300 réis.

Sem o clássico artigo-programa, o semanário, exibindo capas diferentes, ilustradas com fotogravuras de elementos do meio social, seguiu, regularmente, sua meta de magazine mundano e noticioso, instituindo de início o concurso "Qual será a Zezé Leone de Olinda?"

Foram seus colaboradores, além dos três fecundos Monteiros: Lucilo Varejão, Hercílio Celso, Raul Monteiro, Osvaldo Santiago e Jarbas Peixoto, sendo mais comum a utilização de pseudônimos, tais como: Vanildo, Bizet, Rigel de Orion, Eliand, Paul Neron, Jaci d'Öliva, Magaly, Jotapê, Morales de Los Mares, Príncipe(também silhuetista), Von den Clemos e ou-

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado existe, apenas um comprovante d'A Renascença: o nº. 35, de 08/06/1924.

tros. Predominavam as produções poéticas. Alguma clicherie e um pouco de anúncios.

Ao transpor o ano, a redação mudava-se para a avenida Matias Freire, 450, ficando a gerência na Rua de São Bento, 289.

A existência de Olinda prolongou-se até o nº 17, de 27 de janeiro de 1924 (Col. Abdias Moura).

## OLINDA-RECIFE

Inexistentes comprovantes, noticiou o Diário de Pernambuco, de 23 de fevereiro de 1924, haver recebido a edição do dia 21 da folha em tela, que circulava, simultaneamente, em Olinda e no Recife e daí por diante sairia às quintas-feiras. Assim concluiu a informação:

"Ampliando as suas seções, publicando assuntos de curiosidades, artigos de colaboração de apreciados intelectuais conterrâneos, versos, silhuetas, caricaturas, os fatos da capital, Olinda-Recife propõe-se a atender aos desejos de seus leitores".

## O VERÃO

Semanário Crítico, Literário e Noticioso - Entrou em circulação no dia 13 de setembro de 1925, obedecendo ao formato de 30 x 20, com oito páginas. Diretor - Carlos Moreno; Secretário - Gabriel Dourado; Redator - Temístocles de

Andrade, funcionando a redação na Rua 13 de Maio, 84. Assinaturas: anual - 24\$000; semestral - 12\$000.

No segundo número aumentou para 16 a quantidade de páginas e o corpo redacional foi acrescido dos seguintes nomes: De Matos Pinto, Jarbas Peixoto, Valfrido Freire e José Firmo da Cunha, ocupando a gerência Pedro de Sousa Mota. Nas mesmas condições publicou-se o nº 3 (e último) no dia 27.

Manteve O Verão as seções "Croniqueta da Semana", por João Feio; "Petecas", a cargo de Bodoque; "O Verão Social"; noticiário ligeiro e iniciou o concurso "Qual a senhorinha que veste com mais elegância?". Foram colaboradores, além da produção da equipe redacional: Daniel Câmara, Píndaro Barreto, Franco Leal, Paulo C. Lopes e Dalila das Flores (pseudônimo de Maria Isabel Dourado). Nas capas, retratos de senhorinhas do meio social olindense. Alguns anúncios (Bib. Púb. Est.).

## **A VANGUARDA**

Semanário Crítico, Literário, Noticioso e sem Padrão Político. O nº 2 (não avistado o primeiro) circulou no dia 22 de novembro de 1925, com 16 páginas (quatro em papel azul), inclusive a capa, em couchê, ilustrada com fotogravura. Diretor-proprietário: João Ubaldo de Miranda; gerente: Eloi de Amorim. Redação à Rua do Amparo, 279. Tabela de assinaturas: ano - 25\$000;

semestre - 13\$000; trimestre - 7\$000. Número avulso - 500 réis.

Matéria constante da edição: "Crônica Mundana", por Guanabarino; trabalhos em prosa e verso, de Diogo Correia de Oliveira, Mindelino e Franco Leal (redução do nome de Francisco Floro de Albuquerque Leal); concursos de elegância feminina e carnavalesco; atos oficiais da Prefeitura e páginas de publicidade paga (Bib. Púb. Est.).

## OLINDA-JORNAL

Órgão Independente e Noticioso - Surgiu no dia 18 de abril de 1926, em bom formato de 50 x 32, com quatro páginas de cinco colunas, sendo impresso no "A.B.C.Gráfico", do Recife, onde tinha redação, também, à Rua da Concórdia, 379. Propriedade de José Eloy F. d'Amorim, eram redatores: Franco Leal (como se tornara conhecido Francisco Floro de Albuquerque Leal) - secretário; Raimundo Diniz, João Paulo, José Néry de Souza e José Firmo de Oliveira. Assinatura anual - 5\$000 e número avulso 0\$100.

Lia-se no artigo de apresentação: "Sucessor d'A Vanguarda, OLINDA-JORNAL vem preencher uma grande lacuna, tornando-se hoje a trombeta que há de apregoar o direito, salvaguardar a verdade, esfacelar a mentira dentro dos princípios que nos regem, debaixo do lema que traçamos: veritas super omnia. Recebei-o,

povo de Olinda! é vosso. Amparai-o! Protegei-o!"

Jornal de reportagens movimentadas e campanhas sociais, variado e noticioso, com boa messe de anúncios, publicou-se regularmente até o nº 7, de 6 de junho.

Suspenso, reapareceu no dia 18 de julho, passando a ser impresso na oficina gráfica mantida pela Sociedade Beneficente de Artistas e Operários de Olinda, à Rua do Amparo, 128, com quatro páginas de seis apertadas colunas de composição.

O semanário inseriu colaboração literária de Tasso Guanabara, Comendador K.K., Diamante Negro, Zé Ferino, U. Carvalho e outros.

Graficamente mal feito, na segunda fase, o Olinda-Jornal não teve vida longa, dando à luz o nº 11 (e último) a 18 de agosto (Bib. Púb. Est.).

## OLINDA-CHIC

Apareceu a 19 de setembro de 1926, em formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Tendo como diretor-proprietário José Carlos Rodrigues, eram redatores Jorge Dória e Luiz Andrade, que firmou um conto com o disfarce de Ludoviko Andratoiesky. Impresso nas oficinas do Jornal do Recife, anunciou ter redação instalada à Rua 27 de Janeiro, 119. Assinatura anual - 5\$000 e número avulso - 0\$200.

O editorial de abertura, ao invés de traçar o programa do Jornal e, longe de cingir-se ao que representavam as duas palavras do título, expendeu considerações sobre o banditismo no sertão. A matéria restante constou de literatura, a cargo de Sebastião de Albuquerque, José Mindelo (soneto) e João da Cidade (Bib. Pú. Est.).

Na semana seguinte circulou o nº 2, conforme noticiou o Diário de Pernambuco, de 29 de setembro, não havendo mais notícia do prosseguimento.

## O INSTITUTO

Órgão do Instituto Monsenhor Fabrício - Saiu a lume no dia 30 de novembro de 1926, em formato 33 x 22, com quatro páginas de três colunas. Impresso em bom papel, apresentou lisonjeira feição gráfica, tendo como diretor José Claudino de Paiva, dirigente do estabelecimento.(1)

O editorial de abertura focalizou o ensino no Brasil e a personalidade de educador do Monsenhor Fabrício. Toda a restante matéria foi dedicada ao movimento do ano letivo, variando com uma "crônica colegial", de Zé Eládio.

Só voltou à tona o jornalzinho a 16 de junho de 1928, feito órgão do Centro Literário Dr. José Claudino de Paiva, adiantando no cabeçalho: "Publicação irregular". Destinava-se, con-

---

(1) Primeiro diretor do O Instituto, faleceu no dia 30 de abril de 1927.

soante artigo assinado pelo diretor Carlos Moreno, facilitar aos alunos do Instituto Monsenhor Fabrício, seus colaboradores, o desenvolvimento intelectual, ensinando-lhes a pensar, a pensar o que é o essencial".

Seguiu-se a publicação nº 3, ano III, a 31 de dezembro, contendo seis páginas; viam-se, na primeira e na quarta, respectivamente, fotografuras de Carlos Moreno e Soares de Avelar, diretor e ambos professores do Instituto.

No ano seguinte - 1929 - circularam duas edições, ambas, inexplicavelmente, com o nº 5(?) datadas de 16 de junho e 7 de setembro.

Desde a segunda edição, O Instituto inseria, afora artigos do diretor, outros, assinados pelos professores José Vieira Coelho e Sebastião de Albuquerque e pelos alunos Agrício Salgado Calheiros, Célio Matos, Jorge Medeiros de Souza, Abdon de Barros, M. Spinelli, Lourival Gonçalves, Vival Silva, Ernani Toscano, Célio Azevedo, Luiz Alves e Otávio Claudino de Paiva.

Faltaram notícias da continuação (Bib. Púb. Est.).

## **ONDINA**

Revista de Arte, Letras, Mundanismo e Crítica. Publicou-se o nº 01 em 2 de outubro de 1927, em formato de 24 x 16, com 24 páginas, inclusive a capa, ilustrada. Diretor - proprietário - José Elóy F. d'Amorim; secretário - Luiz de Andrade; redatores - Franco Leal, Raimundo Di-



niz, Temístocles de Andrade, Joaquim de Oliveira, José Firmo, Carlos Moreno, Oscar Melo, o Dr. Luiz Inácio de Andrade Lima e Leduar de Assis Rocha. Impressa nas oficinas da Sociedade B. de Artistas e Operários, à Rua do Amparo, 128, ficava a redação no nº 279 da mesma rua. Assinaturas: ano - 24\$000; semestre - 12\$000; trimestre, - 6\$000. Número avulso - 0\$500.

Era, segundo a página de abertura do texto, intitulada "Como no alvorecer de uma batalha", "o produto intelectual de um punhado de moços" "cheios de abnegação pela imprensa", com bastante ardor para enfrentar "a árdua tarefa de fazer jornalismo", prontos para cumprir o programa enunciado. Esperava, finalmente, o apoio do público.

Seguiu-se um "brado de protesto" contra a Lei Celerada, que vinha, "junto à Lei Gordo, coarctar ainda mais a liberdade de imprensa".

A restante matéria da edição constou da colaboração literária de Armando Maia, Luiz Barbosa Passos, Firmo da Cunha, P. B., Thebas e João do Amparo; letra de hino escolar, por Temístocles de Andrade; clichês de personalidades políticas ou sociais de Olinda; transcrição de soneto de Luiz Delfino e sete páginas de anúncios.

Teria ficado na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

## O REBATE

Semanário Independente, Literário e Noticioso Apareceu no dia 28 de novembro de 1927, em formato de 40 x 26, com seis páginas. Diretor - proprietário José Eloy F. Amorim; redator Wladimir de Andrade. Assinatura anual -5\$000, trimestral - 3\$000; número avulso -0\$100.

Impresso nas oficinas da Sociedade Beneficente de Artistas e Operários de Olinda, à Rua do Amparo, 128, visava, consoante artigo de apresentação, "ao engrandecimento de Olinda" e à "defesa de sua tradicionalidade, impelindo-a desinteressadamente, para o porvir".

A par de ligeira matéria comum, inclusive a colaboração de R. d'Orsan e Tasso Guanabara, o periódico apresentou mais de três páginas de anúncios, o mesmo acontecendo com o n° 2, de 7 de dezembro, provavelmente o último publicado (Bib. Púb. Est.).

## O TRABALHO

Semanário Intransigente, Ilustrado e Noticioso. Inexistente comprovante da edição de estréia, entrou o n° 2 em circulação a 6 de outubro de 1929, em formato de 37 x 25, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Dizia-se "órgão dos interesses gerais das classes", trazendo, ainda, sob o título, a frase: "Dura veritas sed veritas". Proprietário - José Eloy Ferreira de Amorim; redator-chefe - Luiz de Andrade. Tra-

balho gráfico das oficinas da Sociedade Beneficente de Artistas e Operários de Olinda, sendo a redação instalada na Rua do amparo, 18. Preço do exemplar - 100 réis, depois, grátis.

Seguiu-se a publicação irregularmente, divulgando variada matéria redacional; atos oficiais da Prefeitura e colaboração, entre outros, de Temístocles de Andrade, José Jerônimo do Nascimento e Píndaro Barreto, vindo este último a assumir, já no fim, a secretaria da redação. Duas páginas eram exclusivamente dedicadas a publicidade comercial.

O derradeiro encontrado foi o nº 6, ano II, de 23 de setembro de 1930, que saiu com oito páginas (Bib. Púb. Est.)(1) .

## O DIA

Circulou o nº 01, ano I, desse "interessante jornalzinho redigido pelos alunos da Escola Estadual nº 325, localizada em Olinda. Está variado" (Diário de Pernambuco, 20/09/1929).

## A REVANCHE

Órgão de publicação semanal, saiu a lume no dia 07 de dezembro de 1930, em formato de 30 x 22, a três colunas de composição, com quatro páginas. À esquerda do cabeçalho, via-se a frase, assinada por Anão: "O anonimato é a arma dos covardes contra os fortes". Propriedade:

---

(1) Só avistados números esparsos.

Correia, Diniz & Gusmão. Distribuídos os componentes da firma nas seguintes funções: diretor Newton Correia; redator-chefe Lauro Diniz; secretário Lauro Gusmão. Assinatura mensal 1\$000; preço do exemplar 0\$200. Redação à Rua de São Bento, 67.

Tratava-se, conforme artigo "Nossa apresentação", de uma tentativa de estudantes preparatorianos em férias. Já vinham, antes, "escrevendo um jornal datilografado, que circulava de mão em mão".

"Um intuito único presidiu nossa atitude: o de cultivarmos o espírito" e, ao mesmo tempo, propiciar "alguma coisa de proveitoso aos que ainda estudam e desejam contribuir futuramente para grandeza de nossa pátria".

Quanto ao programa: "De tudo teremos uma pequena amostra: do artigo de fundo, sério e substancioso, ao humorismo leve e vazio de conhecimentos".

Começou o pequeno órgão por atacar os redatores doutro jornal, chamado "Ré", que saía semanalmente, porém manuscrito. Assunto da mofina: a má gramática do Zé Besteira. Iniciou um "concurso das absurdos", uma vez que os de beleza já se iam "tornando lugares comuns"

A partir do nº 3, A Revanche ostentou melhor aspecto material, sendo impressa nas oficinas do Jornal do Recife. Circulando regularmente e atingindo o nº 15, adotou nova tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre- 6\$000; tri-

mestre - 3\$000; preços duplicados para o exterior.

Mais algum tempo e o chamado "Jornal dos meninos", em seu nº 38, de 23 de agosto duplicava de tamanho: 50 x 30, a cinco colunas de composição, consideravelmente aumentada a matéria redacional, ao passo que a parte de anúncios ainda era resumida.

Desde o início, A Revanche admitira colaboradores acreditados na praça das letras, tais como: José Mindelo, Esdras Farias, Píndaro Barreto de Meneses, Severino Montenegro, Miguel Callander, Márcio de Sá, Firmo da Cunha, Arnaldo Lelis, Raimundo Diniz, Osvaldo Guimarães, Zitogala, Tasso Guanabara, Osório de Andrade (Gilberto), R. Danilo (anagrama de Arlindo Moreira Dias), Paulo Ferreira, Mateus de Pernambuco, Cacilda Santos, Bandeira Duarte, Mauro, D'Arlan, Arlindo Maia, Cilro Meigo, Neli Correia e outros, sobretudo usando pseudônimos.

Não deixou o semanário, entretanto, de alimentar, já na sua idade adulta, dois concursos comuns: o dos "olhos mais bonitos do verão" e o do "rapaz mais feio de Olinda", além de um "concurso charadístico". Divulgava crônicas praieiras, notas humorísticas, versos chistosos, epigramas e apreciável noticiário social, aumentando, por outro lado, o acervo de reclames comerciais.

O nº 52, de 6 de dezembro de 1931, assinou o transcurso do primeiro aniversário da pu-

blicação, figurando na primeira página o clichê, em grupo, dos três valorosos redatores. O editorial salientou, orgulhosamente:

"Olinda jamais manteve um jornal de tão longa duração, a despeito de ter sido antigamente o berço da mentalidade estadual, com a velha Faculdade de Direito". As iniciativas morriam "no nascedouro", até aparecer A Revanche, "objetivando um sonho de visionários".

Terminou o comentarista rendendo homenagem "aos três abnegados pioneiros da campanha jornalística".

Logo mais, o nº 55, de 27 de dezembro, último do ano, anunciava nova fase, com a substituição de dois nomes do cabeçalho, ficando o corpo redacional assim constituído: Lauro Diniz, diretor-proprietário; Mauro Monteiro, redator-chefe; Derlópidas Correia, redator-secretário. A redação foi transferida para a Rua de São Miguel, 131, mantendo-se tudo o mais sem alteração.

Mal começado o ano II, continuando a numeração, só chegou ao nº 57, de 10 de janeiro de 1932, parando aí, para ser substituída pela Folha de Olinda (Bib. Púb. Est.).

## **FOLHA DE OLINDA**

Apareceu o nº 58, ano II, a 17 de janeiro de 1932, em seguimento ao precedente - A Revanche. Segundo a nota explicativa, os motivos que levaram à escolha do título anterior estavam

superados; o jornal precisava de um título mais razoável "e, sobretudo, de alijar o galicismo..."

Não ocorreu qualquer outra alteração, seja de caráter material, seja no plano intelectual. Prosseguiu o último concurso: "Qual o clube, bloco ou troça mais simpatizado de Olinda?", a par de movimentada seção carnavalesca ilustrada. Raros novos colaboradores. As mesmas seções.

Atingido o nº 61, a 7 de fevereiro, e ausentando-se o redator Mauro Monteiro, não voltou mais a Folha de Olinda. (Bib. Púb. Est.).

## **JORNAL DE OLINDA**

Publicou-se o 1º número no dia 3 de abril de 1932, em formato de 46 x 28, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - Leopoldo Bezerra Cavalcanti, localizando-se a redação na Rua do Sol, 255. Tabela de assinaturas: ano - 12\$000; semestre, - 6\$000; trimestre - 3\$000; para o exterior: 20\$000, 12\$000 e 6\$000, respectivamente. número avulso - 0\$200. Impressão da oficina do Diário da Manhã, no Recife.

Devotar-se-ia, segundo o artigo-programa, "exclusivamente, aos interesses de Olinda, à sua vida, ao seu desenvolvimento". Nada de política, embora pudesse apoiar os atos bons da administração municipal.

A edição divulgou entrevista com o prefeito, comentários de Um Estudante, crônicas mun-

danas de M. C. e Ferreira dos Santos; poesias de Píndaro Barreto; noticiários e anúncios.

O segundo número saiu no dia 17, diminuindo o formato para 30 x 20, sensivelmente reduzida a matéria redacional, incluindo atos oficiais da Prefeitura.

Não há indícios do prosseguimento (Bib. Púb. Est.).

## SARGAÇOS

Revista Literária - surgiu no mês de agosto de 1932, em pequeno formato, manuscrita e ilustrada a aquarelas. Redatores - Luiz Beltrão e outros. Com um único exemplar em circulação, passa ele de leitor a leitor, assim recomendado: "Não se deve dobrar a revista; evitar sujar ou molhar; entregue ao seguinte leitor no dia marcado".

Ao atingir o número 5, de 28 de outubro, ficou suspenso o magazine, reaparecendo quase dois anos após, no dia 26 de agosto de 1934, para publicar-se quinzenalmente, até 6 de janeiro de 1935, já então datilografado. Sargaços voltou à atividade em agosto do mencionado ano, quando aumentou o formato, melhorando, igualmente, de feição. Estampava desenhos e vinhetas da lava de Milton Persivo, Avelino Quadros e outros desenhistas. Esse período estendeu-se até janeiro de 1936.

Recomeçou, novamente, no mês de agosto, vindo à luz, então, a equipe responsável, assim



constituída: direção técnica e intelectual - Luiz Beltrão e Jorge Medeiros de Souza; direção artística: José Hugo, Lauro de Gusmão e Milton Persivo.

Com cerca de vinte páginas, cada capa ostentava desenho diferente, sendo também o texto fartamente ilustrado. Inseria colaboração, em prosa e verso, entre outros, de Austro Costa, Eraldo Silva Rego, José Brasileiro, Jarbas Paz, Píndaro Barreto, Ivo Rabelo, Jaime de Santiago e vários pseudônimos, entre os quais se ocultavam Eustáquio Rodrigues de Queiroz, Gilvan, Ivan e Neide da Costa Alecrim, Amália Rocha, Carminha Costa Lima, Odete Pontes, etc.

Fora a parte literária, o curioso magazine datilografado e ilustrado dos verões olindenses divulgava noticiário e humorismo.

Finda a temporada com a edição de 6 de janeiro de 1937, não voltou jamais a publicar-se (Col. Eraldo S. Rego).<sup>(1)</sup>

## OLINDA

Revista Ilustrada. Verão de 1933 - Entrou em campo no dia 6 de agosto, obedecendo ao formato de 28 x 19, com 20 páginas de ralo papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com fotogravura noturna do Olinda Cassino. Direção de Alfredo Porto da Silveira e redação à Rua

---

<sup>(1)</sup> Existe na Biblioteca Pública do Estado, um único comprovante de Sargaço: o nº 9, ano II, de 24/12/1935.

Jenner de Souza, 30. Número do dia - 0\$500; atrasado - 1\$000.

Sucinta apresentação, na página de rosto, aludiu a "Olinda-Mulher", à "ardência do Sol", ao "afago do mar" e à "Vitrine domingueira da praça sonora e iluminada", para chegar à conclusão de que o programa do magazine era não ter programa, para não atrapalhar.

A matéria da edição constou de literatura - mais verso do que prosa - crônicas mundanas, notas variadas e iniciou dois concursos, para apurar quais a senhoria e criança mais bonitas da cidade balnearia. Clicherie e a costumeira parte comercial.

Seguiu-se a publicação normalmente, dotada de seções atraentes, a saber: "Palavras cruzadas", por Félix Braz; "Linhas Certas"; "Cocktail", com a assinatura de Gin; "Estudos Grafológicos", a cargo de Tahrita Bey, também autor, ou autora, de poesias; "Crônica elegante do Carmo"; "Filmando a vida dos outros", por Laurel & Hardy; "Modas & Modos", etc.

Contou com a colaboração de Célio Meira, Silvino Lopes, Esdras Farias, Evangelina Maia Cavalcanti, Jaime Griz, Beatriz Ferreira, R. Danilo (Arlindo Dias), Pascoal Carlos Magno, Severino Leite, L.C.Cardoso Ayres, Stênio de Sá, Eustáquio Duarte, Cilro Meigo, J. Ayres e outros. Ocorriam ilustrações fotográficas de efígies e aspectos das praias.

A partir do nº15, de 12 de novembro, O-linda teve um redator-secretário: Ângelo Cibela. A quantidade de páginas cresceu até 48, ao atingir o nº 21, datado de 24 de dezembro. Anunciou-se, aí, uma edição mais volumosa, que seria a última da temporada. Dela, todavia, não existe comprovante nem notícia de que tenha sido posta em circulação (Bib. Púb. Est.)(1)

## VOCÊ...

Órgão literário e Elegante surgiu a 17 de setembro de 1933, em formato de 46 x 30, com quatro páginas de cinco colunas, ostentando, como cabeçalho, expressivo desenho em zinco-grafia. Trabalho e material das oficinas do Jornal do Recife. Direção e propriedade de Temístocles Magalhães de Andrade; redator-chefe Lauro Diniz; Diretor-secretário - João B. Vinhos; diretor-gerente - Luiz Alves. Funcionando a redação na Rua 13 de Maio, 117. Tabela de assinaturas :ano - 12\$000; semestre - 6\$000; trimestre - 3\$000; número avulso - 0\$200.

Destinava-se, conforme a nota "O Nosso Programa", a levar "ao conhecimento do seu povo os mais palpitantes assuntos da atualidade, sem ligação política partidária dessa ou daquela corrente".

Logo no segundo número, que saiu no dia 24, pois foi anunciado como semanário, alterou-se o corpo redacional, nele só permanecendo, da

---

(1) Coleção Desfalcada.

turma anterior, o nome de Temístocles, ao lado dos novos redatores: Gaspar Regueira Costa, Saulo Farias e R. Danilo (Arlindo Moreira Dias).

As duas edições divulgaram trabalhos, em prosa e verso, dos redatores e de Jorge Medeiros de Souza, Píndoro Barreto, Pardaillan, Eurico Costa, D. Gil, Lúcio Morais, Esdras Farias, que era o mesmo Gentil Amado, J. de Araújo Jorge, Stênio de Sá e Clementino Mendes, ao passo que o diretor-proprietário aparecia também com o pseudônimo de Témaan. Houve uma seção de trepações intitulada "Do consultório mundano do Dr. Gaspar"; e abriu-se um concurso de elegância feminina. "Praias", "Retretas", "Você na Sociedade" foram outras seções interessantes. Boa messe de anúncios.

Teria ficado no 2º número (Bib. Púb. Est.).

## **O SOL**

Semanário Noticioso e Independente - entrou em circulação a 5 de agosto de 1934, obedecendo ao formato de 48 x 30, com seis páginas a seis colunas de composição, trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã, no Recife. Diretor - R. Danilo (Arlindo Moreira Dias); gerente - Luiz Alves; funcionando a redação na Rua de São Bento, 213. Assinaturas: 1ª temporada (até janeiro de 1935) - 3\$000.

Sobre o clichê do cabeçalho - representado por uma paisagem de Olinda, em fotogravura de

10 centímetros por quatro colunas, com as letras do título superpostas - vinha a seguinte manchete: "Iniciamos a publicação deste periódico com o número considerável de mil e tantos assinantes. Olinda realiza uma grande aspiração, dando um jornal, cujo futuro é, desde já, o mais promissor"

Ligeira nota de apresentação augurava que os leitores recebessem O Sol "com a mesma alegria com que recebem o astro-rei, quando ao amanhecer, ele invade, com seus raios luminosos, desde a choupana humilde às torres góticas dos palacetes".

Jornal bem feito, matéria variada, inseria seções elegantes e noticiário geral do movimento balneário. Iniciou logo um concurso, submetendo a prêmio o melhor soneto sobre o tema "Pensativa", vendo-se fotogravura alusiva junto às instruções publicadas.

Mais do que tudo dedicado à literatura, O Sol teve a colaboração de Píndaro Barreto, Austro Costa, Esdras Farias, Leopoldo Lins, Araújo Filho, Mário Elias Leal, José de Souza, Temístocles de Andrade Júnior, o mesmo Téo Júnior; Godofredo de Medeiros, De Matos Pinto, H. R. de Carvalho, Ênio Roberto (pseudônimo de Stênio de Sá), Heloísa Pires do Passo, João do Bonfim, Orestes Barbosa, Amália Rocha, Alves de Meneses, Marcos André, Samuel Campelo, Fausto Tenório de Amorim, Luiz de Andrade e outros, a salientar o costumeiro conto do diretor R. Danilo, ligeiro e cheio de verve. Marcelo

(pseudônimo de Mário Sette), abria o "Álbum Social", enquanto o Conde assinava versinhos românticos, e Zé da Praia aparecia firmando a seção de trepações "Sargaços". Sucediã-se fotogravuras de banhistas femininas.

Terminado o ano com a edição de 16 de dezembro - quando figurou no cabeçalho o nome de Ildefonso Penante como redator-secretário - seguiu-se, a 1º de janeiro de 1935, o nº20, excepcionalmente com 12 páginas, fartamente alentadas de anúncios.

Encerrou a temporada com a edição seguinte, de 6 de janeiro (Bib. Púb. Est.).

"Antecipando-se ao verão", O Sol voltou a circular - nº 22 - a 25 de agosto de 1935, com o propósito de ser ainda o repositório dos fatos mais de perto ligados à temporada balnearia..." Tal o pretexto para, simplesmente, fazer a propaganda da candidatura de João Inácio Cabral de Vasconcelos Filho às eleições para prefeito do município.

A 1º de setembro publicava-se o nº 23, misturando a campanha política com a parte literária do costume. No cabeçalho, só os nomes do diretor e do gerente (Col. Cardoso da Silva).

Publicou-se, ainda, em 1936, do que não foi possível encontrar qualquer comprovante.

Entretanto, "na sua quarta fase de existência", circulou o Sol - nº 1, ano IV - a 12 de setembro de 1937, sob a direção de Luiz Costa. A manchete dizia "ter sido o único jornal balneário

de circulação ininterrupta". Impresso em tinta azul, saiu com quatro páginas.

Todavia, não passou do nº 2, do dia 19. Foram últimos colaboradores: R. Danilo, João do Carmo, Píndaro Barreto, Fernandes de Barros, Lúcia Regina, Jaime de Santiago, Godofredo de Medeiros, Zé da Praia, Júlio Martins, Dermalva Costa Lima, Veleiro e Odete Barbosa, diretora da "Página Feminina".

O derradeiro Sol foi publicado com seis páginas e grande porção de matéria paga (Bib. Púb. Est.).

## **A VOZ DE OLINDA**

Literatura. Notícias. Crítica. Humorismo - entrou em circulação a 9 de setembro de 1934, obedecendo ao formato de 56 x 40, com quatro páginas de papel acetinado. Diretor - João B. Vinhos; redator-chefe - Jaime de Santiago; secretário - Luiz Peri, que só atuou até o nº 3. Redação na Praça do Carmo, 100 e trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Recife.

Servido, o cabeçalho, de expressivo desenho com motivos de praia, apresentou o semanário-quinzenário concisa "Chapa", para declarar, unicamente, que o "moderno, elegante, fútil" jornal aparecido não precisava de apresentação...

Nas suas edições, que foram bem poucas, A Voz inseria, dentro do programa enunciado, matéria variada, a salientar as seções "Educação

Física", de Gouveia de Matos; "Escotismo", por King Fisher; "Flanando"; "Na vida chic da cidade", a cargo de Lupe, que era o redator Luiz Periquito; "Bibliografia", etc.; poesias do redator-chefe e de Bolívar Mousinho, José de Azevedo, Stênio de Sá e outros bardos; crônicas ligeiras de Benício Watley Dias, Carlos Madeira, Carlos Amorim, Enaldo de Oliveira, Carminha Galvão, Humberto Mendes, Carlos Leite Maia e diversos pseudônimos. No último número: conto original de Silvino Lopes.

Ilustravam a interessante folha fotogravuras de flagrantes das praias olindenses e charges. No mais, a indefectível inclusão de publicidade comercial. Sua efêmera vida terminou com o n° 5 datado de 11 de novembro (Bib. Púb. Est.)(1)

## O PROGRESSO

Órgão da legenda "Pelo Progresso de Olinda" surgiu a 18 de agosto de 1935, em bom formato de 50 x 30, com seis páginas a cinco colunas de composição. Diretor-responsável - Romeu Jacobina de Figueiredo, com redação à Rua do Bonfim, 67. Número avulso - 0\$100. Impressão das oficinas do Diário da Manhã, no Recife, em papel especial.

"Será - dizia o artigo de apresentação, intitulado "intróito" - um órgão essencialmente

---

(1) Outra A Voz de Olinda publicou-se no decorrer de 1957/59.



político porque seguirá, em toda a linha, a orientação traçada pela forte corrente que adota a candidatura do Sr. Luiz de Magalhães ao cargo de governador desta linda cidade".

Nada obstante, "outros assuntos transcendentais" teriam guarida em suas colunas, a destacar a defesa das "mais palpitantes necessidades" do município; mais o noticiário social, desportos e algo de literatura.

Estampou logo, a edição de estréia, clichê e panegírico do governador Carlos de Lima Cavalcanti; Manifesto ao eleitorado; artigos de ataque a João Inácio Cabral de Vasconcelos Filho, candidato oposicionista à Prefeitura; noticiário e seção humorística, terminando com poesia romântica de Stênio de Sá, sem falar na parte de anúncios, que começou a ocupar ponderável espaço.

Seguiu-se a publicação semanalmente, obedecendo ao programa político enunciado, de constando seções de versos satíricos, como "Alfinetadas", "Kromos", de Zezé e Kri-Kri e outros. Os artigos políticos, quando não redacionais, eram firmados por Bolívar Correia Pedrosa, Pierce, Ed-Gar, Virgílio, Filotéa, Benjamim Machado, Milton Lopes, Sphynges e Pitágoras, ao passo que Zombies escrevia "Fatos da Cidade"; o cônego Xavier Pedrosa abordava assuntos religiosos e os poetas Píndaro Barreto e Stênio de Sá forneciam sonetos, havendo outros colaboradores esporádicos.

O periódico passou a sair com oito ou dez páginas, no último caso incluindo suplemento. O nº 8, porém, de 6 de outubro, apresentou-se dividido em dois cadernos, num total de 16 páginas, a primeira de clichês dos candidatos, da legenda "Pelo Progresso de Olinda", a prefeito e vereadores, sendo as restantes dedicadas à matéria tipográfica de propaganda eleitoral, que chegara ao fim.

Ainda circulou, como remate, uma edição extraordinária, no dia 8, contendo seis páginas, repetida a primeira da anterior, em tinta azul (Bib. Públ. Est.)(1) (Col. de Cardoso da Silva).

## O COMBATE

Órgão semanal, iniciou sua publicação a 7 de setembro de 1935, no formato de 50 x 30, com seis páginas a seis colunas de composição, sendo impresso nas oficinas do Diário da Manhã, no Recife. Redator-chefe - Eugênio Coimbra Júnior; diretor-gerente - Ildefonso Penante. Redação e administração na sede do PSD, à rua 15 de Novembro. Vendia-se o nº avulso a 100 réis.

Destinado a defender a candidatura João Inácio Cabral de Vasconcelos Filho a prefeito do município, tinha, principalmente, a missão de combater O Progresso, que se batia pelo candidato situacionista.

---

(1) A coleção da biblioteca Públ. do Estado acha-se desfalcada do último número.

Foi, precisamente, o que fez, na meia dúzia de edições publicadas, a penúltima com oito páginas e a última com quatro, datada de 8 de outubro, dia em que se realizaram as eleições locais, enchendo-se-lhe a página de frente de fotogravuras dos candidatos a prefeito e vereadores da chapa pessedista.

A par de exaustiva matéria política, incluindo ataques pessoais ao bloco adverso, O Combate inseriu, algures, produções literárias, a cargo de Hélio Monte, Píndaro Barreto e Juraci; noticiário social e reportagens fotográficas do setor balneário, além de boa messe de anúncios.

Finda a campanha eleitoral, terminou, igualmente, a vida do semanário (Bib. Púb. Est.).

## **ERA NOVA**

Revista de Cultura Religiosa. Saiu a lume, mediante aprovação eclesiástica, no dia 29 de outubro de 1936, em formato de 23 x 15, com 54 páginas de texto (papel bouffant) e capa cartolinada. Sobre o título, lia-se: "...Unitas Spiritus in Vinculo Pacis" (Eph. IV, 3). Redação: Seminário de Olinda. Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Commercio, no Recife. No reverso da capa figurou uma lista de benfeitores, terminando com "a gratidão de Era Nova".

O editorial "Apresentando" focalizou o motivo da publicação: era "a voz moça do velho Seminário" que se associava, entusiasticamente, às homenagens prestadas ao arcebispo Miguel Valverde (clichê em página especial), por ocasi-

ão do 25º aniversário de sua sagração episcopal. Era "a voz da gratidão comovida dos seminaristas de Olinda; pequenina e humilde homenagem" ao seu "maior benfeitor e mais dedicado amigo".

Além do noticiário sobre as festas jubilares, a edição inseriu poema do padre Francisco Sales e artigos assinados pelo padre Hermínio Áureo de Queiroz, L. Ferreira Lima, Luiz Madureira, Petronilo Pedrosa, Moacir da Costa Pinto, A. Alves de Sousa, Antônio Vieira, A. R., José Escorel e Hipólito Pedrosa, terminando com a seção "Notas e Crônicas" (Bib. Púb. Est.).

## A ESTRELA DO MAR

Órgão do Colégio Santa Teresa (mantido pela Santa Casa de Misericórdia do Recife). O nº 1 circulou no mês de setembro de 1937, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Direção de Laura Xavier e Nair Luna; redatoras - Petronila Melo, Odete Carolina, Lucíola Silva, Maria Antonia Melo e Almerinda Sousa.

Dizendo-se, na apresentação, "jornalzinho interessante e cheio de notícias", divulgou vasta literatura incipiente, assinada pela turma redacional e por outras alunas.

Assim circulou o segundo número, em março de 1938. Trabalho gráfico a cargo das oficinas do Jornal do Recife (Bib. Púb. Est.).

## O BALNEÁRIO

Quinzenário Ilustrado - saiu a lume no dia 7 de setembro de 1938, em formato de 47 x 33, com quatro páginas de seis colunas. Impresso na oficina do Diário da Manhã (Recife), tinha redação e administração instaladas à rua do Bonfim, 82. Diretor - Alberto Coutinho; chefe de publicidade - L. Martins. Distribuição gratuita.

Abriu o texto, em vez do editorial de apresentação, uma crônica de exaltação à "mulher na praia", ao ensejo do início da estação balnearia, repleta de "alegria", riso, música e flores".

Mais do que tudo literário, variando com notas elegantes e noticiário social, servido também de bem distribuídos anúncios, O Balneário teve existência normal no período visado, aparecendo ora em papel couchê, ora em acetinado de cor, com atraente feição material. Ilustravam-no flagrantes fotográficos de banhistas na praia.

Manteve as seções: "Confidente Sentimental", pelo Abade Fábio; "Tipos de rua", por Dalmiro; "Miscelânea"; "Humorismo"; "Vida Mundana", aberta com ligeira crônica de Don Panchito ou de Márcio Penalva, o mesmo Lúcio Penalva, pseudônimos de Alcindo Pedrosa, este último também travestido em Fernando, autor das "Mensagens do Coração", respondidas por Diva; "Consultas Grafológicas", pelo Prof. Kalibrates; "Crônicas sem vergonha", a cargo do Dr. Tesoura; "Sereias e Tubarões", por Zenóbio; "Cinema", etc., além das produções, em verso e

prosa, de Maria Stela, Osman Araújo, Agenor Cavalcanti, Jaime Santiago, Esmeralda Ribeiro, Glenda, Mário Sette, Mauro de Alencar, Agostinho Assunção, Francisco de Paula, Roberto de Andrade, Luiz Carlos, Romeu Gois, Nini Miranda e outros plumitivos.

O último número encontrado foi o 6º, de 4 de dezembro (Arq. Bonald Neto e Bib. Púb. Est.)(1)

## REVÉRBERO

Órgão Mensal do Grêmio Cívico Literário Santa Gertrudes - surgiu em abril de 1940, no formato 32 x 23, com oito páginas de papel acetinado. O desenho do cabeçalho teve como fundo os edifícios do Colégio Santa Gertrudes (onde ficava a redação), vendo-se à direita um livro aberto, contendo a sentença "Ora et Labora", de Pio IX. Trabalho material da Tipografia Para o Alto, na Rua Conde da Boa Vista, 1399, Recife. Assinatura anual - 5\$000; de honra - 10\$000; preço; por exemplar 0\$500.

Lia-se na página de abertura, sob o título "Abrindo o caminho", com a assinatura C.P.: "Revérbero" entra na luta cumprindo a missão de dilatar os campos da verdade e defender essa mesma verdade como a coisa mais sagrada que os seus redatores querem defender com o seu

---

(1) A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do último número.

pensamento no pensamento daquele que é o Vigário de Cristo.

Orientar a mocidade das escolas, combatendo os seus defeitos, estimulando as suas virtudes, alentando os seus esforços, destruindo as suas indiferenças, iluminando as suas inteligências, guiando os seus corações, advertindo-a contra o erro, desviando-a do pecado, esclarecendo-a na maneira mais nobre de compreender a vida cristã - eis um belo programa que Revérbero quer fazer do seu programa.

Constituído de matéria especializada, ocupou a última página o trabalho intitulado "Madre M. Birgitta Korff O. S. B., 1ª Superiora Geral das Beneditinas-Missionárias de Tutzing", compilado por Madre M. Irmengard Backem, série que se prolongou até a edição de novembro de 1941.

Os sete primeiros números do Revérbero aparecem sem data de espécie alguma. Só a partir de outubro de 1940 a casa impressora resolveu corrigir a anomalia.

A publicação procedeu-se ininterrupta e, ao atingir o nº 25, de abril de 1942 (ano III), reduziu-se para 24 x 15 o formato do periódico, assim transformado em revista, com 16 páginas, inclusive a capa, que ostentou desenho simbólico, tornado permanente.

"Devidamente registrado", indicou o expediente: diretora-proprietária: M. P. Cordeiro. A

assinatura aumentara para 10\$000 e 15\$000, respectivamente, e o número avulso para 1\$000.

A partir de junho de 1943, Revérbero circulou bimestralmente, às vezes trimestralmente. O trabalho material mudou-se, em abril de 1944, para as oficinas do Diário da Manhã e, em julho de 1945, para a tipografia de Renda Priori & Irmão, igualmente no Recife.

Desde o início, contava escolhida colaboração, a começar pelo cônego Alfredo Xavier Pedrosa, seguindo-se-lhe: Sebastião de Albuquerque, B. Nunes, padre dr. Luiz do Amaral Mousinho, Dulce Gondin, Voline Cardim, Lourdes Nogueira, Maria Helena Cintra do Amaral, Edith Vieira Gama, Maria da Glória Beltrão, Suzana Sales Porpino, G. Godoy, Hilda Leite de Andrade, Célia Chiapetta, Maria Emília Coelho, Luiza Diniz, Almira Cardoso, Georgina Arantes, Joanita P. Cardoso, Laura Pará, Maria da Conceição R. Gusmão, Miriam da Costa Carvalho, Odete Melo, Benedita Chaves, d. Pedro Bandeira de Melo, José Cardoso, Stela Simões, Iracema Rangel, Luzinha Ramos, Deolinda Lira de Arruda, Creusa Chiapetta, Elina Carvalho, Maria do Carmo Farias, Hilda Leite, Terezinha Beltrão, Maria Consuelo, Eda Galvão, Rize Osolev, Terezinha de Jesus Barreto Caeté, Evandra, Madalena de Barros Lima, Sônia Tavares, Z. Borges, Adelaide Valadares, Lucionéa d'Oliveira e diversas outras. Cada edição dedicava uma ou duas páginas à "Crônica" das atividades colegiais do mês, ou meses, com a assinatura: A Cronista.



Mais noticiário social, variedades e anúncios do Colégio.

Revérbero proporcionou, apenas, três edições em 1945, terminando sua existência com o nº 66, ano V, de 1946, quando já dividia suas páginas com o Colégio Nossa Senhora do Carmo, do Recife, tendo majorado para Cr\$20,00, Cr\$30,00 e Cr\$5,00, respectivamente, o preço das assinaturas e do número avulso, ostentando inclusive, novo clichê na capa (Bib. Púb. Est.).

## O FAROL

Órgão do Grêmio Literário Joaquim Nabuco, do Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves. Surgiu em abril de 1942, manuscrito e gravado em hectógrafo, com quatro páginas de papel tipo ofício. Diretor: José Celestino de Santana; redator-secretário: Josenildo Dias Correia.

A edição homenageou o presidente Getúlio Vargas. Publicando-se mensalmente, às vezes datilografado, o nº 2 foi dedicado ao Papa e o nº 6, de agosto, aos heróis da restauração pernambucana do domínio holandês: João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros.

A par de noticiário, palavras cruzadas e notas humorísticas, servido de ilustrações a lápis, o jornalzinho inseria trabalhos de incipiente literatura dos alunos José Izidoro Martins Souto, Marli B. Castelar, José de N. M. Medeiros, Remígio Rodrigues de França, Gil Carlos P. Filho, Amauri C. Prates e outros (Col. Milton Souto).

No ano II, 1943, publicou-se O Farol entre os meses de março a outubro, compreendendo os n.ºs. 1 a 8. Josenildo permaneceu na direção, mas o secretário foi substituído por Diva S. de Jesus. Também circulou em 1944, sob a direção de Walter P. Cavalcanti: n.ºs. 1 a 8, de março a outubro.

Outra edição avistada: a de agosto de 1945 (Dpt.º. Cultural da SEEC)(1) .

## **O CANHÃO**

Órgão Oficial do Fortim Esporte Clube. O n.º 1, ano I circulou em janeiro de 1946, manuscrito, com seis páginas, papel ofício, copiadas em hectógrafo, menos a última, que ficou em branco. Redatora-chefe - Maria Georgina Serrano; secretária - Miriam Melo; repórter - Fábio Paula Costa; gerente - Terezinha Freire.

Sua matéria constou de noticiário das atividades da agremiação; abertura de concurso para escolha de Miss Olinda ; perfis rápidos e charges desenhadas por Kally.

Não restam comprovantes de outros números porventura publicados (Bib. Púb. Est.).

## **OLINDA-JORNAL**

A voz de Olinda para seu povo. Órgão Independente - Saiu a lume no dia 10 de novembro

---

(1) Coleções incompletas.

de 1946, formato de 50 x 30, com quatro páginas de seis colunas. Diretores responsáveis: Dias de Oliveira e Geraldo Cavalcanti; redator-secretário: Fernando de Freitas Henrique; redatores: Sérgio Chiappetta, Luciano Carvalho, Maurício Pedrosa e Rui Botelho. Redação na Avenida Santos Dumont, 196. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, no Recife. Número avulso - Cr\$0,50.

Lia-se no artigo "Apresentação": "... nada mais pretendemos senão esta coisa tão simples em jornalismo: dar à cidade um órgão, que lhe falta, e que lhe sirva de veículo às manifestações de sua cultura; às expressões de seu mundanismo requintado; às demonstrações de sua religiosidade e de seu politiquismo". Seria, pois, "uma tribuna democrática aberta a todos os olindenses".

Bastante variado, parco em reclames comerciais, inseriu, na edição de estréia, colaboração de Arnóbio Graça, Queiroz Coutinho, Gil do Vale e Eme Dias, este último assinando poesia; deu início às seções "Coisas do Povo", "Veneno", "Conversa de Fila", "Nos Bastidores Policiais" e "Sociais", dedicando a quarta página ao noticiário desportivo.

Logo no segundo número (excepcionalmente com seis páginas) desapareceu do expediente o corpo redacional; só permanecendo a dupla de diretores. Começou, então, um concurso para a escolha de Miss Olinda, e prosseguiu a publicação, que se dizia quinzenal, até o nº 5, de 18 de

janeiro de 1947, mal feita graficamente e impressa em papel de cor. Tinha mudado de tipografia, para voltar à primitiva no nº 6, só aparecido seis meses depois, no dia 13 de julho. Manteve, todavia, o seu programa de jornal movimentado, admitindo a colaboração poética de Esdras Farias e dando novos títulos às seções, entre as quais "Vida Artística", "Na Sociedade" e "No Meio da Rua".

Depois de longa lacuna na coleção manuseada, encontra-se o nº 6, ano V, Nova Fase, datado de 13 de agosto de 1950, constando do expediente: "O periódico mais antigo de Olinda em circulação". Passara a ser impresso nas oficinas do Diário da Manhã, no Recife. Corpo redacional - Geraldo Cavalcanti - diretor responsável - João A. Pereira; redator; José G. O. Wanderley - cronista.

Seguem-se exemplares esparsos. Os nºs. 7 e 11, de 1951, foram reduzidos a tablóides.

De 1952 existe o nº 22, ano VII, de 7 de setembro, contendo seis páginas, só aparecido, ao lado do diretor, um nome: Luiz de Castro e França, redator-secretário. Novo subtítulo: "A voz de Olinda para o povo de Olinda".

No nº 26, ainda ano VII, de 7 de setembro de 1953, alterava-se, novamente, o expediente, dele constando: Fundador: Geraldo Cavalcanti; diretor-responsável: Olímpio Bonald Neto; secretário: Carlos Garcia; diretores: José Wanderley e Luiz de França, este último achando-se fora do quadro no nº 31, de 31 de dezembro.

Daí transferiu-se a pesquisa para o n° 34, de 22 de agosto de 1954. Permanecia Bonald Neto na direção; mas o secretário fora substituído por Félix de Ataíde, sendo novos diretores auxiliares: Fernando Guimarães e F. Lucena.

Continuou a publicar-se o Olinda-Jornal, pelo menos, até 29 de setembro do ano em referência, quando circulou o n° 36, ano VIII (Bib. Púb. Est.).

## FELIZ NATAL

Anuário de Olinda. Surgiu em dezembro de 1946, no formato de 23 x 15, com 12 páginas, inclusive a capa, apresentada em papel couchê, a duas cores, inserindo os versos do hino "Noite Feliz", com a devida ilustração. Diretor: Gaston Manguinho. Preço do exemplar: Cr\$1,00.

Ensaio "para uma grande revista", conforme o editorial assinado pelo diretor, Feliz Natal "nasceu de Olinda e para Olinda", assim concluindo, depois de outros conceitos: "Olinda tem o seu Feliz Natal na grandeza de sua gente, no silêncio dos seus claustros, no murmúrio do mar, na voz dos sinos, salmodiando na Noite de Natal a grandeza do Glória in Excelsis Deo".

A reduzida edição divulgou páginas olinenses de Mário Sette e cônego Xavier Pedrosa; conto de Lucilo Varejão; versos de Araújo Filho e Israel Fonseca, além de famoso soneto do padre Antônio Tomaz, tudo sobre tema natalino,

com ligeiras ilustrações. Como suplemento, alguns anúncios.

Ao publicar-se o nº2 - dezembro de 1947 - o magazine adotou o formato definitivo de 27 x 18. Saiu com 24 páginas, capa ilustrada com fotogravura de senhorinha, também majorado, para Cr\$3,00 o preço do exemplar. Apresentou ligeiro serviço fotográfico de aspectos de Olinda, vida social e Recife antigo; colaboração de d. Antônio da Costa, Paulino de Andrade, Mário Melo, Fernando de Oliveira Mota e outros, inclusive poesias.

Seguiu idêntico ritmo a edição de 1948, acrescida de quatro páginas e melhor messe de reclames comerciais.

Houve um interregno, e o nº 4, ano IV, só veio à tona em dezembro de 1950, contendo 44 páginas, vendido o exemplar a Cr\$5,00. Excelente desenho, na capa, (por Manuel Bandeira) da Igreja do Monte. Matéria a destacar: conferência de Hermógenes Viana, sobre Duarte Coelho; estudo do cônego Xavier Pedrosa: "Olinda, cidade das heróicas tradições e da arte"; o poema de Paulino de Andrade: "Olinda, minha velha e doce Olinda", e uma página de homenagem à memória do escritor Mário Sette, velho amigo da cidade, com clichê e relação das obras que publicou.

A partir de 1951 - 60 páginas - resumiu-se o título, simplesmente para "Anuário de Olinda".

## ANUÁRIO DE OLINDA

Assumindo caráter estritamente histórico, verdadeiro documentário da vida, fasto, tradições, cultura e progresso da primeira capital pernambucana, focalizada desde os primórdios da sua fundação por Duarte Coelho.

Seguiram-se: 1952 - 52 páginas, 1953 - 60 páginas (dedicado ao Tricentenário da restauração Pernambucana do domínio holandês); 1954/55 - 76 páginas, a Cr\$10,00 o exemplar.

A par da transcrição de manuscritos; dos artigos do diretor Gaston Manguinho, o mais apaixonado dos olindenses, e de clichês dos fundadores de Olinda e seus continuadores, da antiga paisagem da cidade, suas igrejas e monumentos, o magazine-poliantéia teve a colaboração, afora os nomes mencionados, de Gláucio Veiga, José Brasileiro Vilanova, José Jerônimo do Nascimento, Luiz Estevão de Oliveira (discurso), Flávio Guerra, Humberto Gondim, Carlos Pedrosa, Luiz Beltrão, Lúcia Néry da Fonseca<sup>(1)</sup>, Raimundo Diniz, Manuel Correia de Andrade, Francisco Caeté, Alfredo Carlos Schmalz e outros. Escreveram poesias sobre Olinda, além dos também prosadores Esdras Farias e Everardo Vasconcelos: Luiz Barbosa Passos, Ar-

---

<sup>(1)</sup> Muito importante a contribuição de Lúcia Néry da Fonseca, na edição de 1953: "Calendário do Brasil holandês", constituída de sucinta cronologia do período de 1624 a 1654, extraída das "Efemérides Brasileiras", do Barão do Rio Branco.

mando Maia, Lírio Lago (pseudônimo de Rui Barbosa Lima) e Homero Rego Barros.

Os meios culturais de Pernambuco deram a melhor receptividade ao Anuário de Olinda, cuja difusão se fez, igualmente, no país inteiro e até no exterior<sup>(2)</sup> (Bib. Púb. Est.).

## **CORREIO DE OLINDA**

Surgiu a 31 de outubro de 1948, em formato de 50 x 30, com quatro páginas a seis colunas de composição. Direção de João Ramos da Silveira; redator-secretário: Cândido Caselli; gerente: Bernardino S. Silva. Redação na rua Bernardo Vieira, 160, ocorrendo o trabalho gráfico na oficina da Folha da Manhã, no Recife. Tabela de assinaturas: ano, Cr\$40,00; seis meses, Cr\$20,00; três meses, Cr\$15,00. Número avulso, Cr\$0,60; atrasado, Cr\$1,00.

"A missão deste jornal - dizia o artigo-programa, inserto na terceira página - não é somente noticiar os fatos leves da vida mundana".

Estavam suas colunas abertas "para debater os problemas que falam de perto do desenvolvimento econômico do município, desua política, das necessidades do seu povo", a destacar a defesa da autonomia de Olinda, "golpeada com a aprovação, na Assembléia Estadual, do art. 55,

---

<sup>(2)</sup> A publicação continua, muito raramente, tendo sido considerada de utilidade pública por Decreto-Lei da Câmara Municipal de Olinda.



da Lei de Organização Municipal". Tudo, porém, sem obediência a partido político ou a qualquer religião. Só encarava, mesmo, "os sagrados interesses do povo de Olinda".

Seguiu-se a publicação semanalmente, divulgando editoriais, sueltos, vasto noticiário, seções de Rádio, Cinema, Vida Social, atos oficiais, instantâneos fotográficos das praias, charadas, concursos, "Correio Feminino", por Tia Zuleide, e colaboração de Homero do Rego Barros, Lauro Góes, Newton Ribeiro, Gaston Manguiho, Grande Otelo, autor da crônica "Olá, garotas!", etc., e alguns anúncios.

Não passou de um mês, entretanto, a existência do Correio de Olinda(1), cujo último número foi o sexto, de 28 de novembro(2) (Bib. Púb. Est.).

## O PROGRESSISTA

Começou a publicar-se no dia 12 de março de 1950, obedecendo ao formato de 50 x 30, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor-responsável - José Maria Serrano; diretor-presidente - Sinésio de Medeiros; diretor-

---

(1) Escreveu a Folha do Povo, diário recifense, a 13 de abril de 1949, que a redação do Correio de Olinda fora assaltada, à noite, por policiais, que levaram as coleções e todo o arquivo.

(2) Ainda se publicou, em 1961, outro Correio de Olinda, quarto com esse título, conforme coleção existente no Instituto Histórico de Olinda

tesoureiro - Antônio Guimarães; diretor de publicidade - Ubiratan de Castro e Silva. Redação à Rua 15 de Novembro, 119, 1º andar, e confecção da tipografia do Diário da Manhã, no Recife. Assinatura anual - Cr\$25,00. Número avulso - Cr\$0,50.

O editorial de apresentação, intitulado "Bom dia, povo de Olinda", aludiu à falta, que estava fazendo, de um jornal no município, adiantando: "O Progressista foi lançado para o povo e ao povo pertence". Estaria à disposição da Prefeitura, da Câmara, da Justiça e da Polícia", para o serviço de informações. Concluiu declarando que a edição de estréia constituía uma homenagem aos olindenses, particularmente ao jornalista Temístocles Ramos de Andrade e ao candidato presidencial Ademar de Barros, este último com clichê na primeira página e artigo encomiástico, da lavra de Renato Sete Serrano.

Era mais uma tentativa, dada a dificuldade de duração dos jornais olindenses. Mas a tentativa foi infrutífera, porque a animada gazeta terminou sua atuação uma semana depois, quando saiu a segunda edição, datada de 19 de março.

Entretanto, foi um jornal bem feito, repleto de reportagens e comentários sobre interesses locais, além do noticiário, contendo poucos anúncios. Contou com a colaboração de José Lucilo, Eduardo Palmério e Banc Júnior, que criou a seção satírica "Você Sabia?...". Combateu a administração do prefeito Manuel Regueira e de-

fendeu os princípios do Partido Social Progressista (Bib. Púb. Est.).

## **O 15 DE OUTUBRO**

Órgão das Alunas do Orfanato Santa Tereza - O n° 1, ano I, circulou no mês de outubro de 1950, manuscrito e copiado em hectógrafo, contendo quatro páginas de papel ofício. Sua matéria constou de literatura infantil, noticiário escolar, gracejos e desenhos a lápis de cor. Ao que tudo indica, não continuou (Deptº. Cultural da SEEC).

## **TRIBUNA DE OLINDA**

Surgiu no dia 26 de agosto de 1951, para circular aos domingos, quinzenalmente, sob a direção de Jorge Medeiros de Souza e Renato de Castro Leitão. Formato de 48 x 33, a seis colunas de composição, apresentou-se com seis páginas, ao preço de Cr\$0,50 por exemplar. Redação à Rua Gonçalves Dias, 670, sendo a parte gráfica confiada à Empresa Diário da Manhã, no Recife.

Segundo o artigo de abertura - "Este Jornal" - ocupando quatro colunas da terceira página, centro-alto, esperava perdurar, "vencendo todos os obstáculos que, comumente, se antepõem à permanência da voz do povo, gritando contra as imoralidades, fiscalizando os atos públicos e dizendo das necessidades da comunida-

de". Pelejaria para tornar a antiga capital pernambucana "lembrada, unida, rica, expressiva e respeitada no Estado, pela força da atividade dos seus habitantes, em todos os setores em que se desdobra a ação do homem". Não tinha "ligações nem compromissos com grupos políticos ou econômicos". Desejava, finalmente, que o leitor olindense entrasse na liça, ao lado da Tribuna.

Seguiu-se a publicação normal do periódico(1), com sua terceira página integrada de artigo, a princípio sem assinatura e depois assinado por Jorge Medeiros de Souza; comentário, em rodapé, a cargo de Renato de Castro Leitão, e a parte restante constituída de sueltos. As demais tinham matéria definida: 1a. - reportagens, manchetes espetaculares e o "Observatório" de Luiz Roberto (pseudônimo do Dr. Cardoso da Silva); 2a. - a crônica "Senado dos Quatro Cantos", pelo Senador Augusto, (pseudônimo de Jorge Medeiros); o comentário "Bordejando" (o título em desenho), por J. A. Barreto Guimarães, e algum noticiário; 4a. - matéria variada; 5a. - "Tribuna de Olinda", incluindo crônica ligeira e noticiário social, artigos assinados e mais notícias; 6a. "Tribuna de Olinda Desportiva", a salientar a crônica "Off-side", de autoria de Yêdo (como se ocultava Osvaldo Figueiredo Cardoso da Silva);

---

(1) Foi "um jornal bem orientado, bem redigido, bem impresso", na opinião de Osório Borba, que acentuou: "Sobretudo exemplarmente objetivo, com o debate dos problemas, agitando, pondo em foco, discutindo, esclarecendo as questões de interesse público, apontando soluções, estimulando movimentos sociais".

comentários de Paulo César (ainda Cardoso da Silva, o médico), concursos. Alguns anúncios.

Contou com a colaboração de Arnóbio Graça, Esdras Farias, Evangelina Maia Cavalcanti, L. J. de Araújo Manta, Gaston Viana, Antônio Farias de Meneses, Olímpio Bonald, Josafá Rossas, o mesmo Repórter Maneta; José Adolfo Pereira Neves, com "Apontamentos para a história do periodismo em Olinda", em série; Janduhy Moreira Leite, João Matos Guimarães, Luiz Ayala (pseudônimo de Luiz de Andrade); Tiago de Barros Leite, também aparecido como João de Olinda; Sócrates Times de Carvalho, José Jerônimo do Nascimento e outros.

A partir do nº 19, o exemplar da Tribuna passou a ser vendido a Cr\$1,00, estabelecendo-se assinatura anual ao preço de Cr\$60,00. Mas, atingido o nº 21, de 27 de janeiro de 1952, parou a publicação.

Ocorreram obstáculos - "os obstáculos bem conhecidos dos que militam na imprensa do interior" - e a Tribuna de Olinda só reapareceu, com o nº 23 (devia ser 22), no dia 10 de agosto, edição de quatro páginas, sem mais alterações. Prosseguiu a jornada de esforço e obstinação, quase sem publicidade comercial.

Não teve êxito, inclusive um requerimento de subvenção (dois mil cruzeiros mensais), dirigido à Câmara Municipal, para auxiliar as despesas de impressão, o que fizera na qualidade de jornal independente, "estribado em dispositivos legais". Deu lugar, ao invés, a diatribes do vere-

ador José Cariolano, a que artigos redacionais repeliram energicamente(2).

Foi impossível, pois, continuar a publicação do bem feito periódico, que terminou sua existência, pouco depois de modesta edição de aniversário, com o nº 29, de 28 de setembro de 1952 (Bib. Púb. Est.(3) e Col. Cardoso da Silva).

## **BAIRRO NOVO EM REVISTA**

Apareceu no mês de outubro de 1951, em formato de 24 x 16, com seis páginas de três colunas. redator principal - Fernando B. de Azevedo; secretário - Jorge Gomes; gerente - Roberto Guimarães Pessoa; diretor de publicidade - Yedo de C. Pacheco. Redação na Avenida Rio Doce, 373. Imprimiu-se no Recife, nas oficinas do Diário da Manhã.

Colocada na terceira página, a nota de apresentação, sob o título "Alerta, mocidade olindense!", frisou que o programa da folha seria "baseado na moral e ação educativa".

A par de crônicas do pessoal responsável, mais Cícero Sampaio e tenente Peixoto de Cas-

---

(2) Em carta dirigida a Jorge Medeiros de Souza, comentando o caso, advertiu o colaborador Lopes da Silva: "Aproveito a ocasião para pedir ao amigo que abandone de uma vez para sempre essa idéia de jornal em Olinda; a época é de vigarismo, charlatanice, de escroquerie e não de coisas do espírito, que não levam ninguém ao Céu"

(3) É incompleta a primeira das coleções manuseadas.

tro, a edição inseriu "Antologia", notícias, curiosidades e alguns anúncios.

Não há indícios da continuação (Bib. Pú**l**. Est.).

## **OLINDA**

Publicação Mensal, Divulgando Assuntos da Cidade. Inexistentes comprovantes das nove primeiras edições, circulou o n° 10 em agosto de 1952, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 16 páginas de papel assetinado e capa em couchê, ilustrada por Travasso Sarinho. Confeção da tipografia do Diário da Manhã, no Recife.

Publicou-se o n° 11 no mês de outubro e o n° 12, provavelmente último, a 1° de janeiro de 1953.

Constava a matéria da interessante revista de mundanismo, crônicas sociais, noticiário local, clicherie e a necessária parte comercial. A colaboração, em prosa ou versos, estava a cargo de Barreto Guimarães, Esdras Farias, Olímpio Bonald, Josafá Rosas, Luiz de França, Evangelina Maia Cavalcanti, Luiz Ayala e João Timoneiro. No n° 12, incluiu-se artigo especial de Aníbal Fernandes, sob o título "Instituto Guararapes" (Bib. Pú**l**. Est.)

## BOLETIM ATLÂNTICO

Informa tudo que se passa em seu clube - Entrou em circulação a 1º de maio de 1953, obedecendo ao formato de 24 x 16, com quatro páginas, sendo o clichê do título destacado em tinta de cor. Trabalho da União Gráfica Ltda., no Recife. Orientação de Josaphat Rosas, funcionando a redação na sede social do clube, à Praça do Carmo.

Segundo a nota "Uma razão de ser", o Boletim vinha "cumprir uma alta finalidade: ser o mensageiro, a voz do Clube junto aos seus inúmeros associados e amigos, congregar cada vez mais, aproximando, irmãmente, toda família "atlântica".

Iniciando com a "Galeria dos Diretores", toda a matéria constituiu-se de noticiário social e movimento financeiro do Clube Atlântico Olindense. Assim continuou cada mês. No nº 4, inseriu crônica de Luiz Beltrão e versos de Lírio Lago, (pseudônimo de Rui Barbosa Lima). O 5º, de 1º de setembro, apareceu como revista, contendo 20 páginas, inclusive a capa em papel couchê, nela figurando montagem fotográfica de aspectos olindenses. Comemorou, assim, o nono aniversário do Clube. Além da matéria redacional, divulgou produções ligeiras de Isnar de Moura, J. A. Barreto Guimarães, Josaphat Rosas e João Timóteo, e versos a Olinda, de Homero do Rego Barros.



Ainda se publicou o nº6, a 1º de outubro de 1953, com 24 páginas, boa capa, colaboração de Esdras Farias e Milton Souto, página antiga de Mário Sette e intenso noticiário das atividades do Clube.

Não apareceu mais o Boletim Atlântico até o fim de 1954(1) (Bib. Pú**o**b. Est.).

## **O FAROL**

Jornalzinho manuscrito a lápis, em formato de 22 x 16, saiu o 1º número, ano I, no dia 18 de junho de 1954. Redatores: alunos da quarta série do Grupo Escolar Professor José Vicente, do qual era órgão (Bib. Pú**o**b. Est.).

---

(1) Continuou em 1956.



## PALMARES

### O ECHO DE PALMARES

Publicação comercial, agrícola, literária e noticiosa. Primeiro jornal do município, surgiu no dia 7 de outubro de 1883, formato de 32 x 22, com quatro páginas a duas colunas de 18 cêceros. Diretor-proprietário - Severino Pereira. Imprimiu-se, porém mal impresso, em oficina própria, para circular as quintas-feiras e domingos.

Lia-se no artigo de apresentação: "Sectário da liberdade da imprensa, não admite nela a licença e o abuso, mas a expressão sincera da crença e da verdade, assim, não transformará o grande invento de Guttenberg em pelourinho de reputações sociais", acrescentando: "...criado para instruir e não para poluir, para elevar idéias e não para abater reputações, sua conduta se-

rá ditada pela razão e imparcialidade". Defendia os interesses do comércio e da lavoura.

Tendo circulado precisamente na data do primeiro aniversário do Clube Literário de Palmares, a edição de estréia dedicou-lhe boa cobertura, inclusive através de artigos assinados. Demais matéria: comentários, versos de S. P.; "Galhofas"; "Indicações úteis" e folhetim, constituído da novela "O índio Afonso", de Bernardo Guimarães, que se estenderia até o nº 39.

Saindo regularmente, ao atingir a edição de 6 de janeiro de 1884 teve o Echo o seu formato aumentado para 45 x 30, adotando mais uma coluna da mesma largura das iniciais.

A 25 de março, a primeira página, circulada de vinhetas, ostentava, em grandes caracteres, a manchete: "O Echo de Palmares ao Ceará Livre - 25 de março de 1884". As páginas restantes divulgaram artigos de Getúlio Pinto, Leandro Cavalcanti, Dias Barroso, Álvaro Barbalho Júnior, João Francisco Torres Bandeira e Leonel Augusto da Costa, todos focalizando o feito da libertação dos escravos na Província do Ceará. Enfrentando dificuldades e incompreensões, o periódico não chegou a completar seu primeiro ano de vida, extinguindo-se com a edição de 29 de junho, cujo artigo de despedida explicou os motivos da suspensão definitiva, agradecendo a colaboração dos bem intencionados, para concluir: "Aos zoilos, que nos morderam desapiedados, o nosso soberano desprezo" (Bib. Púb. Est.).

## GAZETA DE PALMARES

Entrou em circulação a 11 de agosto de 1884, pequeno formato, com quatro páginas, sendo impressa em tipografia situada à Rua Bela, 3. Propriedade de Gaurino G. de A. Silva. Publicação semanal, assinava-se a 3\$000 por trimestre.

Lia-se no artigo de apresentação: "Trataremos, com interesse, do bem-estar desta localidade, especialmente sobre sua agricultura e comércio, sem nos filiarmos a qualquer grupo político".

A partir do nº 2, mudou de formato, aumentando para 40 x 26, páginas de quatro colunas e aspecto mais lisonjeiro. Seguiu, assim, existência normal, saindo aos sábados de cada semana. Sua matéria constituía-se de comentários gerais, alguns artigos assinados, folhetim, variedades e noticiário, sendo de anúncios a quarta página. Atingiu o nº 17 a 7 de dezembro do mesmo ano (Bib. Púb. Est.).

Sem que existam outros comprovantes, já raros, não parou aí a publicação, pois o Diário de Pernambuco, de 24 de dezembro, acusou recebido o número da Gazeta de Palmares do dia 21.

## JORNAL DE PALMARES

Ordem. Liberdade. Órgão de todas as classes. Verdade. Justiça. O nº 1 circulou no dia 01

de junho de 1891, formato de 37 x 28, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Redator e proprietário - João Dez, com redação e tipografia à Travessa da Matriz. Tabela de assinaturas: ano, 10\$000; semestre, 5\$500; trimestre, 3\$000; mês, 1\$000. Número avulso, 300 réis. Por artigos de interesse particular cobraria 100 réis por linha.

"Confiado na imagem sacrossanta do patriótico povo palmarense - lia-se no artigo de apresentação - é que se propõe a defender e pugnar pelo progresso de todas as classes e conscienciosamente trabalhar em prol do interesse desta localidade".

Abrindo, porém, a página, comunicou uma nota que os amigos do alheio haviam desfalcado a tipografia onde estava o Jornal sendo impresso, carregando grande quantidade de tipos. Concluiu com um apelo no sentido de que o material fosse devolvido. Uma carta circular, na segunda página, assinada por João Dez, rogava aos palmarense que não deixassem de fazer assinaturas do semanário, que só assim poderia viver.

Seguiu-se a circulação da folha, cada semana, porém intelectualmente fraca, embora divulgasse nomes de projeção como colaboradores, inclusive o de Martins Júnior, que jamais colaboraram.

Comentários, noticiário, versos de F. Ferreira e transcrições constituíam a matéria do também mal impresso periódico, sendo de anúncios a quarta página.

A publicação atingiu o nº 4 a 22 de junho(1) (Bib. Púb. Est.).

## **A SOGRA(2)**

Jornalzinho humorístico, circulou o nº único a 10 de outubro de 1891, formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Proprietários e redatores: Genro, Nora & Cia.

Órgão imparcial - rezava a nota de abertura- romperá "o véu misterioso que encobre certas faces nauseabundas, que causam asco à sociedade. Matrona de têmpera rija, jamais lhe farão recuar as pedradas dos garotos nem a zumbaia dos vadios, nem a cólera do criticado, nem a antipatia dos lords".

Seguiu-se uma apresentação em versos, assinada por Francisco Manuel Romão. Croniquetas satíricas, anedotas, versinhos e charadas completaram a edição (Bib. Púb. Est.).

## **SÃO JOÃO**

Tendo saído o primeiro número em 1892, na data correspondente, publicou-se o nº 2, ano

---

(1) Alfredo de Carvalho, nos Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1902-, mencionara o 1º nº como tendo sido o único Na coleção de Obras Raras da Biblioteca Nacional existe o nº 12 do Jornal de Palmares, datado de 1891, sem dia e mês.

(2) Não mencionado na relação dos "Anais", de Alfredo Carvalho

II (único comprovante existente), a 24 de junho de 1893, formato 26 x 19, com quatro páginas, impresso em papel azul, para vender-se o exemplar a 100 réis.

Sua matéria constituiu-se da necessária dose de sortes, em versos de sete sílabas; uma parte literária e outra de curiosidades. A redação esteve a cargo de Fulgido Gircannelburk e Guerra Lima (Bib. Púb. Est.).

## A SEMANA

Órgão Literário e Noticioso. Apareceu no dia 17 de julho de 1892, formato de 31 x 22, com quatro páginas a duas colunas de 16 cíceros. Propriedade de uma Associação, com redação e tipografia à Rua da Conceição, 29. Assinaturas: trimestre, 2\$000; mês, 1\$000.

"Botando de parte a política - dizia o editorial de abertura - desprezando a crítica, lançamo-nos no campo da literatura, a poesia dos nossos sentidos, o sentimento da nossa alma e o impulso de nossos corações. Sequiosos, esperamos sorver, em pequenos e demorados tragos, a prática, já que acordamos tarde para a teoria". Concluiu pedindo ao povo palmarense "apoio, proteção e desculpa".

Inseriu folhetim, "História", "passatempos", colaboração de Fernando Griz e outros, todos os principais escritos mandando continuar na edição seguinte (Bib. Púb. Est.).



Avistado o nº 13, de 8 de novembro, mantinha A Semana o ritmo inicial, mas transferido o trabalho gráfico para a rua Mauriti, 16 (Bib. Nac.)

Na edição seguinte - nº 14, de 20 de novembro - viu-se reduzido o preço das assinaturas para 1\$000 por trimestre e 0\$500 por mês (Bib. Púb. Est.).

Fábio Silva, Fernando Griz e Augusto Ramos não eram estranhos ao trabalho redacional do periódico, cuja publicação se estendeu até o nº 24, consoante notícia de 10 de maio de 1893, inserta no Diário de Pernambuco.

## **CORREIO DE NOTÍCIAS**

Semanário Noticioso e Imparcial. Entrou em circulação a 20 de novembro de 1892, formato de 31 x 23, com quatro páginas de três colunas. Propriedade e direção de João B. Wanderley, funcionando a redação e tipografia na rua Tenente-Coronel Austriclínio, 16. Assinava-se a 2\$000 por trimestre, mais 200 réis para fora da cidade; número avulso, 0\$160.

Surgiu, conforme o editorial de abertura, com o empenho de "viver de acordo com a verdade e com a justiça; ao lado da agricultura, essa mão fecunda, e do comércio e das indústrias em geral, particularizando no que se referir a este município. Teremos a nossa palavra em favor de tudo o que se prenda ao justo e honesto e, ampliando mais, em defesa das regalias popula-

res comprimidas, em defesa do povo que paga e sofre. Conservamos neutralidade em questões políticas".

Com a colaboração de Fernando Griz, Samuel Martins e outros; folhetim; a seção "Painel", de curiosidades; "Seção Noticiosa"; Pensamentos e anúncios, que enchiam uma a duas páginas; circulando quinzenalmente, a publicação atingiu o nº 10 - ano II - no dia 15 de abril de 1893. Prosseguiu, às vezes semanalmente, editando-se o nº 24 (último manuseado) a 25 de agosto, já estabelecido em 7\$000 o preço da assinatura anual, cobrando 40 réis por linha de artigos e anúncios dos assinantes ou 100 réis dos não-assinantes (Bib. Púb. Est.).

"À custa das maiores dificuldades" manteve-se a folha até o mês de setembro. Seu proprietário, João Batista Wanderley, escreveu, depois, ao Diário de Pernambuco (edição de 1 de outubro de 1893), declarando que havia suspenso a publicação, temporariamente, enquanto fazia reparos na oficina gráfica. E não houve mais notícia do Correio de Notícias.

## O CORISCO

Saiu a lume no dia 5 de dezembro de 1892, em formato de 18 x 13, com quatro páginas de duas colunas. Redatores: João Genuíno de Oliveira e João Dez, instalados na Rua do Bom Destino, 18. Assinaturas: trimestral, 1\$000; mensal, 0\$500. Número avulso, 40 réis. As pu-

blicações seriam "feitas mediante prévio ajuste e pagamento adiantado".

Mais doutrinário do que programático, o editorial de apresentação, sob o título "nosso futuro", assim concluiu: "Quando a imprensa brada às massas populares, todas a escutam com prazer, e hoje em dia ela é o arauto do porvir, o consolo dos que sofrem, porque nela encontram um bálsamo que os suaviza. Quando ela se cala, o porvir antolha-se mais tenebroso e a fúria popular rompe os diques que represam sua paciência motejada".

A edição de estréia teve a colaboração de José Pereira Ramos, com um brado de alerta ao operariado, contra a exploração. Seguiram-se versos humorísticos de Zed, algumas notícias e a seção de irreverências "Corre como certo...".

Publicação semanal, mas em dias indeterminados, seguiu sua meta. No nº 3, do dia 22, exibiu a seguinte tabela de assinaturas: ano, 4\$000; semestre, 2\$000; mês, 0\$500, majorada no nº 5, de 5 de janeiro de 1893, para 6\$000, 3\$000 e 0\$600, respectivamente, uma vez que, segundo a redação, as despesas se multiplicaram. Em compensação, cresceu o formato para 30 x 21, a três colunas de composição, tendo transferido a redação para a Rua Nova, nº 7.

A matéria d'O Corisco, dividia-se em comentários, noticiário, crônicas e poesias, a salientar os "Piparotes", de Cabrion, e os "Des-

pachos da redação". Também inseria anúncios(1).

Circulou, pelo menos, até o nº 8, de 26 de janeiro(2). (Bib. Púb. Est.)(3).

## O RAIO

Periódico de chacotas e risotas. O nº 1, ano I, publicou-se a 28 de janeiro de 1893, formato de 25 x 18, com quatro páginas. Corpo de redação: Bocage Júnior, Juvenal Moderno, Bicho Tatu, Frei Mocó e João Doze. Preço do exemplar: 40 réis, destinando-se a sair em dias indeterminados.

---

(1) Nos primeiros números d'O Corisco, a quarta página era dedicada a um anúncio do redator João Dez, pintor de "desenhos, paisagens, painéis e panoramas". Nela incluíam-se os versos chistosos "Custa pouco para ver", a salientar as quadras abaixo:

O melhor pintor daqui  
É o chamado João Dez;  
Pinta a cara e pinta os pés  
De quem disto duvidar.  
Cá por um certo precinho  
Que admira o freguês,  
Trabalho bom, bonitinho,  
Vai fazendo João Dez.

Quem quiser experimentar  
Custa pouco para ver;  
Chame-o para trabalhar,  
Que não se há de arrepender.

(2) Para os "Anais", de Alfredo de Carvalho, O Corisco tinha cessado de existir com o nº 5.

(3) Coleção desfalcada.

Segundo a apresentação, a folha encarregava-se, "simplesmente, de animar o belo e útil e espancar, com todas as suas forças, o mal pela gargalhada".

Ainda no editorial, atacou o jornalista João Dez(1) e seu periódico O Corisco, fazendo-o, igualmente, nos versos "Estreando...", de Juvenal Moderno, como a seguir:

Leitores, dissei-me agora,  
Se estou aqui por favor;  
Falem-me, sim, com franqueza,  
Esse João Dez é escritor?

A edição inseriu a seção "De boca em boca"; crônicas e epigramas, tudo em obediência ao programa.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## ARCHIVO LITTERARIO PALMARENSE

Revista mensal, iniciou sua existência em junho de 1893, no diminuto formato de 15 x 10½, com 32 páginas, afora a capa, esta, simples, em papel azul. Propriedade e direção de Fernando Griz e Fábio Silva, funcionando a redação na praça do Mauriti, 25/27. Assinatura trimestral, 1\$500. Preço do exemplar, 600 réis.

---

(1) Alfredo de Carvalho mencionara o nome de João Dez como redator (único) d'O Raio.

No editorial de apresentação, assinado, diziam os diretores nutrir, tão somente, a pretensão de trabalhar "pelo progresso das letras pátrias" e de cultivar sua "curtíssima inteligência", solicitando, para isso, a coadjuvação do público.

O primeiro número inseriu seis diferentes produções poéticas de Fernando Griz e outras de Fenelon Ferreira, João Sabino Pereira, C. A. L., Artur H. Silva, Bilbot Fagundes e Agoldoal, com apenas três páginas de prosa, tudo entremeado de logogrifos e charadas, a cargo de Abelardo, Ganimedes Júnior, José Sensaborias, Augusto Ramos e outros especialistas no assunto, havendo prêmios da redação para os decifradores.

Seguiu-se a publicação regularmente. No nº 4, de setembro, declarava uma nota de abertura: "Em virtude do fraco concurso prestado pela população desta cidade ao nosso tentámen - como já dissemos no número anterior - resolvemos criar uma associação para sustentáculo de nossa revista que, do presente número em diante, será vendida avulsa pelos associados, que são: os seus diretores e os Srs. Carlos Silva, Luna Júnior, Crispo Correia Crespo, Vicente Luna, Lourenço César e João Carvalho, a quem devem se dirigir aqueles que quiserem possuir o Archivo Litterario".

Baixou, então, o preço do exemplar para 200 réis, continuando o mesmo total de páginas, nelas predominando o bem palmarense setor da poesia, com a participação de outros colaborado-

res, tais como: José S. Lima, Ismael Silva, Sigismundo Teixeira, Leodegário Varejão, Fábio Silva, Ribeiro da Silva e Manuel da Cunha Vasconcelos.

O último número avistado do interessante magazine foi o 5º, datado de outubro do mesmo ano(1) (Bib. Púb. Est. e Bib. do Museu do Açúcar)(2).

Ainda foram divulgados: o nº 6, em novembro e o nº 7, em dezembro, este registrado através do noticiário do Diário de Pernambuco, de 16 de janeiro de 1894.

## A CARTILHA

Folha semanal. O primeiro número foi publicado no dia 24 de novembro de 1893, formato de 38 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Redator principal - Samuel Martins; diretor gerente - João Batista Wanderley. Dizia-se impresso no Atelier Tip. d'A Cartilha, à Rua Conselheiro João Alfredo, 50. Assinaturas: semestre - 4\$500; trimestre - 2\$500; para fora da cidade: 5\$000 e 2\$800, respectivamente. Preço do exemplar - 200 réis.

---

(1) Alfredo de Carvalho, no "Anais", registrou, apenas, a existência do nº 1, fazendo-o interrogativamente.

(2) Só existem comprovantes, na Biblioteca Pública do Estado, dos dois primeiros números. O 3º, 4º e o 5º, por sua vez, são os únicos encontrados na Bib. do Museu do Açúcar.

Iniciando o texto com as seções "Almanak", "Expediente" e "Memorabilia", seguiu-se o editorial de apresentação, no qual, depois de salientar a necessidade da instituição da imprensa em face dos grandes problemas sociais, frisou que A Cartilha tinha por norma "a verdade acima do escândalo". Não teria "política nem ligações convencionais" para fazer "do dia noite, do bom o mau", concluindo: "Todos os homens e todos os fatos serão apreciados e analisados à luz serena da imparcialidade".

Em nota mais adiante assinada, salientou João Wanderley: "Os assinantes que pagaram adiantadamente o Correio de Notícias até dezembro só terão que fazer novos pagamentos depois de saldado o débito contraído por aquele periódico".

J. L. iniciou a seção "A rua", destinada "a comentar os fatos mais importantes" da cidade, e "revelar ao leitor o que de mais palpitante houver pela grande arena das letras".

Teve A Cartilha a colaboração de Fenelon Ferreira e Ismael Silva e adotou as seções "Jogo de espírito" e "Coluna popular", afora o noticiário e a quarta página de anúncios.

Prosseguiu, nesse ritmo, pelo menos até o nº 3, de 10 de dezembro(1) (Bib. Púb. Est.).

---

(1) No seu registro, Alfredo de Carvalho mencionou, apenas, a existência do nº 1 d'A Cartilha.



## PEQUENO CORREIO

Saiu a lume no dia 4 de dezembro de 1893, formato de bolso, ou seja, 15 x 11, com quatro páginas de duas colunitas. Proprietários e redatores: Manuel Monteiro e Benigno Lagreca, com escritório e redação na Rua Conselheiro João Alfredo, 11. Devia publicar-se mensalmente, cobrando aos assinantes 2\$000 por trimestre e 0\$800 por mês, ou 2\$600 e 1\$000, respectivamente, para fora da cidade.

Do naturalmente conciso editorial de apresentação constou que a folha só trataria dos interesses da localidade. Era "o tentamen de alguns jovens que faziam seus primeiros ensaios nas letras", pedindo, por isso, o "valioso auxílio" do público.

A edição inseriu algumas notícias em poucas linhas, quadras humorísticas, de Zé Chumbinho e Zé Bicudo, e poesia romântica de C. F.

Teria ficado aí a publicação (Bib. Púb. Est.).

## NOVO ECHO

Sem que exista comprovante da edição de estréia, publicou-se o n° 2 no dia 30 de outubro e o n° 3 a 15 de novembro de 1894, formato de 38 x 28, com quatro páginas de duas colunas e excessivas margens em branco. Diretor, Felton Ferreira; redator principal, Fernando Griz, com escritório na Praça do Mauriti, 2, 1° andar. Pu-

blicação quinzenal, assinava-se a 2\$000 por trimestre, custando 400 réis o número avulso.

Servindo de matéria variada, iniciava-a bem elaborado editorial, seguido de seções curiosas, tais como: "Notas a lápis", por Toscano Mártir; "Na rua", a cargo de Aspha Desoja; "Perfis", de Zeno; e produções outras, em prosa e verso, de Fábio Silva, Lúcio Florestal, A. M., Alfredo Lira, E. V. Santos e F. Deodato Lins.

Outro exemplar manuseado foi o nº 1, ano II, de 15 de fevereiro de 1895, acrescido o corpo redacional dos nomes de José Lima e João Carvalho. Como prometera no "último número de dezembro", ressurgia, "defendendo as mesmas idéias, sustentando o mesmo programa traçado em seu primeiro número".

Apresentava melhor aspecto material, páginas de três colunas de composição, mas excedia de uma página a quota de reclames comerciais. Passaria a circular "de dez em dez dias" (Bib. Púb. Est.).

Não existem outros comprovantes, nem os diários recifenses contemporâneos transmitiram qualquer informe em torno do prosseguimento da publicação. Mais de 60 anos decorridos, o escritor Tadeu Rocha(1) fez a revelação de que o Novo Echo fora impedido, em março de 1895, de continuar sendo impresso nas oficinas gráficas da Ferrovia Sul de Pernambuco (?), mediante

---

(1) Reportagem histórica sobre Palmares, na edição de 2 de dezembro de 1956, do Diário de Pernambuco.

determinação do Governo, por haver condenado, em artigo, o assassinio do líder político José Maria de Albuquerque Melo.

## O PROGRESSO

Publicação semanal, redigida por Adriano Coimbra Pinto, Manoel Monteiro de Carvalho e João Genuíno de Oliveira, teve o seu primeiro número em circulação a 7 de fevereiro de 1897, formato de 27 x 19, três colunas, com quatro páginas. Instalado com redação à rua Visconde do Rio Branco, 4, adotou o preço de 5\$000 e 5\$500 para a assinatura semestral, respectivamente, dentro e fora da cidade, vendendo-se o número avulso a 300 réis.

No artigo-programa, prometia ser noticioso, literário e artístico, acentuando: "A pornografia jamais achará amparo em suas colunas, abertas essencialmente aos artigos instrutivos, com intuitos moralizadores; bem como não admitiremos quaisquer escritos que ao menos de leve vão ferir o delicado lar da família. O Progresso, quando não tenha aparência política, não deixará de tecer louvores a esta pátria amada, que inditosamente vai atravessando a grande crise que nos trouxe a má orientação dos seus reorganizadores. Para obtermos, porém, a consecução das nossas aspirações, precisamos do apoio forte do artista, do industrial, do funcionário, do amigo".

Precedendo o editorial, declarava a nota "Prevenção necessária": "Facultamos a colabora-

ção, nestas colunas, àqueles que no-la enviarem, sem fazermos distinção dos que já são conhecidos nas letras nem dos que, pouco afetos ainda às lidas da imprensa, apenas começam a publicar seus artigos; por isso que, este periódico tem por fim estimular o gosto pelas letras e de nenhum modo excluir, sem motivo poderoso, os escritos que porventura não estejam organizados com muito método, estilo e toda a correção gramatical, que são o apanágio dos mestres". Mas - concluía - "os colaboradores são responsáveis por seus artigos".

O primeiro número da folha apresentou-se exclusiva e fartamente noticioso, com anúncios na quarta página. Já o segundo, um pouco aumentado de tamanho, inseriu artigos assinados por Leonel Costa e B. L. e versos de Fernando Griz e, no quarto, iniciava-se a série "Noções de belas artes", pelo professor Aires Gama, a par de um conto de José Quintino, diminuindo o noticiário, ao passo que a última página era sempre dedicada a matéria rendosa.

Entretanto não teve meios de prosseguir O Progresso a sua jornada. Suspenso, só voltou à tona a 20 de março de 1898, sem mencionar corpo redacional. Apresentou-se "firme e nobre como o soldado licenciado que ressurgue sem relutância ao serviço ativo de suas fileiras", prometendo "bater-se no luminoso campo da luta pelo direito e desenvolvimento sociológico dos seus ilustres conterrâneos". Os assinantes, que tinham pago o semestre adiantadamente, ficaram

recebendo o jornal, em sua nova fase, pelo período de mais quatro meses.

Impresso, então, na Tipografia Moderna, situada, com a redação, à Praça Mauriti, 109, o periódico prosseguiu vida normal, obedecendo ao mesmo programa noticioso, literário e comercial, com a colaboração permanente de Fernando Griz e dos novos: Ismael M. Silva, Gerôncio de Borba Carvalho, C. A. L. e outros, além das crônicas de Gilberto, Sílvio e Temístocles e a bem arejada seção de versos humorísticos "Pimentões", de Manoel da Hora.

Divulgado o n° 18, de 17 de julho, terminou o primeiro semestre d'O progresso, no seu segundo ano (Bib. Púb. Est.).

O n° 19, do dia 24, iniciou o segundo semestre, solicitando a redação, para que não tivesse termo o prosseguimento da jornada, o concurso, também, "dos cidadãos residentes no interior" (Arquivo de Francisco Rodrigues).

Além dos comprovantes manuseados, a publicação continuou, pelo menos, até o n° 30, conforme registrou o Diário de Pernambuco de 13 de outubro de 1898.

## **O BILONTRA**

Circulou o n° 1 no dia 1 de maio de 1898, formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Redator-gerente, João Demétrio de Meneses; redatores...diversos. Impresso na Tip. Moderna, anunciava ter redação na Praça do

mercado, 44. Assinava-se a 2\$000 por trimestre, com acréscimo de 0\$500 para fora da cidade.

Constava do artiguete de abertura: "A missão deste órgão da filha de Guttemberg é ser noticioso, literário e divertir, com a facécia espirotuosa, com a pilhéria agradável, a massa incommensurável dos seus leitores", acrescentando: "Não ofenderá nunca a mais melindrosa suscetibilidade: não personalizará nem adjetivará alguém". Em conclusão: aceitava "a generosa colaboração dos amigos da literatura faceta".

A edição divulgou trabalhos ligeiros, assinados por J. C., Carmério e Capisco: a seção "Coisas... divertidas" e variedades.

O nº 2, de 25 de maio, incluiu a colaboração de Aliquis e Gregório. Continuaria...(1) (Bib. Púb. Est.).

## O BEIJA-FLOR

Periódico Republicano. Veio à luz da publicidade no dia 12 de agosto de 1898, formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Proprietário, José P. de Melo; diretor e chefe, Luiz Gonzaga; gerente, José Sobreira. Impressão da Tip. Moderna e redação à rua Nova, 61. Assi-

---

(1) Continuou, naturalmente, haja vista a seguinte citação de J. Demétrio, na edição de 24/07/1898, do periódico O Progresso: "...umas quadras publicadas n' O Bilontra, de 15 de junho".

Nos "Anais", Alfredo de Carvalho mencionara, apenas, o nº 1 e único, fazendo-o interrogativamente.

naturas: ano, 8\$000; semestre, 4\$500; trimestre, 2\$500; mês, 1\$000. Número avulso, 300 réis.

Era seu objetivo, consoante a nota de apresentação, "trabalhar pelo município e pela cidade", sempre ao "lado dos que guardarem a Constituição de 24 de fevereiro, que é o escrínio sagrado de nossa liberdade".

Divulgou comentários ligeiros e noticiário local, a par de poesias do diretor e do gerente.

O nº 2 saiu no dia 23, obedecendo ao mesmo ritmo. Abriu com um editorial, em que pedia aos palmarenses contribuição e auxílio à imprensa, a fim de que esta pudesse "atingir à perfectibilidade".

Ao contrário, não pode O Beija-Flor atingir nem o terceiro número (Bib. Púb. Est.).

## O PROGRESSO

Folha semanal, surgiu no dia 25 de março de 1900, formato de 47 x 31, com quatro páginas de quatro boas colunas de composição. Tendo escritório e oficina gráfica à Rua Conselheiro João Alfredo, 12, estabeleceu a seguinte tabela de assinaturas: ano, 10\$000; semestre, 6\$000; mês, 1\$000, mediante pagamento adiantado, cobrando, para fora da cidade, a despesa do porte. Redatores: Fenelon Afonso Ferreira, João Pacífico Ferreira dos Santos, Fausto de Figueiredo, Fábio Silva e Manuel Monteiro, este último proprietário da Tip. Moderna, aos quais se uniu, logo no terceiro número, José (da Silva) Lima,

completando-se a turma, no nº 15, com o nome de Elias dos Santos Júnior.

Apareceu O Progresso, consoante o artigo-programa, para "satisfazer à mais palpitante necessidade" do município, preenchendo uma lacuna. Não seria um jornal político propriamente, dispendo-se a velar por tudo o que representasse progresso e desenvolvimento, e principalmente "orientar os seus leitores sobre os fatos que se desenrolarem no vasto cenário do país e do Estado; noticiar, com a máxima fidelidade, todos os acontecimentos que de qualquer forma possam interessar à comunidade, auxiliar o comércio do município com o anúncio de seus produtos; prestar serviços à agricultura, às artes, às letras, à família palmareense...".

Iniciando a seção "Semanais", Fábio Silva (que depois assinaria Silvio do Val) focalizou "o renascimento da imprensa em Palmares, frisando: "Há meses desaparecia este jornal, após ligeiro tirocínio, deixando de sua passagem, qual estrela errante, um trilho amortecido a resvalar no espaço". E noutra tópicamente: "Assentamos de re-entrar no acampamento sombrio: as lanças partiram-se e os capacetes perderam a cor e a forma; mas ao nosso lado vemos agora combatentes, robustos e ousados - penas em riste para a investida contra o erro e o mal".

Jornal bem redigido, conservou-se à altura do seu programa, inserindo comentários sempre relacionados com a vida econômica, administrativa e social do município; vasto noticiário lo-



cal; "Seção de bom humor", a cargo de Joca & Quinquim; "Indicações úteis" e uma página de anúncios. Manteve, sobretudo, boa parte de Literatura, em prosa e verso, a destacar artigos de Luiz Lambert; as seções "De bicicleta", por X. Y. Z. (como se assinava Fausto de Figueiredo) e "Solfejos", em versos, de Tacio Tarlatana; artigos (sem o emprego de verbos) de Ciro Damasco (pseudônimo de Celso Duperron); crônicas avulsas de Crisântemo, o mesmo José Lima, sendo outros colaboradores Fernando Griz ou F. Zirg, o dos Murmúrios; Carlos Coelho, Senegoitna, Nilo da Rocha, Álvaro Castro Meneses, Firmino de Figueiredo e E. Dubiel, predominando, porém, a produção dos redatores, a salientar João Pacífico dos Santos, o Anatólio Nahum da seção "Instantâneos".

As edições de 6 e 13 de maio(1) dedicaram a primeira página à comemoração do descobrimento do Brasil (valendo o dia 3 de maio) e da Abolição da Escravatura, datas saudadas com palavras cheias de civismo, em caracteres graúdos, num quadro de vinhetas.

Sem nenhuma lacuna, prolongou-se a existência do periódico até 30 de agosto, quando saiu o nº 23(2), tendo a primeira página dedicada

---

(1) A edição d'O Progresso, de 13 de maio, noticiando a festa natalícia do redator (vice-prefeito) Fenelon Ferreira aludiu a uma edição especial, em forma de poliantéia comemorativa, impressa a ouro em setim azul e róseo. Dela não resta comprovante.

<sup>2</sup> No registro dos "Anais", Alfredo de Carvalho mencionou, apenas, a edição de estréia.

ao falecimento de Eça de Queiroz. através de artigos de Fábio Silva e Nilo da Rocha. Fora suspensa a publicação para efeito de reforma material. propondo-se a reaparecer em breve tempo. o que não conseguiu (Arq. Púb. Est.).

## A GANGORRA

Critica e noticiosa. Surgiu no dia 14 de outubro de 1900. formato de 23 x 17. com quatro páginas e redação situada à Avenida 13 de Maio, 2. 1º andar. Redatores: Dr. Lampadius. Dr. Lerroy. Dr. O. Fueux. Dr. Joseph Volier. Dr. Anderson Amaro e Dr. Tarch Basson. Sua apresentação foi feita em versos, a salientar a primeira e a última quadras:

Com a morte d' O Progresso.

Tanta tristeza aqui jorra.

Que. para alegrar o povo.

Saí. hoje. à luz A Gangorra.

Ela desfaz a tristeza,

As aflições. a modorra;

Bons ditos, riso e pilhérias,

Eis de que consta A Gangorra.

O Bem feito jornalzinho divulgou interessante matéria. assinada pelos pseudônimos mencionados no corpo redacional. não sem alguma dose de humorismo (Bib. Púb. Est.).

Embora a ausência de outro comprovante, ainda circulou o nº 2 (e último), cujo aparecimento foi noticiado, a 30 de outubro, pelo Diário Recifense Gazeta da Tarde.

## CLUBE LITERÁRIO DE PALMARES

Número único, circulou no dia 23 de outubro de 1898, como homenagem da diretoria ao Clube, pela passagem do 16º aniversário de sua fundação. Impresso no Recife, na oficina d' A Província, apresentou-se em papel couchê, no formato de 33 x 22, com quatro páginas, a primeira das quais circulada de vinhetas, nela figurando as palavras de saudação, assim terminadas: "Glória à Instrução!"

As três páginas restantes da poliantéia, abrindo com editorial sobre a fundação do Clube Literário, inseriram: "Álbum dos visitantes", versos de Fernando Griz e artigos de Manuel Henrique Wanderley, José de Lima, Fábio Silva, Antão Souto e S. L. (Bib. Púb. Est.).

## POLYANTHÉA EM HOMENAGEM A CHRISTO REDEMPTOR

Distribuido por ocasião da grande romaria, no dia 31 de dezembro de 1900. Circulou em benefício das obras da Matriz de Palmares, pequeno formato, com oito páginas, mais a capa em papel couchê, circulada de vinhetas, tendo ao

centro a imagem de Cristo. Contou com a aprovação eclesiástica.

A matéria constou de noticiário alusivo e artigos assinados por Fábio Silva, Leonel Costa, Modesto Montenegro, Vigário Bastos e outros (Bib. Púb. Est.).

## **POLYANTHÉA DA CIDADE DE PALMARES EM HOMENAGEM AO REDEMPTOR**

Saiu a lume na mesma data da precedente, com apenas quatro páginas, obedecendo ao formato de 22 x 16.

Inseriu dois únicos artigos, sobre Jesus Cristo, assinados por João Pacífico dos Santos e pelo padre Jonas Taurino de Andrade (Bib. Púb. Est.).

## **O CORREIO**

Folha semanal, dirigida por João Demétrio de Meneses, entrou em circulação a 31 de agosto de 1902, formato de 38 x 27, a três colunas, com quatro páginas. Impresso na Tip. Moderna, estabeleceu o preço de 3\$000 pela assinatura dos quatro meses restantes do ano.

Segundo a nota de apresentação, surgia o período "numa época de desoladora apatia intelectual", quando o campo se achava "livre para novos lutadores e, provavelmente, para novos vencidos". Seus "redatores e auxiliares, jovens quase todos e quase todos entusiastas das le-

tras", dispunham-se a combater tal apatia, acrescentando: "para consegui-lo, O Correio não visará fins políticos nem será partidário; vem trabalhar pelo desenvolvimento do comércio, da indústria e da agricultura; será noticioso e se ocupará de assuntos locais que possam interessar aos leitores; seu fim principal consistirá em contribuir, quando em si couber, para o engrandecimento material e intelectual do município".

Constituiu-se a matéria da edição de estréia de sucintos artigos de Jodemeses e Nilo Rocha; soneto de Djalma de Melo; a seção "Galhofando", em versos, por +++; "Salão de Recreio", charadas, por Zefiro e variado noticiário miúdo, entremeado de reclames-foguetes, sendo a última página de anúncios.

A publicação seguiu ritmo normal, admitindo novos colaboradores, tais como: Gerôncio de Carvalho, Manuel Monteiro, Fernando Griz, Silvano, Silene, Lício, Domício Rangel, Júlio Amaral, M. Montenegro, Arcelino Lins, Afonso Marinho e outros. A edição de 15 de novembro dedicou sua primeira página à comemoração da data da proclamação da República, num quadro em vinhetas, com dizeres alusivos, encimado com as armas do novo regime. Terminou o ano com o nº 18, de 30 de dezembro, quando, em artigo assinado, o diretor J. Demétrio historiou as vicissitudes por que havia passado o jornal, para finalmente vence-las, evitando que ele tombasse "na vala comum".

Só reapareceu - nº 1. ano II - a 15 de fevereiro de 1903. estipulando em 4\$000 a assinatura até 30 de junho e em 9\$000 até o fim do ano. Mais adiante, a 23 de junho, estabelecia o preço de 5\$000 por semestre. Desde o nº 4. lia-se, à esquerda do título: "Neutro em política" e, do outro lado: "Publica-se aos sábados".

Melhorando as condições de sua oficina gráfica, transferidas da Rua Conselheiro João Alfredo, 19, para a Rua Coronel Austriclínio (antiga Estrada Nova), nº 1, pode O Correio aumentar o formato para 44 x 31, a quatro colunas de composição, tornando-se "Semanário Comercial, Agrícola e Noticioso". Como correspondente no Recife, apareceu o nome de João Claudino, que era João Cláudio Carneiro Campelo. Outros colaboradores surgiram, como João Batista Lusitano, Ribeiro da Silva, Grato Varela, Augusto Galvão, J. Pacífico dos Santos, Crisântemo (pseudônimo de José Lima), etc. Paralelamente, aumentava o contingente de anúncios para quase duas páginas.

Escreveu o diretor-proprietário João Demétrio, na edição de 29 de agosto: "Mau grado a série interminável de provações e dificuldades por que tenho passado, consegui sempre ver o dia memorável e para mim sobremodo grandioso do primeiro ano de existência d'O Correio, podendo afirmar, solenemente, sem receio de protestos à minha ascensão, que nesse peregrinar de doze meses, pela estrada tortuosíssima da imprensa, perdi muito de vida e tranqüilidade espiritual, lucrando apenas um pouco de luz bebida em lar-

gos haustos no livro grande, sublime que encerra a historia dos povos e se chama - o jornalismo".

Sobre a data escreveram, também, Sileno e João Cláudio, tendo a primeira página da edição comemorativa prestado homenagem a Guttemberg.

Prolongou-se a existência do bem feito periódico até o nº 36, de 22 de dezembro de 1903 (Bib. Púb. Est.).

## A IDÉIA

Semanário Literário e Noticioso. Fundado a 15 de agosto (faltam comprovantes das três primeiras edições), publicou-se o nº 4 no dia 17 de setembro de 1903, formato de 34 x 24, com quatro páginas de três colunas. Propriedade de uma associação, tinha como gerente Manuel Alves Bezerra, sendo impresso na Tip. Moderna, localizada na rua Coronel Austriclínio, 16. Tabela de assinaturas: semestre, 4\$000; trimestre, 2\$500; para fora da cidade, mais 0\$500 de porte.

Outros exemplares manuseados foram nº 7, de 08 de outubro, quando o cabeçalho passou a acusar: Semanário Independente, e o nº 11, de 07 de novembro, vendo-se, neste último, substituído o gerente por Arcelino Lins, por sinal que um dos colaboradores, na parte poética.

A par de editoriais e noticiários, A Idéia mantinha as seções: "Troçando", em duas quadras de 7 sílabas, por José Atalaia; "Muito de Leve", a cargo de Nahum (pseudônimo de João

Pacífico dos Santos); "Para rir"; "Em revista", por João Paulo; "Recreio", de charadas, etc., além de produções assinadas, em prosa e versos. A quarta página só comportava reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

## A ORTIGA

Periódico Humorístico e Ilustrado. Saiu a lume no dia 23 de agosto de 1903, formato de 25 x 18, com quatro páginas de texto, mais quatro de capa, em papel de cor, acetinado, bastante transparente. Apresentou o desenho de um indivíduo de riso aparvalhado, sobraçando A Ortiga e uma pena de pássaro, tendo abaixo a legenda: "Verdadeiro tipo da imprensa" e, num quadro ao lado, completando a página de frente, as seguintes palavras: "Nada mais é a imprensa do que isto: um tipo de cara alegre a expor à vista do público uma multidão de idéias dadas à luz nuns partos dolorosos de cérebros cansados". Trabalho material da Tip. Moderna.

As páginas do texto, que foram cinco, incluindo a penúltima da capa, abriram com o Expediente, onde se lia: "Número avulso, um níquel de réis", seguido do artigo-programa, assim terminado:

"A Ortiga sempre há de fazer alguma coisa em bem do Riso, contra a tristeza, a dura tristeza. Queremos humorismo e, para nossa garantia, contamos com os melhores humoristas palmaren-



ses. O público, depois, julgará desta publicação que, certamente, merecerá o seu franco aplauso".

Realmente, o chiste da época e mais a sátira campearam, em prosa e verso, nas colunas da revistinha, só assinada a matéria através de pseudônimos, tais como: Fotógrafo, Belizário, Lulu Gonzaga, Coveiro, Cifipoca e outros.

Muito boazinha, A Ortiga, mas não passou da edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

## A REACÇÃO

Semanário Literário e Noticioso. Entrou em circulação a 30 de agosto de 1903, obedecendo ao formato de 37 x 26, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Diretor-proprietário, Vicente Maia Barreto, funcionando a redação na rua da Conceição, 27 e imprimindo-se na Tipografia Moderna. Assinaturas: semestral, 4\$000; trimestral 2\$500.

O editorial de apresentação, intitulado "Continuando...", dizia que A Idéia abriu o caminho e a semente germinou. Aconteceu que Vicente fundara o mencionado órgão, mas logo se viu afastado da redação. Daí resultou A Reacção, "erguendo-se como um paladino de antigas eras do próprio chão da luta".

Edição modesta, ocupou a primeira página um retrato do Juiz Francisco Botelho de Andrade, seguindo-se-lhe a biografia; mais Pensamentos, versos humorísticos de Sednas e Novo Tobi-

as; noticiário, solicitadas e a quarta página de anúncios (Bib. Púb. Est.).

Não existem outros comprovantes. Segundo os "Anais", a publicação estendeu-se até o nº 7, de 11 de outubro.

## **A VERDADE**

Órgão do Centro Espírita de Palmares. Começou a circular em setembro de 1903, formato de 30 x 20, com quatro páginas a duas colunas de 14 cíceros, matéria batida. Imprimiu-se em tipografia própria. Publicação mensal.

Lia-se no editorial de apresentação: "Desejando ser compreendidos, a nossa palavra será simples, fria e impassível. Procuraremos dar à nossa linguagem o tom da delicadeza e urbanidade, sem usar de epítetos dos que não têm bom senso ou são apaixonados". E acentuou: "Serão nossos adversários o erro e a inverdade, e não os homens, porque a todos consideramos irmãos".

No segundo número, lembrou a redação que A Verdade era distribuída gratuitamente, mas aceitava qualquer auxílio pecuniário, devido às despesas feitas com a tipografia, ainda necessitada de melhoramentos.

Circulou regularmente, divulgando matéria doutrinária e noticiosa, inclusive através de transcrições. Entre os colaboradores salientava-se O Observador (pseudônimo de Rafael Mari).

Publicaram-se sete edições(1), com exclusão do mes de fevereiro, a última das quais datada de abril de 1904 (Bib. Púb. Est.).

## A INFÂNCIA

Publicou-se a 26 de outubro de 1903. Mencionado, sem pormenores, por André Beda Cavalcanti (Diário da Noite, 30/10/1954).

## A GAZETINHA

Órgão Recreativo. Entrou em circulação no dia 5 de novembro de 1905, formato de 20 x 14, duas colunas de composição, com quatro páginas. Entrelaçada no título, trazia a sentença: "Labor super omnia". Propriedade de um Grupo Infantil, imprimia-se na Tipografia Moderna (onde funcionava a redação), à rua Coronel Austriclínio (antiga Estrada Nova), nº 16. Gerente, Letácio Montenegro. Preço da mensalidade, 300 réis.

Publicação semanal, teve seguimento regular, inserindo literatura juvenil e noticiário ligeiro.

Ao completar 21 edições, a direção do pequenino periódico resolveu mudar-lhe o nome para Gazeta de Palmares, a fim de "evitar complicações", uma vez que havia outro jornal, na

---

(1) Alfredo de Carvalho registrara o nº 5, de janeiro de 1904, como tendo sido o último, baseado, naturalmente, na coleção incompleta existente no Arquivo Público Estadual.

capital cearense, com o mesmo título. Concluiu o redator: "vai o jovem órgão entrar como que no seu período de puberdade".

O último número foi divulgado a 25 de março de 1906 (coleção Jaime Montenegro)(1).

## O DIREITO

Órgão "reformista", noticioso e literário", iniciou sua publicação, segundo notícia do Diário de Pernambuco, de 19 de janeiro de 1906, prometendo sair quinzenalmente.

Trazia, segundo Alfredo de Carvalho, a divisa: "A César o que é de César. Ao povo o que é do povo"; custava 1\$200 a assinatura trimestral, vendendo-se o número avulso a 100 réis, e tinha como redatores Adalberto Marroquim, M. Griz Filho e M. Peixoto.

Não restam comprovantes d'O Direito, do qual poucos números foram publicados. Não passou do 5º, registrado pelo Diário de Pernambuco (que acompanhava) de 20 de março do mesmo ano.

---

(1) A coleção manuseada consta, apenas, de números esparsos.

## O CARNAVAL

Jornalzinho noticioso e de troças, dedicado aos três dias de entrudo, circulou no dia 5 de março de 1906 (Inf. d'A Gazetinha).

## GAZETA DE PALMARES

Órgão Literário e Noticioso. Publicação semanal, começou a circular a 8 de abril de 1906,(1) em substituição a A Gazetinha, cuja propriedade foi adquirida por Letácio Montenegro, que lhe alterou a feição infantil, aumentando o formato para três colunas (29 x 20). Redatores admitidos: Gerôncio Borba, Demócrito de Almeida, Modesto de Almeida Montenegro, Fenelon Ferreira e José Lagreca. Impressão da tipografia Moderna.

Jornal interessante e bem impresso, apresentava matéria variada, incluindo colaboração de Eugênio de Sá Pereira, Elisa de Almeida Cunha, Pereira de Castro, etc.

Circulou com regularidade e, na edição de 1 de setembro de 1907, retirava-se Letácio Montenegro do cabeçalho, passando a propriedade do periódico a seu pai, Modesto de Almeida Montenegro. Ficou Gerôncio Borba na chefia da redação, tendo como redatores auxiliares, apenas, José Lagreca e Fenelon Ferreira, este só até o

---

(1) Não, como está nos Anais, a 05 de novembro 1905, data do aparecimento d'A Gazetinha.

fim de outubro. Novos colaboradores: João Grilo e Sebastião Siqueira. Publicava-se ora na terça-feira, ora na quarta, ora no domingo, prevalecendo, finalmente, o último dos dias mencionados.

Dando como data de sua fundação a do aparecimento d' A Gazetinha, festejou o segundo aniversário a 5 de novembro de 1907, escrevendo o editorialista: "A Gazeta, se revendo na data do seu aniversário, fazendo um balanço no passado dos dois anos de luta, certo não se julga na inatingível posição de moeda que a todos agrada; porém, está convicta de ter desempenhado no seio da sociedade palmareense o papel de defensora das causas que se entendem com os benefícios públicos, desideratum dos órgãos de publicidade nos países democráticos". E acentuou: "...é-nos doce afirmar que ainda não sofreu o menor deslustre o programa que nos temos imposto e que com mais acrisolado afã, se isso é possível, continuaremos a dedicar as nossas energias em benefício desta terra".

Em janeiro de 1908, com a retirada do corpo redacional, Modesto Montenegro ficou redigindo o semanário sozinho, para admitir Demócrito de Almeida, em abril, como redator-secretário. Entre os colaboradores, contavam-se, então, Fernandes Tavares, Miranda de Azevedo, Joel Freire, M. Griz Filho, Gastão Marinho, Leticácio Montenegro, Gerônimo Borba e Renato Gouveia.

A 12 de julho foi anunciado, entre larga tarja, o falecimento de Modesto Montenegro,

passando a propriedade do jornal ao padre Sebastião Bastos de Almeida Pessoa. Voltou a ser redator Gerônimo Borba, ao lado de Demócrito de Almeida, ao mesmo tempo que assumia a gerência Letácio Montenegro.

Aumentando de formato, escreveu o editorialista, na edição do dia 19: "Grande pesar nos acompanha nesta resolução, acumulando despesas, uma vez que o povo não compreende ainda o valor de um jornal nas cidades do interior, deixando que o mesmo desfaleça extenuado de lutar pela vida, sem um estímulo e sem um ligeiro auxílio".

Na edição de 7 de maio de 1909 o redator Demócrito de Almeida foi substituído por Adalberto Marroquim(2) (que só permaneceu até fevereiro do ano seguinte), passando Gerônimo a redator-chefe; este, por sua vez, foi substituído, a 15 de janeiro de 1911, por Lívio de Vasconcelos César, o qual não foi além do mês de abril, sem ser mais o cargo preenchido. Figuraram, como colaboradores, no período acima, entre outros, Fernando Griz e José Lima, que era o mesmo Bayard.

Ao completar o sexto ano de existência, a 5 de novembro de 1911, a Gazeta de Palmares, em sua terceira fase, encontrava-se, ainda, em poder do padre Sebastião B. A. Pessoa, sendo Letácio Montenegro gerente. Escreveu o editori-

---

(2) Usando o pseudônimo Fradique Júnior, Adalberto Marroquim manteve polêmica com elementos do periódico O Catendense, que defendiam a Maçonaria.

alista: "...conserva-se neutra em matéria política, apenas tratando do bem estar público, alheia por completo aos interesses dos partidos". Entretanto, como "quem vive de idéias nem sempre pode calar-se ante certos problemas", resolvera abraçar "uma causa que se lhe tem afigurado justa", atitude que não agradou a muita gente". Daí mover-se contra o periódico, "sob a capa imoral do anonimato, a campanha de ódio que felizmente não tem eco no coração do observador apaixonado". E acrescentou:

Por feliz coincidência, o dia do aniversário da Gazeta é também o dia em que se vai ferir pleito tão esperado e tão falado. A vitória estupefa do Partido Republicano servirá de lição producente à vaidade do Sr. General Dantas Barreto".

Com a derrota da causa de Rosa e Silva, defendida pelo periódico, veio este a encerrar suas atividades com o n° 44, de 10 de dezembro de 1911 (Bib. Púb. Est.).

## O GÊNIO

Obedecendo ao formato de 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas, circulou o n° 1 a 15 de novembro de 1906, impresso em bom papel, na tipografia da Gazeta de Palmares, da qual se dizia "pequeno satélite". Redator: A. Argemiro Coelho.

Escreveu o artigo de apresentação - mais de uma página - J. L. (José Lagreca), batendo-se



"contra a apatia, contra o esmorecimento", em meio à "brilhante constelação do jornalismo palmarenses". No segundo artigo, escrevia A. Pinto: "Seja O Gênio a trombeta clangorosa, em vibrantes sons, contra o erro, em prol dos sacrossantos destinos desta formosa e querida terra dos Palmares". Seguiu-se uma crônica literária de Orimegra, terminando a edição com a coluna "15 de novembro", por Alcindor.

Não prosseguiu a publicação (Bib. Púb. Est. e Arq. Púb. Est.).

## O PÂNDEGO

Órgão do Clube Carnavalesco 12 de Março. O nº 2, ano II (não resta comprovante do nº 1), circulou datado de 10/11/12 de fevereiro de 1907, em formato de 30 x 20, com quatro páginas de três colunas. Impresso na Tipografia da Gazeta de Palmares, tinha como gerente Carioca, apresentando-se bem redigido.

Sua matéria, alusiva ao carnaval, estava a cargo de Budião II, Máscara Avulsa, Almino Bata, M. d'Artagnan, Carioca e O Pândego, tudo à base do humorismo e da sátira (Bib. Púb. Est.).

## LEÃO DO NORTE

Quinzenário Independente e Noticioso. Impresso na Tipografia Moderna, formato de 29 x 20, com quatro páginas de três colunas, começou a circular a 15 de junho de 1907, com redação à

rua da Vitória, 35. Proprietário, Alfredo Pessoa; gerente, Manuel Esperidião. Assinava-se a 1\$000 por trimestre. Agentes em várias outras cidades, inclusive Inácio Paz, no Recife.

Surgira disposto a batalhar pela união dos partidos e pelo futuro do Estado, frisando, em seu artigo de apresentação: "...moços como somos, cheios de aspirações, conscientes do bem e do mal, saberemos, sem paixões nem ódios, dizer aquilo que sentimos, expondo à vista do público, pelas colunas do nosso jornal, tudo quanto possa interessar ao povo, se é que de nós, noviços nas lides da imprensa, nasçam novos ensinamentos, idéias novas, novos e edificantes exemplos."

Publicou-se o periódico regularmente, em sua curta vida, inserindo artigos ou poesias de Fernando Griz, Almino Baeta, M. Griz Filho, Aliquis, Alcindor, M. d'Artagnan, Adalberto Marroquim, Alfredo Pessoa, Manuel Ferreira Diu, Samuel Almeida e L. de Lara, além de curto, mas variado noticiário.

Após o nº 6, de 31 de agosto(1), o jornal foi suspenso, reaparecendo, com o nº 1, ano II, a 15 de março de 1908, "propriedade de um grupo", sob a responsabilidade e direção de Miguel Griz Filho, tendo como procurador Saturno Figueiredo, sem mais alteração no expediente nem no formato. Voltava às lutas "depois de alguns meses de retraimento, motivado por diversas

---

(1) Nos "Anais", figura o nº 5, de 16/08, como tendo sido o último publicado.

causas", esperando ter "vida mais longa e menos dificultosa"; seria um guia "no meio da convulsão político-financeira que vai fazendo Pernambuco descer de melhores dias"; seria, finalmente, "o eco do Bem e da Verdade". Além da colaboração de L. de Lara e Enjolras, só divulgou artigos redacionais e uma página de notícias. Não voltou jamais a circular(2) (Coleção Fernando Pio)

## PALMARES

Número único, saiu a lume no dia 15 de novembro de 1907, formato de 34 x 23, com seis páginas de papel couchê, impressas a cores e circuladas, trabalho gráfico da oficina da Agência Jornalística Pernambucana, no Recife. Lia-se na capa: "Homenagem do Partido Republicano do Município de Palmares ao seu ilustre e muito lealdoso chefe Dr. Leopoldo Marinho de Paula Lins". Abaixo, transcreveu-se um conceito sobre Trabalho e Lealdade, tudo em meio a excelente serviço de vinhetas. As cinco páginas restantes constaram de panegíricos do Conselheiro Rosa e Silva, chefe do Partido Republicano em Pernambuco; do homenageado, com a respectiva biografia; do novo prefeito e dos conselheiros municipais, empossados naquela data (Bib. Púb. Est.).

---

(2) Nota publicada pela Gazeta de Palmares de 05/04/1908: "O diretor do Leão do Norte pediu-nos para declararmos have-lo suspenso por motivos particulares, estando pronto a indenizar as pessoas que já pagaram".

## A SERINGA

Órgão do Clube Carnavalesco 12 de Março. Substituto d'O Pândego, saiu o nº Único, ano III, datado de 1/2/3 de março de 1908, obedecendo ao formato de 26 x 18, com quatro páginas. Redator-chefe, Carioca. Colaboradores, "uma porção"; tiragem, "50 grosas".

Dividiu-se a matéria da folha como a seguir: 1ª página, versos de apresentação, com a assinatura "Nós Todos"; 2ª, Crônica de Ciffão & Zero; 3ª "D.Carnaval", por Zé do Zé; Crônica de Pangloss; versos de Letácio e notas ligeiras. Foi também impresso na oficina da Gazeta de Palmares (Bib. Púb. Est.).

## O HOLOPHOTE

Órgão Literário e Noticioso. Surgiu no dia 23 de agosto de 1908, em formato de 23 x 14, com quatro páginas de duas colunas, impresso em papel de cor. Publicação indeterminada, teve os seguintes redatores: Anacleto Norberto, Dr. Paraíso e João de Gusmão.

A apresentação, em dez quadras, assinadas por Bardo, salientava:

Aqui temos O Holophote,  
Jornalzinho joco-sério;  
É qual espécie de bote  
A deslizar no hemisfério.

.....

Sua luz não é de guerra,  
Nem é luz de exposição;  
O Holophote não aterra...  
É um foguinho de salão...

Abrindo a segunda página, escrevia também E. F.: "Nada de frases campanudas; nada de artigos elogiosos ou deprimentes desta ou daquela individualidade; o nosso jornal paira numa atmosfera ideal, vasta, luminosa, espécie de Paraíso do Profeta, onde terão guarida o altruísmo e o belo num conjunto soberbo, numa primorosa estética, capaz de ferir a admiração da burguesia pacata".

Outro artigo no mesmo sentido teve a assinatura de A. P., que afirmou: "...este pequeno jornal não virá lavrar um tento, mas é uma voz amiga que se levanta, uma voz partida do seio augusto da mocidade que vibra, da mocidade que se revela por entre palpitantes emoções de amor e de esperança..."

Jornal, pelo visto, de poetas, só de literatura cuidou, inclusive na edição de 20 de setembro e na de 15 de novembro, que foi o terceiro (e último) número, inserindo produções de Nilo da Rocha, Fábio Silva e Rafael Mary, além dos "Perfis femininos" e do "Diálogo entre dois compadres", com a assinatura Logodigo (Arq. Púb. Est.)(1) .

---

(1) Só os 2 primeiros n.ºs. d'O Holophote se encontram no Arq. Púb. Est.. O 3.º pertence ao colecionador particular Luiz Alves, de Palmares.

## A ESCOLA

Circulou no dia 15 de setembro de 1908, conforme o registro, sem pormenores, de André Beda Cavalcanti (artigo citado).

## GRINALDA DE SAUDADES

Poliantéia. Em "homenagem à memória de Fábio Silva, no 30º dia de seu passamento", circulou a 23 de outubro de 1908, formato de 34 x 24, com quatro páginas de papel couchê, impressa na tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, no Recife.

Além do editorial, em que se exaltou a personalidade do intelectual palmarense, escreveram sobre ele: Gerônimo Borba, José Lagreca, Fernando Griz, Honório Wanderley, Fenelon Ferreira, Adriano Pinto, Miguel Griz Filho, Rafael Mary, Leodegário Varejão, A. Barreto, J. Coimbra e C. Feijó (Bib. Púb. Est.).

## O ASTRO

Órgão Literário. Surgiu no mês de abril de 1911, formato de 28 x 19, com quatro páginas a duas colunas de 14 cíceros. Gerência de Artur Griz.

Ao que rezava o artigo de apresentação, o aparecimento d'O Astro subordinava-se a "um palpitante cunho de boa vontade, revelada por alguns rapazes decididos a pugnar, com empenho

máximo, pelo remodelamento intelectual em nosso meio, a despeito da apatia inveterada que tenta solapar, desarrazoada até, sólidas energias". Esperava, por fim, que o "público, generoso e bom", não consentisse ofuscar-se O Astro, a fim de se manterem os "créditos literários" da terra palmarense.

A edição de estréia divulgou produções, em prosa e verso, de Franco Leal, Adriano Pinto, Biguete, Argemiro Coelho, Manuel Monteiro, Noryb e Artur Griz.

Embora se declarasse mensário, o nº 2 só foi publicado em junho, quando o gerente passou para o corpo redacional, ao lado de José Coimbra e Franco Leal. Cresceu um pouco de formato e manteve o mesmo programa, sem outra matéria senão literatura. E ofuscou-se (Bib. Púb. Est. e Coleção Jaime Montenegro)(1).

## A NOTÍCIA

Folha Neutra. Iniciou sua existência no dia 6 de outubro de 1912, formato de 36 x 24, com quatro páginas de três colunas. Redação e oficina à rua Coronel Austriclínio, 16. Semanário, circularia aos domingos. Assinatura trimestral, 1\$500; fora da cidade, 2\$000.

Lia-se no editorial de apresentação: "...o nosso semanário quebrará mais tarde o antigo

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado existe exemplar, apenas, do primeiro número, encontrando-se o segundo em poder do jornalista palmarense mencionado.

conceito de que -a vida da imprensa em Palmares é sempre efêmera", frisando: "... retirados completamente da vida dos partidos, acolhendo todos de igual maneira, esposaremos a defesa das boas causas somente por amor à vitória da justiça. Sem ódio nem prevenções, diremos de todos e de tudo com a maior isenção de ânimo. Aplaudindo o ato bom, parta de onde partir, profligando o erro, condenando o abuso, na defesa ou no ataque não fugiremos dos moldes da máxima moderação e maior critério".

Seu programa resumia-se "no amor à ordem e no respeito à lei", não lhes movendo "interesses outros" além do "progresso intelectual e material desta terra".

A edição de estréia incluiu artigo de G. B.; soneto de Ademar Tavares, transcrições, noticiário, "Seção paga" e alguns anúncios, seguindo-se a publicação regularmente.

Propriedade de Letácio de Almeida Montenegro, seu fundador, só veio, entretanto, a ser mencionada tal qualidade a começar da edição de 10 de agosto de 1913, ao mesmo tempo que a dos redatores: Gastão de Franca Marinho e Fausto de Figueiredo.

Já a 7 de junho do ano seguinte, Letácio aparecia simplesmente como gerente, sendo o segundo dos redatores substituído por Fenelon Ferreira, o qual, por sua vez, pouco demorou no corpo redacional, ocupando-lhe o lugar Gerôncio Borba. Em setembro do referido ano, o semanário



rio passou a circular como órgão do Partido Republicano Conservador.

Desde o início figuraram como colaboradores Artur Griz, Ascenso Ferreira, Mário Marroquim, Sílvio Latino, Osvaldo Gouveia, Nelson Firmo, Enéias Alves, Baltazar Firmo, Pedro Afonso de Medeiros, Idalice Valença e outros.

Circulando ininterruptamente, sempre a comentar os fatos mais importantes, tanto no setor local quanto no estadual, federal ou internacional, além do noticiário variado, diferentes seções fixas e a parte literária, só em 1917 sofreu A Notícia uma suspensão de poucas semanas. Mas reapareceu (edição de 29 de abril) apresentando formato maior, de cinco colunas, cujo editorial declarava continuar "batalhando pelos mesmos fins, sem obsessões partidárias, a livremente apreciar, de governantes e governados, os bons e maus atos que pratiquem, exaltando o bem para estímulo de uns e exemplo de outros, condenando o erro, parta ele de onde partir, e ainda exprobando o proceder de todos em culpa".

Letácio Montenegro voltou a figurar como proprietário e, desde 1918, não mais foi mencionado corpo redacional, vindo este a ser constituído, a 15 de janeiro de 1922, por Carlos Rios, Pedro Afonso de Medeiros e Gerônimo Borba, o último só até o mês de julho. No fim do ano, era admitido, na qualidade de gerente, Nelson Macedo.

No começo de 1920, o periódico deixara de ser órgão do P.R.L. e, no mesmo ano, aumentou o preço da assinatura trimestral para 2\$000, ou 2\$500 ( fora da cidade.)

Praxe curiosa, que A Notícia sempre manteve, foi a de suspender a publicação, por três a quatro semanas, no período festivo dos fins e princípios de ano, para gozo de férias do pessoal da redação e da oficina.

A 14 de dezembro de 1924, o corpo redacional foi acrescido de Fenelon Ferreira e Hibernon Wanderley, mantendo-se com ligeiras alterações, até março de 1928. A começar dessa data figurou, apenas, o nome de Pedro Afonso, na qualidade de redator-chefe. Constava do cabeçalho: desde 1920 - "Folha semanal"; desde 1922 - "Órgão Noticioso"; desde 1927 - "Órgão Independente".

Por essa época, a par de editoriais, noticiário e colaboração assinada, o bem feito semanário instituiu o "Cartaz d'A Notícia", que incluía o Santo do dia e Informações Úteis. Verificou-se, em janeiro de 1928, a aquisição de tipagem e máquinas novas.

No primeiro dia de março de 1931, após uma suspensão da folha, pelo espaço de cinco meses, subiu para o cabeçalho novo corpo redacional, assim constituído: Miguel Jasseli, Clóvis Carvalho e Aristides Carneiro. Estabelecida nova fase, mas ainda como Órgão Independente, escreveu, então, o novo editorialista:

"Não alimentamos ilusões. Temos certeza de que, na estrada que começamos a palmilhar hoje, não colheremos somente flores; as urzes e os abrolhos do caminho nos farão sangrar, mas a linha ideal que traçamos será seguida; seremos mudos aos elogios imerecidos, como indiferentes aos apodos que por acaso venhamos a conquistar à nossa atitude. Provavelmente erraremos, mas, se falharmos, como humanos que somos, procuraremos ao menos salvar a pureza e sinceridade das nossas intenções".

Até fins de 1932 ocorreram novas alterações no corpo redacional, ao qual também pertenceu José Vieira Filho. Voltou Letácio a ocupar o cabeçalho sozinho, na sua qualidade de proprietário, desaparecendo outros nomes. No ano seguinte, em janeiro, o órgão filiava-se à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco.

Com a edição de 29 de dezembro de 1934, A Notícia foi suspensa, para voltar a 14 de maio do ano seguinte "depois de prolongado interregno, em que, à sua falta, a lacuna por ela deixada se vinha fazendo sentir de modo evidente". Direção e propriedade de Letácio Montenegro, sem aparecer o corpo redacional. Alteração no preço das assinaturas: ano - 12\$000; semestre - 6\$500; trimestre - 3\$500. Número avulso - 300 réis; este subiu, em julho de 1942, para 400 réis; em junho de 1944 (em vigor a nova moeda, o Cruzeiro), para Cr\$0,50 e, em março de 1949, para Cr\$0,70. A assinatura anual subiu, então para Cr\$25,00, ou Cr\$30,00 fora da cidade.

Nova suspensão ocorreu após a edição de 4 de janeiro de 1936, para reforma nas oficinas, com uma duração de três meses. Prosseguiu a publicação sem mais alterações e, a 15 de janeiro de 1944, lia-se no artigo de fundo:

"...em meio dos interesses que surgem a cada passo e das dificuldades que lhe procuram entrar a marcha, A Notícia procura sempre librar-se acima das competições bastardas ou das questões secundárias"

A 22 de dezembro de 1945 assumiu Jaime Montenegro as funções de diretor-secretário, tendo-as deixado em agosto do ano seguinte, devido à prestação do serviço militar, para a elas retornar em fevereiro de 1949 e sair novamente no mês de maio.

Enquanto isto, mantinha-se o periódico (artigo de 12 de fevereiro) "eqüidistante das tendências político-partidárias".

A suspensão, para férias, do fim de 1950, prolongou-se, esporadicamente, até 3 de fevereiro do ano seguinte, quando a folha, que passou a sair quinzenalmente, indicou novo corpo redacional, a saber: diretor-responsável - Jaime Montenegro; redator-chefe - Letácio Montenegro; redatores - Fenelon Barreto, Murilo A. Moura, Mariano Vila Nova, Célio Montenegro, Artur Griz e Luiz Alves.

Nesse ano - 26 de maio de 1951 - faleceu Letácio Montenegro. O filho do extinto, já na direção do jornal, chamou a si o concurso de

André Beda Cavalcanti, e este assumiu as funções de redator-secretário.

Por essa ocasião, Jaime Montenegro pleiteou uma ajuda de Cr\$20.000,00 da Prefeitura "para melhorar ainda mais a feição do seu jornal". O projeto foi apresentado à Câmara Municipal, mas teve o melancólico destino de ficar engavetado.

No fim do ano, após a edição de 15 de novembro, verificou-se outra suspensão para reforma no prédio e nas oficinas, com a aquisição de moderna equipe de máquinas, inclusive para o serviço avulso da tipografia.

Ressurgiu "o velho porta-voz dos filhos indômitos dos Palmares" a 25 de maio de 1952, como "Órgão Lítero-Noticioso e Independente", a cargo, exclusivamente, de Jaime Montenegro e Beda Cavalcanti. Este, passando a residir no Recife, foi substituído, meses após, por Artur Griz, mas continuou a colaborar com boas reportagens, focalizando, sobretudo, a atuação do prefeito do município, visado por violenta campanha do órgão.

Embora não figurando como redator, Fene-lon Barreto foi um forte esteio do periódico, redigindo-lhe os principais artigos, além de divulgar sua poesia, de superior qualidade.

A circulação veio a sofrer lamentável colapso, a ponto de não saírem mais do que doze edições, em datas indeterminadas, em 1953, a última das quais datada de 5 de novembro. É

que, sendo-lhe cortada a verba de ajuda da municipalidade (Cr\$4.800,00 anuais) e não contando com suficiente publicidade paga, a direção d'A Notícia vinha encontrando dificuldades para mantê-la. Mas, ainda na edição de aniversário, na data acima mencionada, dizia o seu editorial:

"Estamos, nesta data comemorativa, outorgando, não somente à sociedade palmarensense, porém à pátria, um atestado de fé, de tenacidade construtora, de temperamento combativo, jamais perdendo ou havendo perdido de vista os dispositivos de nossa árdua missão".

A 25 de janeiro de 1954 apresentava-se à Assembléia Legislativa do Estado um projeto de lei que autorizava o Poder Executivo a conceder um auxílio de Cr\$50.000,00 ao jornal A Notícia, para que esse órgão, que era, inegavelmente - segundo a justificação - "um patrimônio do povo de uma das cidades mais progressistas deste Estado, não viesse a desaparecer ao completar suas bodas de ouro".(1)

---

(1) A imprensa da capital e do interior do Estado ocupou-se, largamente, das bodas de ouro d'A Notícia cuja solenização fora anunciada para novembro de 1954, o que não ocorreu, todavia, devido ao desaparecimento do jornal, senão dois anos depois, com a realização, em Palmares, do IX Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco.

Houve, porém, um erro. Para o complemento das bodas, Jaime Montenegro reuniu os períodos de existência dos órgãos fundados por Letácio Montenegro: A Gazetinha, a Gazeta de Palmares e A Notícia, fazendo-os, sobretudo, baseado num lapso dos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana", de Alfredo de Carva-

O projeto, porém, foi rejeitado e o jornal de Jaime Montenegro arrastou-se, irregularmente, até que, sem forças para prosseguir a meta empreendida, baqueou após a edição de 21 de março de 1954(2).

A Notícia era, realmente, um patrimônio de Palmares(3). Jamais lhe faltou a colaboração intelectual de nomes em evidência, a salientar, além dos já mencionados: Adalberto Marroquim, Olímpio Rocha, José Lagreca, Baltazar de Oliveira, Arnaldo Lopes, Joaquim de Oliveira Melo, Luiz Bezerra, Fernando Griz, Fábio Silva, João Pacífico dos Santos, Fausto Figueiredo, José Lima, Renato Gouveia, Antônio Freire, José Firmo, Antônio Veloso de Azevedo, João de Belli, Pires Rabelo, Orlando Morais, Paulo de Oliveira, Mozir Sampaio, Maria Tereza de Andrade

---

lho, onde está registrado que o primeiro dos mencionados iniciou sua circulação em 1904; mas não o foi e sim no dia 5 de novembro de 1905.

Por outro lado, se a publicação d'A Gazetinha foi continuada com a denominação de Gazeta de Palmares, esta, encerrando sua existência em dezembro de 1911, nada teve de comum com A Notícia, que só apareceu dez meses após, com nova orientação e vida nova, embora de propriedade de Letácio Montenegro.

Em conclusão, só em 1962 completaria A Notícia bodas de ouro.

(2) Para justificar a localização do certame jornalístico, circularam, em 1956, alguns números esporádicos d'A Notícia.

(3) "De tal modo esse jornal está ligado à vida da cidade, que uma das ruas centrais é mesmo a rua d'A Notícia" (artigo de Tadeu Rocha, no Diário de Pernambuco, edição de 02/12/1956).

Cunha, Aleixo Leite Filho, Milton Souto, Esdras Farias e tantos outros (Bib. Púb. Est. e Col. Jaime Montenegro).

## O DESPERTAR

Semanário de orientação trabalhista, iniciou-se na arena da imprensa a 9 de fevereiro de 1913, em formato de 37 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição, impresso em oficinas próprias. Assinaturas: mensal - 0\$700 ou 1\$000 para fora da cidade; trimestral - 2\$500. Propriedade de Cipriano Ramos.

Especializou-se em assuntos de defesa da classe trabalhadora, pugnando pelas suas reivindicações e pela socialização. Circulou regularmente, inserindo, além de comentários e notícias, colaboração de João Lins de Lima, Oscar Cavalcanti, Alfredo Lima, Trinômio; Anacleto, com as "Cartas Serranas"; Siro, sempre atacando a Great Western (hoje, Rede Ferroviária do Nordeste) e, principalmente, o tipógrafo intelectual João Ezequiel de Oliveira Luz.

O 24º e provável último número circulou a 27 de julho (Bib. Púb. Est.)(1) .

---

(1) Faltam, na coleção manuseada, os dois primeiros números.



## 20 DE ABRIL

Circulou na data do título, ano de 1913, formato de 34 x 22 1/2, com quatro páginas, circuladas de linhas e impressas em tinta azul. Estampou, no frontispício, clichê de "coronel" Luiz Amaro de França Pereira, deputado estadual e presidente da Comissão Diretora do Município de Palmares, homenageado pelo transcurso de sua data natalícia. Inseriu, a seguir, notas biográficas e crônicas de saudação, assinadas por Hermelindo Alcoforado, S. Siqueira, A. Zirc, Fernando Griz e J. Coimbra. Na página do fim, palavras ao aniversariante e uma estrofe poética, assim terminada: "Não se afasta jamais da trilha que o conduz" (Col. Inácio Carneiro Ramos).

## A ÉPOCA

Órgão Situacionista. Fundado a 15 de novembro de 1913, apresentou-se em formato de 38 x 26, com quatro páginas de três colunas. Direção Política do "coronel" Luiz de França, sendo redator-gerente Caio Pereira, substituído, logo no n° 4, por José Coimbra Pinto; redatores - Fausto de Figueiredo, Antônio Dias e Casimiro Lins; repórter - Carlos Rios. Redação e oficina: Praça 13 de Janeiro, 21. Assinatura trimestral - 1\$500; preço do exemplar - 100 réis.

Publicado semanalmente, com ligeiras lacunas, veio a solenizar o primeiro aniversário com o n° 42 - ano II, 15 de novembro de 1914 - quando se viam, apenas, no cabeçalho, os nomes

do diretor e do gerente. O editorial comemorativo aludiu à enorme soma de sacrifícios, ao tour de force, às dificuldades enfrentadas para manter o periódico, principalmente a "falta absoluta de pessoal gráfico competente". Prosseguiu, entretanto, "sem tergiversações ou deslizes". Se algumas vezes desceu "até a política barata", fê-lo compelido "pelo partidarismo ferrenho" dos adversários. "Felizmente - concluiu - terminava o poderio do Sr. Pinheiro Machado, o pomo de discórdia da política nacional".

Ainda escreveram, sobre a data aniversária, B. B., Antônio Dias e A. Q., enquanto Casimiro Lins aparecia com soneto e artigo de elogio ao novo presidente Venceslau Braz, e de crítica à administração Hermes da Fonseca.

Continuou a publicação, servida de comentários e noticiário, "Ciência de Édipo", a cargo de Plutão, demais matéria de rotina e a colaboração de Artur Griz, Arcelino e Casimiro Lins, Bonifácio Costa, Manuel de Carvalho Souza, André Pereira da Costa, X.Y.Z., Otílio Buarque da Mata (procedente do Rio de Janeiro), Osme-  
yer e outros.

Sem alteração em 1915, atingiu o nº 47, de 1916, a 19 de novembro, quando exibiu a primeira página entre tarjas, dando pêsames ao povo de Palmares, aonde fora "restabelecido o regime do marretismo". E ficou suspensa a circulação d'A Época, interrompendo-se o "Folhetim palmareense", de Armínio Veras, já com 67 inser-

ções, cuja parte restante foi mandada imprimir em avulso para entregar aos assinantes.

Após curto ostracismo, ressurgiu o semanário, iniciando 2ª fase, a 18 de fevereiro de 1917, elevado o formato para 40 x 27, de quatro colunas, tendo como redator-chefe Caio Pereira. Sob o título, o novo programa: "Atualidades e Notícias - Literatura, Artes e Ciências". Redação e oficinas - rua Coronel Austriclino, 3. Nova tabela de assinaturas: ano - 5\$000; trimestre - 1\$500; para fora da cidade: 6\$000 e 2\$000, respectivamente. Número avulso - ainda 0\$100. Anúncios, sob ajuste. "Solicitadas": 0\$200 por linha na primeira publicação, continuando a 0\$050.

Lia-se no editorial de abertura: "A Época atualmente é alentada por um novo sopro; um novo pulso lhe imprime a diretriz a perlustrar". Pugnaria, "a par de muitos outros fins", pelo "engrandecimento de Palmares, procurando tornar-se a legítima intérprete do seu povo, sempre através da verdade". Em conclusão: "Os direitos dos nossos concidadãos, quando conculcados; o estado hígido da verdade, quando ameaçado, aqui em nosso tabernáculo de trabalho terão de sassombrada defesa".

Seguindo a rota traçada, com excelente apresentação gráfica, a folha iniciou diferentes seções, a saber: "Chiste alheio"; "A Época nos povoados"; "Coluna Espírita", por Tiago Vila Nova; "Silhuetas", de Ivete Tefé; "Coluna Feminil" e "Crônica Social", permanecendo "Ciência

de Édipo", mas assinada por Polinício. Inseria produções, em prosa e verso, de Araújo Filho, Fernando Griz, José Soares, Argemiro Coelho, Eugênio Marçal, Alencastro Nobre, Horácio Saldanha, Casimiro Lins, Carlos Rios, Antônio Dias e Tirso Lira, este último assumindo a gerência a 22 de abril.

Não pode, todavia, prolongar-se bastante a segunda fase do bem orientado periódico, vindo a extinguir-se-lhe a existência uma vez publicado o nº 22, a 15 de julho do mesmo ano (Bib. Púb. Est.)(1).

## O JARDIM

Órgão Literário. O primeiro numero circulou em dezembro de 1913, obedecendo ao formato de 25 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Publicação indeterminada, para circulação gratuita, exibiu florido corpo redacional, assim constituído: Rosa Branca, Magnólia, Violeta e Camélia. Trabalho gráfico das Oficinas d'A Notícia.

Concisa nota de apresentação implorava "vivificante orvalho" ao "modestíssimo ramalhe-te", composto de "mirrados rebentos". Queria, apenas tréguas e luz" para o espírito das redatoras, "entorpecido pelas lutas e asperezas da vida...". Visava, por fim, a estimular a Instrução.

---

(1) Coleção muito desfalcada.

Inseriu prosa e versos firmados com aqueles pseudônimos, aos quais se juntaram Perpétua, Angélica, Rosa Mesquita e Bela Emília.

Ficou, possivelmente, na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

## O NÚCLEO

Órgão do Núcleo Literário Horas de Leitura. Apareceu no dia 5 de abril de 1915, em formato de 26 x 18, com quatro páginas de três colunas estreitas. Redator-chefe, Carlos Rios; secretário, Osvaldo Gouveia; redatores, José Girão, João Peixoto e Tarciliano de Melo; gerente, José Olímpio. Assinatura mensal, 0\$300; número avulso, 0\$200.

Lia-se no editorial de apresentação: "Órgão exclusivamente literário e noticioso, sem intuítos partidários, visando o estudo e o aperfeiçoamento intelectual nesta querida terra palmareense, ele não afaga a pretensão de ornar a banca de trabalho dos mestres, mas alimenta a dulcíssima esperança de ser recebido simpaticamente por todos aqueles que compreendem a utilidade da iniciativa e do esforço".

Sua matéria constituiu-se de crônicas de C. Rios, Casimiro Lins, M. C. e J. de Carvalho Sousa; soneto de Manuel de Carvalho Sousa; conto (a continuar) de Osvaldo Gouveia; uma notícia e a última página de reclames comerciais.

Faltam notícias de haver ou não continuado a publicação (Bib. Púb. Est.).

## O PALLADIO

Órgão do Grêmio Cívico-Literário Olavo Bilac. (Mantido pelos alunos do Colégio São Sebastião). Entrou em circulação no dia 19 de novembro de 1916, obedecendo ao formato de 32 x 23, com quatro páginas. Diretor, professor Gaston Rezende; redator-chefe, José Vieira; redatores, Aurino Lins, José Figueiredo, Sebastião Nunes, Henrique Ferraz e José Cavalcanti, representantes dos cursos mantidos pelo Colégio; redator-gerente, Nelson Macedo. Redação à rua Conselheiro João Alfredo, 30. Assinaturas: anual, 2\$000; semestral, 1\$000; mensal, 0\$200.

Constava, ainda, do expediente: "órgão unicamente literário, não tem afeições ou simpatias pessoais, tratando somente dos interesses do Colégio São Sebastião, da Pátria e do Bem da Humanidade".

Dizia o editorial, sob o título "Nosso Programa": "Seremos o porta-voz, o lábaro, o Godofredo de Bouillon desta cruzada bendita contra a cegueira loquaz, o gládio de combate pela extinção do analfabetismo, difusão do civismo e amor à Pátria, culto à Bandeira Nacional, veneração aos grandes vultos da nossa História". Em conclusão: adotaria o lema de Augusto Comte: "Amor por Princípio, Ordem por Base, Progresso por Fim".

A primeira página foi ocupada com a letra do Hino à Bandeira, de Olavo Bilac, e manchetes patrióticas. As restantes, a par do folhetim assi-

nado pelo diretor, encheram-se de produções dos alunos, variedades e noticiário.

Só a 13 de maio de 1917, publicou-se o nº 2, reduzido o formato para 23 x 16, passando o trabalho gráfico, pouco recomendável, a ser efetuado em oficinas adquiridas pelo Colégio. Outra edição saiu no dia 30, com seis páginas. Mas o nº 4 apareceu dois e meio meses após, ou seja, a 15 de agosto, em formato menor, todos divulgando matéria ligeira, literatura juvenil.

Ao que tudo indica, parou aí a existência d'O Palladio (Bib. Púb. Est.).

## O BIBI

Poliantéia em Homenagem ao Aniversário do travesso Ubiraci Rezende. Circulou no dia 2 de setembro de 1917, formato mirim, de 15 x 11, com quatro páginas a duas colunas de 9 cíceros. Responsáveis: alunos do colégio São Sebastião, que assim solenizaram os dois anos de idade do filho do seu diretor. Além da nota de apresentação, a matéria nele contida constou, unicamente, do "perfil" de uma "saudação", assinados, respectivamente, por Mira e Leniro (Bib. Púb. Est.).

## O RECREIO

Jornalzinho datilografado em máquina "Corona" de três teclados, começou a publicar-se em Peri-Peri, povoado do município de Qui-

papá, vindo a sair o último número em Palmares, possivelmente em 1920 (Inf. de Waldemar Lopes).

## O REBATE

Circulou a 13 de agosto de 1922 (Relação Beda Cavalcanti).

## A LUCTA

Órgão Literário, Noticioso e Independente. A edição de 17 de setembro de 1922, teve seu aparecimento registrado no dia 21, pelo Jornal do Comércio, do Recife. Direção atribuída a Fenelon Barreto e "leitura variada, em prosa e verso".

Comprovante único avistado: o n° 24, ano IV, de 18 de maio de 1924, em formato de 38 x 26, com quatro páginas de quatro colunas. Tinha como diretor-redator Félix Rui. Encheu a primeira página com retrato e elogio do prefeito Ismael Cruz Gouveia, e a última com reclames comerciais, contendo as do centro comentários, notícias e trabalhos de colaboração de Maria Clara e Júlio L'Ambert (Coleção J. Montenegro).

## REVISTA DOS PALMARES

Magazine Mensal Ilustrado. O n° 2, ano I, saiu a lume no dia 31 de janeiro de 1926, pequeno formato de duas colunas, com trinta páginas,



impresso em papel assetinado. Propriedade de Félix Rui Pereira; diretor - Fenelon Barreto; redator-secretário - Jean Pettaci, que era o mesmo Fenelon; gerente - Manuel Pedro de Oliveira.

Servido de notas elegantes e noticiário geral, contou com a colaboração, em prosa ou verso, de Normando Filgueiras, José Fonseca e outros. Boa messe de reclames comerciais (Coleção Pedro Barbosa).

## A CENTELHA

Jornal manuscrito, ilustrado, circulou na vila de Bem-te-ví, a 15 de setembro de 1926, contendo 16 páginas de papel pautado. Redação a cargo de Dario Munis e Calazans Alves de Araújo, este igualmente responsável pelos desenhos a lápis e bico-de-pena.

De orientação literária, inseriu várias produções, em prosa e verso; a seção de charadas "Desmantela juízo"; notas humorísticas; "Carta Enigmática" e, até, alguns anúncios de casa comerciais da localidade. Entre os colaboradores contavam-se Plínio Norton, Clary Neto, Crisalvo Duque, R. Maia, La Roche e mais pseudônimos.

Não há notícia de outro nº divulgado (Bib. Púb. Est.).

## O REPÓRTER

Pequeno órgão de feição humorística, datilografado, circulou a 31 de março de 1927 (Inf. d'A Notícia).

## ATHENEU-JORNAL

Órgão Literário e Noticioso. Apareceu no dia 23 de junho de 1927, formato de 38 x 24, com quatro páginas de quatro colunas, editado pelo Ateneu Palmarense. Diretor, Aristides Carneiro. Quinzenário. Preço do exemplar, 0\$200.

Raramente encontrados comprovantes, ainda circulava a 7 de setembro de 1929, ano II, impresso no Recife, na Tipografia do Diário da Manhã. Tornara-se "órgão da Sociedade Lítero-Desportiva Ruy Barbosa". Mantido o diretor, figuraram mais dois nomes no expediente: Luiz Portela e Luiz Jasseli, respectivamente, redator-secretário e gerente. Contava com a colaboração de Vicente Wanderley, Iracema, João Costa, Miguel Jasseli, Silveira Paula e Luiz Rodrigues (Bib. Púb. Est.).

## O 30 DE OUTUBRO

Órgão Comemorativo do Dia do Empregado no Comércio. Editado pela Associação dos Empregados no Comércio de Palmares, circulou na data que serve de título, em 1928, obedecendo ao formato de 38 x 27, com seis páginas de qua-

tro colunas. Redatores, João Costa e Aristides Carneiro.

Edição semelhante foi publicada no dia 30 de outubro de 1929, impressa em Ribeirão, na Tipografia Brasil, utilizando papel de cor.

A par de matéria noticiosa sobre as comemorações da data simbólica, contavam com a colaboração de Miguel Jasseli, Izácio Ramos, J. Ranulfo da Silva e Godofredo Freire. Ocorreram "Perfis dos membros da diretoria de A. E. C. P.", assinados por João da Retreta (como se ocultava João Costa) e a transcrição do Hino do Empregado no Comércio, letra de Bastos Tigre (Bib. Púb. Est.).

## ERA NOVA

Órgão de Letras, Mundanismo e Atualidades. Publicou-se o primeiro número a 1º de janeiro de 1931, sob a direção de João de Sousa Costa e Aristides Carneiro, tendo como gerente José Maria de Almeida (Cf. o Diário de Pernambuco da mesma data).

Segundo escreveu André Beda Cavalcanti, não passou o novo jornal da edição de estréia. Teria sido a sua "linguagem venenosa" que lhe causou a morte prematura.

## TIC-TAC

Órgão infantil, surgiu a 20 de agosto de 1932 (Relação Beda Cavalcanti).

## **PALMARES INFANTIL**

Publicado a 5 de novembro de 1933 (Rel. Beda Cavalcanti).

## **PALMARES**

Número único, comemorativo da fundação do Clube Literário, circulou em outubro de 1933, em formato acima de médio, com quatro páginas, repletas de matérias alusivas.

A publicação esteve a cargo de Miguel Jasseli (Coleção Jaime Montenegro).

## **A CRUZADA(1)**

Editada sob os auspícios “da Liga Católica Jesus, Maria e José, com permissão eclesiástica”, surgiu no dia 29 de julho de 1934, em formato de 28 x 22, com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico das oficinas d’A Notícia. Preço do exemplar - 0\$200.

Lia-se no editorial de abertura: “Instruir, esclarecer, divulgar os fatos dignos de divulgação, que se registram cotidianamente no meio das sociedades, trabalhar o espírito da mocidade dentro da moral impecável do verdadeiro Cristianismo, implantar um ambiente de harmonia e de fé, preparar o advento de uma era nova de luta-

---

(1) Não consta da nomenclatura do livro “Letras Católicas em Pernambuco”, do cônego Xavier Pedrosa.

dores e de crentes - isto constitui o nosso programa, programa de ação a ser executado pela A Cruzada.

Escreveram, ainda, sobre o aparecimento da folha, Pascoal Limeira e J. Dias.

Publicação mensal, mas em datas indeterminadas, saiu o n.º. 2 a 15 de agosto e o no. 10 no dia 21 de abril de 1935. Divulgava matéria específica, incluindo "O Evangelho", "Noticiário", "Pedacinhos" e "Porque somos católicos não protestantes". Entre os colaboradores contavam-se Justino Mendes e Onesina de Palma.

Ao que foi possível verificar, não continuou A Cruzada após o n.º. 10 (Bib. Púb. Est. e Col. J. Montenegro). (2)

## ROCHAS MASSABIELLE(1)

Órgão do Colégio N. S. de Lourdes - Entrou em circulação a 1.º de maio de 1936, obedecendo ao formato de 32 x 24, com seis páginas de duas colunas largas. Diretora - A M A R (Ana Maria de Aguiar Neto); redatoras - "diver-

---

(2) Guardam-se, apenas, na Biblioteca Pública do Estado, os n.ºs. 1 e 2. O colecionador particular, por sua vez, só possui os 7 a 10.

(1) Rochas de Massabielle é a denominação de um muro de rochedos à pequena distância da cidade francesa de Lourdes. Lá aparecera, segundo a lenda, a Virgem Maria a uma camponesa de 14 anos de idade.

Também o jornal acima estudado foi omitido na obra do cônego Xavier Pedrosa.

sas". Impresso na Tipografia Lobo, em Catende. Assinaturas: anual - 9\$000; mensal - 1\$000. Custo do exemplar - 0\$500.

Três artigos - de Magdala, Soares-e-Freire e Uma Serva de Maria ocuparam-se do surgimento da folha, cujo objetivo primordial era a "propagação das sãs idéias".

A par de artigos doutrinários, sua matéria constituiu-se de incipiente literatura, perfis, epigramas, troças, charadas e noticiário, para instruir e recrear, assim prosseguindo, com base nos ensinamentos religiosos. Contou com a colaboração dos padres Bernardino Adrião de Carvalho e Xavier Thuet; de Agnese Murri, Naide Veiga Lentegal, Maria Celina, Marta Maria, M. Zélia de Miranda, Graça Maria, Júlia Leite, Maria da Paz, Elizabeth e vários pseudônimos.

Circulando quinzenalmente, sem interrupção, o periódico proporcionou, a 26 de novembro, uma edição especial de despedida do ano, contendo doze páginas, impressa em tinta azul, repleta de trabalhos literários das colegiais, figurando na primeira "Uma homenagem" à diretora A M A R, com o respectivo clichê e palavras entusiásticas de Uma Aluna do Terceiro Ano Normal Rural.

Ao reaparecer, em abril de 1937, após o período de férias, assumiu a direção Creusa Alves da Silva, sendo substituída, em agosto, por Yara Sales. No cabeçalho colocara-se a divisa: "Ad Jesum per Mariam". Passou, no entanto, a publicar-se ora mensal, ora bimestralmente,

chegando ao nº. 20 em dezembro, dedicada a primeira página à colação de grau da primeira turma de professores do Colégio.

No ano seguinte, Rochas Messabielle circulou durante os meses de maio a novembro, atingindo o nº. 26. Em abril de 1939 veio a constatar do expediente: Diretora - Júlia Leite; secretária - Hermínia Correia; tesoureira - Beni Carlos de Andrade. Logo a seguir reduziu-se a quatro páginas. E atingiu o nº. 33 no mês de novembro, saindo o 34º. em maio de 1940, quando a tesoureira foi substituída por Amparo Melo. Abrindo, em junho, numeração nova, prosseguiu até o nº. 6, com o qual encerrou, em novembro, o ano letivo.

Manteve o programa enunciado, apenas variando de colaboradoras. O trabalho gráfico efetuou-se, no decorrer de 1938/1939, nas oficinas d'A Notícia, voltando para a Tip. Lobo, de Catende (Bib. Púb. Est. e Col. J. Montenegro)(2).

## O LICEU

Sem nenhuma indicação de expediente, circulou o nº. 3 no dia 28 de novembro de 1939, obedecendo ao formato de 31 x 22, com quatro páginas a três colunas de composição. Trabalho material da Tipografia Lobo, de Catende. Sobre o título viu-se uma manchete de homenagem aos órgãos culturais de Palmares.

---

(2) Coleções incompletas, completam-se entre si.

Ocupou a primeira página, circulada, com o respectivo clichê, o editorial "Gratidão", de louvor ao prefeito Pedro Afonso de Medeiros, lendo-se num dos tópicos: "Em seu terceiro número, sente O Liceu a necessidade de tornar-se o porta-voz de uma pleiade de jovens cheios de fé, em cuja inteligência se desenvolve embrionariamente a árvore da ciência, para retumbar os ecos festivos da inauguração do prédio do Liceu Municipal de Palmares".

Nas demais páginas escreveram: José Otávio, Maria Graciete, Edvaldo Silva, Celecina Cavalcanti, Mirielis, Dirce Lima e Genaldo Gouveira, terminando com noticiário sobre os resultados do ano letivo encerrado (Col. J. Montenegro).

## DEZENOVE DE MARÇO

Órgão do Externato São José - Após uma edição de experiência, manuscrita, circulou o nº. 1, ano I, no dia 19 de junho de 1941, com quatro páginas de três colunas, em formato de 31 x 23, impresso em Catende, na Tipografia Lobo. Diretora - Nildes Freire; redatora-secretária - Maria Lúcia Paiva, substituída, logo no segundo número, por Eglair Fraga; tesoureiro - Glauco Belo César.

Seu aparecimento, segundo o artiguete "O nosso jornalzinho", assinado pela diretora, proveio da necessidade de uma distração, para a turma, além do currículo escolar. Como desse bom resultado a experiência, aí estava o períó-



dico com melhor fisionomia, disposto a não esmorecer no caminho.

Circulando mensalmente, divulgava colaboração juvenil, noticiário, troças, perfis, pensamentos, telegramas humorísticos, etc.

Com uma única lacuna, atingiu o nº. 6 em dezembro (Col. J. Montenegro).

## O 24 DE MAIO

Órgão do Grupo Escolar José Bezerra - Começou a publicar-se em março de 1943, no formato de papel ofício, manuscrito, impresso pelo sistema hectográfico, utilizando tinta de cópia. Quatro páginas, às vezes ilustradas pelos escolares. Diretor - Aldemário Soares; secretária - Hélia Correia; redatora - Neide Montenegro.

Sua matéria constituiu-se de exercícios de literatura dos alunos, biografias e recreações. Circulou regularmente, cada mês, durante o período letivo. No ano seguinte teve novo corpo redacional, a saber: Linaldo Moreira, Lindalva Pimentel e Letinha Chaves; assim como em 1945: Valfrido Maciel, Eurides Gusmão e Altamires Silva.

Último número avistado: o XXII, ano III, correspondente ao mês de maio de 1945 (Col. (incompleta) J. Montenegro).

## **PRÁ VOCÊ**

Folha humorística, número único, circulou no ano de 1946, sob a orientação de José Barreto e Manuel Barreto dos Santos (Relação Beda Cavalcanti).

## **A BOMBA**

Órgão carnavalesco, saiu à rua em fevereiro de 1947 (Relação Beda Cavalcanti).

## **O CLUBE LITERÁRIO**

Edição comemorativa do 65º. aniversário de fundação do Clube Literário de Palmares, circulou no dia 2 de outubro de 1947, obedecendo ao formato de 31 x 23, com seis páginas de quatro colunas. Iniciativa e direção de Fenelon Barreto e confecção material da Tipografia Lira.

O editorial de abertura focalizou os antecedentes do sodalício, seu fastígio, nomes dos fundadores, depois o decesso, evasão da biblioteca que o enriquecia e, finalmente, a iniciativa de um grupo de abnegados, que resolvera ampará-lo, evitando o completo desmoronamento. Outro artigo intitulou-se "O Clube e o seu objetivo". Por sua vez, abordaram o assunto Osvaldo Morais, M. H. Wanderley e Zózimo Lemos. Ainda sueltos e "Notas Informativas" (Col. J. Montenegro).

## PALMIRA

Órgão Noticioso e Independente - Editada pela Tipografia Lira e dirigida pelo respectivo proprietário, Mário Galvão de Lira, saiu a lume no mês de outubro de 1947, formato de 23 x 16, com 32 páginas de texto. Na capa, de papel couchê, impressa em tricromia, figurou o desenho de uma lira, tendo como fundo paisagem marinha. Redação e administração na Praça Mauriti, 5. Assinatura anual - Cr\$ 20,00; preço do exemplar - Cr\$ 2,00.

A página de abertura, sob o título "Saudação a Palmares", consubstanciou o programa da revista, a ressaltar o seguinte tópico: "Dentre os vários itens do seu programa, Palmira traz uma bandeira de idéias cuja realização consituirá um orgulho para os nossos conterrâneos. Refletindo os primores da inteligência de Palmares, ora nos domínios artísticos, ora no setor econômico, ora no terreno literário, esta revista será um portavoz do nosso progresso, repercutindo a sua influência não só na zona a que pertence este município, mas em todo o Estado de Pernambuco".

Publicação mensal, circulou regularmente, vindo a juntar-se ao diretor, no nº. 3: redator-chefe - João Costa; secretário - Marcomiro Júnior; superintendente - José Freire, servindo como repórteres Alberônio Santiago e M. Auxiliadora e fotógrafos Jonas Travassos e o próprio diretor-proprietário.

Dispunha o magazine das seções “Melodias para você”; “Palmares Social”; “Horas de recreio”; “Cantinho do charadista”, a cargo de Luferra, ou seja, Luiz Ferreira de Oliveira; “Página antiga”; “Mundanismo”, por Orfeu; “Vamos rir”; “Gameleira Social”, de João Vilaça (só nos dois primeiros números); “Página Infantil” e uma página cinematográfica.

Além das produções do pessoal de casa, inseria colaboração de André Beda Cavalcanti, acadêmico Cleodon S. Granja, com os “Conselhos Médicos”; Pelópidas Soares, que mandava “Catende - Sociedade”; João de Belli, Artur Griz, Zflemos, Jecely Farias, Sátiro Pitiá, Calazans de Araújo, Oscar Wanderley, o do “Cantinho do Fazendeiro”; Réa Silvia, Fenelon Barreto, Edmar Holanda e outros.

Palmira, que não primou pelo bom gosto material, apresentava regular quantidade de anúncios e saía, invariavelmente, com 32 páginas, impressas em cores diferentes. Algum serviço de clicherie, prejudicado pela falta de nitidez. Capas sempre ilustradas com fotografuras.

Atingiu o n.º 9 no mês de junho de 1948, última edição manuseada (Bib. Púb. Est.)(1).

A publicação prosseguiu, haja vista o anúncio a seguir, divulgado na edição d’A Voz de Palmares de 12 de setembro do mencionado ano: “Está no prelo o n.º 12 da revista Palmira, com

---

(1) Coleção desfalcada dos n.ºs. 4, 5 e 7, este último avistado em poder do poeta Antonio Veloso.

100 páginas. Aguardem a surpresa. Sensacional!”

## **A VOZ DE PALMARES**

Órgão Lítero-Noticioso - Entrou em circulação a 11 de julho de 1948, obedecendo ao formato de 33 x 24, com seis páginas a três boas colunas de composição. Diretor - Mário Galvão de Lira; redator-secretário - José Freire. Redação e oficina (Tip. Lira) na Praça Mauriti, 5. Preço do exemplar - 1\$000.

Lia-se no artiguete de abertura: “A nossa função é, antes de tudo, a de informar, criando, por outro lado, um ambiente de conciliação no meio de todas as classes deste município”.

Publicação quinzenal, passou, desde o n.º. 3, a sair com quatro páginas. Matéria redacional fraca, mas boa colaboração, em versos, de Antonio Veloso. Atingido o n.º. 5, datado de 12 de setembro, não consta que tenha prosseguido (Col. A. Veloso e J. Montenegro).

## **O VIGILANTE**

Um Jornal da Mocidade em Defesa do Povo. Órgão Independente - Estreou a 31 de julho de 1948, formato de 48 x 30, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor - André Beda Cavalcanti; secretário - Lauro Ferreira Chaves; gerente - Miguel Luiz, logo no n.º. 2 substituído por José Espínola Barreto. Redação à rua Coronel Inácio, 75. Assinatura anual - Cr\$

10,00; preço do exemplar - Cr\$ 1,00. Trabalho gráfico das oficinas d'A Tribuna, no Recife.

Visava, consoante o editorial de apresentação, a “difundir a cultura, proporcionando ensino à mocidade local para expressar suas idéias”, com o aproveitamento das “mentalidades jovens que se encontram no obscurantismo”.

A folha seguiu sua trajetória, mensalmente, divulgando matéria de interesse municipal, reportagens ilustradas, noticiário e alguns anúncios. Não deixou, também, de dedicar ponderável espaço à literatura, sobretudo aos poetas. Daí, haver assinalado, no editorial do segundo número: “Nosso jornal... não é porta-voz de políticos, mas uma tribuna livre de difusão cultural, que trabalha pela união da grande comunidade palmarense, tão abalada pelo terrível micróbio da política”.

A colaboração esteve a cargo de Antonio Veloso, José Espínola Barreto, Calazans Alves de Araújo, Jorge C. Melo, Luiz Alves, Valmir Maranhão, João de Souza Costa, que era o mesmo J. Castelar; Olívia Lins, Edmar Holanda, João de Belli, Pedro Marques e outros.

Circularam, apenas, seis edições, algumas de seis páginas, sendo a última daquelas, quando se afastara da redação Beda Cavalcanti, datada de 9 de janeiro de 1949 (Bib. Púb. Est. e Col. J. Montenegro).<sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Acha-se desfalcada do n.º. 1 a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

## O APRENDIZ

O n.º 1, ano I, circulou no dia 30 de setembro de 1949, formato de 30 x 21, com quatro páginas de duas colunas largas. Patrocinado pelo Grêmio Cultural Roberto Simonsen, imprimiu-se na oficina gráfica da Escola Artesanal Joseph Turton. Diretor - Professor Luiz Bartolomeu Guimarães; redatora - Professora Grinaura Falcão.

Luiz Pinto assinou "Algumas Palavras" de abertura, falando da finalidade da publicação encetada, que vinha ensejar aos alunos a oportunidade de expandir suas idéias, assim como das facilidades encontradas para a efetivação da iniciativa.

Inseriu produções de Elizeu Melo, Ezequias Pessoa e Abimael Lins; uma página de "Atualidades esportivas" e outra de "Recreio", além de "foguetes" de orientação.

Faltam notícias da continuação (Col. J. Montenegro).

## TRAÇO DE UNIÃO

Órgão Lítero-Noticioso da Escola Técnica de Comércio de Palmares - Sem conhecimento da edição de estréia, o n.º. 2, ano I, circulou no dia 1 de abril de 1950, formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas.

Publicação mensal, saiu a lume o n.º. 3 em igual data do mês de maio. Matéria variada, de

interesse estudantil, incluindo colaboração em prosa e verso e as seções “Fatos & Boatos”, “Você sabia...”, “Coluna de Edipo”, “Malo-Kisses” e noticiário.

Faltando a certeza da continuação, voltou a circular, numa “nova fase” – n.º. 1, ano I - a 29 de junho de 1951, com quatro páginas mimeografadas e reversos em branco. Direção - Centro 1.º. de Março; redator-chefe - Lauro Ferreira Chaves. Tinha o mesmo objetivo, conforme o artigo “O reaparecimento”, tal o de “associar a família estudantil”, fazendo um apelo em prol do “congraçamento de todos”, do “desarmamento das paixões”.

O n.º. 2 saiu a 31 de julho. Depois, encontra-se na coleção o n.º. 4, datado de 1 de maio de 1952, impresso na oficina do Diário da Manhã, no Recife. Seis páginas, formato de 33 x 22, e quatro colunas de composição, e bastante matéria. Apareceu outro n.º. 4 a 7 de junho, só com quatro páginas.

Traço de União divulgou, nas duas fases, colaboração de E. P., Gileno Ferreira, Bastos Leão, George A. Araújo, Adeildo R. de Lima, Antonio Agra Lopes, Zezé Queiroz, Limeira Coelho, Lívio Filho, Geraldo Calazans, Aleixo Leite Filho, J. Barros, A. A. Júnior, Luferra e outros.

Faltam notícias do prosseguimento (Col. J. Montenegro - 1a. fase e Bib. Púb. Est. - 2a. fase).



## O ARCANO

Trimensário Charadístico - Começou a publicar-se no dia 1 de janeiro de 1951, com apenas duas páginas, numa folha de 33 x 26, a quatro colunas de composição. Diretor - Luiz Ferreira de Oliveira (Luferra); secretário - Olívio José de Freitas (Oivilo). Custo do exemplar - Cr\$ 1,00.

Fechando a página do reverso, a nota “À guisa de apresentação”, de onze linhas, em toda a largura, firmada pelo diretor, focalizou a concretização do sonho dos panzofistas palmarense, que era a divulgação de um jornal. Aí estava ele: “Um veículo a serviço da arte que Édipo nos outorgou”.

A edição foi dedicada ao primeiro torneio de 1951, contendo charadas novíssimas, casais e logogrifos.

Ostentou melhor aspecto o n.º. 2, de 1 de abril: quatro páginas, formato de 32 x 23, a três colunas de 11 cíceros. Inseriu “Agradecimentos”, “Nomenclatura das charadas”, por Frei Paulino; o resultado do primeiro torneio e componentes da matéria do segundo.

Na data certa - 1 de julho - circulou o n.º. 3, contendo o terceiro sorteio, resultados do segundo e o artigo “Pelo bom nome do charadismo”, da lavra de Luferra, com o respectivo clichê na página de frente.

Teria terminado aí a existência d’O Arcano (Bib. Púb. Est.).

## A REGIÃO

Órgão Independente e Noticioso - Surgiu no dia 18 de maio de 1952, formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas. Diretor-proprietário - Durval Ferreira Lins; diretor-secretário - Luiz Ferreira de Oliveira; diretor-gerente - João Porfírio. Redação e oficina à rua Coronel Austriclino, 887. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Lia-se no editorial "Apresentação": "Sem cor partidária, sem tendenciosidades duvidosas, apoiaremos o que trouxer o bem social, o desenvolvimento da terra, o seu progresso moral, econômico ou intelectual, sem cavilações nem exageros, sem bravezas nem covardias, mas com o equilíbrio dos que defendem as boas causas, com a serenidade e segurança daqueles que não estão cultivando hortaliças para a refeição de amanhã, mas plantando o jequitibá das gerações futuras, imponente e frondoso".

A par do noticiário, correspondência de Catende e reclames comerciais, inseriu colaboração de João Porfírio, Amador Filho, Delair Maranhão Bandeira, Calazans de Araújo, o mesmo Zé Modesto, etc. (Col. Oswaldo Araújo, Fortaleza, Ce).

Embora não restem outros comprovantes nas bibliotecas e arquivos particulares visitados, a publicação estendeu-se até o n.º 12, que circulou no dia 7 de dezembro e foi possível manuseá-lo. Inseriu produções de Pedro Afonso, Osório Teles, M. Valderéz Borges e J. & Souza,

este firmando a seção "Fatos e Sugestões". Na última página, a 4a., a notícia de que o periódico, em janeiro de 1953, passaria a ter sede na vizinha cidade de Catende (Arq. Durval Lins).



## PALMEIRINA\*

### O COLIBRI

Periódico Literário, Mercantil e Religioso  
- Entrou em circulação a 7 de julho de 1901, no formato de 27 x 19, com quatro páginas de três colunas estreitas. Propriedade de Frederico de Moraes, sendo redatores “diversos”. Impresso em tipografia própria, destinava-se a sair quinzenalmente. Assinatura trimestral - 1\$500.

Lia-se no editorial de abertura: “Ao despontar a aurora de hoje, data faustosa que ficará registrada nas páginas da história de um povo, apresentamos ao público em geral o humilde fruto de nossas forças - O Colibri, este pequeno lidador das causas nobres, que tem em vista ocupar-se da literatura, notícias e comércio”.

---

\* Ex-Palmeira de Garanhuns.

Depois de outras ligeiras considerações, concluiu: "Este modesto jornalzinho tornar-se-á para nós um pequeno gigante logo que vejamos a nossa idéia abraçada por todos os que amam o progresso das letras, nos auxiliando com o seu contingente de maior boa vontade para chegarmos ao fim desejado".

A edição divulgou artigo de Frederico de Moraes; "Álbum literário", com poesia de Leovigildo; a seção de charadas e logogrifos "Recreio ao cérebro", por Osório de Barros, e notícias de poucas linhas, enchendo-se a quarta páginas de anúncios.

Publicou-se o n.º. 2 no dia 22 do referido mês, obedecendo ao mesmo ritmo, com a colaboração de Nabor Dinarte e do poeta Segundo Wanderley.

Terminou aí a existência do pequenino jornal (Bib. Púb. Est.).

## **PALMEIRA JORNAL**

Órgão Independente - Fundado a 31 de janeiro de 1927, deu à luz o n.º. 4 no dia 30 de março, apresentando-se em formato de 48 x 31, com quatro páginas a seis colunas de nove cículos. Sob a direção de Cavalcanti Filho, tinha como redator-secretário Adauto Barreto. Impresso em papel couchê (trabalho das oficinas do Norte Evangélico, de Garanhuns), custava 5\$000 a assinatura anual.

Constituía-se sua matéria de editorial; artigo do diretor, em coluna dupla; noticiário; a seção de charadas "Busilis", a cargo de Pacífico da Paz (Manuel Barreto da Silva Nem); "Página Literária" e uma de anúncios, a última.

Após o n.º 5, de 31 de maio, ficou o periódico suspenso, para voltar a 30 de julho, numa edição especial de seis páginas, ilustradas com fotogravuras, impressão a cores, já em oficina própria(1), localizada, junto à redação, na rua Conde D'Eu. Adotou, também, assinaturas por semestre, à razão de 3\$000. E, de mensário que era, passou a circular quinzenalmente. Aceitava, conforme o Expediente, "trabalhos literários, humorísticos, artigos de interesse coletivo". Continuava o concurso: "Qual a mais bela senhorinha de Palmeira?"

Logo na edição seguinte, carinhosa notícia aludiu ao afastamento de Adauto Barreto do cargo (que permaneceu vago) de redator-secretário.

Prosseguiu normalmente e, a 31 de janeiro de 1928, comemorava-se-lhe o primeiro aniversário, com seis páginas, na primeira das quais o editorial a respeito, focalizando a tranquila consciência de não haver traído o programa traçado.

A partir de então, o periódico repetiu, na quarta página, o cabeçalho, utilizando o desenho do clichê da primeira, em letras góticas, resumi-

---

(1) A inauguração da tipografia foi festejada com discursos, banda de música e bebedorias.

do. Aos lados, o Expediente e, em baixo, a indicação: “Quinzenário dedicado aos interesses do povo”. A 12 de agosto voltou ao seu posto, na redação, Aauto Barreto, quando veio a usar os pseudônimos João do Beijo e Teócrito de Souza.

Desde sua fundação, o Palmeira-Jornal admitiu boa equipe de colaboradores, em prosa e verso, uma vez que a literatura lhe tomava apreciável espaço. Foram eles: Waldemar Lopes, Andrade Lima Filho, Otávio Lima, Odilon R. Moreira, De Filgueira, Gilberto Rosas, Aimbiré Kanimura, Lisboa Brito, De Souza Costa, Fernando Baltazar de Mendonça, Almeida Pernambuco, Cromwell Leal e Aygulfo Jorge de Souza.

A 1 de janeiro de 1929, já em seu n.º. 36, o Palmeira-Jornal deu uma edição extraordinária, de oito páginas, comemorativa da ascensão, pela qual se batera, da vila a município, e logo transformou-se em semanário, subindo o preço da assinatura anual para 10\$000. Algumas edições saíam com seis páginas.

Ao entrar no terceiro ano de vida, já dedicava menos espaço à literatura, inserindo cada semana um soneto, às vezes dois. Eram de anúncios as páginas centrais. Em compensação, criou o Suplemento Palmeira Elegante (ver pág.425). Na edição de 23 de junho surgiram dois novos redatores: Raimundo de Moraes e Romeu Cavalcanti, enquanto Aauto acumulava as funções de gerente. Foram outros colaboradores: Nelson de Alcântara; Sylvius, com a crônica “Uma coluna”, e Zanoni; além de W (Waldemar Lopes),



que passou a escrever a crônica “De Kodak”, enviada do Recife.

Com o falecimento, em janeiro de 1930, de Cavalcanti Filho, tornou-se proprietária do Palmeira-Jornal a firma Viúva C. Filho & Irmãos, mas não prosseguiu a publicação, saindo o número 87, último, a 2 de fevereiro do referido ano (Bib. Púb. Est.).

## **PALMEIRA ELEGANTE**

Suplemento Ilustrado, de Literatura, Elegâncias e Frivolidades - Tendo como redatores Cavalcanti Filho, Aduino Barreto e Waldemar Lopes, entrou em circulação a 5 de maio de 1929, no mesmo formato do Palmeira-Jornal, a cujos leitores se distribuía gratuitamente. Continha seis páginas, impressas a cores, duas das quais servidas de anúncios.

Apresentava-se com o objetivo “de proporcionar, de elastecer, de disseminar, enfim, o progresso” da localidade, na ânsia “de realizar mais, de progredir, de evoluir”, que dominava os espíritos moços dos seus idealizadores.

Destinado a sair mensalmente, os números seguintes tiveram apenas quatro páginas, deles constando, afora a produção dos redatores, outras de Cromwell M. Lima Leal, de Filgueira, Gilberto Rosas, Nelson de Alcântara, M. Van der Ley, João Costa, Teócrito de Souza, e João do Beijo (dois pseudônimos de Aduino Barreto), Aimbiré Kanimura, Jaime de Pompéia, Lucilo

d'Ávila, Narciso, José Diniz Filho, etc. Durante sua existência, o Suplemento manteve um concurso para apurar qual o rapaz mais cabuloso de Palmeira. Apurou.

Não foi além, o Palmeira-Elegante, da quarta edição, datada de 25 de agosto (Bib. Púb. Est.).

## LUZ

Número único, circulou a 8 de dezembro de 1929, em pequeno formato, com quatro páginas, sob a direção de Adauto Barreto. Teve como objetivo comemorar a inauguração da iluminação pública local, fazendo-o através de comentários e amplo noticiário (Bib. Púb. Est.).

## FOLHA DO MATO

Mensário Independente - Surgiu no dia 2 de abril de 1933, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Odilon Moreira; secretário - A. Tavares; redatores - Manuel Paes, Luiz Viana, Severino Aguiar e João Barreto Sobrinho; gerente - Correia Filho. Assinaturas: ano 5\$000; semestre - 3\$000. Impressão das oficinas gráficas da Livraria Escolar, em Garanhuns.

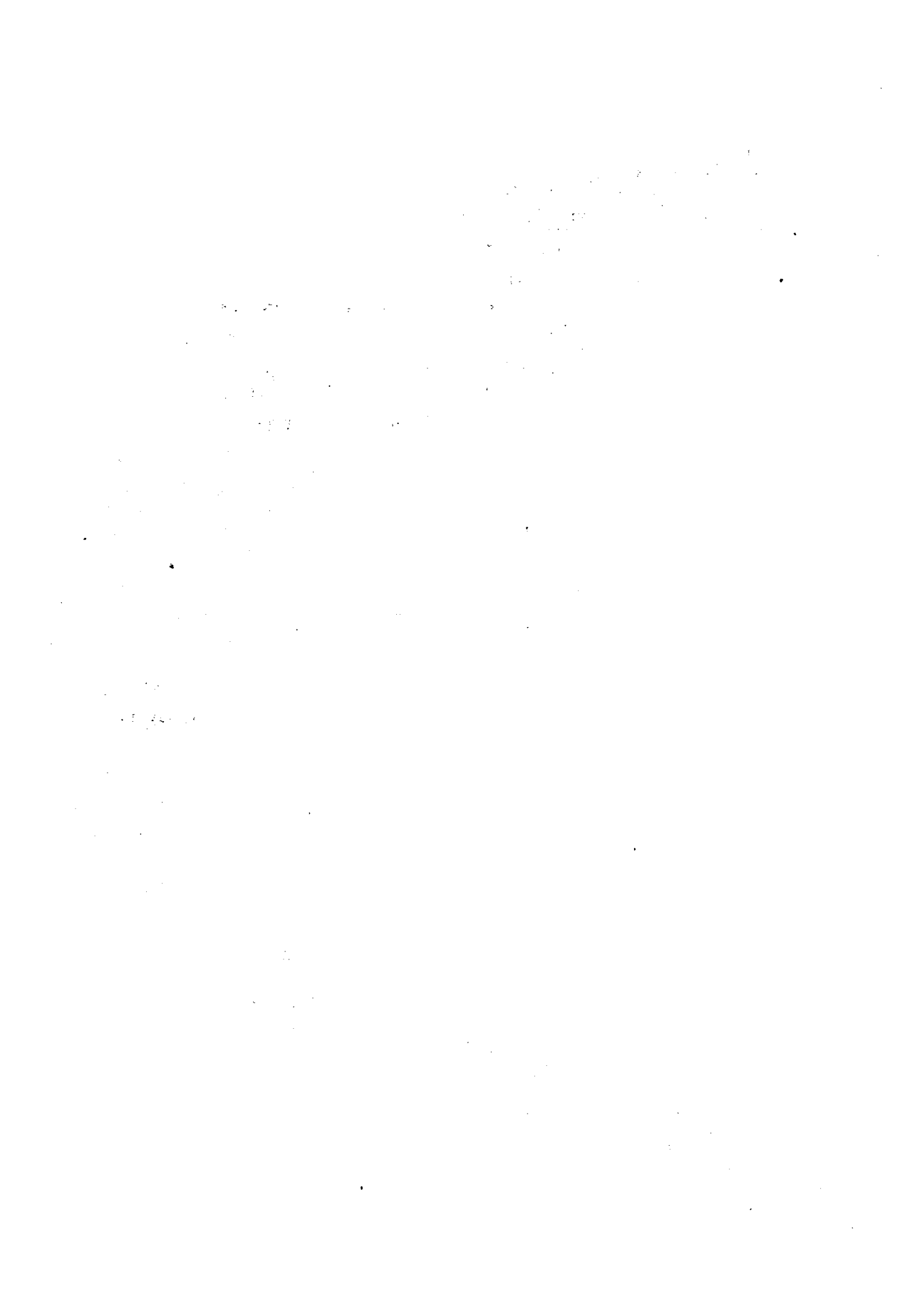
“Apresentando-se, dizia aparecer, movido unicamente por um princípio de patriótico bairrismo”, disposto “a bater-se “em prol dos interesses coletivos”, sem abraçar “nenhuma corren-

te política nem religiosa”. A verdade seria sua arma exclusiva.

Seguiu a Folha sua meta, inserindo editoriais e sueltos de caráter político-econômico e de interesse local, alguma literatura, noticiário e ligeiros anúncios. Além de produções assinadas pelos de casa, contou com a colaboração, entre outros, de Nair Pinto Rocha, Auta Viana, Joaquim Borba, Carlos Alcibíades (pseudônimo de Antonio Lisboa Brito), Manacés Cavalcanti, Lucilo d'Ávila, Cromwell Leal, Antonio da Costa Montenegro, Tiago A. Lins e Zé do Riso, como se ocultava, nas “Cartas Matutas”, Alcides Lopes.

Circulou com regularidade, transferindo-se o trabalho de impressão, após o n.º 5, para a Tipografia Assis, de Quipapá.

Não pode, entretanto, ir muito adiante, terminando sua existência uma vez dado a público o n.º 8, de 30 de novembro (Bib. Púb. Est.).



## PANELAS

### CORREIO DE PANELAS

Órgão do Partido Republicano Democrata - Entrou em circulação no dia 23 de janeiro de 1915, obedecendo ao formato de 43 x 28, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-proprietário - José Rufino da Silva Melo; redatores - "diversos"; redação e oficina à rua do Comércio, 52. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000; para fora do município - 6\$000 e 4\$000, respectivamente. Número avulso - 100 réis; anúncios - por ajuste.

Propunha-se, conforme o editorial "Nosso programa", a "trabalhar com afinco e denodo, em prol do progresso material, moral e intelectual" da terra, "quiçá de todo Pernambuco", merecendo-lhe especial atenção "o estudo financeiro do país", assim como "a agricultura, o comércio e a indústria". Propagaria a instrução, de-

fendendo “os nobres ideais da Paz, do Bem, do Progresso”.

Exibiu, na primeira página, clichê do Governador Dantas Barreto, e outro, na segunda, do prefeito do município, que era o mesmo diretor do jornal, com as “homenagens do povo panelense”. Boa matéria, constituída de artigos, crônicas literárias ou sonetos de Celeste Assis Brasil Gomes, José Cordeiro Falcão, Alfredo Santos e Gastão de Gouveia; “Piadas”; “Ecos”; “Album Elegante” e outras notícias, sendo a última página de anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## PARNAMIRIM

### O JORNALZINHO

Órgão dos Alunos das Escolas Reunidas Euclides da Cunha - O n.º. 1, ano I, publicou-se em outubro de 1951, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário do movimento escolar e desenhos a lápis de cor.

Outro único comprovante encontrado foi o n.º. 14, ano IV, correspondente aos meses de agosto/setembro/outubro de 1954. Diretora - Maria A. de Jesus; redator-secretário - José P. Ferreira (Dept. Cultural da SEEC).





## PAUDALHO

### AURORA

Periódico Literário, Noticioso e Crítico - Entrou em circulação a 22 de agosto de 1869, obedecendo ao formato de 30 x 21, com quatro páginas. Trazia sob o título: "Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem no exercício deste direito" (Const. Política do Império, art. 179 - parágrafo 4º.). Constava do expediente: "Subscreve-se para esta folha em Paudalho, em casa do bacharel Pergentino Saraiva de Araújo Galvão, à razão de 12\$000 anuais".

Destinava-se, conforme o Jornal do Recife (em cuja tipografia se imprimiu), “a advogar os interesses da vila e a recrear os seus moradores com interessante leitura”.

A única edição de que existe comprovante, na Biblioteca Pública do Estado - o n.º. 7, de 9 de outubro - inseriu, mais do que tudo, transcrições, um pouco de literatura, noticiário e alguns anúncios.

Não terminou aí a vida do semanário, conforme registrara Alfredo de Carvalho(1) , pois o Jornal do Recife, de 16 de dezembro do mesmo ano, transcreveu, na sua “Gazetilha”, uma notícia publicada na edição d’Aurora, de 11 do referido mês, a respeito de assaltos verificados no território da então vila de Paudalho.

Também não foi possível saber até quando ocorreu a publicação do pioneiro da imprensa paudalhense.

## **GAZETA DE PAU D’ALHO**

Órgão quinzenal, publicou-se o n.º. 1, ano I, a 15 de março de 1892, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de três colunas, impresso na Tip. Industrial, do Recife. Propriedade “de uma Associação”, apresentou como redatores João Pacífico Ferreira dos Santos e José Tomaz Nunes do Vale, funcionando a redação na rua

---

(1) “Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908”.

Pires Gonçalves, nº. 1-A. Assinaturas: mensal - 1\$000; trimestral (para fora da cidade) - 3\$000. Número avulso - 0\$500.

Com o título colocado ao centro, lia-se de um lado: “Em qualquer assunto é livre a manifestação do pensamento, pela imprensa e pela tribuna, sem dependência de censura, respondendo cada um pelos abusos que cometer, nos casos e pela forma que a lei determinar” (Const. Fed., art. 72, parágrafo 12). Do outro lado, a quadra a seguir, do livro “Ebulições”, de Claudino dos Santos:

Abramos nossa porta; ele aí vem molhado,

Ainda renascendo a trâmites de guerra...

Vem saudar-nos trazendo um lúcido punhado

De coisas que se dão aqui por nossa terra.

“Não é um jornal político exclusivamente” - lia-se no artigo de abertura, assinado pelos redatores. Terá sempre “um brado de louvor aos acertos, como terá um grito verberante para os desmandos de qualquer governo. Estará sempre do lado do oprimido”.

Não usaria “nem ofensas pessoais, nem diatribes, nem injúrias”. A Lei, o Direito, a Família, a Religião teriam o preito devido em suas colunas. Era “órgão e defensor de todas as classes, do Comércio, da Agricultura, das Artes e das Letras”. Finalmente, incluía uma parte consagrada às leitoras.

Tendo uma página de anúncios, a quarta, as demais inseriam interessante matéria, assim

distribuída: “Por aqui e por fora...”, crônica de Pipelet; folhetim; “Revista quinzenal”, constituída de noticiário; “Por mundos encantados”, com o registro de aniversários; “Leitura amena” e “Por conta alheia”, aí incluídos os versos satíricos “Chufas e lufas” (Bib. Púb. Est.).

Teriam circulado mais duas edições, a última das quais de 15 de abril, segundo Alfredo de Carvalho (obra citada).

## O BOLIÇOSO

Jornal manuscrito, de uma só edição, que passava de leitor a leitor, circulou em 1898, redigido por L.A.U., tendo causado “verdadeiro sucesso no seio da S. I. P.” (Informação do próprio L. A. U., n’O Planalto, de Carpina, edição de 17/09/1933).

## O SAPO

Publicou-se, igualmente, em 1898, nas mesmas condições d’O Boliçoso, com o qual travara forte polêmica. Era redigido por José Wilson Dantas de Oliveira (do mesmo informante).

## O NOTÍCIAS

Órgão Noticioso - Publicação mensal, só foi possível encontrar comprovante do no. 8, ano I, de 6 de novembro de 1904. Manuscrito, ocupou uma folha de papel pautado, as quatro pági-

nas divididas em duas colunas de matéria. Redatores - Sansão, Alves, Nestcher, Legnar, Heliete e Jaguarino.

Abriu a edição uma nota de protesto contra a insinuação de “alguém” que andava espalhando o boato de que O Notícias criticara “diversas famílias”. Pretendia o “caluniador ignóbil”, assim, “interromper a boa marcha do moral e gracioso jornalzinho”. Daí, o protesto dos redatores. Seguiram-se crônicas literárias, soneto (de Landim), quadras, noticiário e algumas doses de humorismo (Gentileza de Severino Soares à Bib. Púb. Est.).

## O LAÇO

Órgão Independente - Fundado em janeiro de 1913, circulou o n.º 6, ano I, no mês de junho, em formato de 33 x 23, com quatro páginas de três colunas, impresso em papel couchê. Diretor-proprietário - Antonio de Barros Motta(1), funcionando a redação e oficina na rua Marechal Deodoro, 50. Assinava-se a 3\$000 por anualidade, “com direito a publicações grátis”. Número avulso - 100 réis. A edição inseriu produção, em prosa, de José Cavalcanti de Azevedo e poesias de Lauriano Fernandes. E. C. L., M. F. A. e Ernesto de Albuquerque.

---

(1) Dizia um anúncio d’O Laço: “Antonio de Barros Motta fabrica com perfeição aguardentes sem conter sais de cobre, assim como vende essências para bebidas nacionais de todas as qualidades e também os competentes rótulos para as mesmas”.

Ao comemorar o primeiro aniversário – nº. 13, de 31 de janeiro de 1914, sendo Lauriano Fernandes redator-secretário - o periódico encheu toda a primeira página com clichê do diretor Barros da Mota, como “modesta homenagem”. Colaboração, nas páginas centrais, de Antonio Carneiro Leão, Belarmino de Almeida e outros.

Ao atingir o nº. 29 - maio de 1915 - a direção d'O Laço chamava atenção para os brindes que distribuía aos assinantes, a escolher: 3 frascos de essências para aguardente; 3 vidros de qualquer específico; 100 cartões de visita; 500 rótulos para engarrafar bebidas; 2 talões para recibos; 3 frascos de extratos; 3 volumes de romances, etc., adiantando: “A redação garante que todos os brindes que distribui são do valor real de 3\$000 e, sendo este o custo da assinatura do jornal, vem a ser o mesmo gratuito e por este preço não resta a menor dúvida que é o jornal mais barato até hoje conhecido”.

Prosseguindo, comemorou o terceiro aniversário com o nº 37, ano IV, de janeiro de 1916, estampando o retrato do diretor-proprietário, também designado redator-chefe. Frisava, em editorial: “...tem por objetivo o progresso moral e intelectual desta terra”; e não arredaria um passo da divisa: “Facianus ei adiutorium simile ubi”.

Dando edições ora de quatro, ora de seis páginas, o mensário era graficamente mal feito. Seu noticiário entremeava-se de anúncios de

poucas linhas. Contava, no entanto, com a colaboração de Antonio Carneiro Leão, Valfrido Freire, José Teófilo, que tratava de assuntos agrícolas, etc.

A publicação estendeu-se até o n.º. 49, ano V, de janeiro de 1917, após o que mudou a redação para a cidade de Carpina (Bib. Púb. Est.).<sup>(2)</sup>

## CORREIO DE PAU D'ALHO

Órgão do Grêmio Literário Machado de Assis<sup>(1)</sup> - O n.º. 1, ano I, circulou no dia 11 de junho de 1916, em formato de 34 x 25, com quatro páginas de três colunas, sendo impresso na oficina d'A Serra, em Timbaúba. Redação à rua Marechal Deodoro, 2. Assinatura por seis números - 1\$200.

Apareceu, conforme o artigo de abertura, com o "louvável desígnio de melhor conduzir o ideal de seus associados pela senda luminosa das letras e adestrá-los no manejo difícil do burilamento da palavra".

Sua matéria constituiu-se de crônicas de J. Reis (Jerônimo Lúcio dos Reis) e J. P.; sonetos de Ernesto de Albuquerque e Jethro Saraiva; "Noticiário"; "Informações da guerra"; "Carteira de Oedipo", a cargo de K. Listo & Irmão, e uma página, a quarta, de anúncios (Bib. Púb. Est.).

---

<sup>(2)</sup> Encontrados, apenas, números esparsos.

<sup>(1)</sup> O Grêmio era presidido por Manuel Vieira Guimarães.

Sem que reste nenhum outro comprovante, a publicação continuou, pelo menos, até o n.º 3, registrado pelo semanário O Porta-Voz, de Bezzeros, em sua edição de 27 de agosto.

## O RADICAL

Surgiu no dia 10 de fevereiro de 1917, formato de 48 x 33, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Pedro (de Alcântara da Silva) Coutinho; secretário - José Dantas de Oliveira. Impresso em tipografia própria, assinava-se a 6\$000 por anualidade, custando o número avulso 100 réis.

Segundo o editorial de abertura, não devia causar apreensão “aos timoratos e acomodaticios” o nome do jornal, pois “na linguagem política, pura e elevada, radicais são os que querem a democracia completa”, acentuando: “Dentro da ordem e do respeito à lei, às convicções e à liberdade de cada um, os radicais são antes a garantia segura da democracia que elementos subversivos e demolidores das instituições sociais e políticas”.

Faria, necessariamente, política, mas a grande política de princípios, sem imiscuir-se na baixa e vil politicagem em que os homens se degladiam na luta dos partidos”. Concluiu declarando que todos os leitores encontrariam, em suas páginas, “um pouso amigo e sincero”.

Seguindo sua meta semanal, teve como primeiro objetivo protestar contra a aposição, considerada inconstitucional, da imagem de



Cristo no salão do Júri local, através de comentários redacionais, secundados por artigos originais de Manuel Arão, Metódio Maranhão, João Aureliano Correia de Araújo e Valfrido Freire.

Enquanto isto, o diretor do jornal defendia-se, em artigos sucessivos, de ataques desferidos contra a sua administração como prefeito de Paudalho, exercida no período de 1912/1916, ao passo que a redação criticava a de João Calvalcanti de Petribu, sucessor daquele, assim como a atuação do juiz de direito João Batista Correia de Oliveira, vitorioso na campanha do Cristo no Júri, pleiteada desde seis anos atrás e preterida por dois prefeitos pretéritos.

A par da matéria de rotina, O Radical apresentava uma “Coluna de Mestres”; o “Estelário”, onde apareciam sonetos de Araújo Filho, Guedes Alcoforado e outros; o folhetim “A religiosa”, de Diderot, enquanto Manuel Arão ainda firmou, por algum tempo, o comentário “À margem dos fatos”, sendo outros colaboradores Getúlio Amaral, Sinfrônio Magalhães, Joaquim Inojosa(1), José Teófilo; Annabriles, autor das “Cartas sem porte”, procedentes do Recife; Carlos Mariz, o das “Considerações”, etc. Bom noticiário; Solicitadas, e pouco mais de uma página de anúncios.

---

(1) “Rússia de hoje”, focalizando a mudança do regime na terra dos czares, foi o artigo (edição d’O Radical, de 14 de abril de 1917) com o qual, o então ginasião Joaquim Inojosa, orador oficial da Sociedade Literária Álvares de Azevedo, do Recife, abriu caminho na carreira jornalística em Pernambuco.

O n.º 20, de 8 de setembro, foi dedicado à agressão cometida pelo fiscal de consumo Pedro Calado, a 22 do mês transato, contra o diretor Pedro Coutinho, sendo, ao invés, baleado e prostrado sem vida o impressor Epifânio de Andrade Lima, que acorrera em defesa do agredido. Sucedeu que o periódico noticiara atos arbitrários de Pedro Calado; este, procurando o responsável pela publicação, na Farmácia Coutinho, contígua à oficina gráfica, ameaçou quebrar-lhe a cara, se voltasse a escrever contra ele. Travou-se luta corpo-a-corpo, até que o fiscal, sacando do revólver, cometeu o assassinio premeditado contra Pedro Coutinho, que apenas ficou levemente ferido.

Figuraram clichês das duas vítimas.

O Radical prosseguiu, sem interrupção, contando, em 1918, novos colaboradores, a saber: J. Penalva, do Recife, com as “Cartas sem franquia”; San Du Val, autor da “Crônica”; Francisco Gomes Duarte; Zeca Rocha Melo; Osiris Caldas (prosa e verso); Guedes Alcoforado, que divulgava lições de Português, sob o título “Ementário”; Xisto e San Telmo, com os “Retratos”; Miss Jane, com “Perfis” (de rapazes); J. Peixoto, etc. A partir de junho inseria-se a seção “Coisas do Cristo no Júri que merecem ser vistas e admiradas”. de críticas à administração municipal; veio depois: “Aqui... Ali... Além...”, e começou a 5 de outubro o concurso “Qual a senhorita mais formosa?” Ocorriam folhetins e já ocupava duas páginas a parte de reclames comerciais.

Iniciado 1919, o semanário divulgou, em sua edição de 18 de janeiro, uma carta do historiador Mário Melo, que escrevera a memória histórica “Paudalho” e foi criticada pela redação. Defendeu-se o Autor: “Os deslizes que apontais não têm importância nem histórica nem geográfica”.

Vinham aparecendo poesias de M. Pessoa Filho, o mesmo que depois firmava artigos políticos com o nome todo: Manuel Pessoa de Luna Filho. Outros colaboradores: Antonio Caracilles Leite, Benjamin Coutinho, Luciano do Vale ou Valdemir do Vale, que firmava “Postais”; ainda Joaquim Inojosa, F. Duarte e sempre San Du Val, além dos artigos esporádicos do diretor e da assídua seção de comentários “Coisas do Campo”, assinada pelo agricultor José Teófilo.

A partir do mês de julho, o jornal deu cobertura à propaganda da candidatura do General Dantas Barreto à sucessão governamental, ao passo que atacava a gestão de Manuel Borba.

Era, igualmente, assunto constante da redação a morosidade dos serviços de canalização de água na cidade, cujos comentários terminavam, cada semana, com uma quadra satírica, a exemplo da que saiu na edição de 23 de agosto:

Sai do tronco o verde galho,  
De folhas se enchendo vai;  
Mas a água de Paudalho  
É que dos canos não sai.

Tomando novo alento, O Radical, que não vinha circulando com a devida regularidade, criou, a 4 de outubro, a “Seção Elegante”, a cargo de Jota, incluindo concurso de simpatia, pensamentos, perfis e crônicas ligeiras.

A publicação atingiu o n.º. 136 a 8 de dezembro de 1919, quando Pedro Coutinho estampou uma Declaração, segundo a qual, em vista de retirar-se da cidade, era forçado a suspender O Radical(2), que “deu combate à infamíssima administração do município, à intolerância da Igreja dos Borgias e aos indignos aventureiros que têm desvirtuado e anulado o regime fundado em 15 de novembro” (Bib. Púb. Est.).

## A BIGORNA

Ciências, Letras, Informações e Notícias - Órgão independente, dirigido por Edgar Mendonça, que era, também, o proprietário, imprimiu-se na Tipografia d’O Laço, com redação à rua Martins Júnior, 1, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de três colunas. Assinaturas: semestre - 3\$000; trimestre - 1\$500. Entrou em circulação a 1.º de setembro de 1918, lendo-se no artigo-programa:

“...será um veículo informativo-educativo; em seu ventre não se ocultarão a maledicência, a hipocrisia. Vergastar o analfabetismo, a licen-

---

(2) A tipografia de Pedro Coutinho foi imediatamente vendida a um grupo de Floresta dos Leões (atual Carpina), para a confecção do Floresta-Jornal.

ciosidade, procurar educar, defender o fraco contra o forte e elevar o nosso nível moral-intelectual-religioso, ser um repositório de tudo o que for útil à coletividade, eis em que se resume o nosso programa”.

Divulgou comentários diversos, amplo noticiário e uma página de anúncios.

Só há notícia do primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## O BOTICÁRIO

Órgão da Farmácia Coutinho - Estreado no mês de julho, publicou-se o n.º. 2 em outubro de 1918, obedecendo ao formato de 33 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretores-proprietários - Pedro Coutinho & Cia., sendo o trabalho material da tipografia d'O Radical.

A edição em apreço inseriu a nota “Farmacêuticos célebres” e o artigo “A Influenza”, do dr. Luiz Viegas, sendo a parte restante constituída de anúncios.

O terceiro (e último) número circulou quase um ano depois, ou seja, em agosto de 1919, constando sua matéria, além da parte comercial, da transcrição “a nossa galeria” e de dois artigos do médico Ermiro Coutinho, de fundo científico (Bib. Púb. Est.).

## CIDADE DE ITAHYBA

Órgão Independente - Iniciou sua circulação a 13 de maio de 1922, formato de 48 x 31, com quatro páginas de cinco colunas, funcionando a redação e oficinas à rua Dr. José Mariano, 8. Propriedade "de uma Associação". Diretor - Dr. Abreu Vasconcelos; redatores - Julião Neto (só até o n.º. 4) e Luiz de França; gerente - J. Machado. Assinava-se a 6\$000, pagos adiantadamente, custando 0\$200 o número avulso.

Seu programa, consoante o editorial de apresentação, consistia no seguinte: defender todos os interesses dos munícipes; respeitar as crenças religiosas, embora adotasse, praticamente, o catolicismo; viver completamente alheio à política partidária e, por fim, trabalhar pelo engrandecimento moral e material do povo.

Seguiu-se a publicação regularmente, cada semana. A 28 de outubro, o diretor foi substituído por Arnaldo Alves; saiu o gerente, e Luiz de França passou à categoria de redator-chefe.

Mantendo duas páginas de anúncios, a matéria redacional distribuía-se bem nas duas outras, incluindo noticiário, concurso de beleza feminina, atos da Prefeitura; "A Crônica", de Paulo Guanabara, pseudônimo de Edmundo Dantés; os "Fatos e Comentários", de Cincinato; "Arte de Oedipo", a cargo de Lúcio; as "Cartas sem resposta", de José Itaibense, depois substituídas pelas "Cartas daqui mesmo", de Paulo de Tarso; a crônica "Da capital", de J. C.; os ver-

sos satíricos “Pescando”, de Zemarisco; o comentário “Elétricos”, de João Fernandes; as “Lorotas”, de K. Lado (pseudônimo de José César de Vasconcelos), seções essas que se substituíam ou se alternavam, assim como a colaboração de M. Pessoa Filho, José Pimentel, Arsenius, Fausto Correia, José Teófilo (temas agrícolas), Ed Reivax, ou seja, Henrique Xavier de Moraes, José Higino de Moraes Guerra, Abílio Pessoa, etc.

Assim viveu o periódico até o n.º. 33, de 13 de janeiro de 1923, quando mudou o nome para **O ITAHYBA**, cujo número 34 saiu no dia 20 do mesmo mês e ano, sem mais alterações, a não ser o novo preço da assinatura anual: 10\$000. Explicando a transformação, aduziu o editoralista: “A vida d’O Itahyba não é senão um dos inumeráveis frutos pendentes da fronde pujante da árvore cuja semente foi plantada no arraial que lhe deu o nome”.

A partir do mês de março, o semanário bateu-se, em sucessivos artigos, pela integridade territorial do município de Paudalho, em face da campanha que se movia em prol da independência da vila de Floresta dos Leões (atual cidade de Carpina).

Enquanto isto, polemizava com o Jornal do Recife, que vinha atacando os dirigentes de Paudalho e arremetendo contra a valorização do açúcar, de que O Itahyba era arauto. Nesse mister, defendeu a posição assumida pelo senador Arquimedes de Oliveira e pelos irmãos Raul e

Herculano Bandeira de Melo. Os ataques visavam, sobretudo, à personalidade do “coronel” Luiz de Faria, proprietário do diário da capital, que o comentarista paudalhense chamou “órgão de todos os despeitos e de todos os ódios”. Além da prosa, o velho Faria foi constante alvo dos bem urdidos epigramas de K. Brito, na seção “Marradas”.

Variavam sempre os colaboradores d’O Itahyba, vindos da fundação. Apareceram Azereth Flores; Etnerap, na realidade, José Parente; Setnad (anagrama de Edmundo Dantés), este e José Pimentel mencionados como redatores; Jorge de Melo, P. T. K., com o soneto semanal, em sete sílabas, intitulado “De Chapéu de sol aberto”, de boa sátira; J. L., ou José Leal; Sevla ou José Alves Filho, o mais constante, prosador e poeta; Tenente Cláudio Villazon, autor das “Reminiscências históricas”; Vasco da Gama, o das “Cartas vivas”; Lígio, Da Paz, etc.

O editorial comemorativo do segundo aniversário – nº. 105, de 13 de maio de 1924 - em meio a considerações gerais, fez um resumo da atuação da folha: “Assuntos locais, nacionais e internacionais abordamos. A reforma da Constituição, a defesa nacional, a unificação das leis, a independência da justiça, a instrução, as vias estratégicas e de penetração, as estradas carroçáveis, a crise de transporte, a situação financeira, a situação internacional, a carestia da vida, a valorização do açúcar, a Great Western, etc., foram discutidos com proficiência e patriotismo”. Aludiu, ainda, ao tema da projetada e-



mancipação de Floresta dos Leões, “que sobrelevou todos os outros”, numa batalha que lhe conferiu “a mais brilhante das vitórias”.

Em julho de 1925 foi totalmente substituído o corpo redacional, ficando assim constituído: diretor - Herculano Bandeira; redator-chefe - José Graciliano Pimentel, ao qual se juntaram, em janeiro de 1927, Antonio A. Pimentel e Luiz Pereira da Costa. Outros colaboradores: Ângelo Reis; K. Bala, com os “Perfis paudalhenses”; João C. de Vasconcelos, Júlio Vasconcelos ou Julvasco; K. Ladinho, o da “Seção fútil”; Rio Branco, com o comentário “Daqui, dali, dacolá”; Aliquis, editorialista; D. Quixote; Radium, que manteve, longamente, a crônica “Farrapos” e não era outro senão Luiz Pereira da Costa, o mesmo Tupinambá e o mesmo José Taroga, o qual, com o próprio nome, escrevia os “Estudos e reflexões”; Manuel Gregório; Zé do Itahyba, autor de “Tipos curiosos” e, já no segundo semestre de 1927, Teopompo Moreira, poeta e agrônomo, que divulgou um poeminha, depois uma crônica sentimental e, por fim, um “Consultório Agrícola”, apenas iniciado.

Começando o ano VI – n.º. 257, de 13 de maio de 1927 - escrevia o editorialista: “Dentro dos cinco anos de nossa existência, têm sido mudados, por mais de uma vez, os dirigentes intelectuais do nosso jornal, sem que nenhum deles tivesse a idéia de modificar nosso programa, o que significa o firme propósito de cumprir obrigações contraídas unicamente em benefício do povo paudalhense”.

Novas seções foram admitidas, em 1928, nas colunas do órgão sempre “noticioso e completamente alheio à política”, a salientar: “Venenos e remédios”, por Simplex Mente; “Coisas de quem envesga...”, por Pete K.; “No cinema”, por Bilontra; “Pescando”, em versos, por Zé Pescador; “Arranhando”, por Justino; “Dentro e fora da cidade”, por Abel Parente (travesti de Abílio Pessoa); “Educação higiênica”, por Genildo (como se ocultava o médico Gildo Neto), enquanto César de Vasconcelos transferia o título dos seus constantes comentários para “Notas vivas”. A 3 de novembro despedia-se o redator Luiz Pereira da Costa, por ter sido transferido de Promotoria.

Em março do ano seguinte, começou o periódico a exhibir tipagem nova e serviço de vinhetas (mal empregadas), sofrendo, a partir daí, radical transformação, não só material, como intelectual.

O n.º. 359, ano VII, de 13 de maio de 1929, assinalou “sete anos de lutas e vitórias” d’O Itahyba, que saiu, pela primeira vez, com seis páginas, impressas em tinta azul, menos as duas exclusivas de anúncios. Escreveu, então, José Carlos, que o periódico vinha atuando, na “progressão sempre crescente” dos seus lauréis e triunfos, contra os grandes males locais, assoberbantes e aniquiladores: “a ignorância, a preguiça intelectual, a atrofia da coragem e o enfraquecimento da volição”.

A par de clichês de aspectos de Paudalho e de outras palavras de José Carlos sobre a “Administração municipal”, a primeira página da importante edição estampou a seguinte relação de nomes, em vistosos caracteres: “Acionistas fundadores: Raul Bandeira, Herculano Bandeira, dr. Abreu Vasconcelos, padre Artur Beltrão, Francisco de Castro, José Machado, Arnaldo Alves, Jorge Melo, Manuel Azevedo, dr. Arcelino Pinheiro Ramos, João Capitulino, Alfredo Cavalcanti, José Pimentel, José Félix de Farias, dr. José Julião, Francisco Maranhão, Joaquim Francisco, Manuel Tavares e J. Desidério Pinheiro Ramos. Diretor - Herculano Bandeira. Gerente - Severino Nogueira. Corpo redacional - Coronel Abílio Pessoa, acadêmico Antonio Pimentel e drs. José Pimentel e José Carlos Borges. colaboradores - César de Vasconcelos, José Alves Filho, José Carlos Filho e Maria de Lourdes Borges. Tipógrafos - chefe: Cícero Ferreira da Silva; auxiliar: Antão Pereira de Morais”.

Produções em prosa e verso completaram a edição, além do habitual noticiário.

Foi uma metamorfose; o jornal passou a ser composto quase exclusivamente em tipo corpo 12, títulos em caracteres claros, com excesso, porém, de espaços intermediários e abuso de vinhetas. Abriu-se concurso para a escolha de miss Paudalho; apareceram versos modernos, satíricos, de Sussuarana (pseudônimo de José Carlos Cavalcanti Borges Filho); sonetos líricos de Agésilau Ramos; a “Berlinda”, também em versos, de Morse; “Perfis, de Circeu (dois pseudônimos

de Artur Cabral), afora os artigos de José Carlos Borges, pai; crônicas e outras poesias de José Carlos, o II; produções dos outros colaboradores mencionados; a seção “Mil e um assuntos”, etc., não faltando, como jamais faltou, regular seção carnavalesca, na época apropriada, a inserção dos atos oficiais da Prefeitura e duas páginas de anúncios, às vezes mais; assim como, de vez em quando, uma tunda no Floresta-Jornal, por qualquer motivo, afora o relativo à campanha emancipacionista, finalmente vitoriosos para os florestanos, na segunda fase, terminada em 1929. Mudara, também, a localização do cabeçalho, deixando margem para um soneto à sua direita.

Após manter numeração ininterrupta, até o n.º. 391, de 29 de dezembro do ano referido, O Itahyba iniciou janeiro de 1930 com n.º. 1. Na edição de 2 de fevereiro ocorreu a despedida do redator Abílio Pessoa, por discordar da posição política da folha, que se declarara adepta da candidatura Júlio Prestes à Presidência da República. Divulgações de natureza eleitoral deram lugar a algumas edições de seis páginas.

Foram novos colaboradores: dr. Moraes Galvão - “Pela Medicina”; Damião Silva, Gomes de Melo, etc. Outra série de “Perfis” femininos, em sonetos, teve a assinatura alternada de R. Nato, Lydiano d’Alva (pseudônimo de Lídio Gomes) e Carlos II. Mais dois redatores afastaram-se: os irmãos Pimentel, a 31 de maio, só restando, do grupo, José Carlos Borges, feito redator-chefe. Este último, por sua vez, só permaneceu até o n.º. 40, de 11 de outubro. Ficaram

o diretor Herculano Bandeira e o novo gerente Antonio Neves Pereira de Melo.

O Itahyba tinha tombado. Estava no fim. Nada obstante ter feito campanha contra a Aliança Liberal, leu-se em manchete, na edição de 25 de outubro: “Viva a Revolução! - Viva o Povo!”

Mais duas edições e a folha situacionista encerrou sua existência com o n.º. 44, ano IX, de 8 de novembro de 1930 (Bib. Púb. Est.)(1).

## A MATRACA

Semanário Crítico e Literário - Surgiu a 27 de outubro de 1928, em formato médio, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Propriedade da firma Tavares, Cavalcanti & Cia.; diretor - Manuel T. Wanderley; redatores - Bartolomeu de Queiroz, Lafaiete Cavalcanti e José Ulisses Cavalcanti de Azevedo; gerente - Mário Tavares.

Lia-se no editorial de apresentação: “Verdadeiro condor do pensamento, A Matraca não se há de chocar com os urubus da ignorância. Ao alcance das nossas aptidões, saberemos corresponder à expectativa geral”. Bater-se-ia “pelos problemas vitais do município e pelo zelo e cultura mental da mocidade”.

---

(1) A coleção existente acha-se desfalcada da edição de estréia e de alguns números esparsos.

Circulando regularmente, o periódico, a par da matéria redacional, inseria produções, em prosa e verso, de José Alves Filho, Antonio Holanda, Antonio de Moraes Guerra, Lauro Cisneiros, Ramos de Oliveira, Aldo Paz, Domingos de Albuquerque, etc., sobressaindo-se, com vários pseudônimos, José Ulisses, que era, propriamente, a alma do jornal. Havia, também, um concurso de simpatia feminina, de muita atração. Publicava anúncios gratuitos.

Ao atingir o n.º. 5, verificou-se uma suspensão de três semanas, só saindo o n.º. 6 no dia 15 de dezembro, sob nova orientação, como segue: diretor-proprietário - José Cavalcanti; redator - José Alves Filho; gerente - Djalma Tavares.

Apesar do sangue novo que lhe foi introduzido, A Matraca terminou aí sua existência (Col. Arquimedes Tavares).

## CAFÉ PEQUENO

Noticiou O Itahyba, em sua edição de 19 de abril de 1930: "Circulará amanhã, nesta cidade, com o título acima, um jornalzinho de graça, órgão de combate à tristeza e de ataques de riso. Sabemos que os redatores do mesmo são feitos na arte de provocar risadas sadias e espontâneas".

Ao que foi possível averiguar, os redatores do pequeno membro da imprensa paudalense, de vida efêmera, foram os irmãos Nabor e José Carlos Cavalcanti Borges Filho.

## A ARCA DE NOÉ

Revista Lítero-crítica-humorística para a temporada do Natal - O primeiro número circulou a 15 de dezembro de 1929, antecipadamente anunciado pelo semanário O Itahyba, que declarou tratar-se dum magazine de “finas sátiras, absolutamente alheio à política”, que se propunha “a fazer uma época de gracejos e críticas, num ambiente de verdadeira fraternidade, na nossa temporada festiva de Natal”. Apareceria aos domingos e quartas-feiras, tendo à sua frente a seguinte equipe: redator-chefe - Artur Cabral; redatores - estudantes Bolivar Mousinho, Agesilau Pinheiro Ramos e José Carlos Cavalcanti Borges Filho; gerente - Tertuliano Pereira. Indicou um corpo de redatoras, para assuntos femininos, a saber: Lourdinha Borges, Corina de Oliveira, Dolores Nogueira, Zezinha Cavalcanti, Dulce Borges, Consuelo de Oliveira e Maria José de Araújo. Colaboradores especiais: Herodoto Pinheiro Ramos, Cipriano Cavalcanti, José Francisco Cavalcanti e José Alves Filho.

A revista - da qual só restam páginas soltas, internas, de duas edições, doadas pelo dr. Herodoto à Biblioteca Pública Estadual - cumpriu sua missão e seu programa, inclusive promovendo tertúlias literárias e elegendo Miss Ano Novo Mundo, cuja escolha recaiu na senhorinha Jael de Holanda Cavalcanti, ao mesmo tempo Paraninfa d'A Arca de Noé, proclamada em reunião social de grande realce.

Não foi possível verificar quantos números circularam. O último, porém, saiu em fevereiro de 1930, dele constando, às páginas 3 e 5, artigos de Bolivar Mousinho e Artur Cabral, em que repudiaram os derrotistas, os críticos zombeteiros, os despeitados, criadores de obstáculos às iniciativas culturais da terra paudalhense.

## O FAROL

Órgão da União de Moços Católicos - Entrou em circulação no dia 2 de dezembro de 1933, obedecendo ao formato de 48 x 30, com quatro páginas de cinco colunas. Sob o título trazia as divisas “Deus e Pátria” e “Opportet illum regnare”. Diretores: J. Inaldo Ramos, Estácio Antunes e Otílio Guedes. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Recife, assinava-se a 5\$000 por ano e 3\$000 por semestre, custando 0\$200 o número avulso. Publicação quinzenal.

Lia-se no artigo de abertura: “O nosso jornal é inteiramente católico. Completamente alheio a políticas. O seu ideal é mais do que nobre. Tem por fim levar ao seio da família uma leitura sadia e instrutiva. Tem o nome de Farol. Iluminará a inteligência dos dúbios e fortificará os fracos”.

Circulou regularmente, obedecendo ao programa traçado. Incluía cerca de uma página de anúncios, mais os atos oficiais da Prefeitura. Expressivas manchetes. Logo no segundo número acrescentava-se à equipe de diretores o nome de



J. Bezerra Sobrinho, mas no nº. 5 desaparecia o de J. Inaldo Ramos.

A par de variada matéria redacional, divulgou produções de Vasconcelos Sobrinho, J. Vieira Coelho, padre Tenório de Canavieiras, João Dias, Luiz Delgado, Costa Porto, monsenhor José Landim, Indio Poty, Joraci Tapajós, Onel d'Alva, Fernando de Oliveira Mota, Paulo Amazonas, padre João Costa, Rui Aires Belo, Ilio Pena, Marta Maria, Carmem Azevedo, Arlindo Teixeira, etc.

A vida do periódico limitou-se a dez edições em circulação, a última das quais datada de 19 de maio de 1934 (Bib. Púb. Est.).

## KERMESSE

Periódico Lítero-Noticioso - Circulou pela primeira vez a 24 de dezembro de 1937, em formato de 38 x 28, com quatro páginas de quatro colunas, impresso nas oficinas do Jornal do Recife. Diretores-Redatores - Arnaldo Aragão e Herodoto Pinheiro Ramos, instalados à rua João Alfredo, 71.

O editorial de apresentação focalizou os esplendores da noite de Natal, quando se apresentava o novo órgão, “modesto e pequenino”, mas “esplendoroso e gigantesco na sua origem e na sua finalidade”. Solicitando o apoio do comércio paudalhense, acentuou: “Precisamos de alimento espiritual, precisamos de alimentar nossas almas, precisamos de saciar o apetite dos

nossos cérebros”. E concluiu: “...convidamos todos os paudalenses, moços e velhos, mulheres e homens, a virem buscar nesta Kermesse a prenda com que aumentarão a alegria que impera soberanamente em todos os semblantes”.

Jornal bem redigido, com tiragem declarada de 1.000 exemplares, para distribuição gratuita, pretendia publicar-se mensalmente. Na realidade, o n.º. 2 saiu a lume no dia 23 de janeiro de 1938, com seis páginas, passando a ser impresso na tipografia da Empresa B. Pinto, também no Recife. O n.º. 3, todavia, só apareceu a 1.º. de maio; o n.º. 4 a 23 de junho e o 5.º. no dia 16 de outubro. Não deixaram de ter uma a duas páginas de anúncios, ainda assim insuficientes para garantir as despesas materiais.

A par de editoriais do melhor quilate, e do noticiário, a literatura proponderou nas colunas de Kermesse, através de artigos, crônica e poesia, com a assinatura de Oto Ramires e Theo Dorro (pseudônimos de Herodoto), Roldão de Agarena, Paulo de Damasco e Um Beija Flor (pseudônimos de Arnaldo Aragão), Oton Fialho de Oliveira, José Jaime, Aloisio Arruda, Júlio de Mesquita, Sempre Viva, Maria Margarida, A. Camargo; Guido, com o “Cantinho de vocês”; M. D’Arievilo, Manuel Luiz Barbosa, Polichinelo, Dolores Pires, Nankinote, o dos perfis em versos “Calungas”, etc. O último número dedicou quase toda a sexta página, com o respectivo clichê, ao apoio de Paudalho a Miss Palmares, uma das candidatas ao título de Miss Pernambuco, para concorrer ao título máximo de Miss Brasil.

Terminou aí a existência da interessante  
Kermesse (Bib. Púb. Est.)(1)

## O GAROTO

Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Hercu-  
lano Bandeira - Manuscrito e copiado em hectó-  
grafo, com quatro páginas de papel almaço, res-  
tam poucos exemplares arquivados. O n.º. 14,  
ano III, circulou em fevereiro de 1944, sob a di-  
reção de Ângelo José Cavalcanti, tendo como  
gerente Eunice Cabral. No n.º. 15 era outro o di-  
retor, chamado Ângelo Camarote, figurando, no  
lugar da gerente, um redator-secretário: Eduardo  
Alberto, este substituído, meses depois, por An-  
tonio Wanderley. Matéria constituída de litera-  
tura infantil, noticiário escolar e desenhos a lá-  
pis de cor. Foi o último número manuseado o  
21.º., datado de novembro do mesmo ano (Dept.  
Cultural do SEEC).

## FOLHA DO PAUDALHO

Entrou em circulação a 20 de janeiro de  
1952, no formato de 46 x 28, com quatro páginas  
a cinco colunas de composição. Redação à rua  
Padre Emídio, 115 e trabalho gráfico da oficina  
do Jornal do Comercio, no Recife. Constavam  
do cabeçalho: diretor-gerente - Batista Filho;  
redator-chefe - Milton Pinheiro Ramos; redato-  
res - Oscar Siqueira, Augusto Camelo Costa,

---

(1) Coleção doada pelo dr. Herodoto Pinheiro Ramos.

Ludovico Ataíde, J. Martins de Oliveira e Severino Soares de Araújo.

Segundo o editorial de abertura, o jornal constituía-se “instrumento direto” das aspirações do município, destinado a defender “a sociedade, o comércio e o indivíduo, desde que a causa integre direito líquido ou sonegado”.

A edição inseriu dois artigos assinados, alguns comentários ligeiros, duas ou três notícias e quase três páginas de anúncios.

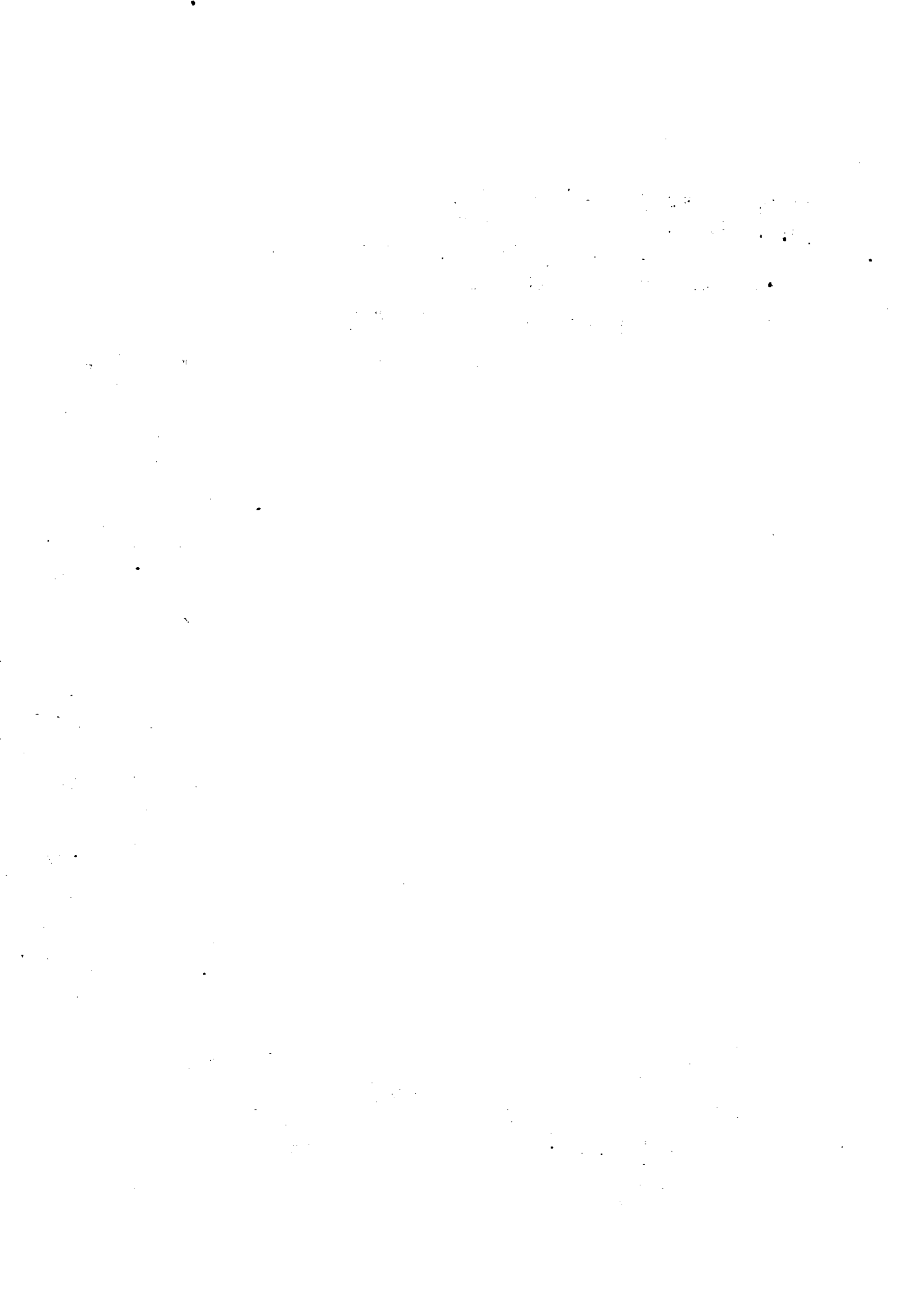
Nada obstante a série de objetivos que tinha em vista, não passou do n.º. 1 (Bib. Púb. Est.).

## **O CORREIO DE PAUDALHO**

Jornal de feição política, veio a lume em janeiro de 1954, para fazer a propaganda da candidatura de João Cleofas de Oliveira ao governo do Estado, cujo clichê estampou numa das páginas, além dos de outros líderes da União Democrática Nacional e do senador Pinheiro Ramos, “que legou a Paudalho o primeiro serviço de abastecimento de água”.

Sob a direção de Milton Pinheiro Ramos, também redator-chefe, destinava-se, antes de tudo, a elevar, intelectualmente, a vida da cidade, e ergue-la da inferioridade cultural em que se vinha mantendo. Seria um juiz severo, criticando e aplaudindo, quando necessário, sem ocultar suas tendências partidárias.

De formato agradável, com 50 cm. de altura e seis colunas de largura normal, apresentou-se com seis páginas, focalizando, afora a parte política, assuntos gerais, incluindo uma página ilustrada de Letras, Artes e Sociedade, e alguns anúncios. Foi impresso na Gráfica Editora do Recife, não passando do primeiro número (Bib. Púb. Est.).



## PAULISTA

### O LENHADOR

Órgão do Clube Carnavalesco Mixto Lenhadores de Paulista - O primeiro número saiu a 14/15/16 de fevereiro de 1904, e o segundo a 1/2/3 de março de 1908. Formato de 21 x 16, com quatro páginas de duas colunas e bem acabada impressão da tipografia da Agência Jornalística Pernambucana, no Recife. Divulgou matéria ligeira, entremeada de vinhetas simbólicas, incluída a colaboração de Lenho, O Linguarudo e Lenho Velho (Bib. Púb. Est.)(1)

---

(1) Não encontrado comprovante da edição de 1904, registrada nos "Anais da Imprensa Periódica Pernambucana - 1821/1908", de Alfredo de Carvalho.

## GAZETA DE PAULISTA

Órgão dos Operários da Fábrica de Tecidos Paulista - Fundado no dia 21, o n.º. 2, ano I, circulou a 28 de maio de 1911, em formato de 38 x 26, com quatro páginas de três colunas. diretor - José de Vasconcelos; propagandista e procurador - José de Alencar Ramalho. Correspondência para a rua do Zinco, ou Alfaiataria Augusto, onde se instalara, provisoriamente, o escritório. Impressão no Recife, a cargo da Tipografia Moderna. Assinatura mensal - 5\$000; preço do exemplar - 0\$100.

Ao n.º. 3 seguiu-se, na coleção manuseada, o n.º. 7, de 9 de julho, só restando no cabeçalho o nome de José Ramalho, na qualidade de diretor, transferida a recepção da correspondência para o Petit Salon, na Avenida Cajueiro.

A edição seguinte apresentou um melhoramento: formato maior, ou seja, 47 x 26, de quatro boas colunas, assim prosseguindo.

A par de comentários, com destaque do tema educacional, noticiário e uma página de anúncios, teve a Gazeta a colaboração literária de Enéas Alves, Nina Falcão, Ernesto Macedo, Leonilda Gouveia, J. Lixado, Manuel Medeiros, França Júnior, Custódio Carneiro, Ed. Pena e outros, sobretudo autores de "Pensamentos". Manteve também concurso de simpatia entre as senhorinhas de Paulista.

O n.º. 11, de 13 de agosto, foi o último comprovante encontrado (Bib. Púb. Est.).



## O ARREBOL

Foi dado à circulação o primeiro número desse jornalzinho, que tinha como redator-chefe M. Figueiredo, segundo informou o Diário de Pernambuco de 25 de maio de 1915. Estampou, na primeira página, retrato do líder político Manuel Borba, candidato à sucessão governamental.

## A REACÇÃO

Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso - Sem notícia das edições anteriores, circulou o nº. 21, ano I, a 13 de fevereiro de 1916, em formato de 36 x 23, com quatro páginas a três colunas de composição. Redator-chefe - João G. Nóbrega; redator-gerente - M. G. Figueiredo. Redação à rua Nova, 537, publicado aos domingos, adotou a seguinte tabela de assinaturas: ano - 4\$500; semestre - 2\$300; trimestre - 1\$200, custando o número avulso 100 réis.

Sua matéria constou de produções literárias assinadas por Eduardo Pena, Manuel Alheiros, Severino Carneiro, Conde de Marilac e S. I. Conceição, autor dos "Perfis femininos; mais notas ligeiras, anedotas, etc. (Bib. Púb. Est.).

## A IMPRENSA

Órgão Noticioso e Literário - Surgiu no dia 7 de setembro de 1918, em formato de 30 x 22, com quatro páginas de três colunas. Redatores - José Cupertino, Adolfo de França, Edmur de O-

liveira e Turíbio da Fonseca, instalada a redação à rua Nova, 54. Tabela de assinaturas: ano - 4\$500; semestre - 2\$300. Número avulso - 0\$100.

Dizia-se, no artigo-programa, “forte paladino” de tudo o que pudesse concorrer para o progresso intelectual dos leitores e, “desse modo, despertar-lhes o bom gosto pelas coisas que deleitam e educam o espírito”.

Inseriu artigos assinados, quase todos, por J. Cupertino, noticiário e alguns anúncios.

Faltam notícias da continuação (Bib. Púb. Est.).

## O 21 DE MAIO

Literário, Humorístico, Noticioso - Publicou-se o n.º 1 na data do título, ano de 1933, em formato de 31 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor-responsável - Edgar Sales; diretor-secretário - João Dó Filho; redatores - Antonio Torres e Ramiro Ramos; diretor-gerente - Antonio Néri. Impressão das oficinas no Jornal do Recife.

A edição comemorou o Dia dos Rapazes, no novenário do Mês Mariano, realizado na Capela de Paulista. A matéria constituiu-se de crônicas literárias sobre o evento, e outros temas, às vezes poesias; algumas notas de humor e noticiário. Os colaboradores foram Conde del Rei, Alarido Barros, Príncipe Caligari, Rei da Prússia, R. Ramos, Joaquim Pereira, etc.

Não saiu jamais o segundo número (Bib. Púb. Est.).

## O 29 DE MAIO

Órgão Noticioso da II Turma das Fábricas - Circulou o 1º. número (e único) em 1948, na data que lhe serviu de título. Formato de 33 x 19, com quatro páginas de três colunas. Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã, no Recife, sendo responsável pela publicação o operário João Gonçalves. Papel assetinado.

O Jornalzinho comemorou a noite de novena do Mês Mariano, na Capela de Paulista, sob o patrocínio da mencionada turma. Encheu-se de matéria alusiva, incluindo crônica de José Vieira e noticiário social (Bib. Púb. Est.).

## AVE MARIA

Órgão dos funcionários da Prefeitura Municipal, "para distribuição gratuita, uma vez por ano, na noite do Mês Mariano, patrocinada pelos referidos funcionários". Circulou no dia 23 de maio de 1952, em formato de 24 x 14, com quatro páginas de duas colunas, inserindo uma saudação do Arcebispo Almeida Morais, palavras do prefeito Cunha Primo e vários pequenos trabalhos assinados.

O nº. 2, ano II, foi publicado a 26 de maio de 1953, sendo o formato acrescido de poucos centímetros. Literatura dedicada à Virgem Maria, como no anterior (Bib. Púb. Est.).

## O REALISTA

Semanário Informativo para o Trabalhador - Apareceu no dia 12 de julho de 1953, dátilo-mimeografado em papel de ofício, com duas folhas escritas de um só lado. Redator-responsável, Afrânio Pontes; redatores (a começar do segundo número); Hilton Lopes e C. Vieira. Preço do exemplar: Cr\$ 0,50.

Destinado a “servir à coletividade paulistana”, numa tentativa de levantar o brio dos intelectuais da localidade, privada, havia 35 anos, de um órgão de difusão dos fatos da vida cotidiana, O Realista pretendeu preencher a lacuna, divulgando noticiário e comentários ligeiros, inclusive de caráter político, tudo, porém, em linguagem lamentavelmente pobre.

Não foi além do terceiro número, datado de 26 de julho do mesmo ano (Bib. Púb. Est.).

## GAZETA DE PAULISTA

A Voz do Operário para o Operário - Surgiu no dia 17 de agosto de 1953, em formato de 47 x 33, com quatro páginas a seis colunas de composição, para circular mensalmente. Diretor - José de G. O. Wanderley; redator-chefe - Olímpio Bonald; secretário - Vilberto Cavalcanti, substituído, no terceiro número, por Carlos Garcia. Redação no distrito de Paratibe, à rua Nova, s/nº., transferida, no mês seguinte, para a das Moças, 18 e, em outubro, para a das Palmeiras,

85. Trabalho gráfico das oficinas da Gazeta Esportiva, no Recife. Preço do exemplar: Cr\$ 1,00.

Lia-se no editorial "Nosso aparecimento": "Nasce um jornal. Surge da elaboração consciente e borbulhante de mentes jovens. É o resultado de especulações antigas e conclusões exatas. Não apareceu como um penetra em uma festa íntima. Não veio apadrinhado por políticos influentes ou idéias partidárias. Não tem fito de atacar nem de defender uma determinada instituição social ou um órgão religioso. Não é cavalo de batalha de ninguém".

O editorialista concluiu afirmando que o periódico nada prometia, frisando: "Somos, única e exclusivamente, honestos. Somos e pretendemos continuar a ser honestos em nossas declarações, em nosso noticiário, em nossos ataques e nossas defesas. Contudo, nada esperem de nós".

Circulando, a princípio, com regularidade, a Gazeta de Paulista manteve-se à altura dos seus princípios, inserindo bons comentários, reportagens de grandes títulos, ilustradas; noticiário geral da sede do município e dos distritos e alguns anúncios. Fez campanha, sobretudo, de esclarecimento do eleitorado, no sentido de mante-lo alerta contra os exploradores do voto. Contou com a colaboração de Eduardo Rocha, Samuel Soares, Manoel Constantino, M. A. da Silva, etc.

Terminou o ano com a edição de 15 de novembro, para só aparecer o nº. 5 a 31 de janeiro de 1954. No nº. 6, de 21 de março, quando pas-

sou a imprimir-se nas oficinas da Gráfica Editora do Recife, viam-se, apenas, no expediente, os nomes do diretor e de Olímpio Bonald, este transformado em gerente; e no n.º 7, datado de abril/maio, apareceu Severino Francisco Lopes servindo como secretário.

Foi o fim da existência do bem feito jornal (Bib. Púb. Est. e Col. Olímpio Bonald)(<sup>1</sup>)

## TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal a serviço do operário sofredor - O n.º 1 circulou no último domingo de outubro de 1953, em formato de 50 x 31, com quatro páginas de seis colunas. Instalado em Paratibe, à rua Ageu Magalhães, 242, obedecia à seguinte equipe redacional - administrativa: diretor - presidente - Jazer Meneses Bezerra; secretário - Lucena Rocha Silva; tesoureiro - Pedro Beltrão Carneiro; redator - Eliseu Celestino Rodrigues; revisor - Antonio Honório da Luz; diretor de publicidade - Ivanildo Galdino da Silva. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00. Confecção da Cooperativa Gráfica Editora de Pernambuco, no Recife.

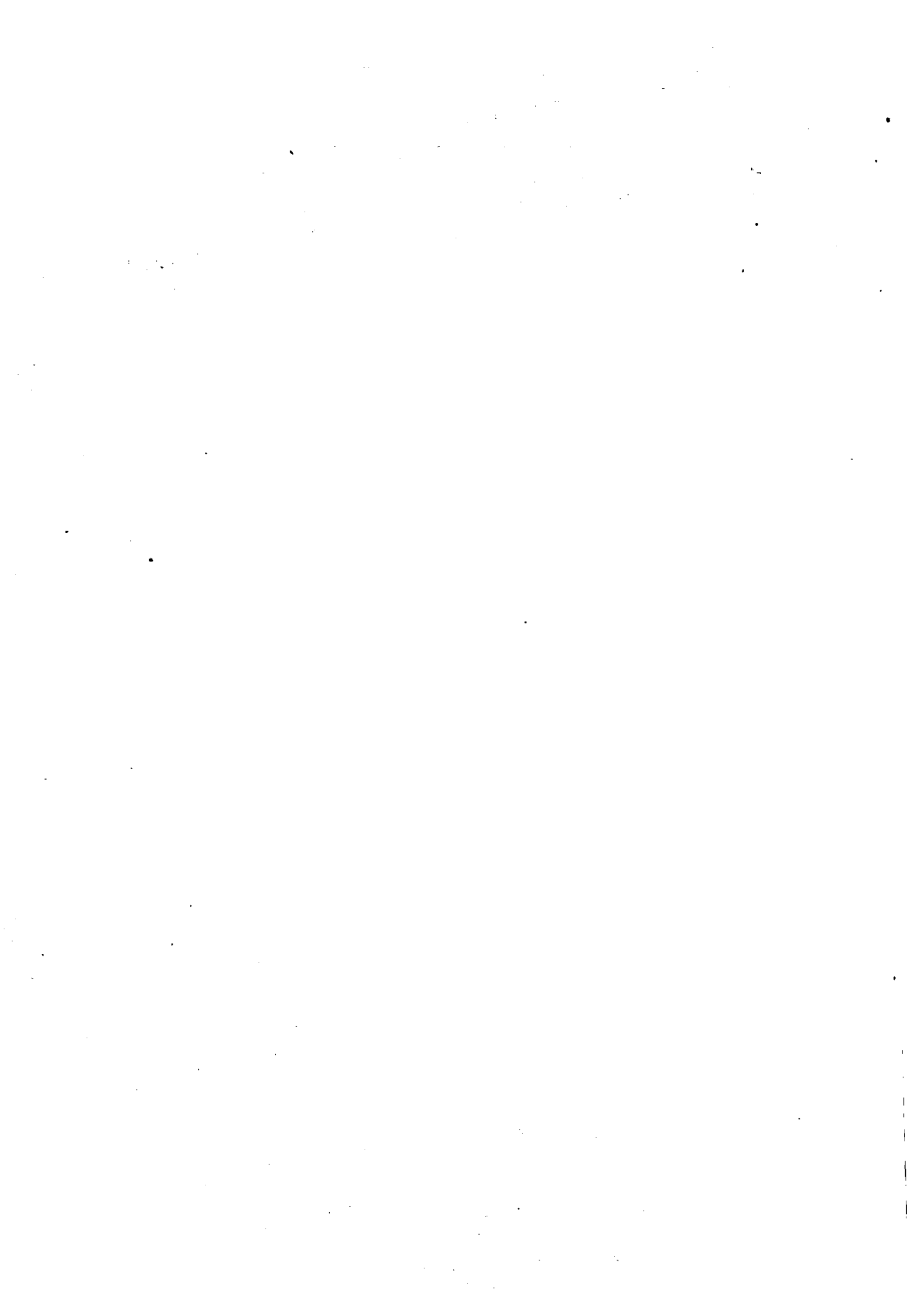
Segundo a nota de apresentação, A Tribuna Operária era uma trincheira “na luta contra os abusos do poder econômico”. Debateria, sobretudo, os problemas do operariado, “apontando soluções adequadas” e defendendo-lhe “os direitos inalienáveis”.

---

(<sup>1</sup>) Coleções, ambas, com lacunas.

Logo iniciou - a par de editoriais, variado noticiário e artigos assinados - as seções "O Marreta - diz o que quer e como quer" e "O que o povo vê e diz", ao mesmo tempo empreendendo a propaganda de alguns dos seus redatores candidatos a postos eletivos.

Publicou-se a Tribuna Operária ora mensal, ora bimestralmente, até o n.º. 6, de maio de 1954. Além dos trabalhos assinados pela turma da redação, teve a colaboração de José Vidal de Negreiros, Dércio Pessoa, Manuel Melquíades, Ermes Francelino da Hora, Severino Francisco Epaminondas, Maria do Carmo Caparica de Almeida, Heleno Vitorino Cabral e Cleonaldo Orestes Vaz Curado (Bib. Pú. Est.).





## PESQUEIRA(1)

### O SERRANO

Primeira manifestação do jornalismo pesqueirense, publicou-se no decorrer de 1900/1901, manuscrito, ocupando uma folha de papel pautado escolar, ou seja, quatro páginas. Diretores - os irmãos Anísio e Alípio Galvão; Redatores - Glicério Maciel, Elpídio Maciel e Aristides Bezerra Cavalcanti; repórteres - Osório Araújo e Pompeu Augusto dos Santos, todos estudantes de 11 a 12 anos de idade. Preço do exemplar - três vinténs (60 réis). Tiragem mínima. Inseria matéria ligeira, constituída de exer-

---

(1)Pesqueira, primitiva fazenda, depois povoado pertencente ao município de Cimbres e, mais adiante, cidade de Santa Águeda, tornou-se sede de município em 1893, ficando Cimbres reduzido a um dos seus distritos.

cícios escolares, troças, noticiário, desenhos a lápis de cor, etc.

A certa altura, por causa de uma manchete, o redator Glicério teve uma briga com o diretor Anísio, abandonando a turma para fundar um órgão de oposição. Saiu, então,

## A TARDE

Nas mesmas condições do pioneiro, vendido a dois vinténs (40 réis) o exemplar. Esse segundo jornalzinho, que atingiu cerca de oito edições dominicais, estampou uma charge com Osório de cabeça para baixo, porque este não quisera participar da dissidência.

Anísio Galvão, jeitoso, com ares de diplomata mirim, conseguiu pacificar o teimoso Glicério, fazendo-o voltar ao corpo redacional d'O Serrano que, circulando aos domingos, regularmente, durou mais de um ano e foi o precursor da imprensa do município (Notas do padre Frederico Maciel).

## O COLIBRI

Esboço de jornal, apenas duas páginas, formato de 25 x 18, circulou no dia 1 de novembro de 1902, para distribuição gratuita. Da página de frente constou um editorial e, da de fundo, em meio a anúncios, o aviso a seguir:

“A redação previne que este número serve apenas de anunciar a publicação do jornal que

continuará a aparecer no dia 15 de novembro próximo (Arq. de Eugênio Chacon).

## GAZETA DE PESQUEIRA

Órgão semanal, saiu a lume, conforme o aviso acima, no dia 15 de novembro de 1902, formato idêntico, com quatro páginas de três colunas estreitas, tendo como diretor-proprietário Sebastião José Bezerra Cavalcanti(1) e redatores Adolfo Santos e Francisco Alexandrino de Albuquerque Melo. Redação e oficina à rua Marquês

---

(1) O pesqueirense Sebastião Cavalcanti, espírito progressista, possuidor da maior casa comercial da região, tinha iniciativas de alto alcance econômico e social, visando ao adiantamento do município. Para montar uma oficina gráfica em Pesqueira, destinada ao jornal que imaginara e a trabalhos avulsos, adquiriu, no Recife, algumas fontes de tipos e pequena máquina de impressão. E assenhoreou-se, junto aos vendedores, dos rudimentos do ofício, transmitindo-os, de volta, ao jovem Epaminondas Leite, que foi, assim, o primeiro tipógrafo local. Depois, introduziu na cidade uma máquina fotográfica, no que foi, igualmente, o pioneiro. Passados alguns anos, transferiu-se para a capital, onde se estabeleceu, ainda, com casa comercial. Mais algum tempo, abdicando desse gênero de vida, foi residir no Cabo, feito coletor federal. Sobrevindo a Revolução de 1930, o interventor Lima Cavalcanti designou-o para assumir a Prefeitura do município, sendo após eleito prefeito constitucional. Faleceu no Recife, no dia 8 de março de 1936. Informações estas prestadas pelo grande jornalista José de Sá e confirmadas por seu irmão Raimundo de Sá, filhos do benemérito fundador da Gazeta de Pesqueira.

do Herval, 26. Assinaturas: anual - 10\$000; semestral - 6\$000. Número avulso - 0\$300.

A edição de estréia não trouxe artigo-programa. Em seu lugar, lia-se um trabalho de Zeferino Galvão, a respeito da data da proclamação da República. Só na subsequente apareceu o editorial intitulado "O que desejamos", do qual vão aqui reproduzidos alguns tópicos:

"De ordinário, quando se ergue assim numa cidade do nosso Estado ou de nosso país um templo à Imprensa, surge logo a suposição de que vai ter ali o seu órgão e o seu reduto a bastarda politiquice da aldeia. Não acontecerá assim conosco, pois desde já declaramos que a nossa intenção é merecermos o apoio de todos os pesqueirenses, o concurso de todos, sem distinção de classe ou de idéias partidárias.

Se em nosso tirocínio tivermos de censurar esse ou aquele ato, não seremos para isto impulsionados por sentimentos partidários e muito menos por meras prevenções individuais. Censuraremos, é verdade, quando assim for preciso, mas levados pelo bom desejo de sermos úteis à nossa terra, porque só assim demonstraremos que, acima de tudo, o que desejamos é o bem comum da coletividade pesqueirense, o progresso deste município que nos deu o berço e que é digno de todos os nossos esforços, a fim de não continuarmos nesse marasmo que asfixia e mata a inteligência".

Logo no nº. 1 iniciava-se a inserção do romance "O Mandarim", de Eça de Queiroz, o-

cupando cinco centímetros de rodapé, na segunda página.

Prosseguiu a publicação com regularidade, oferecendo à leitura boa matéria redacional, do comentário às notícias do maior interesse cidadão. Terminado o ano com o n.º. 7, de 28 de dezembro, saiu o n.º. 1, ano II, a 4 de janeiro de 1903. Na edição do dia 18 estampava-se um artigo a respeito do papel da imprensa na sociedade, assinado por D. Luiz de Brito, declarando uma nota redacional que a Gazeta de Pesqueira era o primeiro jornal de Pernambuco que tinha a colaboração do arcebispo de Olinda e Recife, o que ocorreu ao ensejo da visita pastoral do prelado à cidade.

Com quatro páginas, juntando-se-lhe, às vezes, um Suplemento de duas, meses depois o periódico passou a adotar seis e, até oito, estampando anúncios também. Teve a colaboração de Tomaz de Aquino, Benjamim Caraciolo e João Chacon; verso e prosa constantes de Zeferino Galvão e Lauro Sílvio; crônicas de Falex (como se ocultava Francisco Alexandrino), Buisson ou Vedéa; mais artigos de Anísio e Alípio Galvão, A. C. M., José Henriques, etc. Concluído o folhetim anterior, iniciava-se, a 3 de janeiro de 1904, a novela "Mirza", de Zeferino Galvão.

Tendo o comerciante Sebastião Cavalcanti adquirido nova máquina impressora, aumentou o formato para 39 x 28. Em abril de 1906 transferiu-se a direção e propriedade a Zeferino Gal-

vão, que deu mais vida e movimento ao já bastante conceituado semanário.

Adolfo Santos assumiu o cargo de redator-secretário, figurando Anísio Galvão na qualidade de revisor, enquanto o preço do exemplar baixava para 0\$200. A assinatura de Tomaz de Aquino, quer em prosa, quer em verso, tornou-se permanente, seguindo-se-lhe José Maciel, Amélia Galvão e outros, sendo o “Salão das Musas”, na primeira página, frequentado por Miranda de Azevedo, Ulisses de Albuquerque Lins, Aníbal de Almeida, Artur Leal de Barros, José da Silva, Eunízio de Almeida e o próprio Zeferino Galvão que, à qualidade de jornalista, reunia as de poeta, romancista, crítico, bibliógrafo, historiador e dicionarista.(2)

Como notícia sensacional, o periódico registrou, em sua edição de 14 de abril de 1907, a abertura do tráfego ferroviário Pesqueira-Recife.

A 16 de fevereiro de 1908, o redator-secretário foi substituído por Anísio Galvão e, na edição de 14 de junho, a Gazeta de Pesqueira adotou o formato definitivo de 51 x 36, colocando abaixo do título: “Órgão Independente - Propriedade de Zeferino Galvão & Cia.”

---

(2) Zeferino Galvão era também, revisor, tipógrafo e até impressor. Exerceram a arte gráfica, igualmente, seus filhos Anísio e Alípio, este depois tornado funcionário público no Recife, além de musicista, e aquele homem de letras da maior projeção, com incursões na política, inclusive feito deputado.

Para não fugir à regra comum aos jornais interioranos, que nunca deixaram de viver em dificuldades, a Gazeta divulgou a nota a seguir, nos últimos meses de 1908: “Avisamos aos nossos assinantes que, sendo grandes os nossos compromissos e necessitando cumpri-los, porque é chegado o tempo - resolvemos iniciar a cobrança das assinaturas, umas já vencidas e outras que estão a expirar. Rogamos também que sejam generosos, como sempre o foram. O pequeno sacrifício de cada um, reunido, salva um aperto”.

No mesmo ano, a 29 de novembro, abria-se a seção “Cemitério dos Esquecidos”, composição em tipo 12, negrito, na forma de uma cruz, em que dizia: “Esta seção é reservada, exclusivamente, para os que abusam da nossa confiança, preferindo o verdadeiro estado de cadáveres sociais, e maior desafogo não nos resta que enterar-los solenemente. Trabalhem pela ressurreição, do contrário ficarão desprezíveis sob o enxada dos coveiros”.

Ainda em 1908, a 13 de dezembro, foi iniciada, em rodapé, a publicação do romance histórico, de Zeferino Galvão, “Eulâmpio Corvo”, atingido o total de 37 folhetins. Mais colaboradores surgiam, a saber: Liberalino de Almeida, que usava o pseudônimo Rubens; Pinto Ribeiro, Valfrido Freire, etc. Ao findar o folhetim anterior, começou, a 22 de agosto de 1909, o “Cadete Bonifácio”, do mesmo autor, que ascendeu a 87 rodapés.

Novos redatores foram admitidos a 30 de abril de 1911: Tomaz de Aquino e Alípio Galvão. Mais colaboradores apareciam: Jônatas Costa, Antonio Franklin Freire Gameiro, Enéas Alves, Célio Meira, Eliseu Araújo, Silvino Lopes (contos, sonetos e crônicas românticas), Esdras Farias, José Miranda e Augusto Tabosa.

O semanário esteve suspenso entre 26 de novembro de 1911 e 7 de novembro de 1912, “pela força das circunstâncias”. Ao reaparecer, criou uma seção carnavalesca revolucionária, intitulada “A tolice humana”. Outros colaboradores: Alfredo Sotero, Joaquim Lima (o mesmo que Gil Lima), Silvio Ney e Joaquim Genu, o das “Cartas do Pará”.

Por perseguição política à pessoa de Zeferrino Galvão, o coletor estadual do município atribuiu elevado e injusto valor locativo ao prédio da pequena oficina gráfica da Gazeta, de modo a arrecadar-lhe a soma de 259\$200, quando o mesmo prédio, que também servia de residência ao jornalista, pagava à Prefeitura, já excessivamente, 15\$000. O fato repercutiu, intensamente, na imprensa da capital do Estado.(3)

---

(3) A Província, em sua edição de 6 de novembro de 1913, historiou o que se passava com a Gazeta de Pesquisa, dizendo tratar-se de “pressão exercida contra a imprensa, especialmente de um ultraje à imprensa local”.

Por sua vez, O Estado de Pernambuco, diário dirigido por Estácio Coimbra e secretariado por Assis Chateaubriand, comentando o chamado escândalo da época, escreveu, a 16 de novembro:



A 13 de fevereiro de 1916 iniciava-se curiosa polêmica com o Cinco de Novembro, de Caruaru, por causa de... um beijo, cuja referência, pela Gazeta, o contemporâneo considerou imoral. Excelentes artigos de refutação escreveu Zeferino Galvão (sem assinatura), utilizando as armas da ironia e da sátira, até que, a 2 de abril, encerrou a questão com o editorial “Requiescat in pace”, frisando: Depois de envidar “todos os esforços para domesticar a gente do Cinco de Novembro, depois de tão grande luta, só há um caminho a seguir: abandonar esses cabeçudos, entregá-los ao mundo, como fazem os tutores com os pupilos incorrigíveis”.

Em agosto do mesmo ano entrou José Maciel para o corpo redacional. Mais colaboradores: Osiris Caldas, Israel Lumachi de Holanda Cavalcanti, Cícero Barbosa, Olímpio Magalhães, Peixoto Sobrinho, Renato de Alencar e Osvaldo Lima(4). É fácil de ver que eles se revezavam ou se substituíam.

---

“A Gazeta de Pesqueira anda agora a gemer nas integérrimas garras do fisco estadual, pelo nefando crime de não rezar na cartilha nova, abjurando como devera - segundo a peregrina moral dos novos tempos - o velho credo em que nasceu. O Sr. Zeferino Galvão, proprietário do conceituado periódico pesqueirense, fiel como se conserva no Partido Republicano, em que fez as suas primeiras armas, é, para honra sua, o que se pode bem dizer um correligionário decidido, tão digno e firme no ostracismo como o fora sempre antes do dilúvio... setentrional”.

(4) A maioria dos colaboradores da Gazeta de Pesqueira residia no Recife ou em outras cidades, contando-se

Na edição de 12 de novembro, comemorativa do seu 14º. aniversário, escrevia a Gazeta: “Este periódico tem sido tão indispensável e de tanta abnegação, que os próprios adversários lhe devem obséquios: sem a nossa pena de jornalistas, eles ficariam esquecidos do mundo, não seriam espalhadas as suas ações tão naturais e desejosas de fama”.

Entrando o ano de 1917, já dominava Zeferrino Galvão o pessimismo. Na edição de 1 de abril escrevia ele o artigo “Entre a Vida e o Nada”, do qual vale extrair o tópico abaixo:

“Todas as minhas teorias, tão bonitas e fundamentadas, ruíram como um edifício sacudido pelo terremoto! Fui pacifista e vi a guerra; acreditei no Direito e tive de enfrentar-me com o despotismo; procurei a fé e ela me fugiu dos olhos como a sombra de quem marcha contra o sol! Que me resta, depois de meio século consumido na ilusão, como se entre mim e a experiência, o meu cérebro e os livros, não existia o menor ponto de apoio, descendo eu à escala dos infusórios, talvez mais felizes do que o homem, porque não consta que eles discutam filosofia nem se julguem políticos!”

Em dezembro do referido ano, o Dr. João Costa iniciava uma coluna de “Consultas Médicas”, que durou poucos meses.

---

entre eles os componentes da Academia de Letras dos Supersticiosos, que eram 13 e tinham como símbolo uma coruja, a salientar José Miranda, Silvino Lopes, Célio Meira, Cícero Barbosa e Guedes Alcoforado.

Narrou a Gazeta, a 27 de janeiro de 1918 que, cinco dias antes, “com indiferença da polícia, que não se demoveu para cumprir o seu dever”, o bacharelando Osvaldo Lima agrediu, “armado de pistola e rebenque”, ao redator Tomaz de Aquino, sendo repellido depois de luta corporal. Não havia motivo que o instigasse à agressão. Frisou o articulista:

“A situação desta terra chegou ao extremo, sendo preciso que todos se armem e respondam à bala, do contrário serão injuriados na praça pública. O Sr. Osvaldo Lima aí continua, dizendo que atacará qualquer redator desta folha, se sair publicado o fato delituoso; saiba também que tem vida para responder pelos desacatos, e que aqui residem seu pai e sua mãe, que bem podem cair nas garras de uma vítima desorientada pela dor... Se está louco, os seus amigos que o sequestrem”.

Noutro local, escrevia Zeferino Galvão o seguinte recado, dirigido “Aos ferozes”, em tipo corpo 12, negrito: “Para maior esclarecimento dos que premeditam crimes contra a liberdade de imprensa, declaro que os artigos redacionais sem assinaturas são de minha exclusiva responsabilidade, não havendo portanto necessidade de atribui-los a meus filhos. Quem se julgar agravado e quiser um desforço pessoal, bem sabe onde residir. Procure-me, sem acompanhamento da polícia nem de sarandalhas, e encontrará em mim quem o receba com todas as honras do estilo. Não pense alguém que eu ficarei chorando um filho, enquanto os seus agressores se banqueteam; es-

tou velho e não tenho mais o que perder; a morte não me apavora. Não provoco, defendo-me”.

Na seção “Labirinto de Creta”, criada havia pouco tempo, onde exprimia seu pensamento político em crônicas ligeiras e vibrantes, repletas de profunda ironia, escreveu apenas isto, na mencionada data, o diretor da Gazeta:

“A matéria desta semana foi excessiva, roubando o espaço deste Labirinto. Em vez de pena, querem que eu lance mão de outras armas: obedeco e seguirei para onde o destino me conduzir. Provarei ao mundo que nasci livre, sou um insubmisso e morrerei na estacada. Entrei na juventude batendo-me contra uma força do exército, subjugado pelas carabinas, arremessado às masmorras; fugi finalmente do cárcere e continuei a combater pela liberdade. Deste modo tenho uma fé de ofício e ainda sou o mesmo homem daquele tempo. Meus amigos! não creiam nas palavras dos meus inimigos: eles só trabalham em nos tornar desafetos”.

Na edição seguinte não se falava mais no assunto e até os comentários reproduzidos de outros jornais, a respeito, traziam o respectivo espaço em branco, aparecendo só o título, sinal evidente da censura prévia a que ficou submetido o periódico.

O “Labirinto de Creta”, em cada edição, por mais de um ano, apresentou-se com cerca de dez centímetros em branco e a assinatura Z. G. Depois, o espaço em branco passou a trazer, em linha vertical, o subtítulo “Dédalo e o Minotau-

ro”, sendo, por fim, substituído pela palavra “Talvez”.

Com assinatura completa, Zeferino Galvão iniciou, a 10 de março de 1918, a série intitulada “Cartas ao Diabo”, de pura filosofia, dirigidas ora ao “Imponderável Sr.”, ora ao “Incompreensível Sr.”, ao “Inconveniente Sr.”, ao “Soberbo Sr.”, etc., chegando ao total de onze, depois editadas numa brochura de 52 páginas, ilustrada com caricaturas do desenhista Alberto de Assis, sendo os clichês talhados em madeira por Henrique Chalegre.

Na primeira das “Cartas ao Diabo”, escreveu o jornalista: “Propriamente eu não o simpatizo; mas já estou tão acostumado a lidar com os diabos deste mundo em que habito e onde você viaja de quando em quando, que não escrupulizo em lhe enviar esta missiva em letra de forma, sem nenhum incenso, a fim de que lhe não pareça que ela leva o carimbo das sacristias, e sim o espírito das sinagogas que você instituiu largamente, depois de ter construído inúmeros pagodes. Há pessoas que só se entregam a Deus depois que o Diabo já não as quer, e assim eu fico na dúvida se o ilustre Satanás quererá proceder como aqueles amigos que se evaporaram em falta de outro éter. O Sr. é ilusionista, mas tem momentos de pachorra e não se abespinha nas horas de tentação, quando precisa deixar um católico sem mel nem cabaça”.

Chegada a edição de 7 de julho do ano em referência, a notícia sob o título “Jornal do Recife - os seus receios de empastelamento” só a-

presentava o título, seguido de doze centímetros de coluna em branco.

Ao completar-se o 16º. aniversário da Gazeta, a 17 de novembro, escreveu Zeferino Galvão: “Tão moça ainda, e de vida acidentada, sem que faça parte do grupo das perdidas, como alguns espíritos difamadores e de idéias curtas a têm considerado, apenas se dissuadem dos seus olhares amorosos que desejariam merecer para fins ilícitos. Não. A minha filha pode ficar órfã, mas não se prestará ao papel de hetaira, nem mesmo quando lhe chegar o tempo da desilusão”.

E concluiu: “Clemenceau também se viu constrangido como jornalista, até que soou a hora da redenção; pode ser que o nosso periódico obtenha o mesmo favor, se os Bismarcks não mais se disserem: - Basta que lhes fique olhos, para poderem chorar”.

Dada a edição de 17 de agosto de 1919, mais coagido pela censura municipal, que o intimara a só publicar qualquer matéria com o visto do delegado de polícia,(5) Zeferino Galvão suspendeu o seu jornal, que só voltou a circular a 7 de setembro, sob “garantias prontas e enérgicas do governo federal”, com a disposição de,

---

(5) Isto equivalia, segundo o diário O Intransigente, do Recife, de 28 de agosto de 1919, a “converter um jornal digno em uma dependência da estação policial dali, coisa impossível para um homem de brio como é o ilustre Dr. Zeferino Galvão. S. s. preferiu deixar Pesqueira a cometer uma infâmia”.

“como sempre, defender o progresso de nossa terra e a moralidade do regime”.

Todavia, mostrava-se o bravo jornalista desgostoso, tanto que, na edição do dia 21, declarava: “Precisando liquidar os meus negócios nesta terra e dar nova direção à presente folha, rogo aos meus distintos assinantes que tratem de ajustar as suas contas, principalmente aqueles que se acham atrasados e com os quais faremos liquidação vantajosa”.

“Aos zangadinhos” foi o título de enérgica nota estampada a 9 de novembro: Todo mundo tem o direito de suspender a assinatura desta folha, pois cada qual compra a farinha no mercado que lhe agrada; todo mundo pode lê-la, mesmo à custa de um terceiro, ou atirá-la para longe como coisa desonesta, irritante e falta de gramática; mas para assim fazer é preciso que salde a sua conta, porque enganar, ficar-se com o dinheiro alheio, é um direito exclusivo dos velhos... e não podemos crer que gente tão escrupulosa queira entrar no número dos traficantes. Dai a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César, disse Jesus, se é que o Divino Salvador nesta última parte merece algum crédito para quem se zanga com os credores e resolve castigá-los com o calote”.

A 16 de novembro, escrevia Zeferino Galvão, sob o título “Mais um aniversário”(6) :

---

(6) Escreveu, a propósito do 17º. aniversário da Gazeta de Pescaira, o Jornal do Comercio, do Recife, no mesmo dia 16: “Órgão independente, sempre empenhado

“Ontem, 15 de novembro, tanto a República como essa Gazeta completaram anos. A primeira, não obstante os seus deslizes, tem o mundo oficial para vitoriá-la; a segunda, vivendo na pobreza e num mundo acanhado, onde as paixões tripudiam, só tem curtido desgostos, e portanto não encontrará quem a festeje, pois está na época em que nada pode dar! Cair em política é o mesmo que entrar na quadra da indigência: todos lhe fogem, como do leproso! Mas, não vem ao caso... A República prossegue, vitoriosa, apesar dos deslizes; esta folha, aos 17 anos, não se assombra com a penúria e aquieta-se para um canto, no firme propósito de encarar a morte, contanto que não venda a honra, ainda mesmo que lhe aparecesse um Jacques Clement e perguntasse se ela queria ser uma Duquesa de Montpensier, a troco de vingança.

“A morte nada significa, porque é coisa natural; a indignidade é tudo, para quem tem compreensão dos seus deveres e sabe que não é

---

em campanhas tenazes, deve-se à sua atitude decisiva a conservação do traçado da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, que interesses outros pretendiam desviar para um rumo inteiramente prejudicial aos sertanejos. Dessa causa em que se empenhou, foi pela primeira vez trazido a público o erro crasso dos antigos mapas geográficos do nosso Estado, nas fronteiras de São José do Egito, Alagoa de Baixo, Pesqueira e Brejo com a Paraíba, dando assim motivo às correções feitas pelo barão Homem de Melo no Atlas impresso na Casa Briguiet, que testemunhou, por essa razão, o seu apreço ao conhecido jornal”.



porco - o animal criado, como os hipopótamos, para a sordidez da lama.

Completando anos, este periódico só tem palavras de reconhecimento para os bons assinantes que o recebem sem amargura e lhe prestam o valioso apoio; confessa, mais uma vez, o quanto vive satisfeito com a assídua visita e as honrosas referências da imprensa irmã e esclarecida”.

Verificada mudança na política municipal, cujo prefeito foi substituído, entrou a Gazeta de Pesqueira num período de calma. Atingindo 1920, no mês de março Alípio Galvão ascendeu ao posto de redator-secretário, figurando como redator o seu irmão Anísio, que à época também exercia o jornalismo no Recife. Mais de um ano decorrido, precisamente em julho, aumentou o preço das assinaturas anual e semestral, respectivamente, para 12\$000 e 7\$000, passando a ser 0\$240 o número avulso.

Não se aproveitou, todavia, de tão modesta vantagem, porque encerrou o bem feito órgão suas atividades com a edição de 28 de agosto de 1921, mediante esta simples explicação: “Tendo o nosso diretor de ir ao Recife, durante esta semana que hoje entrou, a fim de tratar da publicação do “Dicionário Biográfico” e de outros negócios de particular interesse - fica suspensa a publicação desta Gazeta, até a sua volta, que será de uns quinze dias”.(7)

---

(7) Fixando residência no Recife, Zeferino Galvão - autor “de cerca de mil páginas, em todos os ramos de lite-

Transcorreram mais de trinta anos. Voltou a Gazeta de Pesqueira à circulação no dia 10 de dezembro de 1952, tendo como diretor-responsável, ao mesmo tempo, redator-chefe, Luiz de Oliveira Neves, e diretor-gerente Pedro Santa Cruz, ao primeiro dos quais Alípio Galvão, filho e único herdeiro(8) do jornalista Zeferino Galvão, cedeu o direito de usar o título do semanário.

No editorial “Nosso rumo”, com que se iniciara a segunda fase, escreveu o articulista: “Não irá a Gazeta de Pesqueira” fazer política. Absolutamente. Batalharemos juntamente com aqueles que batalharem decididamente pelo progresso da gleba, auscultando os seus problemas, impelidos sinceramente a resolve-los, dentro de sua linha de ação - pelo bem comum. A estes daremos nosso apoio, também decidido, e o nosso aplauso, também sincero”.

Declarando-se órgão da opinião pública, prometeu lutar “ao lado do povo, procurando ouvir as suas mais justas aspirações”, com a certeza de ser essa “a trilha que se coaduna com o programa escolhido, há quase meio século, por

---

ratura”, segundo nota especial de Aníbal Fernandes, no Diário de Pernambuco - faleceu no dia 1 de fevereiro de 1924.

Era ele, ao que afirmou Oliveira Lima, quando o recebeu como sócio da Academia Pernambucana de Letras, um “ermitão das letras, que, no seu retiro de Pesqueira”, produzia “incessantemente, combinando ficção e erudição, alternando dicionários e novelas”.

(8) Já tinha falecido o outro filho, Anísio Galvão, a 19 de novembro de 1928.

aquele artista que empolgou, ao seu tempo, o mundo das letras no Estado de Pernambuco e no Brasil, com sua pena fulgurante: ZEFERINO GALVÃO”(9).

De agradável formato, acima de médio, em seis colunas, reunindo seis páginas, a Gazeta, tornara-se quinzenal. Sua redação foi localizada, exatamente, na rua Zeferino Galvão. Tabela de assinaturas: ano - Cr\$ 40,00; semestre - Cr\$ 25,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00; número atrasado - Cr\$ 1,50.

A par de editorial e noticiário, adotou as seções a seguir: “A imprensa em foco”; “Curiosidades”; “Gazeta Literária”, incluindo “O conto da Semana”; “Comentando”; “Tribuna do Povo”; “Sociedade”; “Rádio”; “Política - nem mais nem menos”; “Cinema” e “Desportos”. Colaboração, entre outros, de Alcides Nicéas, N. V. de Carvalho, Djanira Silva, Aloísio Falcão, A. Quirino Melo, Oton Almeida, Glicério de Almeida Maci-

---

(9) Foi a seguinte a produção de livros de Zeferino Galvão: oito de poesias, sendo publicados “Através dos Séculos” e “Na Dobra da Mortalha”; filosofia: “A Coragem dos Séculos”, “Coração e Cérebro”, “Psicologia Social”, “Arca de Noé”, “A Taça da Amargura”, “Ferro em Brasa”, “Prognósticos de Cassandra” e “Turbilhão”; romances: “Mirza”, “O Inconfidente”, “Eulâmpio Corvo”, “Ressurreição”, “O Cadete Bonifácio”, “Heloisa d’Arlemont”, “A Comédia Política”, “O Conluio dos Patifes”, “Poema do Crepúsculo” e “O Covil das Feras”; Historietas”; história: “Memórias de um Literato” (autobiografia), “A Conquista de Pernambuco” e “Monografia de Pesqueira”. Do seu “Dicionário Biográfico Universal”, em três volumes, só foi editado o primeiro.

el, Jarival C. do Amaral, Régis Velho e Severino Melo.

Nos meses de julho e agosto de 1953, travou-se série polêmica, através das colunas da Gazeta, entre o padre Olímpio Torres e J. A. de Assunção (pseudônimo de Ésio Araújo), a respeito da serra de Ororubá, partindo - segundo comentou, paralelamente, Aloísio Falcão - da necessidade de “estancar-se um pouco a desordenada expansão que ali vinha e vem tendo a criação de gado, num flagrante prejuízo das lides agrícolas e, por extensão, da coletividade citadina”.

A polêmica terminou um tanto azeda, mas não houve a perspectiva de brandir outra arma senão a pena.

A partir da edição de 6 de setembro, subiram para o cabeçalho os nomes de Oton Almeida e Severino Melo, na qualidade de redatores auxiliares, o segundo dos quais só permanecendo até maio do ano subsequente.

Com o n.º. 23, de 29 de novembro, solenizou-se o primeiro aniversário da segunda fase, numa edição de 12 páginas, em dois cadernos. No editorial de abertura, após lembrar o nome de Sebastião Cavalcanti, o diligente fundador, transcreveu o articulista as seguintes palavras de um artigo de Zeferino Galvão, comemorativo de evento semelhante ocorrido na primeira fase:

“Poderemos cair, desaparecer do cenário das letras, como esperamos a sentença da morte, tão inevitável, mas o faremos com a dignidade

de homens: sem súplicas, sem lágrimas, sem cair de joelhos”.

Além das seções costumeiras, a edição apresentou produções dos nomes já referidos e de Luiz de Freitas Lima, Valdemar Agra, José do Patrocínio Oliveira, Adalberto Duque e Luiz do Nascimento. Clichês foram estampados d’ “Os que fazem a Gazeta de Pesqueira”, desde o diretor ao corpo tipográfico, tendo ao centro o gerente do jornal e proprietário da “Gráfica Santa Cruz”, que o imprimia.(10)

A publicação prosseguiu, passando para o ano seguinte com seis páginas, às vezes oito, inserindo boas reportagens e crônicas, além de copioso noticiário geral e político.

---

(10) Em meio aos clichês, lia-se o oportuno comentário: “Só quem faz jornal no interior é quem sabe das agruras por que passam aqueles que são responsáveis pela edição de um periódico matuto. Tudo, quase, lhe é adverso. Faz-se jornal por diletantismo e amor à terra.

“O jornal matuto, já na véspera de sua saída - que é aguardada com impaciência - é procurada por aqueles sequiosos de notícias da localidade. No domingo, dia da circulação da folha, os habitantes do burgo saboreiam as notícias com ansiedade e, muitos deles, até com orgulho. No dia seguinte, o jornalzinho, depois de ter prestado um serviço de inestimável valor aos seus habituais leitores, é posto de lado.

Aquela folha de papel, em cima de um móvel qualquer, posta descuidosamente, tem sua história. A história que não se encontra ali, estampada em letras de forma... A história que se passa nas oficinas e que pouca gente sabe. Nas oficinas onde o suor aflui, onde a paciência e o desvelo - que muitas vezes são um mito - são fatos corriqueiros... é assim, em síntese, uma edição de jornal do interior...”

Entretanto, surgiram dificuldades financeiras, em face do acréscimo de despesas com papel e mão de obra. Diante disso, só dispondo de pouca subvenção municipal, sem publicidade compensadora, o idealista Luiz Neves viu-se na contingência de suspender a circulação do tradicional órgão pesqueirense, até que soprassem ventos mais favoráveis.

Foi último número divulgado o 33º., datado de agosto de 1954(11) (Bib. Púb. Est.).(12)

## O COLEGIAL

Jornal dos Estudantes do Colégio Pesqueirense - Manuscrito, quatro páginas de papel pautado, com título em fantasia, apareceu a 10 de março de 1907. Tinha por objetivo “desenvolver as intelecções de seus alunos”, conforme o artigo de fundo, assinado por Aristides Cavalcanti. O outro redator era Abel de Sá. Colaboradores: Joaquim Leite Lima, Aníbal dos Santos, Felicíssimo Leite, Zeba e Antonio Sá C. Das duas únicas notícias estampadas na edição, uma dizia, com certo sensacionalismo: “Sabemos que serão todos os alunos do Colégio Pesqueirense fotografados”. O fotógrafo era “o Sr. Cintra”.

---

(11) A Gazeta de Pesqueira retornou em 1955, mas viveu pouco.

(12) A coleção guardada na Biblioteca Pública do Estado, referente à primeira fase, devidamente encadernada em diversos volumes, é a que pertenceu a Zeferino Galvão, por oferta da família.

Falta indícios de haver continuado a publicação (Bib. Púb. Est.).

## PÁTRIA

Semanário Literário e Crítico - Entrou em circulação a 28 de novembro de 1915, obedecendo ao formato de 24 x 16, com quatro páginas de duas colunas, impresso na oficina da Gazeta de Pesqueira. Redator-chefe - Mário José de Barros Correia; redator-secretário - Raimundo Teodorico de Freitas (substituído, no n.º. 3, por Abdias Álvares de Melo); redator (a começar do n.º. 4) - Osvaldo Magalhães. Redação à rua 15 de Novembro, 32.

De matéria leve, variada, inclusive troças e noticiário, a folha criou também dois concursos: um para escolher o rapaz mais feio da cidade; o outro, de beleza infantil.

Apesar de dizer-se semanário, Pátria veio a divulgar seu último número, o 5.º., a 15 de março de 1916, com as duas últimas páginas, à falta de originais da redação, repletas de anúncios graciosos (Bib. Púb. Est.).

## O THEATRO

Órgão Artístico e Humorístico - O menor jornal de Pesqueira, saiu a lume no dia 27 de julho de 1918, em formato de bolso, ou seja, 17 x 12, com quatro páginas de duas colunas. Trabalho gráfico da oficina da Gazeta de Pesqueira.

Sem indicar corpo redacional e sem editorial de apresentação, tendo uma página dedicada ao programa do espetáculo do dia, ocupou-se, tão somente, em prosa e verso, de assuntos ligados às atividades do Recreio Familiar e seus artistas amadores. Também divulgou a letra, autoria de Zeferino Galvão, da valsa "A falua", música de Tomaz de Aquino (Bib. Púb. Est.).

## **IDEAL JORNAL**

Semanário de Literatura e Elegância - Editado pela firma José Araújo & Cia., para os frequentadores do Cinema Ideal, publicou-se o primeiro número a 18 de agosto de 1918, formato de 22 x 13, com quatro páginas de duas colunas. Redação à rua Duque de Caxias, 1.

Jornalzinho inexpressivo, impresso em tinta de cor, além de alguns versos transcrito, só divulgou matéria cinematográfica.

Teria ficado na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

## **O EFÊMERO**

Datado de 1918/1919, o n.º 1, Ano I, circulou na noite em que o Ano Novo substituiu o ano velho. Formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Sobre o título arrumavam-se dois versos de Hermes Fontes e, ao lado, palavras de Zeferino Galvão. Redatores - Antonio Rodrigues de Freitas, Eutrópio Bezerra, Odon



Galvão e José Afonso de Lima. Preço do Exemplar - 100 réis.

De existência fugaz, como se lia no artigo "Aparecendo"(1), o bem feito órgão programou "leves humorismos, gracejos inofensivos e outros assuntos sobre literatura, modas, elegâncias, etc." Seu intuito era "batalhar por tudo quando seja belo e útil à nossa terra".

Desejou, noutra nota, "perenes venturas" e "uma estrada dourada" aos leitores, nos 365 dias que começavam.

Cumprindo o enunciado, foram colaboradores da edição em prosa e verso: Aristides Cavalcanti, José Correia Neto, Elisa Gonçalves, Hermelinda Aragão, Antonieta Ventura, Filomena Morais, Santina Ventura, Celecina de Sá e Ester Guerra. Vários foram os pseudônimos usados.

Foi mesmo fugaz a vida d'O Efêmero (Bib. Púb. Est.).

## O PESQUEIRENSE

Jornal Noticioso e Literário - Propriedade da Farmácia São José, foi posto em circulação a 26 de janeiro de 1919, obedecendo ao formato de 22 x 12, com quatro páginas, a primeira das quais ostentando clichê do bispo D. José de Oliveira Lopes, como preito de homenagem. Impresso a cores, entremeou suas informações me-

---

(1) O Efêmero apresentou a novidade de não empregar maiúsculas no início das palavras que serviam de título das diferentes matérias.

dicamentosas com anedotas e um soneto de Afonso Celso.

Possivelmente, ficou no primeiro número (Bib. Pú**b.** Est.).

## **PESQUEIRA SPORTIVO**

Órgão de Elegâncias e Literatura Desportiva - Apareceu no dia 15 de junho de 1919, formato de 31 x 20, com quatro páginas de três colunas. Propriedade do Pesqueirense Futebol Clube; redatores - Antonio Rodrigues, Odon Galvão, Eutrópio Bezerra e J. Afonso. Instalou redação na rua Duque de Caxias, 41, imprimindo-se no Recife, na Tipografia da rua das Laranjeiras, 86. Número avulso - 0\$100.

Dedicado “aos interesses desportivos de Pesqueira e dos municípios do interior”, a primeira página da edição de estréia exibiu clichê do team do Clube e, abaixo, um convite às senhorinhas pesqueirenses para partilharem do desenvolvimento desportivo da terra.

Nada obstante declarar-se “quinzenal”, o nº. 2 só foi dado à estampa a 20 de julho.

Sua matéria constava das seções “Reportagem chic”, a cargo de Annesley; “É...bolições”, notas satíricas, de Guerrero; “Perfilando”, por Da C. D.; “Bilhete postal”, sob a responsabilidade de Suzana; crônicas ligeiras; noticiário; “Anotações”, e concursos para eleger “a moça mais chic” e “o rapaz mais simpático” de Pesqueira, cujos votos não chegaram a ser publicados (Bib. Pú**b.** Est.).

## ERA NOVA

Semanário Católico - Editado sob os auspícios da autoridade diocesana, surgiu a 22 de maio de 1920, formato de 38 x 27, com quatro páginas de cinco colunas. Redação e oficina à rua Duque de Caxias, 31. Tabela de assinaturas: ano - 6\$000; semestre - 3\$000. Preço do exemplar - 0\$100.

Lia-se no artigo de apresentação, após uma série de considerações a respeito do programa mencionado no subtítulo: “A Era Nova confia no futuro, espera fazer o bem e, se não tem a veleidade de querer encontrar diante de si uma senda sempre de rosas e triunfos, não se arreceia dos espinhos nem das lutas”.

A publicação seguiu-se com regularidades, dando edição especial de oito páginas a 7 de setembro, em comemoração à Independência do Brasil, bastante ilustrada, vindo a atingir 20 de novembro com o n.º. 25. Reduzira, sensivelmente, o formato, páginas a três colunas de composição, sendo impresso em papel couchê. Consta-va do cabeçalho: “Órgão da Diocese de Pesqueira”.

O n.º. 27, ano II, só apareceu (daí por diante datado do Recife) a 18 de setembro de 1921. Passou a mensário, mas ainda assim circulando irregularmente, a ponto de o n.º. 37, ano III, ser divulgado no dia 22 de outubro de 1922. A numeração emendava-se de ano para ano.

Findou, então a existência da Era Nova(1), que contava com a colaboração de T. Gomes, Coraci, V. B. P., L. Andro, o das "Atualidades"; Edgar Mendonça, Peixoto Sobrinho, Flávio (pseudônimo do bispo D. Augusto Álvaro), autor de "Serões"; Luiz C. da Silva, El Mano, J. de Melo, Vera, Ancila, Aldo Campos, Eustórgio, M. J. L. e Cláudio, os seis últimos só assinando poesias. Desde o princípio, divulgou o folhetim "Apesar do tempo e da distância", transcrição de Victor Favet (Bib. Púb. Est.).

## A FOGUEIRA

Número especial, dedicado a São João, circulou a 24 de junho de 1920, formato regular, com quatro páginas de três colunas. Editado "pela rapaziada do Novo Éden", distribuiu-se gratuitamente entre as famílias, requerendo, como único pagamento, fosse posto na fogueira depois de lido.

Matéria variada e interessante, em prosa e verso, contou, principalmente, com a colaboração assinada por João B. Cavalcanti, Gumercindo Duque, José Afonso de Lima e A. Gonçalves (Bib. Púb. Est.).

## O GRÊMIO

Periódico Literário e Noticioso - Surgiu no dia 12 de outubro de 1920, com quatro páginas,

---

(1) Reapareceu, em nova fase, no ano de 1955. Continua.

formato de três colunas, sendo editado pelo Grêmio Arcoverde. Trazia, ao lado do cabeçalho, a frase de Olavo Bilac: "Ama com fé e orgulho a terra onde nasceste". Assinatura anual - 2\$000; número avulso - 100 réis.

Publicação irregular, circulou o n.º. 2 a 15 de novembro, exibindo, na primeira página, clichê da diretoria do Grêmio e, nas três últimas, artigo redacional e produções literárias de João B. Cavalcanti, J. Araújo Filho, J. A. Luna, Guercindo Duque e José Bonifácio, além de algum noticiário.

Não continuou (Arq. da sra. Olímpia Duque).

## ÁLBUM DE PESQUEIRA

Organizado na Administração do Coronel Cândido Cavalcanti de Brito, na gestão de 1923 a 1925 - Caderno de 76 páginas, papel especial, no formato oblongo de 20 x 29, foi dado à circulação em novembro de 1925, tendo sido impresso na oficina do Jornal do Commercio, no Recife.

Ocupou a página de abertura um clichê do governador do Estado, Sérgio Loreto. Seguiram-se duas páginas com fotogravura e o artigo intitulado "Agradecimento", do prefeito C. C. de B. Constou a matéria geral de produções sobre o município de Pesqueira, assinadas por Oscar de Barros, Joaquim de Arruda Falcão e J. Marques; notas biográficas e retrato do famoso jornalista extinto Zeferino Galvão; o elogio de Anísio Galvão; fotogravuras de outras personalidades,

vistas da cidade e de obras municipais, inclusive dos distritos; comentários em torno do desenvolvimento da administração; estatísticas e balancetes (Arq. de Luiz Cristóvão dos Santos).

## **CORREIO DE PESQUEIRA**

Semanário Lítero-Social, Noticioso e Ilustrado - Entrou em circulação a 29 de maio de 1927, formato de 50 x 37, com seis páginas a seis colunas de composição, trabalhado em oficina própria, situada, com a redação, na rua 15 de novembro, 185. Propriedade dos irmãos Cândido e Joaquim Cavalcanti de Brito, ao primeiro deles cabendo a direção; redator-chefe - Peixoto Sobrinho; redator-secretário - Paulo de Oliveira. Publicação aos domingos, assinava-se a 10\$000 por ano, custando o número avulso 0\$200. Lia-se abaixo do título: "Trabalhar pelo desenvolvimento moral e social de Pesqueira - eis o nosso lema".

A coleção do periódico em estudo acha-se desfalcada dos exemplares correspondentes ao primeiro ano.

O n.º. 52, de 29 de maio de 1928, assinalou a passagem do primeiro aniversário de fundação do Correio de Pesqueira, numa edição de dez páginas. Segundo o editorial, intitulado "Um degrau vencido na ascensão", sustentou "as tradições irradiantes de Pesqueira, trabalhando sempre pelo bem da coletividade, da família, da religião e da harmonia entre os que erguem o dever como dogma".

Figuraram, na página de frente, clichês e panegíricos do governador Estácio Coimbra e do chefe de polícia Eurico de Souza Leão e, na décima, dos secretários de estado Genaro Guimarães e Samuel Hardman. Em meio às diversas páginas de anúncios, escreveram: Dorgival Galindo, Oscar de Barros, S. C., padre Batista Cabral, Peixoto Sobrinho, Belinha Japiassu e Catullo Moxotoense (pseudônimo de Ulisses Lins de Albuquerque).

Prosseguiu a publicação, cada domingo; transpôs o ano de 1929 sem alteração; deu edição de 20 páginas na data do segundo aniversário e, atingido o n.º. 109, de 7 de junho, foi o corpo redacional acrescido do nome de Fernandes da Costa. Vinha atuando como gerente Djalma S. Barreto, logo mais substituído por Joaquim Santos. Nova tabela de assinaturas: ano - 15\$000; semestre - 10\$000. Número avulso - 0\$300.

Começando 1930, saiu o n.º. 132 no dia 1 de janeiro, reunindo oito páginas, na primeira das quais se viu uma alegoria de saudação ao Ano Novo, desenho de Osvaldo Rocha e gravação em madeira de Agripino de Farias. Como legenda, um soneto de Fernandes da Costa, completando a página do editorial "A grande hora universal". Boa matéria de colaboração.

Teve início, então, nas colunas do periódico situacionista, intensa propaganda da candidatura Júlio Prestes à Presidência da República, seguida de apoio à candidatura de José Maria

Belo ao governo do Estado, campanhas orientadas pelo chefe político Cândido de Brito, diretor do jornal.

Circulando regularmente, quase sempre com seis páginas e apreciável quantidade de reclames comerciais, o Correio de Pesqueira, também veículo dos atos oficiais da Prefeitura, era, sobretudo, noticioso e manteve uma página de Literatura, da qual foram colaboradores Batista Cabral, autor das “Miniaturas”; Esdras Farias, Oscar de Barros, Terezinha Caldas, Oscar Siqueira, Said Aoun, que mandava crônicas de viagem do exterior; Otoniel (de Menezes) ou Hontonyel; Maria Isabel Ferreira, Gumercendo Duque, Gêge, Olímpio Tavares, Hélios; Maciel, ou seja, Glicério de Almeida Maciel (crônicas de São Paulo), Túlio Hermil, o dos “Filmes”; Luiz (Cristóvão dos) Santos, poeta de 12 anos, e raros outros, sendo mais constante a produção, em prosa e verso, de Fernandes da Costa. Este último terminou desaparecendo, misteriosamente, da cidade, atitude que uma nota redacional, na edição de 14 de setembro, considerou censurável, “pelo reprovável motivo determinante do seu procedimento”.

Pouco depois, publicado o n.º. 171, de 28 de setembro de 1930, findava a existência do bem feito órgão da situação dominante em Pesqueira, derrubada pela revolução de 4 de outubro (Bib. Púb. Est.)(1) .

---

(1) Coleção bastante desfalcada.



## DIOCESE DE PESQUEIRA

Número único, circulou no dia 3 de fevereiro de 1929, com quatro páginas a quatro colunas de composição, impresso em papel couchê, na tipografia do Correio de Pesqueira.

Comemorativa do 10º. aniversário da transferência da sede episcopal de Floresta para Pesqueira, a edição inseriu artigos de Peixoto Sobrinho, padre Alfredo de Arruda Câmara e S. C., este assinando, igualmente, duas poesias; notas e comentários a respeito das atividades de D. José de Oliveira Lopes à frente do Bispado; cli-chês do prelado, do Colégio Santa Dorotéia e do Seminário e Colégio Diocesano, vendo-se, na última página, ao lado do cabeçalho, a divisa: "Ad majorem dei gloriam" (Bib. Púb. Est.).

## O ORIENTE

"Jornal "de Josué Lima, que difundia o espiritismo", foi mencionado, sem dar-lhe a data, por João Neves Júnior, em artigo no Jornal do Commercio, do Recife, de 06/05/1962.

## O MONITOR

"...dirigido por Valdemir Lins", congregava "o meio estudantil da época" (?). Citação nas mesmas condições do precedente.

## JORNAL DE PESQUEIRA

Órgão Independente - Começou a circular no dia 4 de janeiro de 1931, tendo como diretor-proprietário Abílio Maia. Formato de 48 x 35, em seis colunas, saiu com quatro páginas, sendo duas de anúncios. Preço do exemplar - 0\$300. Tabela de assinaturas: ano - 15\$000; semestre - 10\$000. Oficina própria e redação à rua Duque de Caxias, 29.(1)

“Visando o progresso da terra onde nasce” dizia o artigo-programa - “combaterá, com pulso firme, pelo bem-estar deste rincão tão cheio de glória e tão falto de proteção. Sondando, ouvindo, aquiescendo as queixas do sertanejo, gritará do alto de suas colunas, como de uma formidável tribuna portátil, os seus desejos justos, as suas aspirações sensatas, os seus anseios coerentes”.

“Sem política - acrescentou o editorialista - é de todos, é para todos, sem distinção de partidos ou classes sociais”, pugnando “pela religião católica, Apostólica, Romana, sem deixar que entrasse em suas colunas “qualquer doutrina heterodoxa”.

Bem impresso e noticioso, além do editorial da praxe, o periódico, seguindo sua rota, veio a divulgar os principais atos do governo revolucionário. Contou com a colaboração, em prosa

---

(1) O professor Abílio Maia adquirira, por compra, a tipografia do Correio de Pesqueira, dos irmãos Cândido e Joaquim de Brito.

ou verso, de U. ou Ulisses Lins; A. L. S. e Alcides Lopes de Siqueira (ambos produziram poesias em louvor à revolução de 1930); Fábio Rústico (de Belo Jardim); Tomaz de Aquino, Oscar Borges e o padre Alfredo de Arruda Câmara, que iniciou, no terceiro número, o rodapé “História de minha prisão - Memórias de uma campanha”.(2)

Divulgava “Perfis” (femininos), com a assinatura de Príncipe Azul; “Kodak” (perfis masculinos), por Semiramis; correspondência das localidades de Flores, Pedra, Belo Jardim e São Bento do Una; colaboração, sem prosseguimento, de Said Aoun, procedente do Rio e de São Paulo; Silva Duarte, a partir de 12 de abril, com o rodapé “A revolução vitoriosa - A marcha de um povo que se liberta”; João Câncio, Diocleciano Pereira Lima, Aires Peixoto, Olímpio Tavares (poesia), Peixoto Sobrinho e Ulisses Diniz.

Acompanhava cada número, a princípio, o “Suplemento Ilustrado”, de oito páginas, do Rio de Janeiro, comum a outros jornais de todo o país.

Terminado o ano com 52 edições, prosseguiu a numeração a 3 de janeiro de 1932, quando circulou o Jornal de Pesca com oito páginas, por motivo do primeiro aniversário de sua fundação. Do editorial comemorativo constava: “O programa que traçamos no primeiro número do

---

(2) Os artigos do padre Câmara foram enfeixados, logo depois, num opúsculo de 38 páginas, editado pelo próprio Jornal de Pesca.

nosso aparecimento continua inalterável e pelo qual nos bateremos com afã, convictos de que vamos inteiramente ao encontro dos sentimentos dos nossos leitores”.

A começar de 20 do referido mês, o periódico, que circulava cada domingo, passou a sair aos sábados. Na edição seguinte, teve início a “Seção Feminina”, mensal, que abriu com um soneto de Franklin Seve. Foram outros colaboradores: Evangelina Maia Cavalcanti, José de Almeida Maciel, Benjamim Caraciolo, José Luceña, J. P. G. de Sá, Paulo de Oliveira (de Arcoverde) e Roque Tavares. Raros artigos traziam a assinatura do diretor Abílio Maia, responsável único pelos editoriais.

A primeira página da edição de 26 de novembro foi dedicada ao falecimento do bispo diocesano D. José A. de Oliveira Lopes. Outro número de oito páginas teve curso a 7 de janeiro de 1933, impresso em tinta verde, solenizando o segundo aniversário do Jornal, com a inserção de boa matéria, inclusive colaboração especial de Ulisses Lins, Diocleciano Pereira Lima, Said Curi Aoun e Benjamim Caraciolo.

No mesmo número, divulgou-se o seguinte: “Devido à situação difícil, principalmente por causa da longa seca que assola os sertões, o Jornal de Pesqueira passará, na próxima semana, a sair com pequena diminuição na sua estatura”. Para compensar, seriam reduzidos os anúncios.

Com uma redução de cinco centímetros no formato, o semanário ficou com cinco colunas de

composição, sem mais alterações. Mantido o ritmo de circulação regular, acrescentou-se ao corpo de colaboradores o nome de Eliseu de Araújo, que fornecia versos com e sem assinatura, como as quadras da seção “Confissões”, e crônicas sob o pseudônimo Ely. Depois, apareceram reportagens e artigos de autores diferentes, emanados da U. B. I. (União Brasileira de Imprensa). Ainda apareciam produções de Tenório de Cerqueira, Dr. Lídio Paraíba, Peixoto Sobrinho, J. A. de Souza Ferraz e outros.

O Jornal de Pesqueira entrou no quarto ano de existência com o n.º. 153, a 6 de janeiro de 1934, numa edição, pela primeira vez, de doze páginas, figurando de frente, ao lado do editorial comemorativo, uma alegoria (em xilogravura) em homenagem ao evento.

Abílio Maia, diretor e único redator, manteve o semanário com independência, encetando campanhas pelo soerguimento do município, sobretudo visando à construção dum hospital e de um banco popular. À aproximação, no segundo semestre, das eleições para a Câmara Federal e a Constituinte estadual, em artigos assinados, deu pleno apoio ao programa da Liga Eleitoral Católica. Já no fim do ano, lia-se, também, colaboração de Rui Duarte, autor das “Cartas pelo Jornal”.

Prosseguiu, no ano seguinte, a meta do periódico, com artigos firmados por Alcibíades F. Lima, Peixoto Sobrinho, Jorge de Sá e José de

Almeida Maciel, sempre fiel ao noticiário de rotina e às suas quase duas páginas de anúncios.

Chegou ao fim com o n.º. 246, de 14 de dezembro de 1935(3) (Bib. Púb. Est.).

## O RAI0

Jornal Humorístico de Publicação Quinzenal(1) - Começou a circular no dia 12 de abril de 1931, formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Diretor e dono - Luiz de M. Didier (Bruga); redator-secretário - Antonio Araújo (Nogueira). Trabalho gráfico da oficina do Jornal de Pesqueira. Preço do exemplar - Cr\$ 300, vendido “no bilhar de Zé Batista”. Constou, ainda, do cabeçalho: “Criticar e gozar as malandrags de Pesqueira - eis o nosso objetivo”.

No editorial de apresentação, firmado por Túlio Hermil, pedia-se aos leitores que não pasassem O Raio a ninguém; quem o quisesse ler que o comprasse.

Divulgou, assim continuando, matéria ligeira, inclusive a “Seção das Zinhas” e o “Jar-

---

(3) Em sua edição de 28/12/1935, divulgou o O Amigo do Matuto, de Arcoverde, a nota a seguir, sob o título “Jornal de Pesqueira”: “Acaba de suspender a sua publicação esse nosso confrade da vizinha cidade de Pesqueira. O estado de saúde alterado do seu diretor e a incompreensão do público são os dois motivos principais apontados”.

(1) Na edição de estréia, acrescentava-se ao subtítulo: “...publicação mensal, quinzenal, ou única, se der prejuízo”. Não deu.

dim Zoológico”, compreendendo perfís, em versos, de moças e rapazes da sociedade local, assinados, respectivamente, por Príncipe Azul e Príncipe Negro. Outros colaboradores escondiam-se sob pseudônimos, a saber: Louthey, Tasso, Otelo, Hpito, Breno, etc.

O Raio desenvolveu dois interessantes concursos: um de beleza, para senhorinhas, e o outro de antipatia, para homens. Na quinta edição o diretor-dono e o redator-secretário defenderam-se, em artigos assinados, de acusações anônimas à moralidade do periódico, feitas através do Jornal de Pesca. Na edição subsequente, uma manchete rodapé protestava “contra as insinuações desairosas à honorabilidade do íntegro juiz dr. Luiz Marinho.

A publicação não foi além do n.º. 7, datado de 21 de junho(2), entremeada de uma edição extraordinária (Col. Antonio Araújo).

## **PESQUEIRA-SOCIAL**

Órgão do Clube dos Cinquenta - Apareceu no dia 31 de dezembro de 1932, ao ensejo do início dos festejos programados para a posse de nova diretoria da agremiação.

De formato pequeno, com quatro páginas de três colunas, foi impresso em papel couchê,

---

(2) O “Bloco Canivetes de Ouro” divulgou, no Jornal de Pesca de 5 de julho de 1931, um abaixo-assinado, protestando, “veementemente”, contra a proibição arbitrária” da circulação d’O Raio.

tinta azul, estampando clichês do presidente que terminava o mandato e do que ia substituí-lo: Aristides Bezerra Cavalcanti e Antonio Manuel de Siqueira Cavalcanti, e das senhorinhas Dusaura Paraíba e Doralice Saraiva, classificadas em primeiro e segundo lugar no concurso para madrinha do Clube durante o ano de 1933.

Destinava-se o jornal - “o meio mais eficiente de se fixar uma época ou um acontecimento” - a registrar “o meio social pesqueirense e a atuação inteligente e brilhante do Clube dos Cinquenta”, segundo o editorial da primeira página.

Além do artigo assinado por Abílio Maia, *Pesqueira-Social*, que tinha seis páginas, inseriu variada matéria literária, à base de pseudônimos; humorismo e noticiário relativo às atividades do Clube dos Cinquenta.

Não voltou a publicar-se (Col. Antonio Araújo).

## AVANTE

Órgão Lítero-Social e Noticioso - Circulou o n.º. 1, ano I, a 31 de dezembro de 1934, formato de 30 x 23, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Everardo A. Maciel; redatores - Walter G. Mota, Milton Maciel, Augusto Duque e Edwald Matos. Custo do exemplar - 0\$300.

Sobre o aparecimento do jornal escreveu, entre outros tópicos, o diretor: “Ele será o nosso



apelo aos moços de idade e de espírito, aos que pensam e produzem, para que venham cerrar fileiras ao nosso lado, pelo soerguimento do rincão estremeado”.

A edição, que ficou, provavelmente, na estrela, inseriu poesias de Desidério Valença, Cecílio Rocha e K. Lunga, o dos perfis “Eles e Elas...”; crônicas de Rudy; comentários, notícias e pequenos anúncios (Bib. Púb. Est.).

## A MARCHA

Órgão do Núcleo Integralista de Pesqueira  
- Saiu a lume no dia 7 de setembro de 1935, formato de 37 x 27, com quatro páginas de cinco colunas. Entremeado no clichê do cabeçalho, via-se o símbolo do Sigma. Vistosa manchete reproduziu palavras de um manifesto do líder Plínio Salgado, igualmente autor do artigo de abertura da primeira página.

Adotara o lema “Tudo pelo Brasil”, expresso no editorial de apresentação. Liam-se, a seguir, artigos de José Maria Cavalcanti, Lídio Paraíba, desembargador José Araújo Filho e Figueiredo Matos e poesia de José Mairink, fora a matéria noticiosa de interesse partidário.

O n.º. 2, com a indicação “Sigma - Jornais Reunidos”, publicou-se a 22 de janeiro de 1936, sob a direção de Everardo A. Maciel, responsável pelos dois artigos da primeira página. Divulgou transcrições de Plínio e Madeira de Freitas e crônicas de Augusto Duque e Aloísio Falcão, completando a edição alguns anúncios.

Ao que tudo indica, não prosseguiu a publicação (Bib. Púb. Est.).

## **O ORORUBÁ**

Entrou em circulação a 22 de agosto de 1936, obedecendo ao formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Eládio Marques. Confecção da tipografia "A Elétrica".

Depois de outras considerações, rezava o editorial de abertura: "O seu título bem traduz a nossa intenção, que é por em evidência as forças latentes da região. Sendo Pesqueira situada no sopé da serra deste nome, é daí que se originou em nossa mente trazer à luz da publicidade este jornalzinho, de interesse puramente regional".

Sua matéria constituiu-se de doutrinação integralista, a cargo de Pio Jardim, Potiguar Mattos e Zé Operário; palavras do chefe Plínio Salgado, algum noticiário e uma página de reclames comerciais.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## **A VOZ DE PESQUEIRA**

Órgão Noticioso e Independente - Surgiu no dia 27 de setembro de 1936, sob a direção de Eugênio Chacon, tendo como secretário Milton Maciel; gerente, Walter G. Mota; redator-correspondente, no Recife, Paulo de Oliveira.

De formato elegante, acima de médio, com seis colunas e apresentando bom aspecto gráfico, o periódico, “movimentado por um punhado de moços bem intencionados”, apresentou-se com o seguinte programa, expresso em artigo de fundo”:

“A Voz de Pesqueira terá como norma de sua atuação jornalística cooperar, à altura das possibilidades morais e intelectuais dos seus dirigentes, em prol do desenvolvimento, do progresso da terra querida. Nenhuma ligação, nenhum compromisso de natureza política. É que a incumbência que se propõe realizar constitui uma arrancada destemerosa dos esforços dos seus diretores, na conquista gloriosa de bem servir à comunhão da família pesqueirense, num justo, elevado movimento de solidariedade social, senão imperioso dever de humanidade. É assim que, animados pela fé na confiança de uma ideologia puramente patriótica, na defesa das instituições republicanas, consagradas no regime democrático em que vive o Brasil, desde os primórdios de sua independência. A Voz de Pesqueira será a voz do seu povo ordeiro, trabalhador e progressista; da sua religião, que é o sustentáculo da sua fé; do seu progresso, através de suas principais indústrias”.

Saiu com quatro páginas, obedecendo à tabela de assinaturas a seguir: anual - 8\$000; semestral - 5\$000; número avulso - 200 réis; atrasado - 300 réis. Colaboração de Walter Mota, Ésio Magalhães Araújo, Eugênio Chacon e Eládio Marques, a par de variada matéria redacio-

nal, com as seções: “Notas e Comentários”; “Agricultura e Pecuária”; “Humorismo Brasileiro”; “Através do Rádio”; “Literatura”; “Para as donas de casa”; “Luz e som”; “Pelo Forum” e “Vida Social”. Poucos anúncios.

Logo na primeira edição iniciou um concurso para a escolha da “princesa do verão de 1936”.

O segundo número só saiu a 18 de outubro, quando se verificou a primeira alteração no corpo redacional, com a exclusão do secretário e a ascensão do gerente ao cargo de redator-chefe. Já no quinto número só figurava no cabeçalho o nome do diretor.

Circulando quinzenalmente, com regularidade, o n.º. 22, datado de 29 de agosto de 1937, reuniu dez páginas, em homenagem à firma Carlos de Brito & Cia., por motivo da Festa do Tomate, fartamente ilustrada, trazendo artigos assinados por Luiz Cristóvão dos Santos, Severino Jatobá, Peixoto Sobrinho e José de Almeida Maciel.

O primeiro número do segundo ano saiu a 24 de outubro, “após pequena interrupção, sob a mesma direção e obedecendo ao mesmo programa. Apenas diminuiu de formato”. Em compensação, circularia semanalmente.

Com o novo tamanho de 38 x 27, cinco colunas estreitas, passou a ter oito páginas, saindo aos sábados. A um lado do título, lia-se: “Seminário Social e Noticioso”. No outro: “Trabalhar

pelo desenvolvimento moral e social de Pesqueira - eis o nosso lema". Um prospecto colado à terceira página divulgou incisiva carta ao leitor, solicitando-lhe aceitar uma assinatura anual, pelo preço de 12\$000. Firmavam-na Aloísio Castro, Milton Viana Maciel e Wilson Maciel Chacon, redatores os dois últimos. O semestre subira para 8\$000, vendendo-se o exemplar ainda a 0\$200, preço logo mais elevado para 0\$300. Impresso, desde o começo, na tipografia do Jornal de Pesqueira, passou a confeccionar-se na oficina d" "A Elétrica", empresa fundada pelo diretor Eugênio Chacon.

A Voz de Pesqueira entrou a publicar os atos da Prefeitura municipal, criando também uma seção de Literatura e outra de perfis, assinada por Vampiro.

No mês de julho de 1938, lia-se no cabeçalho: "O jornal de maior tiragem do interior do Estado: 1.200 exemplares". À época, a propriedade da empresa achava-se com os irmãos Chacon: Eugênio na direção e Wilson na gerência. O corpo redacional fora elasteado, nele figurando Aloísio Castro, Aloísio Falcão e Augusto Duque, o último dos quais desde alguns meses aparecendo como colaborador, ao lado de João Cância, Gumercindo Duque e Caetano de Sá.

A edição de 23 de outubro acumulou dez páginas, comemorativas do segundo aniversário. Além do editorial de praxe - "Dois anos de glória - Dois capítulos da nossa novela" - apresentou artigos especiais de Abílio Maia, Gabriel

Marques e padre Armando Guerrazzi, a par de reportagens ilustradas, seções redacionais, o costumeiro noticiário local e a necessária quota de anúncios.

Continuou, sem interrupção, saindo ora com quatro, ora com seis páginas, de quando em quando inserindo trabalhos, de literatura ou não, assinados por José Austregésilo Filho, José de Almeida Maciel, Potiguar Matos, Inácio Raposo, José de Farias, Luiz Rodrigues da Silva, Licurgo Costa e Valença Leal. A 12 de fevereiro de 1939, foram colocados abaixo do cabeçalho os dizeres: "Órgão Oficial do Município", logo mais retirados, embora continuasse como tal. Ficou, apenas, o nome do diretor-responsável: Eugênio Chacon.

A edição do terceiro aniversário, pela primeira vez com 20 páginas, publicou-se a 22 de outubro, em cores, homenageando a memória do jornalista Anísio Galvão, no 11º aniversário do seu falecimento, divulgando, inclusive, um trecho do livro dele: "Vida que corre". Outros colaboradores da edição: Aloísio Falcão, padre Pires, Jorge de Albuquerque, Dorgival Galindo, Ribeiro do Vale e Potiguar Matos. Este último, então como redator-chefe, empreendeu viagem, dias após, visitando 25 localidades circunvizinhas, angariando assinaturas, no momento apreçadas em 15\$000 por ano, continuando por 8\$000 o semestre.

No ano seguinte - 1940 - a partir de 27 de outubro (edição de aniversário, 20 páginas),

constava do cabeçalho uma tiragem de 2.000 exemplares.

A 26 de outubro de 1941, solenizando o quinto aniversário de fundação com uma edição de 16 páginas, aumentou o formato para 47 x 32, e ao mesmo tempo, mudou de nome, passando a chamar-se

**A REGIÃO.** Entendia a direção que, servindo a uma zona de 20.000 quilômetros quadrados, não podia ser mais a voz, unicamente, de Pesqueira; daí o novo título.

Sob a mesma direção, abrindo a primeira página com artigo de Potiguar Fernandes ou de Eugênio Chacon, A Região veio a ter outros colaboradores, tais como Paulo de Oliveira, José de Arimatéia, Augusto Carvalho, padre Filoteo, Abílio Maia, Said Aoun, Francisco Siqueira, J. Caminha e padre José Moreno. Por algum tempo, nas edições de seis páginas incluía-se uma de assuntos religiosos.

Ocorreram edições de aniversário: com 12 páginas a 25 de outubro de 1942, e com 16 a 24 de outubro de 1943, data esta última quando, “em virtude do elevado preço das matérias primas necessárias à sua publicação”, subiu a assinatura anual de Cr\$ 20,00 para Cr\$ 25,00, já em curso a nova moeda - o Cruzeiro.

Através de telegrama, o Departamento de Imprensa e Propaganda obrigou o periódico a restabelecer o título

**A VOZ DE PESQUEIRA**, o que foi cumprido a 7 de novembro de 1943. Publicava-se ininterruptamente e, a 3 de junho de 1945, uma edição de oito páginas homenageou a vitória dos aliados na segunda guerra mundial.

Criara-se a seção “Revolvendo o passado”, com excertos do que publicava, havia 40 anos, a Gazeta de Pesqueira. Paulo de Oliveira escrevia “Canetadas”; sugerindo, também as “Notas Soltas”, por I. I. A. (Ivo Izidoro de Assis). Outros colaboradores: Gercino Tabosa, Gercino de Pontes, José Foerster e Desidério Valença.

Melhorando o padrão das duas últimas edições de aniversário, a de 1946, impressa a 20 de outubro, apresentou-se com 14 páginas, em dois cadernos, incluindo boa página de Literatura. Por essa ocasião, alegando constantes aumentos de salário dos gráficos e da matéria prima, a empresa elevou em 20% a sua tabela de anúncios, mediante a seguinte explicação:

“Mantendo este órgão de imprensa somente por pesqueirismo, por abnegação à terra, nada obstante alguns milhares de cruzeiros de prejuízos anuais, a direção deste jornal não mais poderia arcar com outros tributos decorrentes da carestia de vida e de matéria prima dos dias atuais. A tabela de preços de anúncios até então vigente foi organizada há cerca de seis anos; portanto, elementarmente caduca para a época atual”.

Em 1948, a primeira página passou a ser impressa em duas cores. Dois anos após, ocorreu



a menos expressiva edição de aniversário, com apenas quatro páginas, elevadas para 10 na de 1952 (26/10), e para 12 na de 1953 (15/11), esta última inserindo colaboração especial, entre outros, de Paulo de Oliveira, Osório Araújo de Albuquerque, A. Quirino Melo, Aloísio Falcão e Luiz do Nascimento.

Mantendo o padrão semanal de quatro páginas, A Voz de Pesqueira ostentava lisonjeiro aspecto material, nitidamente impressa, focalizando os problemas de interesse do município e defendendo-os, tudo noticiando e comentando, com certa quantidade, também de anúncios. Fez alentada cobertura, em princípio de 1953, do VI-II Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Caruaru e, à aproximação das eleições de 3 de outubro de 1954, dedicou-se à campanha de propaganda da candidatura de Eugênio Chacon(1) à deputação estadual, sem êxito. Ao mesmo tempo, divulgava, como matéria paga, propaganda dos candidatos do P. S. D. a governador estadual e deputados.

Saiu com dez páginas a edição comemorativa do 18º. aniversário de fundação datada de 14 de novembro de 1954. Registrando o evento, escreveu Eugênio Chacon, entre outras “Considerações”:

---

(1) A fim de empenhar-se na campanha eleitoral, Eugênio Chacon deixou a direção d’A Voz de Pesqueira no período de 1/8 a 17/10, sendo substituído pelo diretor-gerente Wilson Maciel Chacon.

“Como jornal interiorano, temos tido, mercê de Deus, uma trajetória das mais brilhantes. Raro o ano em que A Voz de Pesqueira não assinala uma conquista e, pondo à margem a lisonja, até mesmo memoráveis vitórias. O dossier deste órgão de imprensa é um atestado eloquente através de documentos irrefutáveis”.

Por sua vez, salientou Severino Melo: “A Voz de Pesqueira” tem se mantido o jornal de tiragem certa, que o pesqueirense, ávido, saboreia todo domingo que Deus dá”.

Nos últimos tempos, o bem feito jornal apresentava as seções “Pingos políticos”, por W; “O que vai pela polícia”, a cargo de Roque Tavares; “A Voz Social”, abrindo com poesias ligeiras; “Ouvindo e comentando” (rádio), por Kid; além de noticiário especial de Alagoinha e a colaboração esporádica de Al Neto, Luiz Neves, ou Luves, Severino Melo, Jarival Cordeiro do Amaral, N. V. de Carvalho, padre Olímpio Torres, Aloísio Falcão, padre José Aragão, Luiz Cristóvão dos Santos, Austro Maciel, A. Quirino de Melo, Ivo Izidoro de Assis, José Cordeiro, Glicério de Almeida Maciel, Cícero A. de Arroxelas Galvão e outros.

A última edição de 1954, n.º. 9, circulou a 26 de dezembro(2) (Col. Irmãos Chacon e Bib. Púb. Est.).

---

(2) A publicação d’A Voz de Pesqueira prosseguiu.

## A COLIGAÇÃO

Órgão da Coligação dos Comerciantes de Pesqueira - Publicou-se o primeiro número no dia 30 de outubro (data simbólica da classe) de 1936, formato de 50 x 31, com quatro páginas a cinco colunas de composição, trabalho gráfico d' "A Elétrica". Diretor - Artur Lins; secretário - José Rodrigues Dias; gerente - Genésio Rosas. Ao lado direito do cabeçalho, a frase de Getúlio Vargas: "Acima dos ódios e das rivalidades, acima dos partidos e das competições, para a imagem da Pátria".

A "mocidade comerciária" vinha traçar, no "ambiente social, um novo aspecto de harmonia e progresso", com a fundação do seu jornal, que representava "o despertar de uma força impoluta", realizadora do milagre que constituiu a fundação da Coligação dos Comerciantes de Pesqueira, assim concluindo o editorial de abertura:

"Não temos cor política nem religiosa, nem deixaremos prevalecer interesses inconfessáveis em nosso seio, porque, antes de tudo, temos bem alto os interesses da Coligação e a grandeza do Brasil".

A par de manchetes entusiásticas, a edição inseriu artigos alusivos, assinados por Peixoto Sobrinho, Luiz Dantas, Ovídio Neto, Aloísio Falcão, Artur Lins e José R. Dias, e um soneto de Luiz Gonzaga dos Santos, ou seja, Luiz Cristóvão dos Santos.

O segundo número circulou a 1º de janeiro de 1937 e o terceiro no dia 30 de outubro.

Em 1938 publicaram-se mais dois números, o segundo dos quais datado de 24 de julho. Apresentava formato menor, com seis páginas, e nova equipe responsável: Genésio Rosas - diretor; Aloísio Falcão - redator-secretário; Pio Jardim - gerente. Colaboração, entre outros, de Oton Almeida, Rodrigo Pinto Tenório, Roque Tavares e Siqueira Guirá. Matéria redacional só alusiva à união dos comerciários (Bib. Púb. Est.)(1).

## O MOCÓ

Jornalzinho manuscrito, humorístico e medido a literário, tendo como diretores Oton Almeida e Pio Jardim, dele saindo, apenas, três edições, a última das quais datada de novembro de 1936.

Não foi possível conseguir a data dos dois primeiros números. Circulava um só exemplar, que passava de mão em mão. O n.º 3 teve o mínimo de leitores, pois foi rasgado por um dos diretores, em momentânea contenda com o outro (Inf. de Oton Almeida).

## O DEMOCRÁTICO

O n.º 1, ano I, circulou a 31 de janeiro de 1937, formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas, trabalho gráfico da oficina

---

(1) Na Biblioteca Pública do Estado existem apenas o primeiro número e o quinto, sendo os demais avistados em poder de Artur Lins e Rinaldo Jatobá.

“Prima”, de Arcoverde. Diretores: Severino Jatobá e Agostinho Bezerra Cavalcanti.

Constava do editorial “A nossa orientação”: “O Democrático surge como órgão da opinião do P. S. D. de Pesqueira. O seu programa reflete as idéias trazidas ao cenário político do país pela Revolução de 1930. Não visamos interesses outros que não sejam os interesses coletivos e a grandeza de nossa terra”.

Divulgou notas de apoio aos líderes partidários; rejubilou-se com a cassação do mandato do deputado Joaquim Brito; criticou a administração do prefeito Dorgival Galindo e terminou com uma página de originais da União Jornalística Brasileira. Também inseriu anúncios.

Não passou do primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## **FOLHA DO “RUY BARBOSA”**

Apareceu datada de 1937, manuscrita, com quatro páginas de papel almaço, redigida pelos alunos do Grupo Escolar que lhe deu o título.

O n.º. 2 circulou a 7 de setembro de 1938, impresso na oficina gráfica “A Elétrica”, estampando artigo de fundo em duas colunas e trabalhos de incipiente literatura, assinados por Luiz Carlos Soares, Rinaldo Jatobá, Alice Assunção Melo, Neusa Falcão, Eulâmpio Cordeiro e outros alunos do Grupo, inclusive usando pseudônimos.

Ficou no segundo número (Arq. da prof. Stela Falcão).

## A LUZ

Órgão do Grêmio de Leituras Paulo Setúbal (anexo ao Colégio Cristo-Rei) - Saiu a lume no dia 13 de junho de 1938, formato de 35 x 28, com seis páginas de cinco colunas. Direção do professor Rodrigo Pinto Tenório; redator-chefe - Francisco Siqueira. Ao lado do cabeçalho, num quadrinho, trazia o conceito: "Ao passar diante da escola, eu tiro o chapéu. A escola é para mim um templo". O cabeçalho, repetido na sexta página, apresentava, à direita, a frase: "Lutemos contra o analfabetismo". Tabela de assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000. Preços do exemplar - 0\$400.

Era "a contribuição mínima de um punhado de jovens estudantes, que lutaram com sacrifício para apresentar aos filhos desta terra uma obra digna do seu merecimento", conforme o artigo de abertura, sob o título "Ao mestre desconhecido", da lavra de R. de Spindola (pseudônimo do padre Olímpio Tôrres).

Exclusivamente literário, sem anúncios, inseriu produções de Aloísio Falcão, dr. Aloísio de Castro, padre Severiano Jatobá, De Chacon; Erre Tê e Dê Bê (dois disfarces de Rodrigo Tenório); F. S. e Zecalá (iniciais e pseudônimo de Francisco Siqueira). Ao centro, vinha a "Página do Estudante", contendo o Hino do Colégio Cristo-Rei, firmado por R. de Spindola, seguido da colaboração de Austro Maciel, João Gabriel, Valdemar de Siqueira, E. Ribeiro do Vale e M. J. Barbalho.

Depois do primeiro número, foi o título substituído por **MOCIDADE** - Circulou feito nº. 2, a 31 de julho de 1938, sem nenhuma alteração quanto ao precedente, obedecendo aos mesmos objetivos. Prosseguiu mensalmente, só interrompida a publicação em novembro, saindo o nº. 6, que foi o último, no dia 4 de dezembro.

Outros colaboradores figuraram nas suas páginas, a saber: Sá Araújo (pseudônimo do Monsenhor Pires), Peixoto Sobrinho, padre Correia de Almeida, Oton Almeida, Pio Jardim e Firmo Santana. O padre Tôrres continuou oculto sob o já conhecido criptônimo. E o diretor Rodrigo Pinto Tenório, além dos pseudônimos apresentados n' A Luz, aparecia em crônicas literárias, notas curiosas, humorismo e poesias, como Roteno, Pindobinha, Nico, Biu, D. E., Tia Zefa, Nança e Teu Amigo. Francisco Siqueira assinava-se, também, Franco Guirá, ao passo que Zé Tarcísio disfarçava José Cristóvão e Naná era Ivone Rocha. Ocorriam mais pseudônimos, não identificados.

Ainda apareciam na "Página do Estudante": José Monteiro Leite, Luciano de Sá Barreto, Luiz Neves, Eduardo Ribeiro, Almir Teles de Sá, José Matos, Wilson C. de Miranda e Adeth Leite, que traduziu (...), para a edição de agosto, um poema do poeta chinês Lao Tseu (Arq. de R. P. Tenório).

## CULTURA

Letras, Ciências, Notícias - Entrou em circulação a 25 de dezembro de 1938, formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas estreitas. Direção de Luiz Gonzaga Santos, ou seja, Luiz Cristóvão dos Santos, funcionando a redação na rua D. José Lopes de Oliveira, 51. Preço do exemplar - 200 réis. Trabalho gráfico "d'A Elétrica".

Tinha como lema, consoante a nota intitulada "Apresentando...", "bater-se pelo interesse da terra natal e incentivar e afirmar a inteligência esperançosa de uma geração que desponta. O nosso jornal - acentuou - simples e modesto, será uma bandeira desfraldada, um apelo de combatividade, gesto de incentivo".

A edição homenageou, com a respectiva fotogravura, a memória de Everardo de Almeida Maciel, "uma grande vida de 20 anos". Inseriu colaboração variada, noticiário e reclames comerciais.

Circulou o n.º. 2 na primeira quinzena de fevereiro de 1939, dedicada a página de frente, ilustrada, à padroeira da cidade - Santa Águeda.

Cultura contou com a colaboração de Ésio Araújo, Jorge Alberto da Silva, Gerson R. dos Santos, Lídio Santos, Potiguar Matos, Maria S. de Alcântara e Valença Leal (Bib. Púb. Est.).

Publicou-se, ainda, o n.º. 3, segundo informação oral de Luiz Cristóvão dos Santos, mas não resta comprovante.



## O SABRE

Órgão Cívico-Militar do Tiro de Guerra 437 - Publicou-se a edição de estréia a 14 de maio de 1939, formato de 32 x 23, com páginas de quatro colunas estreitas. O clichê do cabeçalho representava um sabre cortando as grandes letras do título. Diretor-Técnico - Estanislau Pimentel; redatores - Roque Tavares, Luiz Dantas, Felizardo Moura e José Dias. Redação na praça D. José Lopes, 34 e trabalho gráfico d' "Elétrica". Assinaturas: anual - 5\$000; semestral - 3\$000. Preço do exemplar - 0\$300.

Visava o jornalzinho, segundo a nota de abertura, "a formação do espírito e o adestramento do corpo para melhor cooperar na defesa da pátria".

A edição homenageou, estampando-lhe o clichê na página de frente, o prefeito Agostinho Bezerra Cavalcanti, presidente honorário do Tiro. Seguiu-se matéria de interesse cívico-militar, inclusive artigo de Roque Tavares. Em meio à prosa, o soneto "O desertor", de Ari Martins.

O quinzenário teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## NOITE ALVI-RUBRA

Número único, circulou no dia 4 de fevereiro de 1940, antevéspera do Dia de Santa Águeda, dedicado à noite festiva patrocinada pelo

Guarani Futebol Clube. Teve como diretor o estudante Luiz Cristóvão dos Santos, que não guardou nenhum exemplar, conservando-o, porém, na memória.

## **JORNAL FALADO**

Órgão dos Alunos do Ginásio Cristo-Rei - Não há idéia da data certa do primeiro número, que poderá ter sido o de 15 de novembro de 1941, datilografado, com quatro páginas de papel ofício, apresentando como redator o nome de Laiete Ferraz Ribeiro, mas sem artigo-programa. Nele escreveram artigos L. F. R., professor J. Foerster, Jota Pinto, João Pereira da Silva e Jefferson Cordeiro, sendo duas páginas de troças em versos, sob o título geral "Vida alheia em folia", assinadas Por um Repórter.

Circulou indeterminadamente. Da coleção manuseada constam diversas edições de 1942, até dezembro, algumas até com Suplemento de duas páginas. Transformou-se, a 13 de maio de 1943, em "órgão do Grêmio São Luiz de Gonzaga", do Ginásio, inserindo, como sempre, matéria leve, constituída de brincadeiras, humorismo, fora o editorial, crônicas de Etelvino Lins e Edgar Sobreira de Moura. Na edição de 11 de dezembro, apresentou despedidas o redator Laiete Ribeiro, que terminara seu curso.

Após longa ausência, reapareceu o Jornal Falado em 1948, cujo segundo número foi datado de junho. Publicou-se, novamente, a 14 de maio

de 1949, ao ensejo do despertar, “depois de um sono profundo e demorado”, do Grêmio São Luiz de Gonzaga, voltando a declarar-se “órgão dos alunos do Ginásio Cristo-Rei”. O 2º. e o 3º. números saíram, respectivamente, a 11 de junho e 19 de agosto, já então com melhor acabamento datilográfico, impresso de um só lado de cada folha, obedecendo ao mesmo programa jocoso-sério.

Outras edições conhecidas: primeiros números de 1950 e de 1951, datados, respectivamente, de 13 de maio e 21 de abril, faltando dados sobre o prosseguimento ou não da vida do jornalzinho.

Nos últimos números viam-se artigos ou crônicas assinados por José Carneiro, Hermes de Paula e Silva, Romildo Vale de Oliveira, Severino Pires, Severino Cantarelli, Odilon Fernandes, Júlio Barroso, José Quidute, Erick Alves e outros (Arq. do Ginásio Cristo-Rei).

## **A VOZ DO CRISTO-REI**

Fundado em 1943, resta um único comprovante: o n.º. 2, ano II, de 9 de dezembro de 1944, com oito páginas, no formato de 39 x 28, e tiragem declarada de 2.000 exemplares.

Órgão da 4a. série do Ginásio Cristo-Rei, divulgou produções literárias de Potiguar Matos, Isaac Pereira da Silva, Aurelino Cordeiro, José Foerster, Sílvio Neves Ferreira, Boanerges Paes Galindo, Mário Bezerra de Medeiros, Francisco

Matos Filho, Jefferson C. Valença, Amaro Soares e Ivo Izidoro de Assis. Também ligeiro humorismo e três páginas de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

## **A CORUJA**

Jornal Humorístico - Número único, circulou no dia 4 de fevereiro de 1944, formato de 22 x 16, com quatro páginas de três colunas. Diretores: Fernando Bezerra, Anísio Duque e Libério Martins. Impressão da Tipografia "A Elétrica".

Publicou-se, segundo a nota de abertura, intitulada "Cheguei...", com o objetivo de proporcionar "um pouco de alegria e de vivacidade" à tradicional festa de S. Águeda, que então se realizava.

Com uma página de anúncios, as três restantes, ilustradas, inseriram matéria leve, bem humorada, de acordo com o programa (Bib. Púb. Est.).

## **RUY BARBOSA JORNAL**

Órgão Oficial dos Alunos do Grupo Escolar Ruy Barbosa - Circulou pela primeira vez a 19 de abril de 1944, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço, em cores. Figurou de frente o retrato do Presidente Getúlio Vargas, cujo aniversário natalício se comemorava, completando a página os seguintes conceitos de S. Exa.: "Não há Estados gran-

des e Estados pequenos; Estados ricos e Estados pobres; Estados que mandam e Estados que obedecem; todos são iguais e todos são pequenos. Grande é apenas o Brasil”.

Tendo sua matéria constituída de literatura infantil e noticiário de interesse escolar, o mensário circulou regularmente durante os períodos letivos de cada ano, sob a responsabilidade de diferentes alunos, a saber: 1944: - diretor - Otávio O. Campelo; secretário - Adalberto Marques; gerente - Julieta Barbosa; 1945: Gildo Rosas, Lúcia Barbalho e Marlene Falcão; 1946: Maria do Socorro Raposo, Helena de Lima e Jurandir Galvão; 1947: Aliete Bezera Martins, Maria das Graças Freitas e Bartolomeu Barbosa; 1948: Tarcísio Paes Barreto de Freitas, Luiz Félix dos Santos e Fausto Valença de Freitas.

Não voltou a publicar-se o Ruy Barbosa Jornal, desde 1949, porque o novo Secretário da Educação suspendeu a remessa do “material necessário para a publicação dos jornais dos grupos escolares do interior” (Arq. da prof<sup>a</sup>. Stela Falcão).

## A FESTA

Órgão dos Rapazes - Com a designação de Ano VII, no. VIII, circulou, edição única, a 5 de fevereiro de 1945, formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretores responsáveis: Flamínio Maciel, Gilberto M. Silva, Juraci Cavalcanti e Severino Paixão. Trabalho gráfico “d’A Elétrica”.

Sua matéria constou de croniquetas e notas leves de sadio humorismo, além do noticiário dos festejos do dia, em homenagem à padroeira da paróquia. A destacar a seção “Galho de Urtiga”, que tomou toda a quarta página. Também não lhe faltou boa messe de anúncios (Bib. Púb. Est.).

## FOLHA DE PESQUEIRA

Um Jornal de Todos e para Todos - Publicou-se o primeiro número no dia 27 de abril de 1947, formato de 48 x 33, com seis páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Paulo (Augusto) de Oliveira. Trabalho gráfico da oficina d’A Tribuna, no Recife.

Apresentou-se aos leitores, em substancial editorial, como “intérprete, sincera e justa, das mais fiéis tradições de Pesqueira e da região a que pertence, como defensora das aspirações do destino humano, procurando agir com independência e liberalismo”.

Aduziu o articulista: “Nenhum intuito subalterno, nenhuma prevenção pessoal, recalques ou ressentimentos, nenhuma quebra do princípio da ética jornalística, que sempre constituiu, modestia à parte, a beleza marcante dos nossos gestos de cavalheirismo, sobretudo entre os nossos ilustres confrades da imprensa; nenhum compromisso, finalmente, de ordem político-partidária, nada, enfim, perturbará o ritmo de nossa jornada”.

Espelho fiel do entusiasmo marcante de Paulo de Oliveira pela vida jornalística, a Folha iniciou sua meta apresentando matéria redacional variada, constituída de comentários e notícias diversas, sendo o “Registro Social” encabeçado, a princípio, por sonetos de Esdras Farias.

Aos primeiros números circulava quinzenalmente. Aumentou o formato para seis colunas a partir do n.º 8, datado de 27 de julho, edição em parte dedicada à despedida de Pesqueira do bispo D. Adalberto Sobral, passando desde então a sair mensalmente, em datas indeterminadas. Manteve, por algum tempo, página literária, na qual Luiz Neves divulgou, em longa série, sua novela “Lúcia”, havendo também uma coluna feminina, a cargo de Djanira Silva.

No n.º 20, ano II, de 12 de junho de 1949, lia-se, no artigo “Caminho Errado”, que era uma definição de atitudes: “Nas páginas da Folha de Pesqueira, tanto nos nossos editoriais como em sueltos e crônicas, quando aparecem algumas barcas de Noé, não vão elas dirigidas em linha reta a ninguém; procurem, como a primitiva, um monte Ararat como pouso para a descida dos seus passageiros. E os passageiros, no caso, são as palavras escritas das nossas crônicas que, descidas da lendária embarcação, procuram lugar para seu agasalho...”

Tanto quanto as datas, variava o número de páginas, com o mínimo de quatro e o máximo de doze, nelas aparecendo produções, entre outros, de João Pinheiro Lira, Rinaldo Jatobá, Ipissilone

(pseudônimo de Ézio Araújo), autor da seção “Dias que passam”, e Almirante, como se ocultava Heráclito Falcão, que firmava as “Quadradas”.

Várias campanhas empreendeu, sobretudo a prol do trem diário para Pesqueira. Sucediãem-se reportagens movimentadas, não faltando especial menção aos eventos da família Brito, inclusive na edição de 12 de março de 1950, quando rendeu um “preito de saudade” ao industrial Joaquim de Brito. A par do noticiário geral, havia a seção “No Domínio dos Sports”.

O terceiro aniversário do periódico foi solenizado a 1º. de maio do ano em referência, com a inovação de dar 22 páginas distribuídas por três edições, em dias diferentes, nas quais divulgou, além do artigo comemorativo, do diretor Paulo de Oliveira, colaboração especial de frei João Batista Vilar, Luiz Cristóvão dos Santos, Aloísio Falcão, Djanira Silva, Luiz do Nascimento e outros. No ano seguinte, era Luiz Neves admitido, na qualidade de redator-secretário, mas por pouco tempo.

Na edição dedicada ao quarto aniversário, que saiu a 13 de maio de 1951, escreveu Severino Melo que as dissensões políticas jamais encontraram, nas colunas da Folha de Pesqueira, o clima próprio. “Até diríamos - acentuou - que a estabilidade desse órgão legitimamente matuto está mais no seu poder de harmonizar do que qualquer outro”.



As edições, por fim, assinalavam, quase sempre, um acontecimento importante de Pesqueira; daí, a circulação em datas imprecisas. Eis algumas: 29/07/1951 - comemoração do início da safra de tomates; 30/09 - inauguração da avenida Joaquim de Brito e do respectivo busto; 19/11 - inauguração do busto do comendador José Didier e da estação de rádio local; 03/02/1952 - falecimento do industrial Adalberto Cavalcanti de Freitas; 01/05 - falecimento de Manuel Didier e da Sra. Adélia de Brito; 31/08 - falecimento do Governador Agamenon Magalhães; 28/09 - falecimento do deputado Eliseu Araújo; 20/09/1953 - centenário do nascimento do fundador da Fábrica Peixe, sendo esta a maior de todas, pois reuniu 24 páginas, em dois cadernos, bastante ilustrados.

A partir de 1952, adotou uma página especializada em Literatura, Arte, Ciência e Variedades, sob a direção de Eremita Marques.

Além dos nomes antes mencionados, revezavam-se outros colaboradores, nas diferentes páginas, a saber: D. Pedro Bandeira de Melo, Honorato de Freitas, A. Machado, Erasmo Falcão, C. Braga, Estênio Leite, Geraldo Paes Galindo, Seve-Leite, Gonçalves Barreto, Samuel Soares, Alcides Nicéas, Libério Martins, Potiguar Matos, Eugênio Chacon, N. V. de Carvalho, Eliseu Araújo, Eurico Brito de Oliveira Andrade, Jorge Leão de Souza, etc.

A circulação da Folha de Pesqueira tornou-se mais irregular no ano de 1953 (criada, então,

a “Coluna do Trabalhador”), quando foram dadas, apenas, duas edições. Chegou a cinco em 1954, sendo a última datada de 15 de agosto, de nº. 69(1) (Arq. de P. de Oliveira).

## A FOGUEIRA

Órgão do Clube dos Radicais - Circulou a 24 de junho de 1947, formato de 33 x 24, com seis páginas, trabalho gráfico d’”A Elétrica”. Diretores - Luiz Neves, Pio Jardim e Libério Martins.

Em nota de abertura, dizia a redação haver arrebatado “a outras sociedades os direitos autorais” d’A Fogueira (a primeira publicou-se em 1920). Ao lado do cabeçalho, vinha a advertência: “Coopere, pagando bem caro...”

A edição única esteve repleta de crônicas, notas soltas, epigramas, trepações, noticiário e alguns anúncios. Os colaboradores foram: Norame, Zé Chalaça, Zé Mentira, Zorro, Odlanir (Rinaldo Jatobá), Cisco Kid e outros (Bib. Púb. Est.).(1)

---

(1) Continuou em 1955, mas não foi muito além.

(1) A exemplo d’A Fogueira, alguns comprovantes de outros pequenos jornais pesqueirenses foram ofertados ao autor deste trabalho, o qual, por sua vez, os encaminhou à Biblioteca Pública do Estado.

## O ESCARLATE

Órgão do Partido Encarnado - Número único, circulou a 15 de novembro de 1947, formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Trabalho gráfico d' "A Elétrica", impresso em tinta vermelha.

Constava do conciso editorial de abertura: "A Festa da Primavera será um elo que nos unirá com o passado e com o futuro, como uma tradição arraigada em nossos corações. É uma comemoração. Uma homenagem à nossa terra".

Objetivo principal: a propaganda da candidata do Partido Encarnado - Nilza Rocha - à eleição para Rainha da Primavera. No Expediente: "Diretor - não adianta; aqui todo mundo manda e ninguém obedece". Entretanto, o dirigente do Partido era José Tenório Vaz. Quanto ao preço do exemplar, dizia: "Dê o que quiser, mas não o empreste a ninguém, para que todos comprem". Reportagens a cargo de Marlene Varcy, J. Amaral e J. Carneiro. Mas escreveram também Inaldo Freire e Luiz Arcoverde (Bib. Púb. Est.).

## O IDEAL

Todos Sejam Um Nas Chagas de Cristo - Órgão mensal, de orientação católica, apareceu no dia 8 de dezembro de 1947, formato de 25 x 19, com quatro páginas de quatro colunas. Impressão da Oficina Gráfica Diocesana. Tabela de

assinaturas: ano - Cr\$ 6,00; assinatura de honra - Cr\$ 10,00; semestre - Cr\$ 3,50.

Apresentou-se com a divisa: “Não é um jornal. É uma chama. É a chama de um entusiasmo. É a chama de uma vocação. É a chama de um ideal”.

Inserindo matéria redacional de interesse da Diocese, inclusive artigos doutrinários e literatura mística, O Ideal circulou ininterruptamente. Só em maio de 1949 veio a mencionar, no cabeçalho, os responsáveis pela publicação, a saber: assistente eclesiástico - padre Olímpio Torres; redatores - José Rabelo e Vicente Alexandre; gerente - José Goiana, que pouco demorou na função. A partir de abril de 1951, figurou, apenas, o primeiro nome, na qualidade de diretor - responsável.

Devido à “alta do papel e ao aumento dos salários”, modificou-se a tabela de assinaturas em janeiro de 1952, elevado para Cr\$ 10,00 o custo da anualidade comum e para Cr\$ 6,00 o do semestre. Aumentara, então o formato para 32 x 24, tornando-se O Ideal “órgão apostólico do Seminário São José”.

Eram colaboradores, ora se revezando, ora se substituindo: padre J. França, J. C. Amaral, seminarista Guilherme Marinho de Andrade, padre Faustino, Murilo Viana, R. de Spindola (pseudônimo do padre Olímpio Tôres), cônego Santana, padre Xisto, seminarista A. Nascimento, Domingos de Albuquerque, padre Augusto Carvalho, padre Luiz G. de Oliveira, monsenhor

Ascânio Brandão, Jaques Trindade, Murilo Távora, monsenhor Urbano de Carvalho, padre Honório Rocha, Djalma de Andrade, Carlos Neto (pseudônimo do Bispo Augusto Álvares da Silva, depois Cardeal), Potiguar Matos, Antonio Holanda, Maria do Rosário Ferraz, padre José Aragão, Timóteo de Alcântara, Luiz de Freitas, padre Nivaldo Monte, seminarista Lenivaldo Aragão, Dulce Cristina Galindo, Raimundo Estrela, Cícero Galindo e padre Álvaro Negromonte. Criara-se, em 1952, a Página dos Seminaristas.

O Ideal viveu até novembro de 1954, para ser substituído por outro órgão, “maior no tamanho, maior na frequência, crismado com a esperançosa denominação de Era Nova”(1).

Segundo o editorial de despedida, “mais de cem mil exemplares do teimoso jornalzinho foram espalhados pelo Estado”, despertando “vocações para o jornalismo e para a poesia” (Arquivo do Bispado de Pesqueira).

## A FLAMA

Número único, circulou a 5 de fevereiro de 1948, formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na oficina “A Elétrica”. Apresentou, como diretor, secretário e diretor-técnico: JEF, iniciais da Juventude Esportiva Feminina, com a “colaboração dos rapazes do

---

(1) Como se viu páginas atrás, foi publicada uma Era Nova nos anos de 1920/1922, abrindo nova fase em 1955.

Clube dos Radicais". Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Segundo a nota "Flamejando...", a JEF colaborava, assim, "com o espírito cristão" da mocidade, nos festejos do dia, em homenagem à padroeira da paróquia de Pesqueira.

Órgão humorístico, inseriu matéria interessante. Colaboração de Libério Martins e com pseudônimos, a salientar um poema jocoso de Pedrilhas. Pouco mais de uma página de anúncios (Bib. Púb. Est.).

### **S. A. P.**

Órgão chamado "eletrônico" e da "era Atlântica", entrou em circulação a 19 de março de 1948, obedecendo ao formato de 32 x 23, com seis páginas de quatro colunas. Constituiu uma "homenagem aos Serviços de Auto-Falantes de Pesqueira", sob a direção dos irmãos Laurene e Libério Martins, este último colaborando com os pseudônimos Mucuripe e Semteupre. Trabalho gráfico "d'A Elétrica".

Foi dado à luz, novamente, a 14 de março de 1949, embora só indicasse, no cabeçalho: "14 de tanto de 19 e tanto". Diretores: Libério, Rinaldo Jatobá e Albérico Soares. Redação: "nos bancos da praça D. José Lopes". Preço: "tudo, menos nossa moeda". Tiragem: "mais de um". A mesma turma divulgou o n.º. 3 a 19 de março de 1950.

Jornal leve, não tinha outra característica senão o humorismo e a sátira inofensiva. Saía

com seis páginas, mas duas eram só de anúncios. No último número incluiu soneto inédito de Djanira Silva.

Não continuou a publicação, senão após 1954 (Bib. Pú**b**. Est.).

## O CLARIM

Órgão Literário, publicou-se, em começo, no dia 1 de maio de 1948, sob a direção de Luiz de Oliveira Neves e Severino Melo. O primeiro, no artigo intitulado “A nossa meta”, declarou que a folha aparecia “sem pessimismo nem otimismo”, com “o intuito de oferecer aos caboclos da aldeia um jornal caracteristicamente nosso”. Não era “órgão comercial, político ou outro qualquer adjetivo que se lhe queira aplicar, mas um jornal-escola para os jovens da terra do culto e sempre lembrado Zeferino Galvão, de seu filho Anísio, o jornalista tão cheio de savoir vivre; do cardeal Arcoverde, de Eliseu Araújo e outros que tanto elevaram o nosso padrão intelectual, deixando-nos a baliza de um rumo para a nossa cultura”. E concluiu: “Pesqueirenses! O Clarim soou!”

Com quatro páginas, formato d’A Voz de Pesqueira, em cuja tipografia se imprimiu, divulgava, de início, produções, em prosa e verso, de Eugênio Chacon, Aloísio Falcão, Libério Martins, Austro Maciel, Djanira Silva, T. Trindade, N. V. Carvalho, Luiz Dantas, Rinaldo Jatobá e Eraldo Maciel, além de bem organizada

seção de Variedades e as notas locais “Arca de Noé”. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Não foi publicação regular, tanto que o n.º 4 saiu a 16 de junho de 1949, trazendo, então, no cabeçalho, a indicação “Órgão Literário do Clube dos Radicais”, ao passo que Rinaldo Jatobá substituiu o diretor Luiz Neves. Outros colaboradores: João Neves Júnior, José Matos, José Medeiros, Oton Augusto de Almeida, Edmundo Magalhães, José Valença e José Maria Cerqueira. Raros anúncios.

Nova modificação sofreu o também noticioso O Clarim, na parte diretiva, em sua edição de 3 de dezembro de 1950, n.º 8, ano II: voltou Luiz Neves à direção, substituindo Severino Melo, e entrava como redator-secretário Libério Martins, que usava o pseudônimo Mucuripe. Prosseguiu, espaçadamente, vindo a sair o n.º 11, ano III, a 2 de dezembro de 1951, e o n.º 12, ano IV, no dia 13 de abril de 1952, só figurando no cabeçalho o nome do primeiro diretor. Essa última edição constituiu uma homenagem ao jornalista Libério Martins, falecido num desastre de aviação.

Afora os colaboradores já mencionados, figuraram outros nas diferentes fases do bem feito jornal literário, tais como Valdemir de Oliveira Lins, Adecy Leal, Geraldo Galdino, Al Neto, Glicério de Almeida Maciel, Jorge Ramos, Margarida Galindo, Lício Neves, José do Patrocínio Oliveira, Moacir Campelo, Júlia Tabosa, Alcides Nicéas, Ivo de Assis, Luiz de Freitas Lima, U-



lisses Viana, Paulo de Oliveira, Valdemar Ferraz, etc.

Nos dois números do fim, constava do cabeçalho a divisa: "Pesqueira super omnis" (Bib. de Pesca e Bib. Púb. Est.).<sup>(1)</sup>

## JURANDIR BRITO DE FREITAS

Poliantéia editada a 19 de outubro de 1948, data do primeiro aniversário do falecimento do homenageado, apareceu em formato de 32 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Figurou na primeira, circulada de tarja, um clichê do extinto, ladeado por carinhoso necrológio assinado por Paulo de Oliveira, o organizador da publicação. Nas páginas restantes, liam-se artigos de Severino Melo, Ésio Magalhães de Araújo, José Schettin, Hilson Almeida e Um Motorista; noticiário das comemorações fúnebres e clichês alusivos. Trabalho gráfico d'"A Elétrica" (Bib. Púb. Est.).

## FESTA DA PADROEIRA

Homenagem a Santa Águeda - Número único, circulou a 5 de fevereiro de 1950, formato de 23 x 18, com doze páginas, inclusive a capa, na qual figurou, impresso a cores, clichê da santa homenageada. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã, no Recife.

---

<sup>(1)</sup> Coleções, ambas incompletas.

Exclusivamente dedicado aos festejos do dia da padroeira da paróquia, divulgou o respectivo noticiário; artigos assinados por Paulo de Oliveira, Severino Melo e clérigo J. C. Diniz; fotogravuras da Catedral de Pesqueira, do Cardeal Arcoverde e do bispo diocesano Adelmo Machado, terminando com um documento histórico: o “termo do lançamento da primeira pedra da Igreja de Santa Águeda”. As três páginas inferiores da capa inseriram anúncios (Bib. Púb. Est.).

## **A VOZ DA PREFEITURA**

Apareceu a 8 de maio de 1950, mimeografado em folha única de papel ofício, escrita de ambos os lados. Redator-chefe - Luiz de Oliveira Neves; redator-secretário - Arlindo Melo; colaboradores - os funcionários em geral. Sem editorial de apresentação, divulgou matéria de interesse municipal.

Pretendia circular mensalmente, feito órgão oficioso, sendo, entretanto, substituído pelo Boletim, de caráter oficial (Bib. Púb. Est.).

## **BOLETIM MUNICIPAL**

Órgão de Divulgação dos Interesses do Município - Editado pela Prefeitura, saiu o primeiro número em junho de 1950, para prosseguir mensalmente, mimeografado em papel ofício.

Inseria informações gerais, estatísticas, leis, avisos, balancetes e ligeiro noticiário. Pu-

blicou-se regularmente até janeiro de 1951, passando a circular com lacunas. Até o n.º. 10 (de junho), não teve mais que duas páginas, ou seja, folha única, mas o 11.º., do mês seguinte, apresentou-se com oito, inclusive capa, mimeografadas só de um lado. Divulgou, então, um retrospecto da gestão do prefeito Ésio Magalhães de Araújo.

Só em novembro de 1951 apareceu o n.º. 12, com cinco páginas, na gestão, ora iniciada, do prefeito Laércio Vilela Valença. E prosseguiu, ora mensal, ora trimestralmente, até o n.º. 2, de janeiro/março de 1953(1).

Até novembro de 1952, coube a Luiz Neves a responsabilidade da redação, tarefa depois atribuída a Oton Almeida (Arq. de Luiz Neves).

## O BALÃO

Número único, saiu a lume no dia 24 de junho de 1951, em formato de papel ofício, com uma só folha, mimeografada de ambos os lados. Sob a direção de João Mausinha (pseudônimo de Luiz Neves), propunha-se, consoante o artiguete intitulado “A nossa apresentação”, a fazer rir aos sócios do Clube dos Radicais, no dia festivo de São João. Foi o que fez, realmente, mediante sadio humorismo (Bib. Púb. Est.).

---

(1) Parou aí a divulgação do Boletim, pelo fato de a Prefeitura haver resolvido subvencionar os jornais da terra, que ficaram, assim, com a obrigação de publicar os atos oficiais. Continuou, entretanto, em 1955.

## MUNICÍPIO DE PESQUEIRA

Álbum comemorativo da administração É-sio Magalhães de Araújo, foi entregue aos leitores no mês de novembro de 1951, contendo 28 páginas impressas em papel couchê, formato oblongo de 16 x 24. Capa cartolinada, ilustrou-a uma vista aérea da cidade.

Em seguida à página de rosto, com palavras de apresentação do prefeito cujo mandato terminava, toda a matéria restante constou de fotografias das realizações de sua gestão, com as respectivas legendas, e páginas especiais de homenagens ilustradas. (Bib. Municipal de Pesqueira).

### A BOMBA

Fabricada “para explodir nas mãos do leitor incauto”, saiu a lume em junho de 1952, mimeografada em folha única de papel ofício. Redação a cargo de Luiz de Oliveira Neves, cujo nome permaneceu oculto.

Continuou, assim, a praxe do Clube dos Radicais, de editar, para os festejos de São João, um jornal humorístico. Matéria principal: “Você sabia?...”, “Bombardeando”, “Quadrilha... de bandidos” e “Traques e bombinhas de salão” (Bib. Púb. Est.).

## ITINERÁRIO

Jornal de Literatura e Arte - Inexistente comprovante da edição de estréia, publicou-se o n.º. 2, ano I, datado de julho/agosto de 1952, com oito páginas, formato de 40 x 29. Direção de Valdemir de Oliveira Lins; redator-secretário - Romero J. Cavalcanti; redatores - Aloisio Falcão, Francisco Matos, Jarival Amaral, Antonio Pessoa, José Matos, Solon Soares Filho e Roberto Valença. Instalou redação no Recife, à rua da Imperatriz, 118, 1.º andar. Trabalho gráfico "d'A Elétrica".

Circulou o n.º. 3 em janeiro de 1953, daí passando para o n.º. 4, ano II, de fevereiro de 1954, já localizada a redação em Pesqueira mesmo, na rua 15 de novembro, 181.

Publicação interessante, sempre com oito páginas, tinha como colaboradores, além da turma do corpo redacional, Potiguar Matos, Severino Melo, Roberto Matos, Luiz Cristóvão dos Santos e Luiz de Oliveira Neves. Ilustrações a cargo de Hélio Feijó, Ladjane e Asmar. Manteve a seção "Movimento Literário" e iniciou um concurso de contos, que ficou no meio do caminho.

Não conseguiu ultrapassar o n.º. 4 (Bib. Municipal de Pesqueira(1) e Bib. Pú. Est.).

---

(1) Só encontrado o n.º. 2 na Biblioteca Municipal de Pesqueira. Lamentavelmente, foi suprimida, em 1965, a hemeroteca da mencionada Biblioteca. O então prefeito, Manuel Tenório, ordenou a venda, para embrulho, nas

Raros outros jornais tiveram início de publicação depois do período cogitado nesta bibliografia, valendo salientar o Poder Jovem, 1968, e o Mundo Jovem, 1969, além da Gazeta de Pesquisa, que iniciou nova fase em 1970.

---

mercearias, do acervo de jornais e revistas, que, na sua opinião, de nada serviam. Esse ato, considerado criminoso, não se efetivou sem protestos do bibliotecário, sr. Arnaud Nepomuceno das Neves, que chegou a sofrer um impacto emotivo.

## **Distrito de MIMOSO(1)**

### **JORNAL DE MIMOSO**

Publicação mensal, saiu a lume no dia 27 de novembro de 1952, formato de 32 x 22, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor-responsável e redator - Luiz T. Aoun; diretores - Maria Creusa de Moura Cavalcanti e Leonam Tenório de Brito, funcionando a redação na rua Dr. Joaquim de Brito, 58. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Comercio, no Recife. Tabela de assinaturas: anual - Cr\$ 50,00; semestral - Cr\$ 30,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Visava, segundo o editorial de apresentação, a “uma melhor estrutura” na vida intelectual do Distrito, pondo de lado qualquer atividade política. Seria “o porta-voz e intérprete das pretensões” da população local.

---

(1) Distrito de Pesqueira.

Seguiram-se dados sobre Mimoso, comentários, noticiário e produções de Geraldo Aoun, J. Ribeiro do Amaral, Serrana e Zezé Aoun. Alguns anúncios.

O n.º 2 só apareceu a 18 de janeiro de 1953, mas o n.º 3 circulou certo, no mês de fevereiro, neles colaborando Ângelo Aoun Chalita, L. A., Aloísio Tenório e outros beletistas.

Manuseado também o n.º 5, ano II, de novembro, sem que se registrasse o ano (1953), edição inteiramente dedicada ao falecimento, ocorrido no Rio de Janeiro, do vice-cônsul libanês no Recife, Said Curi Aoun, contendo necrológio, clichês, discursos e noticiário dos funerais (Bib. Púb. Est.).



## PETROLÂNDIA(1)

### A SEMENTE

O primeiro número circulou em fevereiro de 1921, formato de 23 x 15, com quatro páginas a duas colunas de composição. Propriedade de Hildebrando & Tito; diretor - Hildebrando Gomes de Meneses.

“Hoje plantamos a nossa A Semente” - escreveu a redação - “...aquela de onde poderá brotar o progresso, raiar a luz de ideais alevantados, surgirem forças garantidoras de promissor futuro para essa inventurosa terra. Germinará? Crescerá? Borrifemo-la com o vigor de nossas energias de moços, aquecemo-la com os raios do nosso carinho e do nosso otimismo e a pobrezinha talvez adquira a força necessária para o desempenho de suas funções.

---

<sup>1</sup> Ex- Itaparica, antigo Jatobá.

Mais um comentário, notícias e literatura de propaganda da Drogaria Meneses completaram a edição.

Embora pretendesse publicar-se em datas indeterminadas, A Semente não cumpriu sua finalidade. Ficou atrofiada. Só germinou três anos após, ao aparecer, em março de 1924, o n.º. 2, modificada a firma proprietária para Hildebrando & Primo, a quem pertencia a Tipografia União, situada na rua do Comércio, e da qual era um dos sócios Alfredozio Meneses. Com oito páginas, foi confeccionado para sair no dia 2, dedicado ao Carnaval. Juntou-se-lhe, porém, um Suplemento de seis, fazendo completa cobertura noticiosa da passada folia e, por motivos especiais, só entrou em circulação no dia 9. À matéria carnavalesca, bem redigida, juntavam-se, nas 14 páginas, temas político-econômicos de substância.

Divulgou-se o n.º. 3 em junho e o no. 4 em outubro, ambos com oito páginas, aí transferindo-se a Hildebrando de Meneses única. Naquele, um editorial qualificou de lastimável a situação política do município, o que conduzia à impressão de não haver quem fosse “capaz de gerir os seus destinos com acerto e probidade”. E acusou o juiz de Direito, Anastácio Peregrino Leite de Araújo, já noutra comarca, como responsável pela anarquia reinante.

O jornalzinho criara um concurso literário, a prêmio, do qual participaram, através de ligeiras produções, Maria Rosa de Oliveira, Dulce

Delgado, Lilia Cavalcanti, Maria Luiza da Costa e as Meneses: Laura, Lindalva, Zefinha, Alzira e Feliciano. Ocorreu nova suspensão do órgão pioneiro de Itaparica.

Transcorridos mais de dez anos, veio a furo o n.º. 5, ano V, datado de maio de 1934, sem alterações, quer na parte intelectual, quer na parte gráfica. Saiu com quatro páginas, contendo dois artigos redacionais e noticiário social, acompanhado de um Suplemento Ilustrado - cuja ilustração única constou de uma fotogravura de vaqueiro - com outras quatro páginas, impresso em papel couchê, quase só dedicado à transcrição de excertos de Euclides da Cunha.

Terminou aí a existência acidentada d'A Semente (Bib. Púb. Est.).

## **CORREIO DO SERTÃO**

Programa: Defesa dos Interesses Sertanejos  
- Surgiu no dia 4 de outubro de 1934, em formato de 33 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretor-proprietário - Hildebrando Gomes de Meneses, imprimindo-se na sua Tipografia União.

Órgão realmente dedicado à gleba sertaneja, serviço de editoriais bem lançados, ora firmados pelo diretor, ora sem assinatura, e de vasto noticiário da região, apoiou, politicamente, o governo estadual, ocupado por Carlos de Lima Cavalcanti.

Instrução, Agricultura, Irrigação, Crédito para o Sertão, Pecuária, Alimentação, Higiene, Ruralismo, Fomento à produção de Mamona e Algodão - tais eram os temas focalizados pelo Correio do Sertão, nas suas edições semanais, visando ao progresso da comunidade.

A publicação, que se fazia aos domingos, entrou o ano de 1935 sem interromper a numeração, assim prosseguindo até o fim.

No período inicial dos trabalhos da Assembléia Constituinte, o diretor Hildebrando de Meneses, eleito deputado estadual, transferiu-se para o Recife, de onde enviava ao seu jornal correspondências constantes, sempre abordando temas sertanejos.

Depois da edição de 13 de maio, que teve um Suplemento dedicado ao Congresso de Jornalistas do Interior de Pernambuco, realizado em Vitória de Santo Antão, o periódico deu boa cobertura, no mês de julho, à efetivação da Semana Ruralista de Jatobá, inclusive com edição de oito páginas no dia 26. No ano subsequente era a Semana da Educação, levada a efeito em março de 1936.

Inseria, também, colaboração de Alexandre Meneses, Lauro Góis, Vesano, o das "Maluquices"; Djalma Meneses, A. Mendonça, M. N. G., autor da seção "Perfilando"; Estevão Soares e, além de raros outros, Olho Grande que, cada ano, redigia, na época carnavalesca, a seção "No reinado da pândega". Alguma literatura, propri-

amente, veio a ocorrer já no fim da existência da folha.

A periodicidade do Correio do Sertão nem sempre foi mantida, saindo, às vezes, em datas incertas. Permaneceu Hildebrando de Meneses na função de diretor, apesar de suas longas ausências. Não se divulgaram nomes de outros redatores, nem jamais se viu tabela de assinaturas.

Desde o n.º. 46, de 20 de outubro de 1935, o cabeçalho passou a indicar a nova denominação do município: Itaparica, acrescentado de: antigo Jatobá. Passaria, anos depois, a chamar-se Petrolândia.

Prolongou-se a vida do “órgão de defesa dos interesses sertanejos” até 28 de fevereiro de 1937, com o total de 94 edições (Bib. Púb. Est.)(1).

## O ITAPARICA

Órgão das Escolas Reunidas 10 de Novembro - Encontrados dois únicos comprovantes: as edições de março/abril e de maio de 1954, manuscritas e copiadas em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Matéria constituída de literatura infantil, notícias e desenhos a lápis de cor (Dept. Cultural da SECP, Recife).

---

(1) Coleção com lacunas, faltando, principalmente, o n.º. 1.

## CERES

Órgão das Escolas Reunidas Núcleo São Francisco (Barreiras) - O n.º. 2, ano I, circulou em abril de 1954, existindo, igualmente, comprovantes das edições de agosto e de novembro, n.º. 8, do mesmo ano. Seguiu os moldes do precedente: literatura, notícias e desenhos da turma infantil (Dept. Cultural da SECP, Recife).

## PETROLINA

### A PHENIX

Primeira folha publicada em Petrolina, circulou no dia 1 de junho de 1897, em pequeno formato, com seis páginas. Dizendo-se órgão mensal, com redação à rua do Comércio, estabeleceu o preço de 0\$500 por assinatura mensal e, conseqüentemente, por exemplar. Redação a cargo dos alunos do Colégio Santa Cecília.

Assinou o artiguete de apresentação o diretor José Petitinga, declarando ser a “revista” feita por crianças; não tratava de assuntos superiores às suas forças; seu mérito único era “representar os esforços dos educadores da mocidade petrolinense”.

Inseriu crônica de Izidro Nunes de Carvalho; versos de Henrique Peixoto de Alencar e do diretor; charadas, notas ligeiras e dois pequeníssimos anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

## O TRABALHO

Órgão Político dos Interesses do Município - Começou a publicar-se no dia 15 de novembro de 1912, em formato de 48 x 30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor-gerente - João Clementino de Souza Barros; redator-chefe - Souza Filho; redatores - Jesuino d'Ávila, Diógenes da Silva Meneses, Solônio de Melo e Francisco Febrônio, funcionando a redação na rua Marechal Deodoro, 30. Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000. Solicitadas - mediante prévio ajuste. Impressão a cargo da tipografia do Correio de São Francisco, situada na cidade fronteiriça baiana de Juazeiro.

Não encontrado comprovante da edição de estréia, a partir do segundo número, a par de comentários, atos oficiais da Prefeitura e noticiário, com uma página, a quarta, de anúncios, o quinzenário adotou as seções a seguir: "Perfís a carvão", por Epaminondas Tigre (pseudônimo de Manuel Francisco de Souza Filho); "Rimário", transcrição de poesias escolhidas; "A bigorna", versos satíricos do Dr. Marreta, e outros, ainda, sob o título "Infernais", assinados por K. Peta, que não era outro senão o professor Diógenes. Colaboração de Nicodemos, Lúcio Farpa, etc.

Jornal oficioso, dava apoio ao governo do General Dantas Barreto. Circulou regularmente, comemorando, a 15 de novembro de 1913, o



primeiro aniversário em edição normal, ilustrada a primeira página com fotografuras dos prefeitos Antonio Santana Filho que, na data, entregava o cargo, e Marcelino José de Santana, que o assumia.

À época, o corpo redacional se achava reduzido a “diversos”, sem alterar-se, porém a direção. Nova tabela de assinaturas: ano (na cidade e em Juazeiro) - 6\$000; para outros pontos - 7\$000. Caracterizava-se a excelência do periódico pelo vasto noticiário, que mantinha, de fatos e acontecimentos regionais.

Circulou, pelo menos, até o n.º 8, do ano II, datado de 1 de março de 1914 (Col. Nilo Gouveia e Bib. Púb. Est.)(1)

## CORREIO DA INFÂNCIA

Órgão Infantil Petrolinense - Inexistentes comprovantes das primeiras edições, resta o n.º 7, ano I, a 30 de novembro de 1914, manuscrito, reunindo quatro páginas de papel pautado. Redator - João Ferreira Gomes; secretário - José Fernandes Coelho; tesoureiro - Antonio Padilha. Redação na rua Dr. Miguel Pernambuco, 28. Assinaturas: ano - 2\$000; semestre - 1\$300. Número do dia - 0\$100.

Sua matéria constituía-se de artiguete do redator principal, transcrições do Tico-Tico e

---

(1) Os n.ºs. 2 a 6 foram avistados em poder do colecionador particular. Três outros, diferentes, são os únicos guardados na Biblioteca Pública do Estado. Nada mais resta do bem feito jornal.

noticiário social, sendo a última página de anúncios (Arq. d'O Farol).

## O PHAROL

Órgão Noticioso e Independente - Circulou o primeiro número a 10 de setembro de 1915(1), no formato mínimo de 12 x 8, com quatro páginas. Direção do colegial João Ferreira Gomes. Confecção da tipografia da Folha do São Francisco, na cidade fronteira de Juazeiro, Estado da Bahia. Circularia nos dias 10 e 25 de cada mês. Preço do exemplar: 200 réis.

Constituiu-se sua matéria de cinco centímetros de editorial de apresentação, uma poesia, notícias e leve humorismo.

Ao atingir o n.º. 12, de 25 de fevereiro de 1916, cresceu para 22 x 15 e tinha redação ins-

---

(1) Lia-se ao pé da primeira página: "O Pharol, fundado a 7, só circulou pela primeira vez a 10 de setembro de 1915, porque nesse tempo não tinha oficinas próprias".

Como se vê, a direção do minúsculo órgão não dera importância, na contagem do tempo, à sua fase manuscrita. Pois existe, no desorganizado arquivo de João Ferreira Gomes, uma cópia fotostática da primeira página do respectivo n.º. 3, datado de julho de 1915, ano I, que se dizia "órgão infantil, noticioso e independente - Publicação mensal - Ano, 1\$000; avulso, 100 réis". Retrato, ao centro, e legenda amistosa homenagearam o jovem redator, por motivo de sua data natalícia.

Joãozinho e alguns colegas de escola haviam "editado" outros pequenos jornais manuscritos, como O Miu-dinho, O Sol, A Estrela, dos quais não restam comprovantes.

talada na rua Dr. Miguel Pernambuco, 26. Assi-  
nava-se a 2\$000 por ano e 1\$200 por semestre.  
Sofreu, então, um hiato de quase três meses, só  
saindo o n.º. 13 no dia 15 de maio. Prosseguiu  
normalmente, passando a ser confeccionado em  
tipografia adquirida, constante de uma máquina  
manual (hoje exposta como relíquia) e meia dú-  
zia de fontes de tipos. O primeiro tipógrafo foi  
o próprio João Ferreira Gomes, ajudado por um  
colega de colégio. Dois meses após, entrava em  
ação um profissional, Joaquim Diamantino de  
Oliveira, apelidado Zé Povo, o qual seguiu, al-  
gum tempo decorrido, a carreira eclesiástica(2).  
Além das constantes produções assinadas pelo  
diretor, eram colaboradores José Fernandes Coe-  
lho, S. Virgínio, Pierre, Antônio de Souza, Jo-  
ferdo e Onivlis. “Fatos e Coisas” era o informa-  
tivo da cidade.

Dadas vinte edições até 25 de agosto, o pe-  
riódico comemorou o primeiro aniversário com o  
n.º. 1, ano II, de 7 de setembro de 1916. Escre-  
veu a redação, a propósito, em sua “Coluna de  
Ouro”, abrindo a primeira página:

“Já agora com seu jornal maior, impresso  
em oficinas próprias, Petrolina avança, no largo  
caminho do progresso e da civilização, princi-  
pais fundamentos do engrandecimento moral,  
intelectual e material de uma cidade do interi-  
or”, adiantando: “é um Pharol que vos serve de  
guia, que vos alumia, que vos mostra a estrada  
por onde podeis e deveis seguir, embora seja

---

(2) Pereceu, já cônego, em um naufrágio, no ano de  
1939.

tortuosa e cheia de pedregulhos do sofrimento...”

A edição estampou clichês do General Dantas Barreto e do “coronel” Otacílio Nunes de Souza. Tinha aumentado, novamente, o formato, passando-o a 31 x 23, páginas de três colunas.

Na mesma data do ano seguinte, saiu a folha com oito páginas, ilustrada a primeira com fotografia do diretor, lendo-se no editorial comemorativo do segundo aniversário: “Sempre prontos para defender os interesses do povo e defender os seus direitos estaremos e somente desta maneira é que poderemos cumprir o nosso dever de jornal independente e noticioso. Trepidar diante dos obstáculos...recuar...jamais faremos... Para a frente marcharemos”.

Já em 1918, em meio à matéria de rotina, era o Pharol dotado de serviço telegráfico procedente do Recife e divulgava os atos oficiais da Prefeitura Municipal.

Na data aniversária de 1919, teve novo crescimento, adotando o formato de 37 x 27, páginas de quatro colunas (duas de anúncios) e subiu o custo das assinaturas, anual e semestral, para 5\$000 e 3\$000, respectivamente, mediante pagamento adiantado. Solenizou o evento o editorial “Um lustro vencido!”(3) , do qual consta o tópico abaixo.

---

(3) Puro engano. Tinha vencido, apenas, quatro anos, que o entusiasmo de João Ferreira Gomes elevava para um lustro...

“O dia de hoje é festivo para nós, para os que trabalham nesta casa; porque vemos se desenharem no nosso horizonte esperanças novas, risonhas, promissoras de um futuro fecundo de prosperidades que muito almejamos. O Pharol entra no quinto ciclo de subsistência e este é o motivo de nosso júbilo, da nossa maior satisfação”. Venceria, tinha a certeza, “contando com o apoio incondicional dos amigos, assinantes e colaboradores”.

A respeito do crescimento do prestigiado periódico petrolinense, ressaltaria o Estado da Bahia: “Já fala uma linguagem de gente grande, se bem que seu pai tenha somente 14 anos. O artigo de fundo - ‘Somos oposicionistas?’ - procura destruir o que ‘dizem as más línguas’ quanto à atitude d’O Pharol. Começa a ser combatido, sinal de que se tornou importante. Prossegue. Já não veste mais calças curtas do tempo do colégio. Quinzenário. Em 1919 passa a semanário, sendo ampliado e melhorado o seu formato”(4).

Começado o ano de 1920, a direção dirigia um apelo aos leitores, no sentido de que pagassem as assinaturas atrasadas e que aparecessem

---

(4) De uma reportagem retrospectiva, na edição de 29 de dezembro de 1936, ilustrada, na qual se escreveu, inclusive, que O Pharol era um “jornal de existência romântica. Nasceu do sonho de uma criança. Com ele balbuciou as primeiras palavras sérias da vida e foi o veículo das suas primeiras idéias, o corporificador dos seus primeiros pensamentos”.

mais assinantes; precisava de melhorar mais o formato do jornal, para o que havia feito encomenda de maquinaria adequada no Rio de Janeiro. Realmente, o n.º. 36, ano V, de 23 de junho, já apresentava formato grande, de 48 x 33, a cinco colunas de 12 cíceros. Trazia sob o título a indicação: "Semanário Independente, Noticioso, Literário e Comercial", algum tempo depois substituída por "Órgão Independente; Comércio, Lavoura, Indústria, Literatura". Diretor-proprietário - João Ferreira Gomes; redator-chefe - Jesuino Ávila. Tabela de assinaturas: na cidade e em Juazeiro, ano - 10\$000; semestre - 6\$000; para fora - 12\$000 e 7\$000, respectivamente. Mantido em 200 réis o preço do número avulso. Publicações: linha a 300 réis. Anúncios: por ajuste.

Estava O Pharol completamente reformado, ao que escreveu a redação, frisando: "Os terríveis vendavais de dificuldades e os embates impetuosos das ondas de entraves levantadas em torno de nós pelo destino não foram ainda capazes de abalar o nosso alicerce, firmado, como está, na rocha rija e inabalável da vontade, base única em que se acha apoiado o nosso ideal - guiado pela fé, abençoado pelo Eterno".

Homenageou, estampando-lhe o retrato, o "diretor honorário" José Rodrigues de Araújo.

Seguiu-se a publicação, inserindo produções diferentes, inclusive contos e artigos sobre filologia, de Jesuino d'Ávila, que também se assinava Jota da Vila e era o mesmo Zeca Almo-

fadinha da crônica “Dois dedos de prosa”, abrindo o “Registro Social”; “Galeria de Sonetos” (transcritos); “Reflexos”, por S. Mário; “Daqui e... por aqui”, a cargo de Melophilo; colaboração de Paulino Carvalho, Rodolfo S. Xavier, Pacífico Rodrigues da Luz e de outros, pelos anos afora, tais como Nebur (anagrama de José Rubem de Macedo Filho); Antonio de Santana Padilha; Celes Silva ou Celinus Silvius (pseudônimos de Gustavo Celestino da Silva); Henrique Autran, José Fernandes Coelho, Inotto Orodisi (anagrama), Agostinho de Albuquerque Cavalcanti, Félix de Valois, José Raulino, Cid de Almeida Carvalho, Lellis de Cosme, etc.; mais os pseudônimos Zeca, Zizito e Insilda, usados em crônicas sociais.

Ainda no ano de 1920, a partir de 21 de novembro, em lugar do nome de J. Ávila, no cabeçalho, lia-se: “Redatores - Diversos”. A 18 de janeiro de 1923 transferiram-se a redação e oficina para a rua Conselheiro Luiz Felipe, 11 e 13.

Transformou-se O Pharol, a 12 de junho de 1924, em “Órgão de Livre Opção”, ficando João Ferreira Gomes como proprietário e gerente. Foram admitidos nas funções de diretor-redator principal e redator, respectivamente. Adjuto de Melo Dantas e Edilberto da Mota Trigueiros. Este logo iniciou a divulgação, em rodapé, do folhetim de sua lavra “O Despertar”, além de artigos esparsos, inclusive usando o pseudônimo Albano Taveira.

Constava do editorial da edição em apreço: “...encetamos hoje uma nova fase tendo ao nosso lado, qual amparo, a força do direito, pois, por uma questão de princípio, jamais nos escudaremos no direito da força.”

Foi restrita, no entanto, a atuação dos redatores bacharéis: o primeiro não ultrapassou o mês de agosto e o segundo passou o cargo, no dia 30 de setembro de 1925, a Félix Juvenal.

A par de constantes comentários em torno dos interesses regionais, mantinha o periódico variado noticiário, serviço telegráfico especial, parte comercial e duas páginas de anúncios. Outros colaboradores: Oscar Alves de Souza Bandeira, Aloísio Neto, Nonato Marques, Augusto de Souza Bandeira, Noé, autor da seção “Nos domínios da gramática”; Conselheiro Sem X, que era o mesmo De Santana Padilha; J. S. da Costa Andrade, etc.

Atingida a edição de 28 de maio de 1926, foi o redator único substituído por Oscar Bandeira, o qual, por sua vez, só ocupou a função até 1 de outubro, quando a transmitiu a José Raulino Sampaio. Este, logo depois, entrou a figurar como redator-chefe e, no dia 13 de novembro de 1930, fez uma declaração, segundo a qual mudava o nome para José Arnaud Sampaio, o que, todavia, não prevaleceu por muito tempo. Era redator-auxiliar Cid de Almeida Carvalho, que escrevia prosa e verso e viajava pela circunvizinhança do município, angariando assinaturas.



As edições de aniversário variavam na quantidade de páginas, chegando a atingir 16 a de 7 de setembro de 1928. Além do constante artigo de Raulino Sampaio, que também firmava poesias e, a certa altura, "Bilhetes do Rio", aparecia esporádica colaboração dos poetas Nestor de Souza, Behring Fontes, Elísio Mourão, Jota ou João Fernandes, o mais assíduo, igualmente em prosa ligeira; Oscar Cavalcanti Borges e Ônio d'Ilha (outro pseudônimo de Antonio Padi-lha, também aparecido como Marina em notas mundanas; dos prosadores Levino de Barros Neto e Possídio do Nascimento Coelho; de Nailec e cronistas sociais Vedas, Fred, etc.

De quando em quando ocorriam edições comuns de seis páginas. A última do ano de 1929 e a primeira de 1930 dedicaram substancial espaço, contando clichê, necrológio, noticiário telegráfico e local, à memória do deputado Souza Filho, nascido em Petrolina e assassinado a 26 de dezembro, no recinto do plenário da Câmara Federal.

Circulando com alguma regularidade, divulgador de atos da Prefeitura e da Diocese, O Pharol veio a ostentar, a partir do número de aniversário de 1930, cabeçalho novo, constituído de um desenho simbólico, executado pelo engenheiro Jovino Prado e mandado gravar pelo médico Cardoso de Sá, que assim homenageavam o periódico. A edição de apenas seis páginas, inseriu fotografia do frontispício do número de estréia.

Mais colaboradores apareciam, inclusive João Cavalcanti, Diocleciano Cavalcanti; Ferrão, com a seção “Tipos nos tipos”; Rui Vaz, G. Amil, Plínio Palhano, Oséas Fialho dos Reis e, principalmente, o padre Mariano de Moura Cavalcanti, o qual, em março de 1930, escreveu, sob o pseudônimo de Miquilino de Souza, as “Cartas sem sê-lo” e, com o próprio nome, iniciou, em julho de 1931, demorada série de artigos de combate à Maçonaria, também essa instituição fustigada pela sátira de Zebedeu, David e Auto Gellio, enquanto Agostinho de Albuquerque Cavalcanti atacava “os gratuitos inimigos da Igreja Católica, dos Jesuitas e da liberdade de ensino”.

Mário Melo, jornalista e historiador, em viagem pelo alto sertão, divulgou suas impressões em Petrolina, em artigos de julho de 1931. Já em outubro de 1927 escrevera ele, também especialmente para O Pharol, a respeito da reivindicação de Pernambuco sobre a Comarca do São Francisco.

A edição de 17 de setembro de 1931 divulgou decreto do bispo D. Malan, precedido de longas considerações, condenando a leitura dos periódicos O Juazeiro e O Echo, também de Juazeiro. Aos diocesanos ficava vedado, “conforme o mesmo Direito Canônico, assiná-los, lê-los, conservá-los, vendê-los, traduzi-los ou passá-los a outrem”. Outro decreto, no número seguinte, estendia a proibição da A Luz, de Petrolina, que apareceu “virulentamente eivado de ódio herético contra a Igreja Católica”.

Ainda em outubro surgiam as seções “Saco de gatos”, por Zeca Pereira e “Sovas...”, por Mutuca, de epigramas contra os maçons.

No mês em referência, faleceu D. Malan, e a edição do dia 31 foi dedicada à sua memória, enquanto a 26 de novembro, acompanhada de Suplemento, dava cobertura ao noticiário da chegada dos despojos do prelado, procedentes do Rio de Janeiro.

Circulando ininterruptamente, ao iniciar-se 1932 só aparecia, no cabeçalho, o nome do diretor-fundador João Ferreira Gomes, sendo redatores... “diversos”. À época, o periódico fazia-se acompanhar do Suplemento Semanal Ilustrado, do Rio de Janeiro, que era distribuído em todo o país. Divulgava colaborações da U. B. I. No ano seguinte, a começar de 7 de setembro, acrescentou uma linha ao cabeçalho: “Filiado à Associação de Imprensa do Interior de Pernambuco”, que perdurou até 1936.

O Pharol manteve inalterável linha de conduta pelos anos a fora, fiel espelho dos fatos e acontecimentos da terra petrolinense. Melhorou de aspecto a partir de 1937, ao apresentar, a 11 de fevereiro, formato de 54 x 36, mais largas as cinco colunas de composição e novo clichê do título. Lia-se em manchete: “Acompanhando o desenvolvimento progressivo deste rincão sertanejo, O Pharol, que conta mais de quatro lustros, com a presente edição entra em nova fase de existência, sempre devotado às causas nobres

e animado dos melhores propósitos de bem servir à região e aos altos interesses nacionais”.

Adquirira o abnegado diretor melhor máquina impressora e algumas novas fontes de tipos, e o semanário das quintas-feiras passou a designar-se “Órgão Informativo e de Interesses Regionais”. Ampliou a matéria redacional, reduziu a parte de anúncios e elevou para 300 réis o preço do exemplar.

Ao solenizar o transcurso do 22º. aniversário - o nº. 1, ano XXIII, de 7 de setembro de 1937 - O Pharol substituiu o clichê do título por um desenho de Zinza e reapareceu no cabeçalho, ao lado do diretor-fundador, o nome de Cid Carvalho, na qualidade de redator-secretário. A edição, de seis páginas, inseriu produções originais de Paulino, Cid, Damasceno, Albérico Cavalcanti, Raul da Rocha Queiroz e Arbués de Souza.

Decorreram anos e anos, sem interromper-se jamais a vivência do conceituado semanário, que substituiu, outra vez, em janeiro de 1940, o clichê do título, passando a usar a palavra O Pharol em tipos de madeira, corpo 72. Nesse ano, a edição de 25º. aniversário, a 7 de setembro, saiu com dez páginas, inclusive duas, em papel melhor, de um Suplemento Ilustrado, vendido o exemplar, excepcionalmente, a 0\$500. A salientar, em meio à matéria geral, as reminiscências de João Ferreira Gomes sobre os primeiros dias de vida do seu vitorioso jornal.

A 1º. de janeiro de 1942, a par de nova tipagem, de mais corpo, o periódico simplificou a

grafia do título para O Farol. A edição bateu o recorde de páginas, reunindo 20 num caderno, dedicada “aos Municípios Bahianos do São Francisco e Afluentes”. De frente, fotografuras do Presidente Getúlio Vargas e de Landulfo Alves, chefe do governo baiano, em meio ao editorial alusivo ao Dia do Município. Vendeu-se o número avulso a 1\$500.

“Devido ao grande aumento de preço dos materiais tipográficos”, o jornal adotou, a partir do mencionado ano, nova tabela de assinaturas, a saber: ano - 16\$000; semestre - 9\$000; para fora da cidade: 18\$000 e 10\$000, respectivamente. Número avulso - 400 réis.

Mais do que tudo noticioso e comentador, em artigos e sueltos, dos acontecimentos do município, o periódico, às vezes com lacunas na circulação semanal, tinha também o seu corpo de colaboradores, que se revezavam e se substituíam de ano para ano, a salientar, entre outros: Agripino da Nóbrega, padre Ulisses Galvão, Gualter Araripe, Antonio Santana Padilha, João Diamantino, José Arnaud Sampaio, Demóstenes Guanais, Dimas de Siqueira Lima, padre José Florentino, Raimundo Santos, padre Américo Soares, Anésio F. Leão, Félix Pires, Jota Fernandes, N. de S., ou seja, Nestor de Souza que, em 1944, iniciou a crônica semanal “Pingos de vela”; Pedro Martiniano Lins, etc. Ocorriam, por outro lado, transcrições de artigos do Governador Agamenon Magalhães e do Secretário de Estado Gercino de Pontes.

No último ano mencionado, ao terminar seu terceiro decênio - n.º. 1, de 7 de setembro - viu O Farol ausentar-se-lhe o redator-secretário Cid Almeida Carvalho que, durante vários anos, se fazia presente com artigos assinados. Na oportunidade, entrou para o cabeçalho novo diretor-técnico: Silvino Santos, função que era igualmente exercida por aquele.

No ano seguinte - 1945 - a edição de 21 de setembro, com oito páginas, foi dedicada ao quinquentenário da Cidade de Petrolina, apresentando boa ilustração fotográfica. Diferente tabela de assinaturas vigorou a partir de 9 de fevereiro de 1946 (já estabelecida nova moeda - o Cruzeiro): ano - Cr\$ 25,00; semestre - Cr\$ 15,00. E o custo do número avulso subiu para Cr\$ 0,50. Mas a inflação continuava a perturbar a vida da imprensa interiorana, e O Farol viu-se na contingência, a 7 de setembro de 1948, de elevar aqueles preços ao nível de Cr\$ 35,00, Cr\$ 20,00 e Cr\$ 0,70, respectivamente.

Dois acontecimentos de relevo, no segundo semestre do ano em referência, mereceram grande cobertura noticiosa do periódico: o I Congresso Eucarístico Diocesano de Petrolina e a excursão do Presidente Gaspar Dutra à região do São Francisco.

Os anos foram correndo. Outros colaboradores surgiram, tais como: Nelson Firmo (do Rio de Janeiro), J. Lustosa Cantarelli, Eva Wedber, Raul de Sá, Iara Souza, Hermínio Rocha, D. Avelar Brandão, Humberto da Costa Soares, etc.

Nova tabela de assinaturas subiu para o cabeçalho da 4a. página, a 27 de janeiro de 1951: ano - Cr\$ 40,00; semestre - Cr\$ 25,00. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00.

Sem mais alterações, circulando, nos últimos anos, ora semanal, ora quinzenalmente, obedecendo ao programa que se traçara, de “órgão informativo dos interesses gerais”, avesso à política partidária e ao dogmatismo religioso, O Farol, guiado por João Ferreira Gomes, com a cooperação técnica de Silvino Santos, completou em 1954, 39 anos de existência ininterrupta, iniciando, com o n.º 1, de 7 de setembro, o ano XL. Atingiu, assim, o n.º 9 a 31 de dezembro(5) (Bib. Púb. Est. e coleção do arquivo d’O Farol)(6).

## O COMMERCIO

Entrou “no terceiro ciclo de existência”, ao que informou O Farol de 15 de maio de 1916, sem mais pormenores.

## O POPULAR

Quinzenário Noticioso e Literário - Encontrado, unicamente, o n.º 2, ano I, de 5 de setem-

---

(5) Continuou a publicar-se em 1955. Dez anos depois, celebrou O Farol, com muita pompa, o cinquentenário de sua fundação. Ainda circula atualmente.

(6) A coleção da Biblioteca Pública do Estado, inexplicavelmente, começa com o n.º 8, ano XI, de 22 de outubro de 1925.

bro de 1916, em formato de 32 x 24, com quatro páginas de três colunas. Redatores-proprietários - Fernandes & Santana; redator-secretário - Nestor de Souza. Impresso na tipografia d'O Farol, adotara a seguinte tabela de assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 2\$000; para fora da cidade - 4\$000 e 3\$000, respectivamente.

Junto ao artigo redacional, ocupou a primeira página o "Salão das Musas", com soneto de Guerra Junqueiro. Seguiram-se: artigo de V. Costa; outro soneto, de Raul da Rocha Queiroz; noticiário das ocorrências da cidade e reclamos comerciais (Arq. d'O Farol).

## REVISTA DO SERTÃO

Órgão dos Interesses do Alto Sertão - Declarando-se "publicação mensal", saiu a lume o nº. 1, ano I (e único) no mês de março de 1918, em formato de 27 x 18, com 12 páginas de papel couchê e duas suplementares em papel comum, naquelas incluída a capa, que estampou desenho de motivo campestre, de muito mal gosto, executado o clichê em xilogravura, igualmente a algumas ilustrações do texto. Diretores - farmacêutico João Cardoso de Sá, professor Oscar Augusto de Oliveira e João Ferreira Gomes. Redação e administração à rua Major Manuel Clementino, local da tipografia d'O Farol. Pretendia colher assinaturas, à razão de 5\$000 anuais.

"Primeiros passos..." foi o título do editorial de abertura, da lavra de João F. Gomes. "Pequeno conjunto de idéias", vinha preencher



“uma grande lacuna”. Visava a cooperar para o desenvolvimento do município, nos setores intelectual e moral, trabalhando “pelos interesses gerais” da região para a qual não se tinham ainda voltado “as atenções dos governos” a fim de “melhorar a sua situação, facilitando as suas vias de transporte”, etc. Aparecendo “na arena jornalística”, a Revista do Sertão enfrentava, “corajosamente, os obstáculos” que porventura intentassem encurtar-lhe “os primeiros passos...”

Sua matéria constituiu-se de comentários de natureza política, ilustrados com fotografias de estadistas; notas locais; “Rabiscos”, de Joca-sá; “Sala d’aula”, por O. Oliveira; colaboração sobre a Mamona, a cargo de Paulo Vieira Souto (a continuar); página intitulada “No domínio das Musas”, de transcrições; outra - “As modas atuais”; noticiário social e alguns reclames comerciais (Arquivo d’O Farol).

## A PALAVRA

Semanário Literário, Humorístico e Noticioso - Raros comprovantes encontrados. O n.º 3, ano I, circulou a 18 de agosto de 1918, em formato de 28 x 19, com quatro páginas de três colunas, impresso na tipografia d’O Farol. Redator-chefe - Raul Santana, funcionando a redação na rua da Travessa. Tabela de assinaturas: ano - 3\$000; semestre - 1\$500; trimestre - 0\$900; mês - 0\$300. Número avulso - 0\$100.

Publicou-se a edição seguinte no dia 25. Inseriram: a crônica "Semanais", de R.; noticiário, charadas, carnets, concurso de beleza feminina, etc., sendo de anúncios a página do fim (Arq. d'O Farol).

Outro exemplar manuseado: nº. 9, de 6 de outubro do mesmo ano. Redator-chefe - Antonio de Souza; secretário - Antonio de Santana Padilha, achando-se a redação instalada na rua Marechal Deodoro. A primeira página abriu com um quadro de duas colunas, tarjado, contendo palavras de homenagem à memória do fundador d'A Palavra: Raul Santana. Matéria do sumário: "Perfil", a cargo de Romildo; "Faíscas", por A. S.; "Colhendo", de Repórter; "Falam", por Falador; poesia ligeira, de J. Matos, e anúncios (Bib. Púb. Est.).

## A SCIENCIA

Órgão Mensal de Propaganda - Publicou-se em janeiro de 1919, no formato de 30 x 21, com quatro páginas. Propriedade da Farmácia Pasteur, indicou como redatores... "diversos", tendo redação à rua Aristarco Lopes. Impresso na tipografia d'O Farol, para distribuição gratuita.

Segundo a "Apresentação", dedicar-se-ia, "observando a mais rigorosa imparcialidade, às questões que afetem os direitos da classe farmacêutica do Brasil".

Afora um soneto transcrito e conselhos sanitários, toda a matéria do jornalzinho se consti-

tuiu de anúncios. Não continuou (Bib. Púb. Est.).

## O ALICATE

Jornal Crítico e Independente - Entrou em circulação no dia 23 de outubro de 1923, em formato de 24 x 17, com quatro páginas de três colunas estreitas. Diretores - José Fernandes da Silva e Antonio de Santana Padilha; redatores - "diversos". Assinaturas: ano - 5\$000; semestre - 3\$000. Número avulso - 200 réis; atrasado - 300 réis.

Dizia o editorial de apresentação: "Surgimos nós, d'O Alicate, para troçar somente daqueles que não andarem direitinho cumprindo a risca do nosso programa", acentuando: "...a nossa pena indomável, rija e forte, estará sempre firme para bramir desapiedadamente contra o berreiro sem freio dos maus e azorraguear a pele dos que derem lugar à nossa crítica".

O n.º. 2 saiu a 8 de novembro e o n.º. 3 no dia 11 de dezembro, não mais voltando à tona.

A matéria do jornalzinho constava das seções "Perguntas e Respostas", "Teatros e Cinemas", "Telegramas", "Eu vi...", "Implico..." etc., sendo colaboradores Jeca, Zé Sucuinho, Zuca, Babau, Zé do Aço, Xisto e outros, a par de notícias sociais e um fracassado concurso de feiura (Col. A. Padilha).

## A TRIBUNA

Órgão Independente, Político e Noticioso - Saiu a lume no dia 16 de maio de 1926, em formato de 38 x 27, com quatro páginas de quatro colunas. Propriedade de Barros & Cia., teve como diretor Francisco de Barros, o qual, logo no segundo número, entregou o posto a Nestor de Souza. Impresso nas oficinas gráficas d'O Echo, de Juazeiro, Bahia(1), com tiragem de 800 exemplares, assinava-se a 10\$000 por ano e 6\$000 por semestre, custando 0\$200 o número avulso. Para "publicações", adotou, por linha, a seguinte tabela: 1ª. página - 2\$000; 2ª. - 0\$500; 3ª. - 0\$400. Anúncios - mediante ajuste. Pagamento adiantado.

Na realidade, a folha foi órgão da oposição local, fazendo campanha contra a administração do prefeito do município e, por outro lado, apoiando a candidatura Estácio Coimbra ao Governo do Estado.

A começar por meia manchete à esquerda do título, na qual se veiculava, em cada edição, o acontecimento de maior importância, A Tribuna inseria regular noticiário, a par da matéria política, e raros artigos de colaboração, como os de S. Valença; Carmem; Conde do Rio Negro, autor dos "Perfís Políticos"; Candura de Figueiros, assinando "Gramaticoices"; alguns epigra-

---

(1) A cidade baiana fica situada defronte a Petrolina, ligando-as atualmente, grande ponte sobre o rio São Francisco

mas e a seção de sátiras “Diz-se...”. Duas páginas só continham anúncios.

Publicou-se, pelo menos, até o n.º. 15, de 8 de outubro, circulando ora semanal, ora quinzenalmente (Bib. Púb. Est.).

## PETROLINA-CHIC

Órgão de Elegância e Diversões - Começou a circular a 1.º de janeiro de 1928, em formato de 24 x 16, com quatro páginas, modelo de três colunas estreitas, mas só impressas as externas. Redator principal - Antonio Padilha.

Jornal “sem programa”, dizia a nota de abertura, sob o título “Nossas credenciais”: “Nasceu para o comentário simples e leve das futilidades de nossa terra, para a crônica sutil e inofensiva das rodas elegantes das melindrosas e dos almofadinhas ou, então, o registro social das tardes chics do Jockey Club e das noites deliciosas do Cine-Teatro Independência”.

A matéria do interessante jornalzinho, publicado com alguma regularidade, obedeceu, realmente, ao enunciado acima, em notas ligeiras, raramente assinadas, com iniciais. No terceiro número inseriu versos românticos de J. S. da Costa Andrade. A partir da segunda edição, a quarta página divulgava, apenas, programas da 1.ª temporada de 1928 do Jockey Club de Petrolina, reduzindo-se a parte redacional à página da frente.

Saiu, pelo menos, até o n.º. 4, de 29 de janeiro (Col. Antonio Padilha(1) ...

## O CANIVETE

Numa “Declaração” do semanário O Pharol, edição de 26 de outubro de 1929, há referência ao “jornal crítico” O Canivete, que se achava em circulação.

## A LUZ

Sob a direção de Crispim de Amorim Coelho, apareceu em setembro de 1931. Foi proibida a sua leitura aos diocesanos, por decreto do bispo D. Malan (Noticiário d’O Pharol).

## O CLARIM

Circularam quatro edições, em 1932, consoante informação pessoal de um dos redatores, o comerciante Abdísio Macedo.

## O ESCRÍNIO

Quinzenário Literário e Noticioso. Órgão dos Discentes do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e Ginásio Dom Bosco - Teve o n.º. 1, ano I, em circulação no dia 15 de agosto de 1939,

---

(1) Exemplares das três primeiras edições do Petrolina-Chic foram, posteriormente, ofertadas à Biblioteca Pública do Estado, assim como quatro comprovantes d’O ESCRÍNIO, mencionado adiante.

obedecendo ao formato de 33 x 22, com quatro páginas de quatro colunas estreitas. Diretora - Araci Coelho Braga; secretária - Maria Ferreira; tesoureira - Maria Amélia Araújo. Redação e gerência: Colégio N. S. Auxiliadora. Lisonjeiro trabalho gráfico da oficina d'O Echo, em Juazeiro, Bahia, utilizando papel couchê. Constava do expediente não permitir o anonimato. Preço do número avulso - 200 réis; atrasado - 0\$500.

Apresentou-se com o editorial, assinado pela diretora, sob o título "Enfim... o Nosso Jornalzinho", do qual vale salientar o tópico: "O Escrínio será um repositório, não de jóias, pois não podemos produzi-las, mas guardará para o futuro o testemunho dos nossos esforços e dos nossos desejos de praticar a arte nobre do jornalismo, em que poderemos, assim nos ajude Deus, porventura, ser de alguma utilidade. O seu fim é conservar e aumentar o gosto dos trabalhos intelectuais nas nossas colegas, tornar, entre nós, o estudo da literatura mais ameno, interessante e prático".

A publicação teve seguimento normal, contando com a colaboração de alunas e alunos do Colégio e do Ginásio, a saber, além das componentes do corpo redacional: Maria Diva Santana, Edeltrudes Araújo, Diva Bezerra, Lourdes Oliveira, Ana Maria dos Reis, Cleonice Leal, Dulce Cinésio, Maria Franca Pires, Elza Pereira de Sousa, Ocilda Barros Coimbra, Antenor Zeferino Cosenza, Djalma Bessa, Terezinha Sousa, Yolanda Bartilotti, Walkyria Pombo Coelho, Nilza Roriz, Lourdes Ataíde, Isabel Paixão, José Ivo

Sampaio, Nadir Martins Sousa, Eufrosina Soares de Almeida, Renilde Barbosa, Lourdes Roriz, Maria Estrela, Aylete Pombo Coelho, Herayde Moreira, etc. Raro noticiário inseria-se em meio à matéria literária do periódico, que encerrou sua existência com o n.º. 6, de 10 de novembro (Gentileza de Antonio Padilha).

## **CRISTO REI**

Sob a responsabilidade do Departamento Diocesano de Imprensa - Fundado em outubro de 1947, sendo as duas primeira edições mimeografadas, passou a ser impresso, na tipografia d'O Sertão, a partir do n.º. 3, ano I, datado de 20 de dezembro. Formato de 33 x 24, com seis páginas a duas colunas largas de composição. Abriu a edição uma saudação de "Boas Festas - Feliz Ano Novo", de D. Avelar Brandão Vilela, bispo diocesano, que também subscreveu, a seguir, uma "Mensagem do Natal de 1947". Divulgou colaboração de Raimundo Alencar, padre Domingos França, P. M., Heloisa Barros, M. Naylê e Joelina Gomes Barbosa; a seção "Liturgia"; Notas de doutrina, notícias de caráter religioso e "Sociais".

Sem outros comprovantes a manusear, o n.º. 47, ano IV, saiu em maio de 1952, formato maior, de 48 x 32, quatro páginas de cinco colunas. Diretor - padre Manuel de Paiva Neto; redator - padre Honório Rocha. Avistados, finalmente, os n.ºs. 53, de janeiro/fevereiro de 1953, até o n.º.



58, este correspondente aos meses de setembro/outubro do mesmo ano.

Sua matéria constituía-se de manchetes doutrinárias, noticiário específico e a colaboração de D. Avelar Brandão Vilela, Antonio de Santana Padilha, José de Santana Sousa, Estelita Cavalcanti, padre Bernardino Luz, Carlos Alberto Padilha, J. Calheiros Bomfim, José Wanberto, padre Gonçalo Lima, Maria Odele Sampaio Gomes, Quintiliano Sobrinho, etc. Edições ora de quatro, ora de seis páginas (Arquivo A. Padilha).

## O SERTANEJO

Órgão Oficial do Grupo Escolar D. Malan - Raros comprovantes encontrados. O n.º. 1, ano III, publicou-se em abril/maio/junho de 1947, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Gilberto Carvalho; redatora - Genilda Santana. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário escolar e desenhos a lápis de cor (Arq. d'O Pharol).

Continuava em 1951, quando circulou, no mês de outubro, o n.º. 23, ano VI, tendo como diretor Valdelício Bento e redatora Rita Amélia Cavalcanti. Redação, como dantes, na Praça da Bandeira.

Outro exemplar manuseado: n.º. 14, ano III, de outubro/novembro de 1953, sob a direção de José Walter Santos, tendo como redatora Gícia Tito Rocha (Dept. Cultural da SEEC).

## REVISTA DO 1o. CONGRESSO EUCA- RÍSTICO DE PETROLINA

Comemorativa do 25º. aniversário da Diocese, circulou em outubro de 1948, no formato de 32 x 23, com 76 páginas de papel acetinado especial e capa em couchê, simbolicamente ilustrada a cores. Orientação eclesiástica do Bispo D. Avelar Brandão Vilela; direção de Evaristo dos Santos Maia; redator - Luiz de França Oliveira; fotografias de João Oliveira; agentes de publicidade no Recife - Vicente Braz e Organização Norte Brasileiro. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã, no Recife.

A edição inseriu retrato de página inteira e palavras (noutra página) do Bispo Diocesano; clichês de outros prelados, do Governador Barbosa Lima Sobrinho, de aspectos da cidade e de pessoas da sociedade petrolinense; noticiário do Congresso Eucarístico, artigos alusivos e colaboração geral de José Raulino Sampaio, Antonio de Santana Padilha, padre Manuel de Paiva Neto, Elce de Oliveira Brito, Agamenon Malta, dr. Nestor Cavalcanti, Antonio Antero, Luiz de França Oliveira e E. dos Santos Maia. Mais reportagens de fundo comercial e grande quantidade de anúncios (Bib. Púb. Est.).

## O SERTÃO

Semanário Político e Noticioso - Entrou em circulação a 11 de dezembro de 1949, obedecendo ao formato de 48 x 33, com seis páginas de cinco colunas. Diretor-responsável - Nilo de Sousa Coelho; diretor-proprietário - Cid Almeida Carvalho. Redação e oficinas (próprias) na Avenida Dr. Souza Filho. Tabela de assinaturas: anual - Cr\$ 35,00; semestral - Cr\$ 20,00. Edição do dia - Cr\$ 0,80; número atrasado - Cr\$ 1,00. Publicações, por centímetro de coluna: 1ª. página - Cr\$ 5,00; 4ª. - Cr\$ 4,00; páginas internas - Cr\$ 3,00. Anúncios - mediante ajuste prévio.

Segundo o artigo de abertura, O Sertão nasceu com um plano “de ação política a orientar-lhe a trajetória, na defesa dos postulados que norteiam a conduta do Partido Social Democrático de Pernambuco”, acrescentando: “Enquadrada, porém, no seu programa, está também, a defesa dos interesses coletivos de toda esta região sertaneja, em cuja arena iremos bater-nos, desassombradamente, em prol do seu engrandecimento e do bem estar do seu povo sofredor e heróico...”

A edição de estréia inseriu artigos de Nilo Pereira, com uma “Saudação a Petrolina”; Gercino de Pontes, Barbosa Lima Sobrinho e Francisco Pati, comentários, vasto noticiário, fotografias de aspectos da cidade e regular quantidade de anúncios.

Órgão sobretudo noticioso, seguiu à risca o programa que se traçara, ilustrado, adotando o regime de quatro páginas, elevadas para seis nas grandes datas, como aconteceu ao comemorar o primeiro aniversário de sua fundação. Apareceu, então, para assim continuar o resto da vida, com o formato aumentado para 54 x 38, a seis colunas de composição. Lia-se no editorial sobre a data - 11 de dezembro de 1950.

“Hoje alcançamos, vitoriosamente, a primeira etapa, sem nos sentirmos obrigados à penitência de qualquer deslize cometido no curso da jornada, pois temos a certeza plena do dever cumprido na execução do nosso programa. Jornal político, situamos a nossa atividade política num nível de moral elevada, sem jamais ferir a ética profissional descendo a ataques pessoais ou à violência de uma linguagem incompatível com as boas normas do respeito humano e com os nossos foros de povo civilizado e as nossas tradições de cultura cívica”.

Atingida a última edição do ano, datada de 24 de dezembro, passou a vigorar nova tabela de assinaturas, a saber: ano - Cr\$ 40,00; semestre - Cr\$ 25,00. O custo do número avulso, do dia e atrasado, subiu para Cr\$ 1,00 e Cr\$ 1,50, respectivamente.

Prosseguiu, anos a fora, contando com a seção “Vida Esportiva”, a cargo de José Alberto, o comentário semanal “Nos bastidores do mundo”, por Al Neto, e colaboração esporádica de J. Lustosa Catarelli, Humberto Gibson, major José

Campos de Aragão, Gercino de Pontes, Pedro Martiniano Lins, José Bartolomeu Gibson, Tranquilino de Sousa Ataíde, Rubens de Almeida, Francisco Rolim de Albuquerque, Jota Fernandes, Damasceno Lima, Nicodemus, Antonio de Almeida Carvalho, etc.

O Sertão, que defendera, em 1950, as candidaturas a cargos eletivos do P. S. D. em Pernambuco, inclusive do professor Agamenon Magalhães, ao governo de Estado, proporcionou boa cobertura e propaganda em 1954, do nome do General Osvaldo Cordeiro de Farias, candidato à sucessão governamental.

A folha petrolinense, que não sofreu solução de continuidade na sua diretriz, vinha-se publicando, desde o segundo ano, ora semanal, ora quinzenalmente, chegando ao fim de 1954<sup>(1)</sup> com a edição de 25 de dezembro, que reuniu seis páginas.

Vale ressaltar, como matéria principal da edição em apreço, o artigo de Cid Carvalho, sob o título "Imprensa abandonada". Aludiu à "colaboração da imprensa do interior no estudo e solução dos problemas que interessam à coletividade"; aos sacrifícios do jornal e do jornalista, notadamente de caráter financeiro; à função humana que exercem e que devia torná-los merecedores de apoio e ajuda dos governantes; ao ideal supremo, que lhes é característico, de "bem servir ao povo e à pátria, dando de si tudo o que

---

<sup>(1)</sup>Continuou em 1955 e ainda está sendo publicado.

podem dar para o cumprimento do dever” e vivendo, nada obstante, “no mais completo abandono do poder público, entregues à sua própria sorte”.

Tais considerações vieram a propósito do “último auxílio de dez mil cruzeiros concedidos pela Assembléia Legislativa de Pernambuco aos jornais do interior e agora negado pelo governo”. Uma “migalha...”

Concluiu o diretor-proprietário d'O Sertão: “A imprensa do interior está fadada a desaparecer na voragem destruidora da injustiça e do descaso do poder público” (Arq. d'O Sertão)(2) .

## A CRIANÇA

Órgão dos Alunos das Escolas do Instituto São José e do Centro Social Pio XI - Circulou, pela primeira vez, em outubro de 1951, com quatro páginas de papel almaço, manuscrito e hectografado. Diretor - Antonio Alves; redatora - Maria de Lourdes Santos. Sua matéria constou de literatura infantil, noticiário e desenhos a lápis de cor.

A publicação prosseguiu, não avistados comprovantes (Dept. Cultural da SEEC).

---

(2) Na Biblioteca Pública do Estado são encontráveis, apenas, raros exemplares d'O Sertão.

## **POMBOS(1)**

### **REVISTA DE POMBOS**

Inexistentes comprovantes, noticiou O Caruaruense, edição de 2 de agosto de 1902, haver recebido o n.º. 2 do “pequeno periódico”, primeiro a publicar-se na localidade. Era “bem escrito” e prometia “ter longa vida”.

### **BOA NOVA**

Circulou o n.º. 1, ano I, no dia 18 de janeiro de 1950, em formato 24 x 16, com quatro páginas a três colunas de composição. Imprimiu-se na Tip. Vitoriense, em Vitória de Santo Antão, utilizando papel verde.

Edição organizada por Pedro Ramalho Filho, constituiu uma homenagem à padroeira da paróquia, N. S. dos Impossíveis, na data magna de sua festa anual.

---

(1) Ex-distrito do município da Vitória de Santo Antão.

Inseriu matéria alusiva, alguns clichês e notas curiosas, terminando com uma página de reclames comerciais.

Não passou do primeiro número (Bib. Púb. Est.).



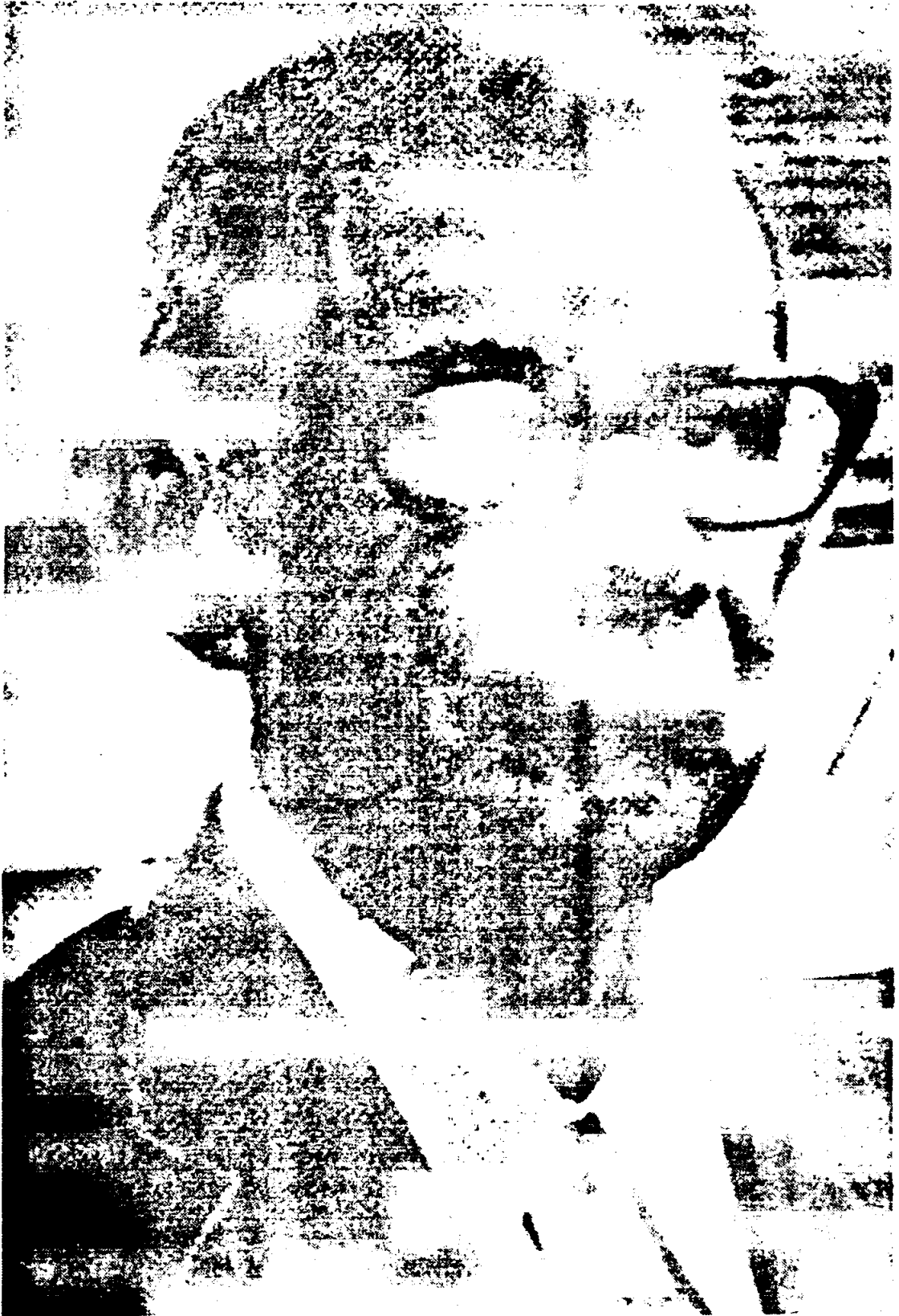
## PRIMAVERA(1)

### O PRIMAVERENSE

Fundou-o o professor Humberto Simas, em 1915. Semanário, “circulava em número único e a manuscrito, na vila de Primavera, hoje do município de Amaraji” (Inf. d'O Estímulo, Gameleira, 03/03/1935).

---

<sup>(1)</sup>Ex-vila do município de Amaraji.



## LUIZ DO NASCIMENTO

Nasceu em Gravatá, Pernambuco, no dia 15.12.1903. Fixando residência em Recife, na década de 20, fez seu campo de aprendizado “o batente do jornal”, onde foi tipógrafo, impressor, até consagrar-se como jornalista profissional.

Trabalhou para vários jornais interioranos e da capital. Foi funcionário da Delegacia Regional do Ministério da Justiça, sendo transferido, mais tarde, para o Departamento de Extensão Cultural, da UFPE. Tornou-se membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, da Academia Pernambucana de Letras e fundador e associado de outras entidades culturais. Colaborador e correspondente de inúmeros jornais e entidades literárias interioranas.

Um dos sócios fundadores e diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Participou de congressos e conferências de jornalismo em Pernambuco e vários outros estados do Brasil.

Em 1952, iniciou suas pesquisas para confecção da “História da Imprensa de Pernambuco”, que abrange o período de 1821 a 1954, - freqüentando a Biblioteca Pública do Estado e demais bibliotecas, arquivos pernambucanos e arquivos de inúmeras cidades interioranas, acervos da Biblioteca Nacional e, entre outras, as dos Estados de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Aracaju, Maceió, João Pessoa, Fortaleza e Manaus, num imenso trabalho solitário, sem ajuda, nem ajudante.

Deixou inúmeros trabalhos publicados e recebeu honrarias e galardões do mais alto mérito.

Faleceu em 14.11.74, deixando vários livros a publicar inclusive 6 volumes desta notável obra cuja edição tinha sido interrompida no 8º volume, em 1982.

Montado e impresso nas oficinas gráficas da

Editora  
Universitária  UFPE

Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 • Várzea  
Fone: (0xx81) 3271.8397 • (0xx81) 3271.8930  
Fax: (0xx81) 3271.8395 • CEP 50740-530  
Recife • PE



SECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**CEHM**

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MUNICIPAL



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO

Academia Pernambucana de Letras-APL

ISBN 857315313-X



9 788573 115313 2

***Eu035 SÉRIE DOCUMENTOS***